



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Isadora de Vasconcelos Picanço

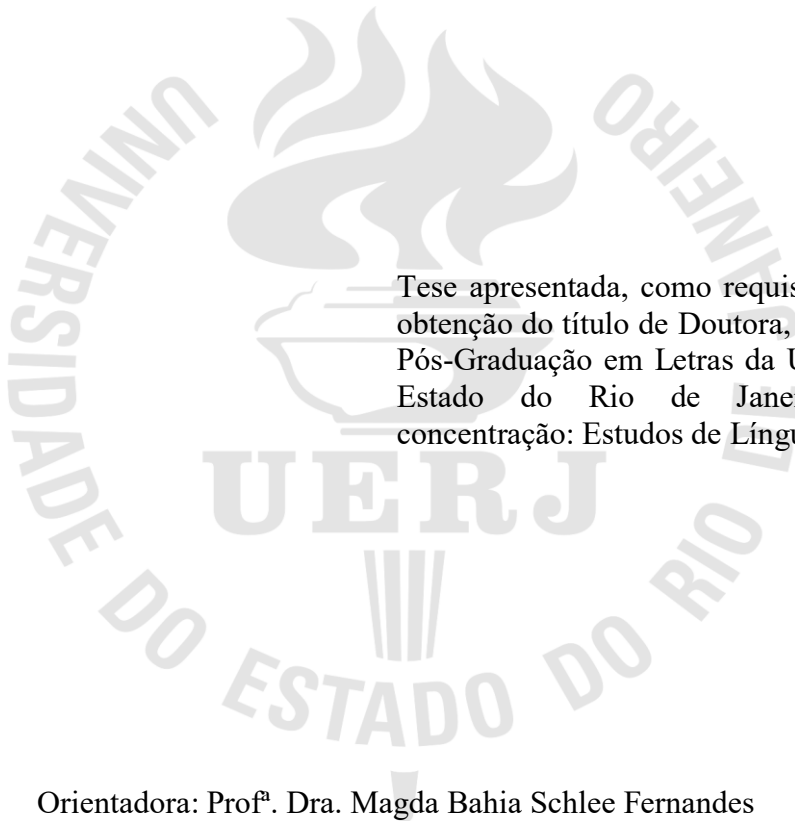
**Processos existenciais como estratégia de apagamento do pesquisador no
discurso científico: uma abordagem sistêmico-funcional**

Rio de Janeiro

2024

Isadora de Vasconcelos Picanço

Processos existenciais como estratégia de apagamento do pesquisador no discurso científico: uma abordagem sistêmico-funcional



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^a. Dra. Magda Bahia Schlee Fernandes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

P585 Picanço, Isadora de Vasconcelos.
 Processos existenciais como estratégia de apagamento do pesquisador no
 discurso científico: uma abordagem sistêmico-funcional / Isadora de
 Vasconcelos Picanço. – 2024.
 193 f.: il.

 Orientadora: Magda Bahia Schlee Fernandes.
 Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto
 de Letras.

 1. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 2. Análise do discurso – Teses.
 3. Periódicos acadêmicos – Teses. 4. Imparcialidade - Teses. I. Fernandes,
 Magda Bahia Schlee de Brito. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801:82.085

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Isadora de Vasconcelos Picanço

Processos existenciais como estratégia de apagamento do pesquisador no discurso científico: uma abordagem sistêmico-funcional

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 12 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Magda Bahia Schlee Fernandes (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Vânia Lúcia Rodrigues Dutra
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. José Carlos de Azeredo
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Sara Regina Scotta Cabral
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Fábio André Cardoso Coelho
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Às verdades que me levam a viver: Francisco, Selma e Felipe.

AGRADECIMENTOS

À querida (mais que) orientadora, professora Magda Bahia, por ter se tornado amiga frente a todos os desafios acadêmicos e pessoais. Sua competência e dedicação incansável ao ensino e à pesquisa me guiaram com segurança e sabedoria em cada etapa do meu percurso, mas seu olhar atento e sensível, sua escuta ativa, calma e confiança me impulsionaram a acreditar cada vez mais em mim. Obrigada pela oportunidade de aprender tanto com você!

À professora Vania Dutra, por ser figura presente e importante na minha caminhada como pesquisadora: na Qualificação e defesa da dissertação, na Qualificação desta pesquisa e, agora, na defesa da tese. Sua competência e dedicação contribuíram significativamente para o aprimoramento das pesquisas e, sobretudo, para o meu amadurecimento.

Ao professor José Carlos Azeredo, renomado gramático de língua portuguesa no Brasil, por não só enriquecer minha pesquisa ao dedicar parte de seu tempo à Qualificação e à tese, mas principalmente minha formação como pesquisadora e professora. É uma honra poder reconhecer e agradecer sua contribuição neste espaço acadêmico tão significativo.

À professora Sara Regina Scotta Cabral, por aceitar dedicar tempo e esforço à leitura minuciosa e cuidadosa da minha pesquisa; por compartilhar seu conhecimento; pelo prestígio de, como umas das grandes referências na investigação da língua portuguesa sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional, compor a banca examinadora da minha pesquisa.

Ao professor Fábio André Cardoso Coelho, pela disponibilidade em participar como membro da banca examinadora da minha tese de doutorado, investindo seu tempo na leitura, e compartilhar sua significativa experiência na área de descrição da língua.

A todos os professores cujos ensinamentos fortaleceram e encorajaram o meu voo pelos caminhos do mundo da educação.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelos conhecimentos, oportunidades e amadurecimento fornecidos desde o Mestrado. Por seu ensino público de qualidade, por sua resistência e por sua seriedade e compromisso com a pesquisa e a ciência no Brasil, ainda que em face de muitos desafios e dificuldades. A UERJ vale a pena.

Não existe um “mundo da gramática” e um “mundo real”, com doutrina pétrea de um lado e vida como ela é de outro. O “mundo da gramática” precisa ser visto como o mesmo mundo em que nos movemos quando falamos, lemos, escrevemos, ou seja, quando fazemos linguagem.

Maria Helena de Moura Neves

RESUMO

PICANÇO, Isadora de Vasconcelos. *Processos existenciais como estratégia de apagamento do pesquisador no discurso científico: uma abordagem sistêmico-funcional*. 2024. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Considerando que “ensinar a produzir textos acadêmicos é a base da participação no âmbito da ciência” (Motta-Roth, 2007, p. 830), o presente trabalho tem como motivação a compreensão de estratégias linguísticas empregadas para minimizar a subjetividade e promover a imparcialidade nas discussões científicas. Com o objetivo de investigar a linguagem científica, este trabalho, baseando-se na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014), visa analisar os significados existenciais no artigo científico, associando-os à função de cada etapa do gênero em questão. Para isso, foram selecionadas como corpus vinte artigos científicos da área de Letras, publicados pelas revistas ALFA e DELTA. Com base na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014), será possível identificar, por meio da metafunção ideacional, como o apagamento do pesquisador é realizado em busca de objetividade científica por meio de construções existenciais.

Palavras-chave: linguística sistêmico-funcional; processo existencial; significado existencial; artigo científico; impessoalização.

ABSTRACT

PICANÇO, Isadora de Vasconcelos. *Existential processes as a strategy for the deletion of the researcher in scientific discourse: a systemic-functional approach*. 2024. 193f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Considering that "teaching academic writing is the foundation of participation in the scientific field" (Motta-Roth, 2007, p. 830), the present study is motivated by the understanding of linguistic strategies employed to minimize subjectivity and promote impartiality in scientific discussions. Aimed at investigating scientific language, this work, based on Systemic Functional Linguistics (Halliday; Matthiessen, 2014), seeks to analyze existential meanings in the scientific article, associating them with the function of each stage of the genre in question. To this end, twenty scientific articles from the field of Literature, published in the ALFA and DELTA journals, were selected as the corpus. Drawing on Systemic Functional Linguistics (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014), it will be possible to identify, through the ideational metafunction, how the deletion of the researcher is carried out in the pursuit of scientific objectivity through existential constructions.

Keywords: systemic-functional linguistics; existential process; existential meaning; scientific article; impersonalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estratificação da linguagem.....	39
Figura 2 - Estratos linguísticos e extralinguísticos.....	39
Figura 3 - Divisão do nível extralinguístico	40
Figura 4 - Tipos de processos nas orações	44
Figura 5 - Tipos de participantes nas orações.....	45
Figura 6 - Superestrutura do informe experimental.....	88
Figura 7 - Esquema textual do artigo de divulgação científica	90
Figura 8 - Exemplo de listagem gerada pela ferramenta Concord	103
Figura 9 - Demonstração de organização da listagem gerada pela ferramenta Concord	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Realizações dos processos com significados existenciais.....	109
Gráfico 2 - Realizações do processo acontecer com significados existenciais	110
Gráfico 3 - Realizações do processo emergir com significados existenciais	119
Gráfico 4 - Realizações do processo encontrar(-se) com significados existenciais	123
Gráfico 5 - Realizações do processo existir com significados existenciais.....	130
Gráfico 6 - Realizações do processo haver com significados existenciais.....	137
Gráfico 7 - Realizações do processo localizar(-se) com significados existenciais.....	149
Gráfico 8 - Realizações do processo ocorrer com significados existenciais	151
Gráfico 9 - Realizações do processo resultar com significados existenciais.....	160
Gráfico 10 - Realizações do processo seguir(-se) com significados existenciais.....	164
Gráfico 11 - Realizações do processo situar(-se) com significados existenciais	166
Gráfico 12 - Realizações do processo surgir com significados existenciais	169
Gráfico 13 - Realizações do processo ter com significados existenciais	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre estratégias (Coracini, 1991) e efeito no texto científico.....	32
Quadro 2 - Exemplos de verbos que realizam processos mentais língua portuguesa	51
Quadro 3 - Tipos e modos de relação	57
Quadro 4 - Exemplos de verbos que realizam processos comportamentais em língua portuguesa	59
Quadro 5 - Exemplos de verbos que realizam processos verbais em língua portuguesa	62
Quadro 6 - Exemplos de verbos que realizam processos existenciais em língua portuguesa ..	68
Quadro 7 - Correspondência da organização do artigo científico	91
Quadro 8 - Descrição da identificação dos artigos científicos analisados.....	100
Quadro 9 - Quantificação dos processos existenciais no corpus.....	104
Quadro 10 - Relação de cada processo existencial nas etapas dos artigos científicos	105

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	ALÉM DOS FATOS: A FIGURA DO PESQUISADOR NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO	21
1.1	O sujeito, a linguagem e o discurso científico	23
1.2	O poder da linguagem: velando e revelando interesses no discurso científico ...	26
1.3	O mito da objetividade científica e as escolhas linguísticas	30
2	LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	35
2.1	Metafunção ideacional	42
2.1.1	<u>Orações materiais</u>	45
2.1.2	<u>Orações mentais</u>	49
2.1.3	<u>Orações relacionais</u>	52
2.1.4	<u>Orações comportamentais</u>	58
2.1.5	<u>Orações verbais</u>	61
2.1.6	<u>Orações existenciais</u>	67
2.2	Metafunção interpessoal	70
2.2.1	<u>Polaridade</u>	71
2.2.2	<u>Modalidade</u>	72
2.2	Metafunção textual.....	75
3	GÊNERO ACADÊMICO ARTIGO CIENTÍFICO: O VEÍCULO DO DISCURSO CIENTÍFICO	80
3.1	Hasan e a estrutura genérica potencial	81
3.2	Gênero acadêmico artigo científico.....	85
3.3	A estrutura do artigo científico	87
3.3.1	<u>A introdução</u>	92
3.3.2	<u>O desenvolvimento</u>	94
3.3.3	<u>A conclusão</u>	97
4	METODOLOGIA DE PESQUISA	99
4.1	<i>Corpus</i>	99
4.2	A utilização do programa <i>WordSmith Tools</i> v. 9	101
4.3	Percurso e metodologia de análise	103
5	ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>	107
5.1	Contexto de situação dos artigos em análise	107

5.2	Análise léxico-gramatical dos significados existenciais e interpretações	108
5.2.1	<u>Acontecer</u>	110
5.2.2	<u>Crescer</u>	116
5.2.3	<u>Emergir</u>	118
5.2.4	<u>Encontrar(-se)</u>	122
5.2.5	<u>Estar</u>	127
5.2.6	<u>Existir</u>	129
5.2.7	<u>Haver</u>	137
5.2.8	<u>Irromper</u>	147
5.2.9	<u>Localizar-se</u>	148
5.2.10	<u>Ocorrer</u>	151
5.2.11	<u>Restar</u>	158
5.2.12	<u>Resultar</u>	160
5.2.13	<u>Seguir(-se)</u>	164
5.2.14	<u>Situar(-se)</u>	165
5.2.15	<u>Surgir</u>	168
4.2.15.1	“Surgir”: processo existencial com traços circunstanciais de lugar	169
4.2.15.2	“Surgir”: processo existencial neutro	171
5.2.16	<u>Ter</u>	174
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	177
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
	REFERÊNCIAS	187

INTRODUÇÃO

No prefácio da obra *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência* (Coracini, 1991), Rajagopalan defende que a ciência desempenha um papel central na sociedade contemporânea, ocupando o lugar outrora destinado à magia ou à religião, por oferecer respostas baseadas na razão e na evidência para questões antes atribuídas à superstição ou à fé. Desde os primórdios da organização social até os dias atuais, o homem tem buscado compreender o mundo e a si mesmo, sendo a ciência uma manifestação desse esforço (Andery *et al.*, 2014). Determinada pelas necessidades humanas e pelas condições socioeconômicas de cada momento histórico, a ciência não é prerrogativa do homem contemporâneo.

Segundo os autores, o modo como a(s) ciência(s) se constitui(em) na relação com as pessoas, sob essa perspectiva, é inquestionável. Ela reflete não apenas a tentativa de entender racionalmente a natureza e os fenômenos do mundo, mas também as transformações e os antagonismos inerentes aos diferentes modos de produção. Por essa razão, a ciência não é estática: evolui e se adapta em resposta às mudanças nas condições materiais da vida humana, influenciando o pensamento, as políticas e o comportamento humano. Defende-se e discute-se ciência porque ela é indissociável da vida humana e do mundo que circunda os indivíduos.

É crucial reconhecer, quanto à indissociabilidade, que a ciência não se limita às ciências naturais. Enquanto as ciências naturais são as disciplinas que têm como objeto de estudo a própria natureza, as ciências humanas e sociais são, da mesma forma, campos do conhecimento científico que buscam entender a realidade social e cultural com base em critérios de cientificidade semelhantes aos das demais ciências, como a "falseabilidade" de Karl Popper. Nas disciplinas de humanidades, o fazer científico é um processo contínuo de investigação, descoberta e interpretação, contribuindo para o progresso e o bem-estar da humanidade como um todo e adicionando algo ao mundo (Janine Ribeiro; Sobral, 2024).

Nas ciências naturais, por exemplo, o fato observável muitas vezes pode ser reproduzido em laboratório, permitindo que experimentos sejam realizados sob condições controladas e repetidas em função de fenômenos e leis que são universais e constantes. Por outro lado, nas ciências humanas, o objeto de estudo é constituído por aspectos da experiência e criação humanas, como comportamentos, instituições e produções culturais. Esses objetos são únicos, irrepetíveis e contextuais, moldados por uma infinidade de fatores históricos, sociais e

individuais. Assim, não é possível reproduzi-los da mesma forma que os experimentos das ciências naturais.

Considerando as características distintivas entre as ciências, o desenvolvimento e as rupturas ao longo da história, nesse sentido, são refletidos tanto no processo de construção do conhecimento científico quanto nos resultados de seu produto (Andery *et al.*, 2014). O produto desse conhecimento representa as contribuições e avanços que a ciência proporciona para a compreensão do mundo, a solução de problemas, o desenvolvimento de tecnologias e o progresso da sociedade como um todo. O produto desse processo, portanto, é o conhecimento validado, fundamentado em evidências empíricas e passível de ser replicado e verificado por outros cientistas.

Tal validação, por sua vez, só é possível quando as contribuições são documentadas de forma sistemática e acessível a outros pesquisadores e membros da comunidade científica: por meio da publicação em revistas especializadas ou dialogais. Em outras palavras, a validação ocorre apenas por meio de gêneros textuais específicos, ou seja, por meio de textos com características léxico-gramaticais e semântico-discursivas específicas decorrentes de escolhas relacionadas ao contexto de cultura e de situação em que tais textos estão inseridos. Isso garante a confiabilidade e a credibilidade do conhecimento produzido.

Cabe apontar, assim, que, por trás de todo o percurso que leva ao avanço da ciência em diferentes áreas de estudo, existe um pesquisador que age para validar a sua pesquisa. Desde a formulação da hipótese até a análise dos dados, o pesquisador inevitavelmente traz consigo sua bagagem subjetiva, influenciando as escolhas metodológicas, a seleção de teorias e até mesmo a maneira como os resultados são interpretados e divulgados. Mais do que agir mediante métodos aplicados a suas formulações, o pesquisador se serve da linguagem para comunicar a ciência à comunidade científica e à sociedade em geral.

Da constatação dessa indissociabilidade do conhecimento científico e do discurso que o veicula, surge a motivação da presente tese. Aqui, compreende-se que o artigo científico é o produto discursivo da atuação do pesquisador por meio da linguagem, uma vez que é nele que as descobertas científicas são preservadas, compartilhadas e construídas ao longo do tempo. Dessa forma, a linguagem não apenas facilita a disseminação do conhecimento científico, mas também desempenha um papel crucial na construção do próprio conhecimento, proporcionando um meio pelo qual as descobertas científicas são preservadas e perpetuadas ao longo do tempo.

Dado que se estabelece interação entre falantes de um contexto específico, compreende-se, aqui, que, como gênero acadêmico, o artigo científico desempenha um papel fundamental

para a disseminação e a democratização do conhecimento científico (Picanço; Schlee, 2022). Segundo Motta-Roth (2007, p. 830), a popularização desse conhecimento “é um dos pontos-chave de ação política, educacional e de desenvolvimento social”. Por meio da publicação desses artigos em revistas especializadas e de sua revisão por pares, os indivíduos são capacitados a tomarem decisões embasadas e a participarem ativamente do progresso científico e social.

Sendo, portanto, o conhecimento “uma forma de estar no mundo científico permeada pela escrita” (Picanço; Schlee, 2022), exige-se desses pesquisadores não só um elevado conhecimento a respeito de seu objeto de investigação, mas também o domínio da própria língua. Esse domínio vai além do conhecimento de normas gramaticais: envolve a compreensão das nuances do funcionamento da língua em contexto diferente e em cada situação de comunicação. Desse modo, o pesquisador adapta a língua à comunidade científica como grupo social e, sobretudo, a seu propósito comunicativo.

Sua inserção no mundo científico, dessa forma, é submetida a diretrizes essenciais que orientam a comunicação dentro da comunidade. Targino (2007) afirma que existem quatro convenções linguísticas: a concisão, exigindo que apenas o essencial seja comunicado; a objetividade, que demanda que o texto trate diretamente do assunto sem prolongamentos; a clareza, garantindo que o leitor compreenda facilmente o conteúdo; e uma certa dose de impessoalidade na apresentação dos textos, visto que a ciência é um empreendimento coletivo e contínuo de construção do conhecimento. Orienta-se, portanto, que o discurso científico seja objetivo, claro e preciso.

Marconi e Lakatos (2003) consideram que, se uma das finalidades é a objetividade, o trabalho científico deve ter caráter impessoal, ou seja, qualquer declaração científica deve ser independente dos pesquisadores como indivíduos e de suas opiniões. Müller e Cornelsen (2003) recomendam, desse modo, que o uso de pronomes na primeira pessoa – tanto do singular quanto do plural – seja evitado. O emprego do singular teria como efeito a aproximação entre o autor e o leitor, para quem ficaria clara a autoria das ideias apresentadas, enquanto o do plural explicitaria claramente a inserção do trabalho num grupo de pesquisa (Perrota, 2004).

Perrota (2004), há vinte anos, afirma que alguns programas de pós-graduação, principalmente na área de humanas, têm permitido o uso da primeira pessoa do singular. Há linhas de pesquisa que aceitam o emprego da primeira pessoa, como a Análise Crítica do Discurso, por exemplo). A pesquisa, no entanto, de Almeida e Miranda (2009) indica que, por influência do que é prescrito pelos manuais de orientação à escrita científica, houve poucas

ocorrências de formas de primeira pessoa nos dois grupos de artigos analisados. Targino (2007) aponta que essa pretensa neutralidade é uma perspectiva ultrapassada porque os cientistas, como seres humanos, não estão livres de influências pessoais e perspectivas. Em outras palavras, os cientistas, bem como qualquer indivíduo, não conseguem se desvincular completamente de suas próprias escalas de valores ao realizar seu trabalho.

Considerando que o próprio processo de construção do conhecimento científico é influenciado por fatores ideológicos (Targino, 2007), as orientações de impessoalidade no discurso científico são problemáticas porque podem levar ao apagamento da figura do pesquisador e de sua voz, bem como à falta de transparência na comunicação científica. Leibrunder (2000) assevera que são formas de camuflar esse sujeito discursivo, fazendo com que o leitor acredite que “o que está sendo exposto não é uma interpretação, mas sim a própria realidade” (Leibrunder, 2000, p. 232). Como efeito, imprime-se voz às coisas, como se o pesquisador não tivesse interferência, para transparecer uma verdade incontestável.

Cabe ultrapassar, nesse sentido, a reflexão crítica sobre a concepção de ciência e do conhecimento científico. Urge pensar sobre o fazer ciência e o discurso veiculado nos textos porque ele não apenas reflete a forma como o conhecimento é construído e comunicado, mas também influencia a maneira como é percebido, apreendido e utilizado pela comunidade acadêmica. Isso destaca a importância de expandir ou aprimorar habilidades de leitura e de escrita de artigo científico em instituições dedicadas à ciência e à educação a fim de garantir que suas aplicações na sociedade sejam éticas, responsáveis e socialmente relevantes.

Frente à constatação de que a prática científica depende de um sujeito, esta pesquisa se dedica à opção do pesquisador que segue estritamente o que ainda é considerado como linguagem científica: o emprego da terceira pessoa. Tem-se como motivação, aqui, a compreensão de estratégias linguísticas empregadas para validar o conhecimento científico por meio do apagamento da subjetividade e da busca por uma pretensa imparcialidade nas discussões científicas. Na abordagem tradicional, o tratamento dado à impessoalidade/impessoalização é restrito: costuma recair em orações destituídas de sujeito¹ (Lima, 2011) e nos verbos considerados impessoais e unipessoais² (Cunha; Cintra, 2016).

Diante disso, para a consecução da presente pesquisa, faz-se pertinente buscar

¹ Em Lima (2011), nas orações sem sujeito, faz-se referência ao processo verbal em si, sem fazer atribuição a nenhum ser. Nelas, os verbos denotam fenômenos da natureza ou são o *haver, fazer, ser*, empregados impessoalmente.

² Em Cunha e Cintra (2016), os verbos impessoais descrevem fenômenos naturais ou situações sem um agente específico, sendo conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Já os unipessoais têm sentido restrito a um sujeito na terceira pessoa do singular ou plural, sendo conjugados de acordo com esse sujeito, geralmente um substantivo ou oração substantiva.

fundamentação em uma teoria cuja concepção de linguagem esteja ancorada no uso: a gramática funcional. Na corrente funcionalista do pensamento linguístico, como a linguagem não é uma entidade suficiente em si, a língua não pode ser desvinculada de suas relações com as diversas maneiras de interação social, pois não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie. As expressões linguísticas, dessa forma, só podem ser compreendidas propriamente quando consideradas no seu funcionamento nos contextos de interação, especialmente o social. (Neves, 2021).

Como as pessoas fazem coisas diferentes com a sua língua, Halliday (1989) defende que “a organização de toda linguagem natural deve ser explicada em termos de uma teoria funcional”³ (Halliday, 1989, p. 17, tradução nossa). Para o linguista, quem buscou “construir a teoria no interior do próprio sistema” (Neves, 2021, p. 32), interessa produzir e compreender o texto em algum contexto de situação de atividade do homem social. O modelo sistêmico-funcional fixa-se na noção de função: as formas da língua são meios para alcançar os objetivos e, conseqüentemente, o caminho que conduz às descobertas de seu funcionamento nos mais variados tipos de demanda (Neves, 2011; 2021)

Gouveia (2009) explica que Michael Halliday desenvolve a ideia de que a língua, como potencial de significado, é organizada em redes de escolhas relativamente independentes. Essas redes são compostas por sistemas semânticos, sintáticos e pragmáticos, que permitem que os usuários da língua façam escolhas linguísticas para expressar significados, estabelecer e manter relações sociais, desempenhar papéis sociais e tornar a comunicação situacionalmente relevante. A linguagem, então, cumpre três funções, concebidas como metafunções – fundamentais para a análise linguística: a ideacional, a interpessoal e a textual.

Considerando que o ponto central deste trabalho é a análise das escolhas linguísticas em prol do apagamento do pesquisador no artigo científico, o sistema de transitividade, referente à metafunção ideacional, é o que oferece subsídios mais consistentes aos objetivos aqui propostos. Ainda que as metafunções coexistam e sejam indissociáveis, esta pesquisa se concentrou nesse sistema, constituído como um recurso léxico-gramatical geral para representar ações e atividades. No contexto da transitividade, as escolhas linguísticas são organizadas em tipos distintos de processos – cada um com suas características particulares e possibilidades de realização linguística – e revelam como as ações e eventos são estruturados e expressos na linguagem.

³ Texto original: [...] the organisation of every natural language is to be explained in terms of a functional theory.

Entre eles, o processo existencial é o que interessa a esta pesquisa, pois expressa a existência ou acontecimento de algo de forma direta e concisa, o que se preconiza em discurso científico. Assim, tem-se como objetivo geral a observação do comportamento dos processos existenciais em artigos científicos sob a hipótese de que seu emprego está associado à validação do conhecimento científico. Com base em seus pressupostos, a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985; 1994; Halliday; Matthiessen, 2014) se mostra um aporte teórico adequado para a consecução deste objetivo, uma vez que oferece um modelo de descrição gramatical de base semântica, “instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos” (Gouveia, 2009, p. 14).

Embora trabalhos como o de Miranda e Oliveira (2020), Sá e Figueiredo-Gomes (2020), Sá (2021) e Moraes (2015) já tenham tratado do emprego dos processos existenciais em textos do discurso científico, resta verificar em que consistem, exatamente, as estratégias linguísticas empregadas pelos pesquisadores ao longo das diferentes etapas da redação de artigos científicos. Dado que as etapas desempenham papéis distintos na estruturação do texto científico, os pesquisadores, como falantes, têm razões específicas para optar por uma ou outra construção linguística. A percepção com base nas motivações pode levar a uma maior clareza e eficácia na comunicação científica, bem como a uma reflexão crítica sobre as práticas do discurso científico.

Como objetivos específicos para chegar ao objetivo maior, apontam-se:

- Mapear os processos existenciais que ocorrem em vinte artigos científicos, sem distingui-los dos demais processos que compõem o sistema de transitividade.
- Contabilizar o número de ocorrências dos processos existenciais de forma geral e particular;
- Identificar, dentre os processos que foram mapeados, em que seção do artigo científico os verbos foram empregados;
- Identificar o Existente dos processos;
- Discutir os resultados da análise realizada em relação à concepção de linguagem da Linguística Sistêmico-Funcional.
- Aprofundar os estudos dos sistemas de transitividade na perspectiva sistêmico-funcional e a compreensão paradigmática da língua;
- Apresentar possibilidades de análise que sejam coerentes com a abordagem sistêmico-funcional e que contribuam para melhor compreensão da função do processo existencial e de seu efeito;

- Oferecer caminhos para compreender como o pesquisador se posiciona por meio de escolhas linguísticas, em relação ao objeto de estudo, de modo a alcançar a objetividade científica.

A base para a investigação dos processos existenciais foi a lista organizada por Fuzer e Cabral (2014) na adaptação da Linguística Sistemico-Funcional à língua portuguesa. Após a identificação dos processos considerados existenciais, foram selecionados artigos científicos da área de Letras, publicados nas revistas *Alfa* e *Delta*, nos quais se observou, sob a abordagem teórico-metodológica da teoria hallidayana, o emprego de orações existenciais. Por meio da metafunção ideacional, foi possível verificar como as escolhas léxico-gramaticais são influenciadas pelos contextos situacional e cultural, confirmando-se que “a natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções a que deve servir” (Gouveia, 2009, p. 42).

A fim de ampliar os estudos de descrição da língua portuguesa, busca-se demonstrar como os significados existenciais no artigo científico relacionam-se aos propósitos comunicativos do gênero. Quando se admite que esses significados contribuem para a construção, apresentação e validação do conhecimento científico na comunidade acadêmica, impõem-se as seguintes questões:

- a) O reconhecimento do tipo de processo, mais especificamente dos processos existenciais, depende da ocorrência de outros componentes da oração?
- b) Qual o potencial de significado passível de ser alcançado pelas orações existenciais do gênero em análise?
- c) Os recursos linguísticos de modalidade interferem na produção do significado existencial?
- d) Como o pesquisador se coloca por meio das orações existenciais como operações linguísticas?

Essas são as principais questões que motivam o presente trabalho, e às quais se procura responder. Para o desenvolvimento da pesquisa, esta tese é organizada em seis momentos. O primeiro capítulo propõe uma reflexão crítica sobre o discurso científico, o produto da pesquisa. O segundo capítulo apresenta os pressupostos da Linguística Sistemico-Funcional, base teórica que oferece modelo de descrição para a exploração dos significados da linguagem e seu uso nas interações sociais. Em seguida, o terceiro capítulo estabelece um diálogo entre a concepção de gênero da Hasan (1989), sistemicista, e o gênero acadêmico artigo científico. Já o quarto

capítulo orienta quanto aos procedimentos metodológicos adotados, isto é, a estrutura sistemática para a investigação desenvolvida em conformidade com os padrões éticos da pesquisa acadêmica. O quinto e último capítulo apresenta a análise de *corpus* e os resultados das análises feitas sobre o emprego de processos existenciais. Por fim, há as considerações finais.

Acredita-se, portanto, que a investigação dos significados existenciais em artigos científicos, à luz dos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, pode proporcionar uma nova direção nas orientações da produção e da compreensão dos artigos científicos no que se refere a um entendimento mais profundo sobre como o apagamento do pesquisador é realizado no texto em busca da objetividade científica. Além disso, pode-se entender como o pesquisador se posiciona linguisticamente em relação ao objeto de estudo, revelando as estratégias utilizadas para minimizar a subjetividade e destacar a imparcialidade na apresentação dos resultados. Essa investigação não apenas promove uma compreensão mais crítica da linguagem científica, mas também capacita quanto à avaliação da qualidade e da objetividade dos artigos científicos.

1 ALÉM DOS FATOS: A FIGURA DO PESQUISADOR NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO

Na obra *Filosofia da ciência*, Rubem Alves (1981) propõe a seguinte reflexão:

O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de emoções e valores:
 observa-se,
 constata-se,
 obtém-se,
 conclui-se.
 Quem? Não faz diferença...
 O que desejamos notar é que, durante muito tempo, pensou-se que este seria o caminho seguro, asséptico, metódico, pelo qual seria possível construir declarações teóricas isentas da contaminação das emoções. Tanto assim que os cientistas se gabavam de sua superioridade frente aos homens comuns. (Alves, 1981, p. 122)

Embora o trecho pareça iniciar uma prescrição da atuação científica, o que Alves (1981) aponta é a crença amplamente difundida de que os cientistas deveriam pensar diferentemente do senso comum: eximindo-se de suas emoções e desejos, precisavam ser objetivos para cumprir o propósito de refletir o objeto. Nessa perspectiva, “um cientista tem de ser “livre de valores” e, para tanto, “a sua ciência dispõe de um método que torna possível um discurso totalmente fiel ao objeto, do qual o sujeito se ausentou” (Alves, 1981, p. 121).

Quando se trata de discurso científico, a objetividade tem sido considerada um critério fundamental. Nesse sentido, na busca pela imparcialidade, o cientista busca enfatizar a ocorrência objetiva dos fenômenos a que se refere, omitindo vestígios de sua presença no texto, como se os fatos se enunciassem a si mesmos. Assim, depois de todos os resultados revelados, espera-se que haja o apagamento daquele que esteve à frente do desenvolvimento da pesquisa: o pesquisador. É como se os fatos fossem agentes de seu próprio tratamento, sendo apresentados de forma neutra para que sejam avaliados e interpretados por si mesmos.

Os próprios fundamentos da ciência, conforme Alves (1981), estabeleceram que a comunicação científica fosse feita por meio de uma linguagem que expressasse rigorosamente o que os fatos autorizassem a dizer. Acreditou-se, no meio acadêmico, que a produção científica deveria causar impressão de fidelidade aos fatos, o que a tornaria aparentemente irrefutável, incontestável. Com esse propósito, a linguagem precisaria ser neutra, imparcial, ou seja, guiada por critérios da impessoalidade na exposição das verdades científicas.

O estabelecimento de regras acerca do proceder científico tem sido bastante influenciado pela orientação positivista, que preconiza a utilização de

procedimentos rigorosamente empíricos com vistas na obtenção de um máximo de objetividade na pesquisa. Assim é que Durkheim (1973, p. 378) estabelece como a primeira regra do método sociológico "Tratar dos fatos sociais como coisas". Skinner recomenda aos pesquisadores uma atitude de absoluta neutralidade em relação ao fenômeno pesquisado. Para ele a ciência "é uma disposição para aceitar fatos, mesmo quando eles se opõem aos desejos" (Skinner, 1953, p. 53). [...] Com o objetivo de evitar o problema da subjetividade, os teóricos positivistas sugerem que a investigação dos fenômenos sociais restrinja-se àquilo que possa ser efetivamente observado. Skinner indica que é "melhor ficar sem resposta do que aceitar uma resposta inadequada" (Skinner, 1953, p. 13). (Gil, 2008, p. 29)

Os positivistas reconhecem que todo conhecimento é influenciado pelas predisposições dos observadores e que, quanto mais distantes as observações estiverem da realidade física, maior será o risco de distorção. À vista disso, sugerem que a investigação científica, especialmente em campos como as ciências sociais, restrinja-se àquilo que pode ser efetivamente observado e medido. A fim de evitar distorções causadas por interpretações subjetivas, compreendem que fenômenos que podem ser verificados por meio da observação direta ou da experimentação são considerados legítimos objetos de estudo.

Aferrados a um modelo cientificista, os positivistas tendem a enxergar a subjetividade como um problema e tentam impor-lhe limites. Esse caminho da indução, sugerido pelo positivismo e empirismo, silencia o indivíduo por trás das descobertas dos fatos, dos dados, das amostragens (Alves, 1981). Além disso, ignora o fato de que toda a relação humana para com o mundo é mediada pela linguagem:

Você concordará, por outro lado, que na ciência qualquer dado deve poder circular, por meio da linguagem. Um dado qualquer que fosse acessível apenas a mim poderia pertencer ao mundo das minhas experiências internas, privadas, religiosas ou místicas. Mas o que caracteriza este jogo a que damos o nome de ciência é um acordo tácito entre todos os cientistas de que nele só se pode falar sobre experiências abertas à verificação intersubjetiva. Na verdade, é esta verificação que garante a objetividade do conhecimento. Assim, se trabalhando sob tais e tais condições de laboratório, obtenho o efeito A, qualquer cientista, em qualquer parte do mundo, trabalhando sob condições idênticas, deve obter o mesmo resultado. Se um fato não puder ser enunciado, não poderá ser testado. E se não pode ser testado, não pertence ao jogo da ciência. (Alves, 1981, p. 113)

A linguagem, nesse sentido, não é apenas um código ou um instrumento de comunicação e disseminação do conhecimento entre os cientistas. Embora não tenha apresentado uma definição para a linguagem, Bakhtin (2014) garante que ela não é um fenômeno isolado, mas completamente associado às interações sociais em que ocorre. Por essa razão, não é possível, por sua natureza social, isolá-la de seu contexto. Segundo o autor,

para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som, no meio social. Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois

indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido. É apenas sobre este terreno preciso que a troca linguística se torna possível [...] (Bakhtin, 2014, p. 72).

Ao situar os sujeitos da comunicação em um contexto social específico, Bakhtin (2014) reconhece que a linguagem é moldada e influenciada pelas condições sociais, culturais e ideológicas em que é utilizada. Em crítica à redução da natureza da linguagem às esferas física, fisiológica e psicológica da realidade, o pensador afirma que a natureza real da linguagem está diretamente associada às condições de comunicação. Estas, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais dos enunciados. A linguagem, à vista disso, é um código ideológico (Bakhtin, 2014) que reflete as práticas sociais.

Constituindo o verdadeiro campo da vida da linguagem, as relações dialógicas permeiam todos os aspectos da comunicação humana (Bakhtin, 2003). Nesse sentido, permeia, também, a prática realizada no fazer científico. Considerando que “as definições linguísticas não podem ser completamente divorciadas das definições ideológicas” (Bakhtin, 2014, p. 147) por não serem neutras de ideias ou conceitos, cabe, neste capítulo, discutir o discurso científico como um universo de valores que interagem.

Aqui, admite-se que o estudo do emprego da linguagem no discurso científico viabiliza a compreensão de como as ideias são moldadas, negociadas e comunicadas dentro da comunidade científica. Tal posicionamento amplia a compreensão sobre os processos de articulação e contestação da prática científica, bem como as formas de determinar a legitimidade e a credibilidade do conhecimento científico. À vista disso, a próxima seção se propõe a discutir a relação que existe entre a linguagem, o discurso científico e aquele que está por trás de tal prática social: o sujeito pesquisador.

1.1 O sujeito, a linguagem e o discurso científico

A continuada relevância de Bakhtin deve-se, sobretudo, ao seu embasamento constitutivo: a relação entre linguagem, língua, sociedade e seu funcionamento. Segundo Brait (2006a) – crítica, ensaísta e professora que se dedicou a percorrer os caminhos seguidos pelo pensador e seu Círculo,

é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da

linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (Brait, 2006a, p. 10)

Nesse sentido, os sujeitos são ativos na produção de sentidos na seguinte forma discursiva: o diálogo. Por sua clareza e simplicidade, é a forma mais clássica da comunicação verbal (Bakhtin, 2003). Nela, os sujeitos interagem, produzindo dois tipos de produções verbais, de modo que os dois enunciados são confrontados um com o outro. À medida que se relacionam, os sujeitos estabelecem uma relação específica de sentido, a dialógica (Bakhtin, 2003). Como organizadores do diálogo, não são meros participantes:

O sujeito, nesse fluxo, interage, atua – no sentido de agir – mediante a linguagem, e situações comunicativas são estabelecidas. O que se fala tem um propósito em relação ao outro em um determinado contexto, e, conseqüentemente, a linguagem sofre determinações sociais. As palavras mudam de sentido não só levando em conta a posição de quem as emprega, mas também o contexto em que foram empregadas, o que evidencia que nenhuma palavra, escolhida dentro do paradigma, é neutra, mas “sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (Bakhtin, 2014, p. 99). (Picanço, 2021, p. 186)

Ao situar os sujeitos da comunicação em um contexto social específico, Bakhtin (2014) reconhece que a linguagem é moldada e influenciada pelas condições sociais, culturais e ideológicas em que é utilizada. Em crítica à redução da natureza da linguagem às esferas física, fisiológica e psicológica da realidade, o pensador afirma que a natureza real da linguagem está diretamente associada às condições de comunicação. Estas, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais dos enunciados. A linguagem, à vista disso, é um código ideológico (Bakhtin, 2014) que reflete as práticas sociais.

O pensamento bakhtiniano, sob essa perspectiva, incide sobre a linguagem em uso, considerando que as palavras se entrelaçam em todas as esferas das relações sociais. É por essa razão que acredita que os valores do enunciado só podem ser determinados pelas formas de relação com a realidade, entre os sujeitos dialógicos, ou seja, aqueles que estão envolvidos na troca comunicativa. Por esse ângulo, seu pensamento incide, também, sobre o discurso – “uma ponte lançada entre duas pessoas, elas próprias socialmente determinadas” (Todorov, 2003, p. 15).

No prefácio da obra *Estética da Criação Verbal*, a metáfora da ponte, apresentada por Todorov (2003), sugere que o discurso é mais do que uma simples troca de palavras entre indivíduos. Trata-se de um meio que permite a interação entre sujeitos socialmente situados, possibilitando que compartilhem experiências, valores e visões de mundo dentro de um

contexto social determinado. Em outras palavras, é espaço de diálogo e negociação de significados entre o sujeito que enuncia com os outros com os quais se entrelaça. O discurso, desse modo, é essencialmente dialógico – ou seja, ele emerge do encontro e da interação entre diferentes vozes – e, portanto, de natureza dinâmica e relacional.

Uma vez que toda a vida de linguagem está impregnada nas relações dialógicas, a empregada no campo científico também está (Bakhtin, 2003). Fundamentado na compreensão dialógica bakhtiniana, Faraco (2001) complementa essa perspectiva ao afirmar que “a atividade científica em qualquer área, como dimensão do universo da criação ideológica, produz texto e, portanto, é sempre uma atividade ideológica” (Eggins, 2001, p. 32). Dessa forma, toda produção científica é sempre uma atividade ideológica, pois reflete as interações e negociações de significados entre diferentes perspectivas, teorias e vozes dentro do campo científico.

Se a produção científica é ideológica, o que ela produz é discurso científico. Considerando que, na ideia bakhtiniana, a palavra de um sujeito está sempre em relação dialógica com a palavra do outro, a interação entre sujeitos é inerente à prática científica, demonstrando que a linguagem e o discurso científico não estão isentos de influências ideológicas e contextuais.

Considerando que, para o Círculo, todo ato de compreensão é dialógico, a postura do pesquisador diante do objeto também se diferencia da cartesiana (GERALDI, 2012). De forma alguma, aqui, o pesquisador é neutro. Na atividade científica, a relação do pesquisador com o objeto é permeada pelo seu horizonte avaliativo. Diante dele, o pesquisador é um outro não neutro que entra em diálogo com os discursos observados e com os discursos anteriormente produzidos sobre o objeto. O objeto, portanto, não é dado ou coletado, mas é expressivo, responsivo e construído na relação dialógica (Bakhtin, 2016). (Destri; Marchezan, 2021, p. 4)

Em uma relação dialógica com o objeto, o pesquisador não o observa apenas de forma objetiva, mas entra em diálogo com ele. Para isso, considera não apenas os discursos observados, como também os discursos previamente produzidos sobre o objeto. Na construção compartilhada de significados na prática científica, o pesquisador desempenha um papel crucial não apenas na geração de conhecimento, mas também na sua legitimação e disseminação, contribuindo para o avanço do entendimento humano.

Faz-se necessário, assim, reconhecer que isso só é possível, pois, em cada momento do método, há a atividade de um sujeito produtor de conhecimento. Ele torna o produto “a um só tempo, representativo do real e produto humano, marcado pela atividade do homem” (Andery *et al.*, 2014, p. 416). O homem

não é um simples reflexo, no pensamento, de uma realidade dada; na construção do conhecimento o homem não é um mero receptáculo, mas um sujeito ativo, um

produtor que, em sua relação com o mundo, com o seu objeto de estudo, reconstrói no seu pensamento esse mundo; o conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem. (Andery *et al.*, 2014, p. 419)

Sob esse viés, o homem tem atuação ativa na construção do conhecimento, não sendo apenas um receptor passivo da realidade, mas um sujeito que interage e reconstrói o mundo por meio de seu pensamento, ação e, sobretudo, linguagem. Nesse processo, o pesquisador não apenas busca validar suas descobertas quanto à reconstrução do mundo, como também fomentar um diálogo construtivo dentro da comunidade científica. Segundo Kuhn (2013),

a comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica. Estes foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares, numa extensão sem paralelos na maioria das outras disciplinas. Nesse processo absorveram a mesma literatura técnica e dela retiraram muitas das mesmas lições. Normalmente as fronteiras dessa literatura-padrão marcam os limites de um objeto de estudo científico e em geral cada comunidade possui um objeto de estudo próprio. (Kuhn, 2013, p. 189)

Em seu contexto social determinado, o pesquisador inicia uma troca comunicativa com pessoas que têm a capacidade intelectual para entender e debater o que está sendo apresentado pelo outro. O sujeito científico, ao se expressar oralmente ou por escrito, dirige-se aos demais que têm as mesmas referências de saber especializado e partilham uma posição de neutralidade ideológica. Para tanto, serve-se de um vocabulário especializado que se presume ser conhecido por seu público, o que requer, também, letramento avançado das duas partes acadêmicas.

Na relação dialógica que se estabelece, o pesquisador busca estimular a repetição da experiência para a confirmação dos resultados ou o apoio à pesquisa em questão. Entende-se, então, que, por meio de um ideal de racionalidade, deseja convencer os seus pares da validade da pesquisa discorrida e de seu rigor científico. Sendo assim, a prática social entre o pesquisador e a comunidade científica envolve não apenas o compartilhamento de informações, mas também a construção coletiva do conhecimento ao promover um diálogo construtivo e o avanço da ciência.

Reconhecendo a linguagem como carregada de significados ideológicos e socialmente situados, os autores citados oferecem uma base para compreender como os textos do discurso científico não apenas comunicam descobertas. Sob suas perspectivas, eles são reflexo das interações sociais complexas entre pesquisadores, teorias e comunidades científicas. Ao explorar como os significados são negociados dentro desses discursos, revela-se como os pesquisadores constroem e legitimam suas descobertas. São essas construções permeadas pela linguagem, nas dinâmicas de poder, objetividade e autoridade, que serão tratadas a seguir.

1.2 O poder da linguagem: velando e revelando interesses no discurso científico

A linguagem desempenha um papel crucial na construção do conhecimento. No discurso científico, a voz do sujeito pesquisador vai ao encontro da voz dos sujeitos leitores/ouvintes, estabelecendo-se, assim, como uma ponte entre sujeitos socialmente determinados na comunidade científica por meio da linguagem. É sob esse viés que se sustenta o acordo tácito (Alves, 1981) entre os cientistas: a linguagem, essencialmente social, veicula os juízos expressos pelos participantes da comunicação verbal, manifestando ideologias discursivas dentro de um texto e a subjetividade dos indivíduos.

Tendo em vista o reconhecimento da perspectiva individual, Coracini (1991) – pesquisadora com experiência em Linguística Aplicada e atuação no discurso científico – declara que, em termos ideais, “seria ingênuo acreditar na imparcialidade da observação dos fatos” (Coracini, 1991, p. 43). Segundo a autora, ao recolher o material e ler a respeito para analisá-lo, o cientista adapta a observação a seus interesses e a suas visões de mundo. Essa escolha pode ser relacionada, guardadas as diferenças situacionais, à prática adotada por políticos quando desejam levar o público ouvinte a agir pelo voto: bem como o político seleciona os dados em função do público ouvinte, o cientista elabora sua hipótese em função da qual seleciona os dados relevantes (Coracini, 1991).

Ao estabelecer essa comparação, Coracini (1991) pontua que o político, baseando-se no senso comum, interpreta os dados em função do objetivo proposto. Quando os apresenta, a validação se dá de forma momentânea: “a reação do público é imediata – vaias, aplausos – e mediata — voto (ação)” (Coracini, 1991, 44). Em contrapartida, o cientista analisa os dados, organiza-os e elabora os resultados em representações ilustrativas para que a interpretação do trabalho desenvolvido ocorra de forma clara e objetiva. Nessa exposição, a reação do público só pode ocorrer por meio de elementos formais e é raramente imediata.

Segundo Coracini (1991),

A situação em que se insere o DP⁴ é tensa e conflituosa: o político se encontra em competição declarada com outros políticos, o que evidentemente transparece no texto; no discurso científico (DC), o jogo de interesses (de poder) se acha, em geral, velado, em nome do saber acadêmico. Em ambas as situações, os resultados (reações) são extremamente importantes para o locutor, embora, no caso da política, outras oportunidades surjam para a exposição das ideias dos candidatos, o que parece ocorrer mais raramente no DC, a não ser em situações de debate aberto, em que se confrontam diferentes posturas teórico-ideológicas. Entretanto, o caráter tenso do DP aumenta pelo fato de que da situação de conflito resulta sempre a anulação de uma das partes,

⁴ Em Coracini (1991), DP significa discurso político; e DC, discurso científico.

enquanto no DC uma teoria não invalida necessariamente a outra. (Coracini, 1991, p. 44-45)

Ao comparar os dois tipos de discurso, Coracini (1991) acentua dois traços característicos do discurso científico: a velada presença de interesses de poder e a capacidade de convivência entre teorias concorrentes. Nele, embora os interesses de poder também possam estar presentes como no político, eles tendem a ser velados em prol do ideal acadêmico de busca pela verdade objetiva. Nesse contexto, onde a objetividade e a autoridade são altamente valorizadas, entender como a linguagem é usada para construir argumentos, validar teorias e estabelecer relações de poder é essencial para uma análise crítica e reflexiva da prática científica.

Ademais, no âmbito científico, é possível existir a coocorrência de diferentes paradigmas a depender da área de publicação científica. Isso significa que um fato pode ser investigado à luz de diferentes abordagens sem necessariamente invalidar umas às outras. É essa segunda particularidade do discurso científico que possibilita um debate aberto e a evolução do conhecimento por meio da confrontação de diferentes perspectivas teóricas e ideológicas. Como não se qualifica uma produção científica certa ou errada, estas podem ser confrontadas. Para ela,

na prática, todos sabem que, no plano pessoal, o cientista, autor do artigo científico, tem todo interesse em demonstrar a importância de seu trabalho e a sua contribuição para o 'progresso' da ciência, posicionando-se, muitas vezes, contra outros cientistas, outros paradigmas. (Coracini, 1991, p. 49)

Frente a meios e saberes, o cientista sabe que seu público é composto por portadores de posicionamentos diversos apoiados em teorias diferentes, tornando seu trabalho/sua pesquisa suscetível a contestações. Por essa razão, “quanto mais os paradigmas entram em debate, mais os grupos de cientistas se armam de argumentos para a defesa de um novo. E mais: tanto num caso como no outro, a forma de raciocínio e a apresentação linguística têm de ser atraentes e persuasivas” (Coracini, 1991, p. 47). À medida que os paradigmas são questionados e confrontados, a competição por adesão e aceitação de novas ideias aumenta, levando os cientistas a aprimorarem não apenas o conteúdo de suas teorias, mas também a forma como são comunicadas.

Na busca por consenso dentro da comunidade acadêmica, Coracini (1991) ainda sustenta que

enquanto o político ilude o seu ouvinte colocando-o em situação de decidir o seu próprio futuro pelo voto (embora na prática, ao menos no Brasil, seja sempre o governo quem detém o poder de decisão), o cientista parece querer promover o seu

leitor, pela descrição minuciosa da experiência realizada (embora se saiba, por testemunhos, que nem tudo o que ocorre é dito), à condição de possível repetidor. (Coracini, 1991, p. 45).

Ao pesquisador interessa convencer seus leitores – membros da comunidade científica interessados na pesquisa – sobre a validade e relevância de suas descobertas. Para isso, a descrição completa da experiência nem sempre ocorre. A autora sugere, então, que, mesmo na comunicação científica, pode haver omissões ou limitações na divulgação das informações, como termos específicos, no discurso por julgá-las supérfluas e desnecessárias. Pressupondo conhecimento prévio, o cientista apresenta argumentos que sustentem a tese subjacente à área de pesquisa, implicando uma resposta por parte do receptor.

Nessa interação, busca-se uma forma de aceite, validação do trabalho desenvolvido. Para tanto, “a forma de raciocínio e a apresentação linguística têm de ser atraentes e persuasivas” (Coracini, 1991, p. 47). Aqui, entende-se que a apresentação linguística abrange todas as escolhas linguísticas feitas pelo pesquisador para transmitir sua mensagem de forma clara, persuasiva e eficaz. Como a linguagem é inevitavelmente atravessada por ideologia, faz-se necessário considerar como essas escolhas podem influenciar a percepção da credibilidade e autoridade do pesquisador, bem como a aceitação de suas ideias pela comunidade científica e pelo público em geral.

É de umas dessas escolhas – a oração existencial – que a presente pesquisa busca tratar com base em um aporte teórico de base funcionalista, mais especificamente, a Linguística Sistêmico-Funcional, uma vez que a presente pesquisa parte do princípio de que a estrutura gramatical está intimamente relacionada ao uso que se faz da língua, ou, em outras palavras, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Analisar o discurso científico, por esse prisma teórico, significa tratá-lo como mais do que palavras em orações, mas além das orações.

Para Martin e Rose (2007), importam os recursos semânticos que se desencadeiam nas relações entre as orações ao passo que o texto se desenvolve. Em outras palavras, o discurso, por ser uma atividade social construída em textos em relação aos papéis constitutivos dos sentidos na vida social, não deve ser concebido como uma mera manifestação incidental dessa atividade. As escolhas linguísticas, nesse sentido, estão intimamente relacionadas ao modo interativo entre os sujeitos das relações sociais.

O discurso científico, dessa maneira, não só é altamente argumentativo, como também constitui expressão de subjetividade, dado que o pesquisador é permeado por interesses pessoais, institucionais e científicos. Diante das considerações, “a ciência se depara com a subjetividade do cientista, sua capacidade de observar, intuir, imaginar, esbarrando, portanto,

na própria relatividade” (Coracini, 1991, p. 122). Coracini (1991), sob essa perspectiva, coloca em questão o mito da objetividade do discurso científico de que se tratará na próxima seção.

1.3 O mito da objetividade científica e as escolhas linguísticas

No discurso científico, a linguagem é responsável por viabilizar que os significados sejam construídos por meio da relação dialógica estabelecida. Serve, então, como um meio pelo qual os dados e resultados das pesquisas possam ser expressos de forma clara, precisa e compreensível para outros pesquisadores, permitindo a verificação intersubjetiva das descobertas. Isso promove a replicabilidade das experiências e a validade dos resultados, fortalecendo a credibilidade da ciência como uma construção coletiva e confiável na busca pela compreensão dos fenômenos mundanos.

Esse aspecto é fundamental para a objetividade do conhecimento científico, uma vez que apenas as experiências abertas à verificação por outros cientistas podem ser consideradas como parte legítima do corpo de conhecimento científico. Para a validação da ciência, a impessoalidade acabou por se tornar inerente ao processo. Se “é a linguagem que diz, ao pesquisador, onde devem se concentrar os seus olhos?” (Alves, 1981, p. 114), as informações veiculadas por ela tendem a ser apresentadas, segundo Pinto (1994, p. 123), “de uma forma mais ou menos distanciada, em que se enfatiza a ocorrência “objetiva” deles e se omite qualquer vestígio de representação”.

De acordo com Pinto (1994, p. 123), esse efeito se dá pela impessoalização, “o último grau de distanciamento que se pode obter em relação à representação que se faz de um estado de coisas”. Para alcançar esse grau, o pesquisador busca sucumbir às normas impostas pela comunidade científica e escolhe uma construção “que seja mais ou menos ambígua quanto à identificação do emissor com os conteúdos do enunciado” (Pinto, 1994, p. 125). Dentre as opções, o pesquisador pode se servir das orações tradicionalmente classificadas como subjetivas, das construções da voz passiva, de avaliações positivas na função de sujeito da oração ou até mesmo pela construção de orações em que não é possível identificar o termo que realiza a ação verbal.

As orações subjetivas, voz passiva, avaliações positivas na função de sujeito e orações sem identificação do agente da ação verbal são estratégias capazes de causar distanciamento do

escritor. Todas elas têm em comum o foco na ação ou nos fatos em si, em vez de destacar o papel do autor como agente da comunicação. Em outras palavras, destaca-se a relevância dos fatos apresentados, sem necessariamente atribuí-los ao pesquisador. Isso cria uma impressão de neutralidade e impessoalidade, enfatizando a importância dos fatos em si, independentemente de quem os apresenta.

Com essas operações,

torna-se totalmente impossível a identificação do emissor com os conteúdos representados, pois os estados de coisas por ele construídos são apresentados como fatos independentes, na aparência, de qualquer representação. A rigor, a impessoalização produziria enunciados sem sujeito, evidências empíricas, tendo por isso largo uso como argumentos de persuasão. (Pinto, 1994, p. 125)

O princípio da objetividade, nessa direção, claramente se expressa no texto por meios linguísticos como requisito de cientificidade. Pinto (1994) garante que a impessoalização é efetivada mediante tais operações linguísticas e diverge do que defende Coracini (1991). Para a autora, essa efetividade é questionável, dado que tais operações são “estratégias manipulatórias da linguagem que conferem ao texto a aparência de objetividade e imparcialidade, a serviço de uma concepção igualmente objetiva das chamadas 'descobertas' científicas” (Coracini, 1991, p. 183).

Essa divergência coloca em questão a verdadeira eficácia dessas estratégias em garantir uma representação completamente isenta de viés pessoal na produção científica. No fazer científico, o pesquisador age deliberadamente para validar sua própria pesquisa por meio da linguagem. Além disso, há um outro leitor, também pesquisador, que utiliza essa pesquisa como referência para sua própria interpretação dos fatos. Este, por sua vez, pode ser influenciado pela autoridade ou reputação do pesquisador-autor, o que pode distorcer a percepção da objetividade do texto.

Nessa perspectiva, a impessoalização linguística pode não ser suficiente para garantir a neutralidade completa no texto científico, pois a subjetividade pode persistir mesmo nas formas mais elaboradas de expressão científica. Frente à necessidade de se conferir uma aparência de imparcialidade e distanciamento do pesquisador, as estratégias são adotadas não apenas como convenções formais, mas como requisitos para que um texto seja reconhecido como científico pela comunidade acadêmica. Elas são percebidas como garantias de uma abordagem objetiva e rigorosa, minimizando – e não apagando – os vestígios da representação do pesquisador-autor e aumentando a confiabilidade das conclusões apresentadas.

Entre elas, Coracini (1991) considera que:

a macroorganização textual padronizada (introdução, material e métodos, resultados, discussão e conclusão), o uso de estruturas linguísticas, tais como voz passiva, sujeito frasal objetificado, presença unicamente de modalidades lógicas (ex.: É evidente, provavelmente etc.), ausência (embora aparente) de enunciados metafóricos, uso frequente de citações bibliográficas explícitas constituem algumas das estratégias características do texto científico, capazes de causar a impressão de distanciamento do locutor, de isenção, espelhando, dessa forma, a objetividade, também questionável, requerida pela atividade científica propriamente dita. (Coracini, 1991, p. 183)

No conjunto, essas estratégias contribuem para criar uma imagem de neutralidade e distanciamento do escritor, destacando os fatos e argumentos da pesquisa em detrimento da subjetividade do autor. Segundo a autora, o emprego dessas estratégias aumenta a percepção de objetividade e confiabilidade do texto científico aos olhos da comunidade acadêmica, pois causam efeitos descritos no quadro abaixo:

Quadro 1 - Relação entre estratégias (Coracini, 1991) e efeito no texto científico

Estratégia	Efeito
Macroorganização textual padronizada	Ajuda a separar claramente os diferentes aspectos da pesquisa e a transmitir a sensação de que o autor está seguindo um método objetivo e bem estabelecido.
Uso de estruturas linguísticas específicas	Destaca as ações e resultados da pesquisa, minimizando o papel do pesquisador como agente, criando uma impressão de distanciamento e objetividade.
Presença unicamente de modalidades lógicas	Contribui para o distanciamento do autor na apresentação dos fatos, sugerindo uma abordagem baseada na lógica, na objetividade e na evidência.
Ausência de enunciados metafóricos	Mantém o texto focado em termos concretos e factuais, contribuindo para uma comunicação clara e direta dos resultados da pesquisa, sem adicionar elementos de subjetividade.
Uso frequente de citações bibliográficas explícitas	Serve para apoiar os argumentos apresentados no texto, demonstrando que as afirmações feitas pelo autor estão fundamentadas, embasadas em evidências anteriores, o que confere confiabilidade à pesquisa.

Fonte: Picanço, 2024.

A essas estratégias pode ser adicionado o recurso da nominalização, que consiste na transformação de um verbo ou adjetivo em um substantivo. Esse procedimento permite encapsular uma ideia complexa em uma única palavra e, conseqüentemente, elimina a

necessidade de repetição de verbos ou adjetivos, promovendo uma apresentação mais direta dos fatos. Moraes e Barbara (2018) afirmam, por isso, que se trata de um recurso de impessoalização no discurso acadêmico, contribuindo para a objetividade e a cientificidade do texto. No entanto, Schlee (2018) o considera uma forma de exprimir avaliação ou juízo de valor por parte do enunciador.

A utilização das referidas estratégias de persuasão apontadas por Coracini (1991), assim como a consideração da nominalização, é uma forma de camuflar “o ato de produção textual enquanto atividade subjetiva que visa à realização de determinados fins” (Coracini, 1991, p. 71). Em outras palavras, mascara a expressão de subjetividade implícita e partilhada, a qual envolve todo recurso de expressão linguística. Assim, apesar de se sugerir uma conduta linguística que transpareça a objetividade científica e que respeite as normas impostas pela comunidade científica, não existe neutralidade na linguagem (Coracini, 1991).

No encalço da autora, Gil (2008) declara:

A objetividade, entretanto, não é facilmente obtida por causa de sua sutileza e implicações complexas. Todo conhecimento do mundo é afetado pelas predisposições dos observadores. Quanto mais as observações se afastam da realidade física, maiores as possibilidades de distorção. Quando um biólogo lida com bactérias, por exemplo, há poucas possibilidades de distorção, porque seus pontos de vista e inclinações pessoais dificilmente interferirão no estudo. Mas quando os cientistas tratam de temas como personalidade, criatividade, autoritarismo ou classe social, as possibilidades de distorção aumentam consideravelmente. (Gil, 2008, p. 29)

Na direção contrária ao positivismo, Coracini (1991) propõe a seguinte reflexão:

Se, por outro lado, considerasse apenas as formas impessoais do sujeito, imputaria ao discurso científico primário o caráter de objetividade, uma vez que as instâncias enunciativas não se fazem explicitamente presentes. Esqueceria, no entanto, toda a complexidade dos recursos e estratégias criadas pelos sujeitos da comunicação (em comunidade) para camuflar a subjetividade: quando esta tenta se manifestar por meio de um recurso linguístico, imediatamente surge outra, na tentativa de neutralizar tal manifestação. (Coracini, 1991, p. 111)

A questão central da objetividade-subjetividade, acima considerada no âmbito do discurso científico, firma um entrave. Ao se reconhecer que a subjetividade atravessa qualquer conhecimento científico, sobretudo o de estudos sociais, assume-se que este conhecimento é produzido por um agente que pode ser influenciado por fatores individuais, sociais, culturais e históricos. Isso se deve “à opacidade da linguagem, que permite a ilusão da aproximação efetiva do real, sem a interferência do sujeito e da ideologia” (Coracini, 1991, p. 46).

Evidencia-se, assim, a extrema importância de questionar as formas linguísticas de um texto científico na construção do sentido, bem como o posicionamento do pesquisador na

comunidade em que age. O que se considera aqui é que há um caráter de subjetividade na produção dos artigos científicos, uma vez que a pesquisa científica é, em si mesma, um processo subjetivo. Sendo assim, mesmo que se pretenda uma produção científica objetiva, a subjetividade ainda pode se infiltrar em todo o processo. O artigo científico, portanto, não é isento de todo componente individual.

Desse modo, a análise dos processos existenciais proposta na presente pesquisa não ignora, pois, a subjetividade inerente ao fazer científico, mas se propõe a analisar os significados decorrentes da opção por esses processos nos artigos científicos e quais as motivações para essa escolha. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, faz-se necessário apresentar a Linguística Sistêmico-Funcional na próxima seção. Trata-se de uma teoria que oferece um arcabouço teórico robusto para compreender como a linguagem é utilizada para construir representações do mundo e das experiências humanas nos artigos científicos, alinhando-se aos objetivos desta análise crítica e reflexiva.

2 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A Linguística Sistemico-Funcional (doravante LSF) foi proposta pelo linguista inglês Michael Alexander Kirkwood Halliday. O pesquisador iniciou, no final da década de 1940, os seus estudos com base na gramática chinesa⁵. Sob a orientação de Firth, aplica conceitos teóricos à análise do chinês, buscando formular uma teoria de descrição linguística (Lima-Lopes, 2006). Mais tarde, foi reconhecido mundialmente pelo desenvolvimento de uma gramática funcional – em relação dialógica entre teoria e descrição – detalhada do inglês moderno. Professor Emérito de Linguística na Universidade de Sydney, Austrália, fundou o Departamento de Linguística em 1976.

Desde então, sua teoria linguística serve como base pedagógica para a Escola de Sydney, sobretudo depois que organizou uma conferência entre educadores e linguistas. O objetivo era tratar de práticas de letramento escolar desenvolvidas na educação básica para melhorar a produção de textos dos alunos. Fundamentados na LSF, os estudiosos passaram a desenvolver projetos diversos em contextos educacionais a fim de tornar o uso da língua mais consciente no momento da produção textual.

Oliveira (2017) destaca que estudiosos como Hasan, Martin e Matthiessen foram grandes colaboradores na expansão dos trabalhos de Halliday. Apesar de originalmente concebida para a língua inglesa, em meados da década de 1980, a teoria já havia sido implantada e testada na descrição de várias línguas (Halliday; Matthiessen, 2014). Para Gouveia, Dutra e Cabral (2022), é a capacidade de descrever gramáticas de diferentes línguas que garante a relevância da perspectiva sistemico-funcional. Hoje, a LSF já alcançou muitos países de línguas diversas, nos quais pesquisadores buscam novas possibilidades de estudo e de desenvolvimento do arcabouço teórico de Halliday.

A expansão da LSF se deve à “sua extensa capacidade de descrição e explicação dos fenômenos de base linguística (isto é, que têm no uso da língua parte da sua especificidade)” (Gouveia; Dutra; Cabral, 2022, p. 413). Por essa razão, o linguista português a considera mais do que uma teoria de descrição gramatical: trata-se de “uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana e do modo como o ser humano expressa significados e os comunica”

⁵ O linguista Halliday teve uma relação significativa com o chinês devido à sua experiência prática com o idioma. Durante seu serviço militar na Segunda Guerra Mundial, ele aprendeu chinês e posteriormente lecionou o idioma por vários anos. Essa experiência influenciou sua abordagem teórica à linguística, especialmente em relação à análise da língua chinesa, com a qual trabalhou com a descrição comparativa entre três tradições de análise: descritiva, histórica e evolucionar (Lima-Lopes, 2006).

(Gouveia; Dutra; Cabral, 2022, p. 413). Toda a aplicabilidade da teoria é possível pelos pressupostos que lhe assentam:

O trabalho de Halliday foi influenciado pelos trabalhos do antropólogo Malinowski, que cunhou o termo contexto da situação, o qual, mais tarde, exerceu importante papel no pensamento de Firth e, posteriormente, nos trabalhos do próprio Halliday (Bloor & Bloor, 1995:248), além das influências de Whorf- cuja principal assunção era a de que a percepção da realidade de uma sociedade é determinada pela sua linguagem (Bloor & Bloor, 1995:245) - e da Escola de Praga, que desenvolveu diversos estudos sobre organização temática (embora Halliday distinga os conceitos de Tema/Rema dos conceitos de Dado/ Novo propostos pela Escola de Praga). (Vian Jr., 2001, p. 135)

Com base de origem antropológica,

os pressupostos sobre contexto de situação propalados pela Linguística Sistêmico-Funcional têm origem nos trabalhos desenvolvidos pelo antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, que Halliday conheceu por meio de seu professor e orientador, John Rupert Firth. Atribui-se a Firth o mérito por organizar a teoria etnográfica de Malinowski em um quadro teórico e metodológico de aplicação a fenômenos linguísticos. Vale lembrar aqui que os estudos de Malinowski, embora tenham incluído análises de linguagem, não são considerados linguísticos porque se assentam principalmente na avaliação do modo de vida das comunidades estudadas e não em uma pesquisa genuinamente linguística. (Morais, 2022, p. 258-259)

Morais (2022) ainda afirma que,

com esse trabalho, Malinowski inaugurou um método de estudos que investiga a linguagem em ação, propondo que pesquisadores se atentassem às interações entre os participantes como parte crucial do desenvolvimento da linguagem em uma dada situação. Em outros termos, foi assim que se formou a base teórica relacionando funcionamento linguístico e contexto, que se tornaria, mais tarde, uma influência para a teoria funcionalista da linguagem. (Morais, 2022, p. 260)

O que Halliday (1985) deixa claro, desde a primeira edição de *An Introduction to Functional Grammar*, é que sua obra é funcional por ser projetada para explicar como a linguagem é usada. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a linguagem é um recurso utilizado para fazer sentido em uma interação, isto é, serve para satisfazer as necessidades humanas. Quando os falantes entram em contato, envolvem-se e interpretam-se – seja pela escrita, seja pela oralidade –, criam-se significados e produz-se texto.

Halliday e Matthiessen (2014) concebem o texto como qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem e sua estrutura. O texto, à vista disso, é, ao mesmo tempo, uma construção e uma troca social de significados na interação entre falante e ouvinte, autor e leitor (Fuzer; Cabral, 2014). Essa interação não é apenas uma transmissão de informações, mas uma troca social de significados, na qual os participantes compartilham e constroem significados juntos. Como produto da interação, o texto é uma unidade semântica, um fenômeno rico e multifacetado.

Consoante Halliday e Matthiessen (2014), todo texto é produzido em um algum contexto de uso, o que influencia as escolhas linguísticas feitas pelo falante. O contexto inclui não apenas o ambiente físico em que o texto é produzido, mas também o propósito comunicativo, as características sociais dos participantes e o ambiente de circulação em que ocorre. Nesse sentido, o contexto é o que determina os usos da linguagem ao mesmo tempo que a linguagem é um recurso para criar significados dentro do contexto em que o texto é produzido e consumido. O texto é, desse modo, um produto de fazer sentido no contexto.

Como a língua está ligada a fatores extralinguísticos, deve ser encarada como uma estrutura maleável e adaptável a diferentes contextos situacionais, os quais ajudam a determinar sua estrutura gramatical (Gouveia, 2009). A forma como é organizada para suprir as demandas comunicativas não é arbitrária; por isso, tudo na gramática pode ser explicado por referência ao uso da língua (Halliday, 1985). Em outras palavras, as escolhas linguísticas são motivadas, mesmo que inconscientemente e de forma intuitiva, pelas variáveis contextuais em que o texto é produzido e pelos participantes que nele estão envolvidos.

Por essa razão, Thompson (2014) defende que a gramática funcional é mais eficiente ao retratar a linguagem como um sistema de escolhas.

[...] isso não significa que fazemos cada escolha consciente ou separadamente quando usamos a linguagem. Mas cada escolha contribui com algo para o significado do que é dito; e analisando as escolhas podemos explorar em detalhes como os recursos da linguagem têm sido usados para construir o significado.⁶ (Thompson, 2014, p. 35, tradução nossa)

Reconhecendo esse importante princípio, a teoria de Halliday (1985) consiste na teorização, descrição e análise da língua em um ambiente de significados, a qual é interpretada por referência a seu espaço semiótico. Eggins (2004) assegura que a língua é um sistema semiótico, de codificação convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas. Em uma interação, os falantes dispõem de um sistema no qual “operam escolhas em função daquilo que querem comunicar nas situações particulares em que se encontram” (Gouveia, 2009, p. 19). Essa escolha, diante de outras que poderiam ter sido feitas, adquire um significado.

Com essa interpretação semiótica, a LSF é, então, assim denominada ao partir das seguintes considerações:

Sistema é usado no sentido firthiano de paradigma funcional, mas é desenvolvido no construto formal de uma rede sistêmica, o que configura uma teoria da língua

⁶ Texto original: [...] this does not mean that we make each choice consciously or separately when we use language. But each choice contributes something to the meaning of what is said; and by unpacking the choices we can explore in detail how the resources of the language have been used to construct the meaning.

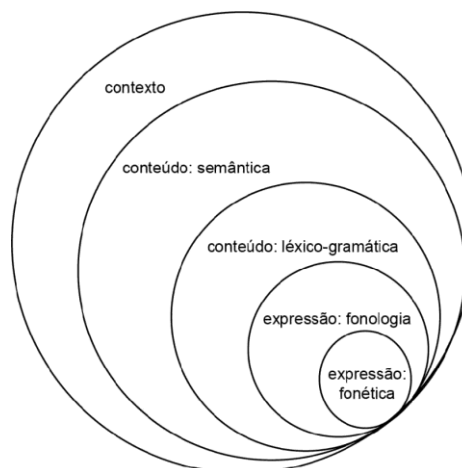
enquanto escolha. À interpretação funcionalista da linguística acopla-se uma descrição sistêmica na qual a gramática toma a forma de uma série de estruturas sistêmicas, cada estrutura representando as escolhas associadas com um dado tipo de constituinte (Halliday, 1967, p. 37) (Neves, 1994, p. 116).

A LSF, nesse sentido, estabelece relação entre os eixos paradigmático e o sintagmático – o que Matthiessen, na introdução da quarta edição de *An Introduction to Functional Grammar* (2014), aponta como um dos grandes avanços na linguística teórica do século XX. É uma teoria sistêmica porque interpreta a língua – ou qualquer outro sistema semiótico – como uma rede de opções interligadas para a construção do significado a partir de uma escolha durante uma interação. Ao mesmo tempo, é funcional por ser projetada para explicar as estruturas gramaticais de acordo com as funções que desempenham no texto.

Recusando as descrições meramente estruturais, afastando-se da análise da concepção de língua como objeto autônomo – predominante na área linguística –, a LSF elege o uso como marca fundamental para a caracterização de uma língua e para sua descrição (Gouveia, 2009). Por esse ângulo, a teoria assume caráter sociosemiótico ao conceber a língua como um sistema semiótico complexo. Essa complexidade compreende os diferentes níveis organizacionais em que são realizadas as escolhas linguísticas feitas pelos falantes (Halliday; Matthiessen, 2014).

Halliday e Matthiessen (2014) salientam que a gramática de uma língua é composta por diferentes estratos – ou camadas – que se relacionam, ou seja, há um processo de vincular um nível organizacional a outro. Esses estratos estão inseridos em dois níveis: o linguístico e o extralinguístico. Cada um deles é realizado num outro subsequente, pois todos eles têm implicações no uso da língua. A língua é, então, um sistema estratificado, o qual pode ser ilustrado pela imagem a seguir:

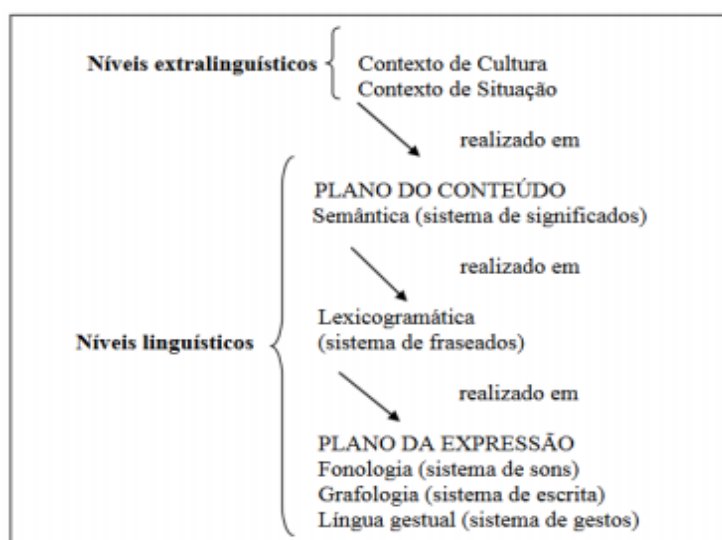
Figura 1 - Estratificação da linguagem



Fonte: Adaptado de Halliday; Matthiessen, 2014, p. 26.

Como ilustrado, no nível linguístico, a linguagem é organizada em quatro estratos – semântica, léxico-gramática, fonologia e fonética. A semântica e a léxico-gramática são agrupadas no plano do conteúdo; enquanto a fonologia e a fonética, estão inseridas no plano da expressão. No nível extralinguístico, conta-se com a natureza do contexto em que os textos são produzidos. De forma simplificada, os significados da linguagem são potencializados, para a LSF, da seguinte maneira:

Figura 2 - Estratos linguísticos e extralinguísticos

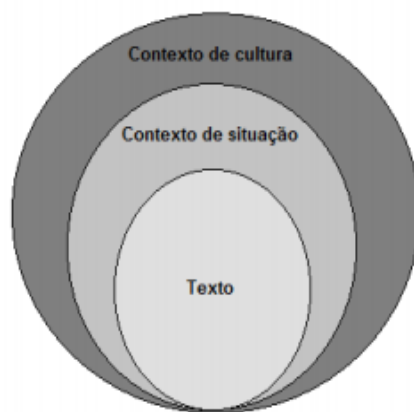


Fonte: Gouveia, 2009, p. 24.

No esquema anterior, Gouveia (2009) deixa claro que os níveis extralinguísticos mantêm relação com os níveis linguísticos, dado que o estrato do contexto se realiza no estrato

do conteúdo. Isso endossa a relação íntima entre um texto e o seu contexto na LSF, pois é a partir de um contexto que os elementos linguísticos serão definidos e os significados potenciais, ativados. Nesse sentido, Gouveia (2009) afirma que todo texto ocorre em dois contextos, sendo um o desdobramento do outro, como demonstra a figura a seguir:

Figura 3 - Divisão do nível extralinguístico



Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 26.

Nessa divisão, os contextos que determinam e possibilitam a interpretação dos tipos de escolhas feitas em um texto – escrito ou falado – são: o de cultura (gênero) e o de situação (registro). O contexto de cultura pressupõe o coletivo, uma vez que diz respeito ao potencial cultural de uma comunidade e às práticas de linguagem institucionalizadas pelos grupos sociais. É importante, sendo assim, que se compreenda o ambiente social que atravessa o texto produzido para que as escolhas dos elementos de composição do gênero sejam interpretadas potencialmente em seu contexto de situação (Halliday; Matthiessen, 2014).

Nessa relação contextual complementar, o contexto de situação concerne ao “entorno mais imediato em que o texto se insere (Fuzer; Cabral, 2014, p. 29). Esse, no que lhe toca, transparece a natureza versátil e flexível da língua, já que ela está à disposição dos falantes e se adapta aos elementos envolvidos no processo de interação para que o registro seja realizado. O contexto de situação está ligado, portanto, a variáveis do uso: *campo*, *relação* e *modo*. Em conformidade com Gouveia (2009),

[...] o campo, enquanto variável relativa à codificação da experiência, àquilo de que se fala, ao assunto do texto, determina grandemente os significados ideacionais que são expressos; a variável relações, codificadora de aspectos linguísticos relativos às pessoas envolvidas na comunicação e à relação existente entre elas, determina grandemente os significados interpessoais; e o modo, enquanto variável configuradora do modo como a linguagem funciona na interação verbal particular, isto é, se é escrita

ou falada, se é argumentativa, descritiva, etc., determina grandemente os significados textuais. (Gouveia, 2009, p. 27)

Gouveia (2009) destaca que o fato de existirem três dimensões de registro não é accidental. Nos pressupostos da LSF, a linguagem é um recurso estruturado para exercer três determinadas funções na produção de significados em situações comunicativas. Referidas como metafunções “para sugerir que a função era um componente integral dentro da teoria geral” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 31), essas funções ocorrem simultaneamente, ou seja, não são desempenhadas em uma relação de predominância ou restrição, mas, sim, de coexistência. Assim, a linguagem cumpre, concomitantemente, as metafunções ideacional, interpessoal e textual, sendo cada uma correspondente a uma dimensão do contexto situacional.

A metafunção ideacional é a responsável por transformar as experiências humanas em significados, nomeando-as e representando-as, e se expressa na variável *campo*. Enquanto isso, a linguagem também está cumprindo a metafunção interpessoal, isto é, encarrega-se de dar conta da interação entre os falantes, que a utilizam para agir – informando, questionando, dando ordem, ofertando e expressando uma avaliação –, e é realizada na variável *relações*. Paralelamente, a linguagem tem a atribuição de habilitar a construção de experiências e o desenvolvimento de relações interpessoais em um texto. Dessa maneira, cumpre a metafunção textual, a qual ocorre na variável *modo*.

A partir da consideração da existência de metafunções, é possível verificar, por meio de descrição, como as línguas naturais se estruturam, se organizam com base em tais princípios funcionais de caracterização da linguagem humana. Desta forma, as funções da linguagem, ou metafunções, dão lugar a componentes gramaticais, sendo que tais componentes conjugam redes de sistemas de escolhas de caracterização semântica. Assim, temos uma componente gramatical de valor ideacional, uma outra de valor interpessoal e uma outra, ainda, de valor textual. (Gouveia, 2009, p. 17)

Reconhecendo que a funcionalidade é intrínseca à linguagem, a LSF coloca em questão a dimensão paradigmática da língua, fortalecendo, assim, o seu caráter paradigmático também. Além de ser uma teoria de descrição gramatical das escolhas linguísticas, a teoria hallidayana “fornece instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual” (Gouveia 2009, p. 14). Assim sendo, por permitir que todos os significados da língua sejam explicados por meio da gramática, torna-se pertinente explorar, a seguir, as metafunções.

2.1 Metafunção ideacional

Thompson (2014) assegura que, para além da interação, os falantes usam a linguagem para tratar não só do mundo externo – coisas, eventos, qualidades etc. –, mas também do mundo interior – pensamentos, sentimentos, crenças etc. Na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem compreende um conjunto de recursos para fazer referência às entidades do mundo e às maneiras pelas quais essas entidades agem ou se relacionam entre si (Thompson, 2014). É usada, em outras palavras, para representar o mundo, nomeando e interpretando coisas.

Sob a proposta teórica de Halliday e Matthiessen (2014), a linguagem serve à interpretação da experiência humana, pois não há nada no mundo que não possa ser transformado em significado. Assim, a depender da intenção e do contexto da situação comunicativa, os falantes escolhem – do que é oferecido pela rede de opções – as estruturas linguísticas as quais parecem suficientes para construir significados experienciais. Tratando da representação do mundo que cerca os indivíduos, a linguagem pode ser analisada, no nível léxico-gramatical, por meio do sistema de transitividade.

Thompson (2014) esclarece que o termo “transitividade” não diz respeito à distinção de verbos quanto a seus complementos ou não. Mantendo o foco no grupo verbal, trata-se de um sistema que fornece os recursos léxico-gramaticais para observar a gramática da oração como representação e descrevê-la. A oração, por sua vez, é composta de processos, participantes e eventuais circunstâncias. Esses componentes são “categorias semânticas que explicam de modo mais geral como fenômenos de nossa experiência do mundo são construídos na estrutura linguística” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41).

O processo, na construção do significado ideacional, é o elemento mais central na configuração da oração e se desenrola ao longo do tempo. Perto do centro, encontra-se pelo menos um participante – realizado por um grupo nominal – inerente ao processo, provocando sua ocorrência ou sendo afetado por ele de alguma forma. Juntos, esses dois componentes configuram o centro experiencial da oração. Como um acréscimo opcional a ele, os elementos circunstanciais – tipicamente realizados por locuções adverbiais e advérbios – não são diretamente envolvidos no processo, alcançando um *status* mais periférico na estrutura oracional, mas giram em torno dele (Halliday; Matthiessen, 2014).

Na codificação da realidade experiencial, as escolhas feitas no sistema de transitividade estão relacionadas à dimensão da variável *campo*. À transitividade, assim, cabe dar conta de

quem fez o quê a quem em que circunstâncias, uma vez que há diversos tipos de ações e atividades se desenrolando no mundo (Gouveia, 2009). Em função disso, a escolha do processo implica papéis e configurações de participantes associados (Eggins, 2004). Fuzer e Cabral (2014) analisam que a

(...) transitividade é, na GFS, um sistema de relação entre componentes que formam uma figura. Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem faz o quê) e, eventualmente, de circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como, por que etc.). As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação dos processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comportar-se. (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41)

Halliday e Matthiessen (2014) concebem figura como a configuração de elementos centrada em um processo. Em vista disso, Fuzer; Cabral (2014) compreendem que a figura é o significado produzido pelos processos, associados as outras duas categorias semânticas. Nesse sentido, as orações se constituem em torno dos processos – responsáveis por codificar as realizações e as experiências. Núcleo da configuração oracional, os processos são realizados tipicamente pelo grupo verbal e tratam-se, portanto, de eventos que constituem atividades humanas realizadas no mundo (Thompson, 2014).

O ser humano é capaz de produzir diversos tipos de oração ao representar esse fluxo de eventos do mundo físico, mental e social. Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que a gramática distingue os processos do mundo externo ao indivíduo e os processos do seu mundo interior, da consciência. A produção do significado ideacional, então, dá-se por meio de três tipos principais de processos: materiais, mentais e relacionais. Na fronteira entre esses, há outros três processos secundários: existenciais, comportamentais e verbais.

Há, desse modo, no sistema de Transitividade, seis possibilidades de realização de processos nas orações:

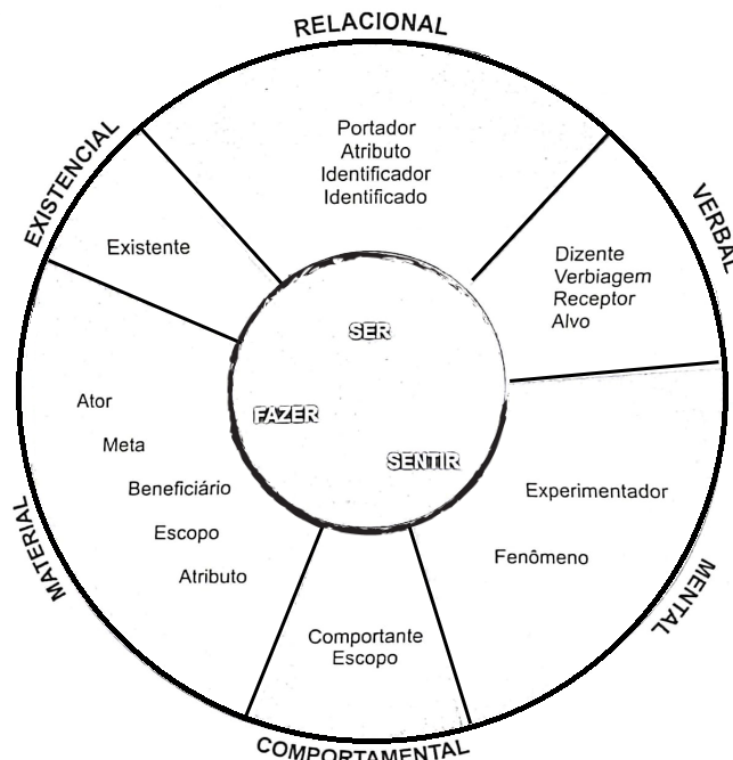
Figura 4 - Tipos de processos nas orações



Halliday e Matthiessen (2014) sugerem que essa apresentação da categoria dos processos principais e secundários é uma metáfora visual concreta a qual forma um círculo, um espaço contínuo. Os autores asseveram que não há uma separação clara entre eles. Para o estudo dos tipos de orações, considera-se que não há prioridade de um processo sobre o outro, uma vez que são ordenados e, sobretudo, reconhecidos como intermediários. Eles compartilham algumas características e assumem, desse modo, um modelo único para a construção de determinada experiência como figura.

Com configuração e característica específicas, cada processo se encarrega de construir e interpretar experiências interiores e exteriores em domínios de significados do mundo do falante. Nesse sentido, em torno de cada tipo de processo que está sendo representado, a categoria semântica “participante” assume diferentes facetas e denominações. A depender das escolhas realizadas pelos usuários da língua, os participantes são categorizados de acordo com seu valor semântico:

Figura 5 - Tipos de participantes nas orações



Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 45.

A análise da natureza dos participantes envolvidos no sistema de processos deixa claro que, para Halliday e Matthiessen (2014), a transitividade – um sistema da oração – afeta não apenas o verbo servindo como processo, mas também participantes e circunstâncias. Na teoria hallidayana, um mesmo grupo – e até mesmo forma – verbal pode realizar processos diferentes. Esse traço de plasticidade se deve à indeterminação sistemática, princípio fundamental em que o sistema se baseia e que possibilita diferentes combinações léxico-gramaticais (Fuzer; Cabral, 2014), as quais são configuradas em seis possíveis tipos de orações.

2.1.1 Orações materiais

Entende-se como oração material a que descreve os processos do fazer⁷, expressando ações, acontecimentos que estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. Se

⁷ Os processos materiais, ou processos de “fazer”, envolvem uma gama de ações e de acontecimentos do mundo real. Na adaptação dos verbos que exprimem significado material, Fuzer e Cabral (2014) apresentaram uma

há uma ação sendo realizada, há sempre um participante, denominado Ator. Nessa oração, “esse participante traz o desenrolar do processo ao longo do tempo, levando a um resultado que é diferente da fase inicial do desdobramento” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 225, tradução nossa). Nas orações materiais, o participante pode ser: Ator, Meta, Escopo, Beneficiário ou Atributo.

Para os autores, quando há apenas um participante inerente ao processo, esse resultado pode ser limitado ao próprio Ator. No entanto, as orações materiais podem expressar a noção de que alguma entidade realiza a ação para uma outra. Nesse caso, o Ator e a Meta são os dois principais participantes, sendo o Ator (participante que executa a ação) inerente às orações intransitivas e a Meta (participante que recebe o impacto da ação) inerente às orações transitivas (Fuzer; Cabral, 2014).

Atente-se à análise léxico-gramatical de uma oração material realizada no *corpus*:

E1	É o caso do jornalista/designer que produz o infográfico, uma vez que ele marca sua valoração sobre tema a partir das seleções verbais e visuais que faz para compor o enunciado. (A5)		
	que	produz	o infográfico
	Ator	Processo material	Meta

Na construção em questão, o pronome relativo “que” introduz a oração, em um mecanismo coesivo de recuperação de seu referente: “jornalista/designer”. O referente desse elemento textual é o participante que investe energia no processo “produz” e o desenrola: “jornalista/designer” é o Ator. Nesse desenrolar, o participante “o infográfico” é criado e, por isso, é denominado Meta. Na oração, o efeito do significado material construído na representação está relacionado à atividade do jornalista/designer na produção do infográfico, essencial na seleção e na apresentação das informações visuais e verbais no texto.

Diferentemente desses dois participantes, envolvidos no fazer, o Escopo de uma oração material não é afetado pela performance do processo. Muniz da Silva e Soares (2018) apontam que o Escopo ocorre estritamente em orações intransitivas. Juntos, o verbo e o Escopo constituem uma figura material. Quando constrói o domínio no qual o processo se desenrola, é chamado de Escopo-entidade:

listagem extensa e inacabada, como afirmam as autoras. Nesse sentido, optou-se, aqui, por não incluir o quadro à descrição das orações materiais.

E2	A coleta de dados teve a duração de um semestre com registros em vídeos, anotações em diário de campo e composição de portfólio docente construído pelos professores bilíngues sobre a participação dos alunos em atividades propostas pela Banca da Ciência, que seguiram as etapas: (A7)		
	que	seguiram	as etapas
	Ator	Processo material	Escopo-entidade

Nesta oração elaborada, o Ator é recuperado, em um mecanismo coesivo, pelo pronome relativo “que”: “atividades propostas pela Banca da Ciência”. Essas atividades serviram de objeto de estudo durante a coleta de dados e são responsáveis por gerar os resultados registrados. O participante Escopo-entidade é “as etapas”, não afetado pela performance do verbo. Esse componente representa os passos seguidos durante a execução das atividades e tem relação direta com as atividades propostas – com sua extensão ou abrangência.

Quando é responsável pela construção do próprio processo, é Escopo-processo.

E3	Já, na barriga da nossa mãe, ouvimos e percebemos nosso batimento cardíaco. Vivenciamos de forma multifacetada estes sons. Ora são sons que produzimos, como nosso soluço, ora são sons produzidos por meios externos, como o respirar de nossa mãe ou da água caindo no chão quando ela toma banho. Os movimentos que executamos, por possuir pulso/ritmo, naquele pequeno espaço, tornam-se som. (A8)		
	quando	ela	toma
	Elemento textual	Ator	Processo material
			Escopo-processo

Nesta oração, introduzida pelo elemento de valor temporal “quando”, o participante “ela” atua como Ator, representando a mãe, que é a pessoa que realiza a ação. Já o Escopo-processo “banho” representa a atividade específica realizada pela mãe, que é tomar banho. Nesse caso, o Ator “ela” constrói o próprio processo. Esses participantes contribuem para descrever a situação em que ocorrem os sons percebidos pelo feto no útero materno, fornecendo detalhes sobre o contexto em que esses sons são experimentados.

Outro participante que pode ocorrer em uma oração material é o Beneficiário. Ele é afetado pelo desenrolar do processo realizado porque se beneficia dele, não necessariamente associado ao recebimento de coisas positivas (Fuzer; Cabral, 2014). Assim sendo, pode ser classificado, conforme Eggins (2004), como Destinatário, aquele que recebe bens materiais, ou Cliente, aquele para quem algo é feito. Esses dois tipos podem ocorrer com ou sem preposições, dependendo de sua posição na oração.

Considere a realização do significado material e do participante afetado pelo desenrolar do processo:

E4	Pensando nessas relações, foi atribuída uma atenção especial às ressonâncias discursivas dos estudantes em relação ao posicionamento deles para com o ensino de língua materna. (A12)		
	foi atribuída	uma atenção especial	às ressonâncias discursivas dos estudantes em relação ao posicionamento deles para com o ensino de língua materna
	Processo material	Meta	Beneficiário Recebedor

Na oração material em análise, o Ator não está explicitamente indicado porque a oração está estruturada na voz passiva. No entanto, é possível inferir quem está realizando a ação, isto é, desempenhando o papel do Ator, considerando-se o contexto geral. O Ator seria aquele que atribuiu uma atenção especial às ressonâncias discursivas dos estudantes em relação ao ensino de língua materna. Nesse caso, pode-se pressupor que os responsáveis por essa atribuição seriam os pesquisadores e demais envolvidos no estudo ou na análise das ressonâncias discursivas dos estudantes.

Apesar de o Ator não estar explícito, o participante "Meta" é "os estudantes", alvos ou focos da atenção especial atribuída. São aqueles cujas ressonâncias discursivas estão sendo consideradas e analisadas em relação ao ensino de língua materna. O participante Beneficiário é o componente que recebe o benefício ou o impacto da ação realizada pelo Ator. Aqui, as ressonâncias discursivas dos estudantes são beneficiadas pela atenção especial dedicada a elas, o que pode levar a uma compreensão mais profunda do posicionamento dos estudantes em relação ao ensino de língua materna.

Por último, é realizável, também, o componente Atributo. Trata-se do elemento, na oração material, responsável por figurar um estado qualitativo do Ator ou da Meta da oração. Mesmo sendo típico de orações relacionais, pode construir significados em orações materiais como Atributo resultativo ou descritivo. O primeiro serve para construir um estado qualitativo resultante do participante Ator ou da Meta após o processo se completar; enquanto o segundo especifica o estado em que se encontram o Ator ou a Meta quando tomam parte no processo (Fuzer; Cabral, 2014).

Verifique a realização do Atributo no seguinte fragmento:

E5	Coseriu considera essa distinção indispensável para a compreensão do que é a linguagem e como ela funciona: “não podemos entender a linguagem se a considerarmos apenas como atividade, apenas como saber, ou apenas como produto, ou se considerarmos esses pontos de vista como equivalentes” (COSERIU, 1985, p. xxix). (A19)		
	Coseriu	considera	essa distinção
	Ator	Processo material	Atributo descritivo

O significado material construído na representação expressa que Coseriu atribui grande importância à distinção mencionada anteriormente (entre a linguagem como atividade criativa e não apenas como um produto). A construção desse significado conta com três componentes: "Coseriu" é o participante Ator, representando a pessoa que realiza a ação de considerar algo como indispensável; "essa distinção" é a Meta, o elemento sobre o qual a ação é direcionada, ou seja, é o que Coseriu considera indispensável; e "indispensável" é o Atributo, descrevendo a qualidade ou importância da distinção mencionada.

No contexto em questão, "considerar" realiza um processo material com um Atributo resultativo. Esse atributo material serve para construir um estado qualitativo resultante da Meta depois que o processo "considerar" se completou. Ao escolher o atributo "indispensável" para qualificar a consideração, o pesquisador sugere que a distinção não é apenas útil ou valiosa, mas absolutamente necessária para a compreensão adequada da natureza e funcionamento da linguagem. Se o atributo fosse "dispensável", o efeito de sentido seria diferente: o pesquisador sugeriria que a distinção não é essencial e poderia ser ignorada ou substituída por outras perspectivas teóricas.

2.1.2 **Orações mentais**

Enquanto as orações materiais representam a experiência do mundo, as orações mentais dizem respeito à experiência do mundo interno da mente. Halliday e Matthiessen (2014) reconhecem que os processos mentais indicam a mudança de fluxo de eventos, os quais acontecem na consciência humana, e, por isso, não expressam uma ação ou um feito realizado por um participante. Esses processos constroem a própria consciência do falante, uma vez que se relacionam às reações mentais.

Os processos mentais, nesse sentido, sempre envolvem pelo menos um participante – do tipo nominal – humano: o participante em cuja mente o processo ocorre (Thompson, 2014). Individual ou coletivo, esse participante – intitulado Experienciador – deve ser dotado de consciência para vivenciar processos de ordem mental, como pensar, sentir, perceber, querer, imaginar etc. Por isso, mesmo que um participante inanimado seja representado em uma oração mental, um grau de humanização lhe é concedido para que o processo seja viável.

O outro participante do processo mental é chamado de Fenômeno. Halliday e Matthiessen (2014) compreendem que se trata do complemento do processo que se refere ao que é sentido, pensado, percebido, conhecido ou desejado, o que revela que não existe um processo mental intransitivo. Desse modo, relaciona-se à oração mental, mas não é parte do conteúdo do pensamento. Esse tipo de entidade, segundo Halliday e Matthiessen (2014) e

Thompson (2014), não se limita a nenhuma categoria gramatical e, por isso, é menos restrito do que as entidades que podem atuar como participantes de um processo material, pois pode apresentar as seguintes características:

- pode ser uma coisa ou entidade (pessoa, criatura, instituição, objeto, substância ou abstração), tipicamente realizado por grupos nominais;
- pode ser um ato ou um fato, realizado por orações;
- pode ser metafórico, tendo uma nominalização como núcleo, denotando um processo ou qualidade tida como uma coisa (por exemplo, "A reforma da escola me alegrou"). (Fuzer; Cabral, 2014, p. 55)

Na codificação de significados da ordem do pensar e do sentir, Halliday e Matthiessen (2014) dividem os verbos de processo mental em três classes: cognição, carinho e percepção. Thompson (2014) revisa essa divisão e identifica quatro subcategorias de processos mentais: os perceptivos (ver, ouvir etc.); os emotivos ou reativos (processos de sentimento); cognitivos (processos de decidir, saber, compreensão etc.); e desiderativos (processos de querer e desejar), categoria não incluída em Halliday e Matthiessen (2014).

Essas quatro também foram contempladas em Fuzer e Cabral (2014) e foram adaptadas para a língua portuguesa:

Quadro 2 - Exemplos de verbos que realizam processos mentais língua portuguesa

Processos mentais	Verbos
Perceptivos	cheirar, desconfiar, distinguir, escutar, excitar, experimentar, magoar-se, melindrar-se, notar, olhar, ouvir, perceber, pressentir, provar, reparar, ressentir-se, saborear, sentir, suspeitar, ver, vislumbrar
Cognitivos	achar, acreditar, adivinhar, admirar-se, aguardar, apreciar, avaliar, calcular, compreender, computar, conceber, confiar, confundir, conhecer, conjeturar, conservar (na memória), considerar, conspirar, contar com, convencer, crer, dar-se conta, descobrir, desconcertar, desconfiar, devanear, duvidar, entender, espantar-se, esperar, esquecer, estimar, estudar, fantasiar, fingir, hesitar, hipotetizar, identificar, imaginar, impressionar, inferir, intrigar, julgar, lembrar, levar em consideração, meditar, ocorrer, olvidar, pensar, perceber, preocupar-se, pressupor, presumir, pretender, prezar, recluir, reconhecer, recordar, refletir, saber, simular, sonhar, subentender, supor, surpreender, suspeitar, temer, tocar
Desiderativos	almejar, ansiar, aquiescer, aspirar, cobiçar, concordar, decidir, desejar, determinar, esperar, estabelecer, obedecer, opor, planejar, pretender, projetar, querer, recusar, refugar, rejeitar, repelir, resolver, sujeitar-se, tencionar, tentar, sonhar
Emotivos	abominar, aborrecer, admirar-se, adorar, afligir, agradar, alarmar, alegrar, alertar, amar, amedrontar, amotinar, animar, apoiar, apreciar, assustar, atormentar, cansar, cativar, chocar, confortar, deleitar, deliciar-se, deplorar, deprimir, desagradar, desejar, desfrutar, desprezar, detestar, distrair, divertir, empenhar-se, encantar, encorajar, enfadar, enfastiar, enfeitiçar, enlevar, enojar, entreter, entristecer, esforçar-se, esgotar-se, espantar-se, exultar, fantasiar, fascinar, fatigar, gostar, enlutar, hesitar, hipnotizar, incitar, indignar, inquietar, interessar, irritar, imaginar, lamentar, lastimar, maravilhar-se, melindrar, odiar, ofender, padecer, preocupar, prevenir, querer, rebelar-se, recluir, rechazar, regozijar, repugnar, rejeitar, repelir, repudiar, repugnar, repulsar, revoltar, revolucionar, sentir, sofrer, sublevar, surpreender, temer, tranquilizar

- * Ocorrer é processo mental quando significa “lembrar”: “Ocorreu-me uma lembrança”.
 ** Tocar é processo mental quando significa “sensibilizar”: “Aquela cena triste tocou-me”.
 *** Sonhar é processo mental quando significa “querer”: “Sonho em viajar pelo mundo”.

Fonte: Halliday e Matthiessen (2014), adaptado por Fuzer e Cabral (2014, p. 58).

Considere a seguinte codificação de significados da ordem do pensar:

E6	Nessa direção, Simaki <i>et al.</i> (2017, p. 5) identificaram algumas categorias que envolvem expressões linguísticas de: acordo/desacordo, certeza/incerteza, contrariedade, hipoteticalidade, necessidade, predição, (im)polidez, evidencialidade e volição. (A2)		
Nessa direção,	Simaki <i>et al.</i> (2017, p. 5)	identificaram	algumas categorias que envolvem expressões linguísticas de: acordo/desacordo, certeza/incerteza, contrariedade, hipoteticalidade, necessidade, predição, (im)polidez, evidencialidade e volição.
Elemento textual	Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno

Em (E6), percebe-se claramente um processo mental realizado pela forma “identificaram”. Associado à cognição, este processo expressa a capacidade de compreender, reconhecer e classificar informações. No contexto do artigo, o emprego desse processo indica que o Experienciador está engajado em uma atividade de processamento mental: o

reconhecimento e a categorização de fenômenos linguísticos. Isso é o Fenômeno experienciado por "Simaki *et al.* (2017, p. 5)", indivíduos ou o grupo que está realizando a ação cognitiva de identificar.

Desvelando a interferência na consciência da pessoa, as subcategorias levantadas pelos autores têm diferentes padrões de uso na construção de significado entre os componentes das orações. Thompson (2014) atenta ao caráter de reversibilidade de alguns processos mentais: é possível ter o papel de sujeito preenchido pelo participante humano em cuja mente o processo ocorre – como ocorre em E6 – ou pelo fenômeno que aciona o processo. Essa reversibilidade, segundo o autor, decorre da natureza dos processos mentais e da forma como são concebidos semanticamente.

Tal propriedade semântica destaca a flexibilidade da linguagem em expressar diferentes perspectivas e pontos de vista sobre os processos mentais, permitindo que o falante escolha a estrutura que melhor se adeque ao contexto comunicativo e ao significado que deseja transmitir. Observe o seguinte excerto:

E7	Trazendo essa reflexão, observamos em Piccolo e Mendes (2013) a defesa de que o corpo com lesão (biológico) não determinaria o fenômeno sócio-político-cultural de subalternidade experimentado por sujeitos com deficiência. (A9)	
o fenômeno sócio-político-cultural de subalternidade	experimentado	por sujeitos com deficiência
Fenômeno	Processo mental perceptivo	Experienciador

Na oração, o fenômeno ocorreu na posição de Sujeito, sem ter interferido na realização dos participantes, por meio de uma estrutura passiva. O participante “o fenômeno sócio-político-cultural de subalternidade” é apresentado como o Sujeito da oração, destacando sua capacidade de afetar ou influenciar os sujeitos com deficiência. No exemplo, o fenômeno é percebido pelo participante humano. Nesse sentido, se a gramática interpreta o mundo da experiência como altamente indeterminado, consoante Halliday e Matthiessen (2014), o contexto social e as relações semânticas são cruciais para a identificação das categorias.

2.1.3 Orações relacionais

Enquanto as orações materiais e mentais enfocam, respectivamente, a experiência do mundo material e do mundo da consciência, em uma oração relacional, coisas, atos e fatos são

interpretados como um elemento em uma relação de ser. Para além das ordens do fazer e do sentir, as orações relacionais representam seres no mundo em termos de suas particularidades, características e identidades. Nesse sentido, as propriedades dessas orações derivam da natureza de uma configuração de ser. (Halliday; Matthiessen, 2014).

Expressando a noção de ser ou estar, os processos relacionais, dessa maneira, não implicam ação ou etapas. Eles sinalizam a existência de uma relação de identidade, uma vez que estabelecem uma associação entre duas entidades diferentes. Isso pressupõe a presença de dois participantes, os quais carregam a carga semântica da oração, sem que um afete o outro. Em decorrência disso, as orações relacionais são recursos linguísticos utilizados para ajudar na criação e descrição de elementos narrativos, bem como na definição de coisas, estruturando conceitos (Fuzer; Cabral, 2014).

Halliday e Matthiessen (2014) garantem que toda língua acomoda, em sua gramática, alguma construção sistemática de processos relacionais. No sistema da língua inglesa, ocorrem três tipos principais de relação: intensiva, possessiva e circunstancial. Essas relações referem-se à forma como os elementos da língua estão relacionados entre si em termos de intensidade, posse e circunstância. Fuzer e Cabral (2014), na descrição da língua portuguesa sob o ponto de vista da LSF, absorveram essas três classificações e as distinguiram.

As relações intensivas são empregadas para caracterizar uma entidade, ou seja, para descrever suas propriedades ou características. Em língua portuguesa, podem ser realizadas com os processos “ser” e “estar” e, ocasionalmente, com os processos “parecer”, “permanecer”, “ficar”, “andar”, “representar”, entre outros. O significado relacional por ser analisado no excerto abaixo, retirado do *corpus*:

E8	Aqui parece latente o diálogo que consideramos possível entre a reflexão barthesiana e a benvenistiana (...). (A15)		
Aqui	parece	latente	o diálogo que consideramos possível entre a reflexão barthesiana e a benvenistiana
Circunstância de localização de lugar	Processo Relacional intensivo	Atributo	Portador

O significado relacional construído nessa oração é de identificação de uma característica ou estado atribuído a um elemento específico por meio do processo “parece”. O Portador é “o diálogo que consideramos possível entre a reflexão barthesiana e a benvenistiana”, que é o elemento ao qual a característica de “latente” está sendo atribuída. O Atributo é “latente”, descrevendo a natureza do diálogo como não manifesto ou não evidente, o que sugere que o

diálogo em questão não está explicitamente presente, mas está implícito ou subentendido. Pela forma de descrição escolhida, o pesquisador, de alguma forma, revela sua avaliação, uma vez que indica que percebe uma potencialidade de diálogo entre as reflexões de Barthes e Benveniste, embora esse diálogo não seja diretamente observável ou manifesto.

Enquanto as intensivas expressam uma qualificação, as orações possessivas estabelecem uma relação de posse entre os participantes. Essa relação de posse é geralmente expressa, em língua portuguesa, por meio de um processo relacional, como “envolver”, “pertencer”, “possuir”, “ser” acompanhado da preposição “de” e “ter”. O elemento que possui algo é chamado de Possuidor, enquanto o que é possuído é o chamado de Possuído. Os significados de propriedade ou posse entre os participantes da oração é clara em:

E9	Os dados da criança escutada pertencem ao acervo do grupo de pesquisa interinstitucional NALíngua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem), coordenado pelas Profas. Dras. Alessandra Del Ré (UNESP) e Márcia Romero Lopes (UNIFESP). (A15)	
Os dados da criança escutada	pertencem	ao acervo do grupo de pesquisa interinstitucional NALíngua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem) (...).
Possuído	Processo Relacional possessivo	Possuidor

Em (E7), a identificação dos discursos está associada à categoria ou domínio do devir. “Os dados da criança escutada” é o Possuído porque se refere ao que está sendo identificado ou reconhecido. Por outro lado, “ao acervo do grupo de pesquisa interinstitucional NALíngua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem) (...)” é o Possuidor porque descreve a natureza ou a categoria à qual essa identificação pertence. Nesse contexto, o grupo de pesquisa é o detentor/possuidor dos dados, enquanto os dados da criança escutada são o que estão sendo identificados, estudados ou analisados pelo grupo de pesquisa.

Por fim, o significado relacional pode ser construído em uma oração relacional circunstancial. Nesta, a relação entre os participantes é de tempo, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, ângulo, assunto (Fuzer; Cabral, 2014). Considere a representação construída na oração abaixo.

E10	A experiência do autor como delegado de polícia parece ser uma questão de fundo que permite muitos dos seus diagnósticos, o principal deles é sobre o aumento no movimento do trottoir na cidade de São Paulo – esse é inclusive o dado principal que justificava a publicação da portaria de 1976. (A20)	
o principal deles	é	sobre o aumento no movimento do trottoir na cidade de São Paulo
Portador	Processo Relacional atributivo	Atributo Circunstancial

Nessa realização do processo relacional, o Portador representa a entidade à qual uma atribuição é feita. Nesse caso, “O principal deles” se refere ao diagnóstico principal mencionado anteriormente no texto. O processo “é” representa o processo relacional ao atribuir uma qualificação a esse Portador, estabelecendo uma relação entre esse componente e o seu Atributo. Sua característica é expressa, do ponto de vista funcional, pelo Atributo Circunstancial, dado que fornece uma circunstância na qual o diagnóstico principal se baseia. Nesse sentido, o significado relacional dessa oração relacional circunstancial é de atribuição do diagnóstico principal em relação ao aumento no movimento do trottoir na cidade de São Paulo. Prova disso é que, em uma versão alternativa da oração com o adjetivo “relativo ao”, o significado seria o mesmo.

Na rede do sistema da Transitividade, a gramática das orações relacionais é baseada nas dimensões de um sistema semiótico e, dessa maneira, modela o relacionamento entre as duas entidades na forma de orações relacionais de identidade (Halliday; Matthiessen, 2014). Essa modelagem, por sua vez, pode ocorrer em dois sistemas distintos e simultâneos: por atribuição ou identificação. Conforme Halliday e Matthiessen (2014), esses dois tipos de orações relacionais se cruzam e atravessam a experiência interna e externa das orações mentais e materiais.

Nesse sentido, os três tipos de relação podem ainda se realizar em dois modos de relação, totalizando, assim, seis possibilidades de construção de orações relacionais. Nas orações atributivas, estabelece-se uma relação entre uma entidade e alguma característica atribuída a ela, descrevendo-a. Estruturalmente, tem-se dois participantes: o Portador, a entidade que carrega o atributo (Thompson, 2014), e o Atributo. Fuzer e Cabral (2014) pontuam:

O grupo nominal que funciona como Atributo constrói uma classe de coisas e é tipicamente indefinido: pode apresentar um adjetivo ou um substantivo comum como elemento principal, com o seu artigo indefinido (Figura 44). O Atributo não pode ser um nome próprio ou um pronome, porque esses itens gramaticais não constroem classes. (Fuzer; Cabral, 2014, p. 67)

Ainda segundo as autoras, a atribuição é realizada tipicamente, em língua portuguesa, pelo processo “ser”, mas outros processos podem funcionar como processos relacionais atributivos. É o que acontece na oração em destaque abaixo, realizada pelo processo “tornar-se”:

E11	Sobre a geração de um grande volume de informações, Margolin (1994) entende que, nos jornais, a figura do designer gráfico se torna decisiva, visto que cabe a ele oferecer as informações de maneira contextualizada e organizada aos leitores, filtrando aquilo que não é relevante e lançando mão de estratégias gráficas que facilitem a compreensão. (A5)			
que,	nos jornais,	a figura do designer gráfico	se torna	decisiva
Elemento textual	Circunstância de localização de lugar	Portador	Processo Relacional intensivo atributivo	Atributo

Trata-se de uma oração relacional intensiva atributiva porque o processo “se torna” estabelece uma relação de atribuição de uma característica ao Portador. “A figura do designer gráfico” é o componente Portador porque representa a entidade à qual uma atribuição é feita, enquanto “Decisiva” é o componente Atributivo porque atribui uma qualidade ao Portador (a figura do designer gráfico). Nesse contexto, o significado relacional atributivo expressa que o designer gráfico tem um papel crucial ou determinante na contextualização e na organização das informações nos jornais, filtrando o que não é relevante e utilizando estratégias gráficas para facilitar a compreensão.

Diferentemente da configuração acima, nas orações relacionais identificativas, um dos participantes tem uma identidade determinada. Em outras palavras, alguma entidade tem uma identidade atribuída a ela, ou seja, uma entidade está sendo usada para identificar outra (Halliday; Matthiessen, 2014). Estruturalmente, há dois participantes: O Identificado do processo relacional é a entidade que recebe a identificação, enquanto o Identificador é a identidade atribuída ao Identificado. Fuzer e Cabral (2014) esclarecem que

O grupo nominal que realiza a função de Identificador é tipicamente definido: apresenta um substantivo comum como elemento principal e, opcionalmente, um artigo definido ou outro determinante específico como dêitico. Também pode ser um nome próprio ou um pronome (Figura 46). (Fuzer; Cabral, 2014, p. 69)

As autoras ainda apontam que, em língua portuguesa, a identificativa é também prototipicamente realizada pelo processo “ser”, mas também pode expressar seu significado por outros processos, do tipo “equativo”, como “atuar como”, “constituir”, “exemplificar”, “formar”, “funcionar como”, “implicar”, “indicar”, “refletir”, “representar”, “significar”, “servir como”, “sugerir”. Observe a seguinte ocorrência:

E12	Destes, principalmente Coseriu (1952), (1955-1956) e (1958) foram os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo e por delinear o que se pode chamar de concepção coseriana de linguagem. (A19)		
Destes,	principalmente Coseriu (1952), (1955-1956) e (1958)	foram	os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo e por delinear o que se

			pode chamar de concepção coseriana de linguagem.
Circunstância de localização de lugar	Identificado	Processo Relacional Identificativo	Identificador

Aqui, "principalmente Coseriu (1952), (1955-1956) e (1958)" atua como participante Identificado, ou seja, o elemento sobre o qual a informação é fornecida. Nesse caso, é o componente que identifica as obras ou trabalhos que são responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido e por delinear sua concepção de linguagem. Por sua vez, o Identificador é o participante que expressa uma característica ou propriedade identificada: "os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo (...)". Nessa realização, o processo "foram" estabelece uma relação de identificação entre o Identificador e o Identificado.

Em suma, Fuzer e Cabral (2014) apresentam o seguinte quadro-síntese quanto aos tipos e modos de relação e seus respectivos participantes principais:

Quadro 3 - Tipos e modos de relação

<i>Tipos de relação</i>	Intensivo	qualificação (ser, estar)
	Circunstancial	localização, modo, comparação, causa etc. (ser, estar, causar, referir-se)
	Possessivo	posse, propriedade (ter, possuir, pertencer a, ser de)
<i>Modos da relação</i>	Atribuição	Caracterização: Portador e Atributo, não reversível
	Identificação	Identidade única: Identificado e Identificador, reversível

Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 71.

Dentre as distinções entre esses dois sistemas, há uma propriedade gramatical significativa na identificação das orações: a reversibilidade semântica. Nas orações relacionais identificativas, os identificadores são reversíveis, o que significa que um termo pode ocupar tanto a posição de Identificado quanto de Identificador. Como sua função é identificar uma entidade em termos de outra, o processo, na identificação de processos, é equivalente ao sinal matemática de igual (Thompson, 2014).

Isso significa que o Identificado e o Identificador podem trocar de lugar nessa estrutura

sem acarretar mudança de significado representacional, como exposto na reversibilidade semântica da oração relacional:

E12.1	Destes, principalmente Coseriu (1952), (1955-1956) e (1958) foram os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo e por delinear o que se pode chamar de concepção coseriana de linguagem. ⁸ (A19)		
Destes,	os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo e por delinear o que se pode chamar de concepção coseriana de linguagem.	foram	principalmente Coseriu (1952), (1955-1956) e (1958)
Circunstância de localização de lugar	Identificado	Processo Relacional Identificativo	Identificador

No exemplo de estrutura reversível, tanto “principalmente Coseriu (1952), (1955-1956) e (1958)” quanto “os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo (...)” atuam como termos que identificam quem são as pessoas responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo. A troca de posição desses termos não altera a relação de identificação estabelecida na oração. Portanto, essa flexibilidade na ordem dos constituintes reflete a reversibilidade semântica característica das orações relacionais identificativas, a qual não se aplica às orações relacionais atributivas. Retomando o exemplo E10, é possível perceber que não há equivalência entre os participantes. Dessa forma, não se mantém o sentido caso a reversibilidade semântica seja aplicada.

2.1.4 Orações comportamentais

Os processos comportamentais gramaticalizam experiências na fronteira entre os processos materiais e mentais, ou seja, seus significados expressos têm traços em comum com os materiais e os mentais. Halliday e Matthiessen (2014) apontam que, de todos os processos,

⁸ Esta oração relacional causa a impressão de que está incompleta, mas os elementos que identificam o Identificado retomam os textos referidos no período anterior: “Kabatek (2017) refere-se ao “tempo glorioso em Montevideu” como um período em que Coseriu trouxe à luz textos marcantes como Sistema, norma y habla (1952), Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje (1954), Determinación y entorno (1955-1956), La geografía lingüística (1955) e Sincronía, diacronía y historia (1958).”.

esses não apresentam limites delimitados. Por serem quase sempre intermediários, têm poucas características gramaticais óbvias que os diferenciam e são, em grande parte, identificados por motivos semânticos (Thompson, 2014).

Halliday e Matthiessen (2014) declaram que as orações comportamentais se relacionam a aspectos exclusivamente humanos. Para Eggins (2004), essas orações são em parte sobre ação, mas a ação tem que ser experimentada por um ser consciente. Com essa particularidade, representam as manifestações externas de aspectos da consciência, ou seja, do funcionamento interno. Tratam, desse modo, de processos de comportamento tanto fisiológico quanto psicológico, como respirar e gargalhar respectivamente.

O processo comportamental, segundo Halliday e Matthiessen (2014), tem apenas um participante⁹, que é o Comportante - um ser humano consciente ou aquele que se comporta como humano. Em outras palavras, o processo não se estende, geralmente, a outro participante. No entanto, em alguns casos, o processo comportamental pode contar com um segundo participante – o Comportamento (Halliday; Matthiessen, 2014) – como uma reafirmação do processo (Eggins, 2004). Se não for com esse propósito, o outro participante é chamado de Fenômeno e acompanhado de processos vazios de significado.

Fuzer e Cabral (2014), a partir da obra de Halliday e Matthiessen (2014), expõem uma lista de processos que, em língua portuguesa, podem ser considerados comportamentais:

Quadro 4 - Exemplos de verbos que realizam processos comportamentais em língua portuguesa

Próximo ao material	Posturas corporais e entretenimentos	cantar, dançar, levantar, sentar.
Próximo ao mental	Processos de consciência representados como formas de comportamento	olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar-se, sonhar.
Próximo ao verbal	Processos verbais como formas de comportamento	tagarelar, murmurar, rosnar, falar, fofocar, argumentar, discutir.
-	Processos fisiológicos manifestando estados de consciência	gritar, chorar, rir, gargalhar, sorrir, suspirar, assobiar, choramingar, acenar (com a cabeça).
-	Outros processos fisiológicos	respirar, tossir, soluçar, arrotar, desmaiar, evacuar, defecar, urinar, bocejar, dormir.

Fonte: Halliday; Matthiessen, 2014, adaptado por Fuzer; Cabral, 2014, p. 77.

⁹ Isso, gramaticalmente, resulta na intransitividade verbal. Quanto a isso, Thompson (2014) destaca que, de forma mais geral, os processos comportamentais reforçam que categorias de transitividade são difusas e sobrepostas.

No que diz respeito a essa listagem, Cabral e Barbara (2015, p. 193) ressaltam que “os processos comportamentais constituem, na realidade, pequenos subtipos que unem características semânticas próximas da materialidade ou da consciência”. As autoras afirmam que esses processos apresentam traços de ações materiais, remetendo a posturas corporais ou movimentos do corpo, ou mentais (cognitivos e perceptivos), que representam estados de consciência. Fica claro, portanto, que são processos os quais manifestam linguisticamente os dois âmbitos da experiência humana.

Veja o exemplo a seguir, retirado do *corpus* escolhido para este estudo:

E13	Em sua política de pesquisa científica e tecnológica, visa à alta qualificação, que possa contribuir também com o desenvolvimento sustentável, com ações sobre o mercado de trabalho informal e com o ensino, de modo geral, conforme observamos no seguinte trecho: (...). (A11)		
conforme	(nós)	observamos	no seguinte trecho
Elemento textual	Comportante	Processo comportamental	Circunstância de localização de lugar

“Observar” é um processo de consciência representado como forma de comportamento. Aqui, como característica de uma oração comportamental, tem-se apenas um participante: o Comportante “nós”. Esse componente, apesar de não estar explícito na construção, é facilmente recuperado pela desinência verbal número-pessoal de primeira pessoa do plural. Segundo Cabral e Barbara (2015), a presença de apenas um participante faz o processo comportamental ser intransitivo. Nessa oração, contudo, o processo “observamos” é transitivo direto¹⁰. Apesar do cancelamento do objeto direto na oração de valor conformativo, ele pode ser implicitamente subentendido pelo contexto pela relação anafórica estabelecida. Trata-se de um complemento elíptico e, portanto, elemento contextual. Nesse caso, o Comportante oculto “nós” realiza a ação de observar as políticas e ações no âmbito da pesquisa e inovação mencionadas anteriormente no texto.

De forma geral, o efeito do significado comportamental construído na representação é o de enfatizar a atuação dos observadores – no caso, os pesquisadores – na análise e compreensão das políticas e ações relacionadas à pesquisa e à inovação nas instituições de ensino. O emprego do processo “observamos” sugere uma abordagem ativa por parte dos pesquisadores envolvidos na pesquisa, destacando a importância de perceber e compreender as diretrizes e objetivos delineados nos documentos institucionais. Isso contribui para uma maior conscientização e engajamento dos leitores com os temas tratados, promovendo uma reflexão crítica sobre a importância da pesquisa e inovação no contexto educacional e social.

¹⁰ Essa construção conformativa é regularmente usada com verbos transitivos desacompanhados de objeto, por ser seu conteúdo reconhecido contextualmente: conforme dissemos, esperávamos, pretendemos, imaginamos etc.

O processo "observamos", nesse caso, é considerado comportamental e não mental porque se refere a uma ação realizada pelos observadores (os pesquisadores responsáveis pela pesquisa) para perceber ou tomar consciência dos princípios e concepções da pesquisa e das políticas de pesquisa e inovação. Não se trata de um processo relacionado diretamente aos estados mentais ou cognitivos dos indivíduos, como “pensar”, “acreditar” ou “compreender”, mas sim de uma ação perceptiva ou conscientizadora. Portanto, apesar de traços mentais, é considerado um processo comportamental no sistema de transitividade.

2.1.5 Orações verbais

Thompson (2014) assevera que os processos verbais, de certa forma, são intermediários entre os processos material e mental. Em conformidade com o autor, vários aspectos da ação física ou do propósito mental podem ser codificados no processo. À vista disso, dizer algo é uma ação física que reflete operações mentais. As orações verbais, desse modo, exibem certas características de outros tipos de processo, contudo, diferentemente das comportamentais, assumem um padrão próprio (Halliday; Matthiessen, 2014).

Entende-se, nesse sentido, que os processos verbais são processos de ação verbal do dizer – e todos os seus sinônimos – e são realizados por um grupo verbal em que o verbo lexical é um dos dizeres. Para Halliday e Matthiessen (2014), o dizer deve ser interpretado em um sentido bastante amplo, uma vez que se relaciona com a transferência de quaisquer mensagens por meio da linguagem e promove as trocas simbólicas de significado (Eggins, 2004; Thompson, 2014). Tendo em vista a natureza do dizer, esses processos podem ser chamados, também, de processos simbólicos (Halliday; Matthiessen, 2014).

Sob a perspectiva da LSF, diferentes aspectos da experiência de eventos de fala podem ser lexicalizados em verbos de dizer. Esses processos do dizer são realizados por meio de processos ou de grupos verbais de acordo com duas características principais: os processos de atividade e os de semiose (Halliday; Matthiessen, 2014). Fuzer e Cabral (2014), com base na teoria hallidayana, organizam a seguinte listagem de verbos em língua portuguesa que realizam os processos verbais:

Quadro 5 - Exemplos de verbos que realizam processos verbais em língua portuguesa

Tipos		Exemplos
Atividade	Alvo	acusar, caluniar, criticar, culpar, difamar, denunciar, elogiar, injuriar, insultar, lisonjear, repreender, xingar
	Fala	conversar, falar
Semiose	Neutro	contar, dizer
	Indicação	anunciar, contar (algo a alguém), convencer (alguém de algo), explicar, informar, provar, relatar, persuadir (alguém de algo), prometer (algo a alguém)
		perguntar (a alguém se), interrogar, indagar(-se)
	Comando	ameaçar (alguém de algo), convencer (alguém a pensar ou fazer algo), dizer (para alguém fazer algo), exigir, implorar, mandar, pedir (para alguém fazer algo), ordenar, persuadir (alguém a fazer algo), prometer (algo a alguém), rogar, solicitar, suplicar

Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 72.

Esses verbos podem ser compreendidos como atemporais, já que não caíram em desuso ao longo do tempo e estão presentes em diferentes contextos. No entanto, não se pode desprezar, consoante Halliday e Matthiessen (2014), que, à medida que a tecnologia abre novos canais, novos verbos são adicionados aos recursos da léxico-gramática. Como exemplo disso, tem-se o verbo “tuitar”, um contemporâneo verbo do dizer ao se referir ao ato de publicar uma mensagem na rede social *Twitter*, ambiente cibernético.

O que se sugere é que, sendo assim, as orações verbais, por sua característica de fala, são um recurso importante em vários tipos de discurso. Halliday e Matthiessen (2014) apontam que, na criação da narrativa, possibilitam a constituição de passagens dialógicas. No discurso acadêmico, tornam possível citar e relatar pontos de vista de diferentes estudiosos, ao mesmo tempo em que indicam a posição do escritor com verbos como “apontar” e “sugerir”. Em reportagens, permitem ao jornalista atribuir informações de fontes exteriores, ou seja, introduzir o discurso de outrem como argumento de autoridade (Cabral; Barbara, 2012; Fuzer; Cabral, 2014).

Na construção do texto, a oração verbal é constituída de um participante que está envolvido em qualquer processo verbal: o Dizente (Thompson, 2014). Thompson (2014) afirma

que ele é tipicamente humano, todavia Eggins (2004) aponta que esse participante não precisa ser consciente, apenas capaz de emitir um sinal. De acordo com Cabral e Barbara (2012),

Normalmente exercem o papel de dizente (aquele que fala), em uma oração verbal, nomes ou grupos nominais que se referem a seres conscientes, representados lexicogramaticalmente com nomes comuns (o ministro, o jogador de futebol), nomes próprios (Dilma, Carlos Crusius), ou mesmo com pronomes pessoais (você, elas). Entretanto, algumas formas não congruentes são observadas nessa função, em que objetos ou semioses ocupam o lugar do dizente (a agência, a nota). Quanto à posição dentro da oração, o dizente pode estar anteposto ao processo ou posposto. Há casos, em língua portuguesa, em que o dizente não se manifesta, especialmente quando é utilizada a voz passiva [...]. (Cabral; Barbara, 2012, p. 583-584)

As orações verbais acomodam três participantes além do Dizente: Verbiagem, Receptor e Alvo. Se o dizer exige um complemento – quem diz, diz algo a alguém –, aquilo que é declarado é intitulado Verbiagem.

A Verbiagem representa o que é falado e pode indicar o conteúdo do que é dito, o nome do dizer ou o nome de uma língua. A Verbiagem é realizada geralmente por um grupo nominal que, em muitos casos, constitui uma nominalização do que é dito. (Cabral; Barbara, 2012, p. 585)

Considere o seguinte período de um dos artigos do *corpus* com o participante Verbiagem:

E14	Já a contradição presente nas sentenças em (21d,e) e em (22d,e) prova a atribuição das propriedades objeto de referência e objeto motivador para esses mesmos argumentos. (A16)		
Já	a contradição presente nas sentenças em (21d,e) e em (22d,e)	prova	a atribuição das propriedades objeto de referência e objeto motivador para esses mesmos argumentos.
Elemento textual	Dizente	Processo verbal	Verbiagem

Como afirmam Cabral e Barbara (2012), o Dizente pode ser relacionado a grupos nominais que não se referem a seres conscientes. No excerto em questão, o Dizente é a semiose "a contradição presente nas sentenças em (21d,e) e em (22d,e)". É a contradição que realiza a ação de provar, ou seja, ela serve como evidência para atribuir as propriedades objeto de referência e objeto motivador aos argumentos mencionados. Diante disso, tem-se o responsável por tratar da atribuição, isto é, o Dizente do processo verbal "provar".

O processo "prova" é transitivo direto porque requer um objeto direto para completar seu significado. O objeto direto é "a atribuição das propriedades objeto de referência e objeto motivador para esses mesmos argumentos", indicando o que está sendo provado pela contradição presente nas sentenças. Nesse caso, o complemento do processo é o próprio participante Verbiagem ao portar o conteúdo do dizer "provar". Em outros termos, a Verbiagem é o que se prova.

Em orações verbais, é comum o participante Verbiagem ser realizado por outra oração

(Cabral; Barbara, 2012; Fuzer; Cabral, 2014). No complexo oracional, a primeira oração será verbal, e a outra, projetada, poderá produzir qualquer outro tipo de significado na representação do mundo. Essa projeção pode ser realizada em forma de Citação ou Relato. Ambas as formas são comuns em textos científicos, como o objeto desta pesquisa, porque permitem ao pesquisador fundamentar seus argumentos, apresentar evidências e situar seu trabalho dentro do contexto acadêmico de maneira clara e objetiva, contribuindo para a qualidade e credibilidade da pesquisa apresentada.

Quando se tem uma estrutura verbal com Citação, “representa-se uma voz externa como a responsável pelo conteúdo, sem interferência do produtor do texto” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 74). Em outras palavras, o produtor do texto reproduz exatamente as palavras de outra fonte na oração projetada. Isso costuma ser sinalizado, na escrita, por aspas ou travessão, em caso de diálogo. Em contexto acadêmico, a oração projetada que veicula a citação é acompanhada de referências bibliográficas. Caso seja uma citação longa, com mais de três linhas, deve ser, conforme as normas ABNT, destacada com recuo de 4cm da margem esquerda, com caractere menor que o do texto, sem aspas e com espaçamento simples entre linhas.

A passagem abaixo representa bem como se dá a citação em texto científico:

E15	Bernárdez (1995) explica que a identificação das relações retóricas emergentes em um texto segue critérios probabilísticos. Em vista disso, o linguista diz que:		
	[...] os fenômenos da linguagem não são deterministas, mas de natureza basicamente estocástica. É impossível, em consequência, prever de maneira exata os enunciados que se produzirão num contexto determinado. É também probabilística a predição dos enunciados possíveis em contextos-tipo. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 93, tradução nossa). (A13)		
Em vista disso,	o linguista	diz	que: [...] os fenômenos da linguagem não são deterministas, mas de natureza basicamente estocástica. É impossível, em consequência, prever de maneira exata os enunciados que se produzirão num contexto determinado. É também probabilística a predição dos enunciados possíveis em contextos-tipo. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 93, tradução nossa).
Circunstância de causa	Dizente	Processo verbal	Citação

O efeito do significado verbal construído na representação é imputar a Bernárdez, o Dizente, a ação de exprimir algo por meio das palavras. O processo verbal "diz" indica que Bernárdez enuncia a ideia de que os fenômenos da linguagem são estocásticos, ou seja, regidos por probabilidades e não por determinismos. Isso sugere uma visão probabilística da linguagem, na qual não é possível prever exatamente quais enunciados serão produzidos em um contexto

específico. Assim, o conteúdo do enunciado é esclarecido na oração projetada, a qual completa o sentido do processo. Essa Verbiagem reproduz as palavras exatas de Bernárdez, acompanhadas de referência bibliográfica, fornecendo suporte textual para a afirmação feita pelo autor do texto. Tem-se, então, a materialização da Verbiagem em forma de Citação, anunciada por dois-pontos.

A outra forma de configuração da Verbiagem é por meio da projeção do Relato. Por meio dessa estruturação do dizer, "atribui-se o conteúdo do dizer a vozes externas, porém não necessariamente com as mesmas palavras ou estrutura" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 74). O produtor do texto escolhe apresentar de forma sintetizada as informações provenientes de outras fontes a partir da sua compreensão, sem reproduzir, por isso, as palavras originais. Essa oração pode ser introduzida por conjunções “que” e “se” ou por uma oração não finita.

Tal construção é válida no texto científico, uma vez que permite ao autor sintetizar informações complexas, teorias extensas ou estudos detalhados, tornando o conteúdo mais acessível ao leitor, sem comprometer sua precisão. Além disso, a projeção do Relato pode ser utilizada para contextualizar o próprio trabalho do pesquisador dentro do corpo de conhecimento existente, destacando suas contribuições em relação ao que já foi pesquisado ou discutido anteriormente.

Considere a seguinte ocorrência do Relato no *corpus*:

E16	Barnárdez (1995) explica que a identificação das relações retóricas emergentes em um texto segue critérios probabilísticos. (A13)	
Barnárdez (1995)	explica	que a identificação das relações retóricas emergentes em um texto segue critérios probabilísticos.
Dizente	Processo verbal	Relato

Este período é um exemplo de oração constituída por processo verbal. O efeito do significado verbal na representação é o de atribuir a ação de explicar a Bernárdez. Nessa construção, Bernárdez é o agente responsável por realizar a explicação, o que sugere que o pesquisador do artigo se baseia nessa referência teórica para apresentar informações para o leitor. "Bernárdez (1995)" é, portanto, o participante Dizente do processo verbal. Esse processo, por sua vez, requer um complemento para completar seu significado, o que se dá pela oração projetada. O conteúdo da explicação, assim, é o participante Verbiagem em forma de Relato, carregando o conteúdo da explicação e indicando que a identificação das relações retóricas segue critérios probabilísticos, conforme explicado por Bernárdez.

O segundo participante envolvido é, também, tipicamente humano: o Receptor. Trata-se do participante a quem se dirige o processo verbal. Halliday e Matthiessen (2014) assinalam que é realizado normalmente por um grupo nominal por conta própria ou marcado por uma preposição, denotando um ser consciente, um coletivo ou uma instituição. Cabral e Barbara (2012) apontam que, em língua portuguesa, o Receptor é representado, léxico-gramaticalmente, por grupos preposicionados ou por pronomes pessoais oblíquos – realização que depende do processo verbal.

A representação do Receptor por pronome pessoal oblíquo é exemplificada pelo excerto retirado de A9:

E17	Goffman (2017) nos explica que:			
	Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigmas, como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (Goffman, 2017, p. 15) (A9)			
Goffman (2017)	nos	explica	que	Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigmas, como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (Goffman, 2017, p. 15)
Dizente	Receptor	Processo verbal	Elemento textual	Citação

Nessa construção, o Dizente do processo verbal "explica" é "Goffman (2017)". A ele é atribuída a responsabilidade de apresentar uma teoria do estigma. Depois dele na estrutura, o pronome pessoal oblíquo "nos" realiza o Receptor do processo verbal. Nesse contexto, "nos" refere-se aos envolvidos na pesquisa ou aos leitores em geral que são destinatários da explicação, com base em Goffman, cada pesquisador. Em seguida, há o processo verbal "explica", o qual anuncia o que Goffman comunica: a sua teoria sobre o estigma, fornecendo uma explicação sobre como ele é construído e utilizado na sociedade.

Como verbo transitivo, requer um objeto, o qual é projetado na Verbiagem em forma de citação. O complemento é a oração sobre a teoria do estigma e seu funcionamento na sociedade,

ou seja, o conteúdo da explicação fornecida pelo pesquisador sob aporte teórico. Ao citar Goffman diretamente, o pesquisador demonstra que está baseando suas afirmações em fontes confiáveis e reconhecidas no campo da teoria social, aumentando a credibilidade de sua própria argumentação.

Halliday e Matthiessen (2014) explicam que essa pessoa a quem a mensagem é endereçada (o Receptor) pode ser diferente da entidade para a qual é direcionado: o Alvo. Esse participante, que não precisa ser humano, é a entidade atingida pelo processo de dizer e sobre o qual o dizente age verbalmente. Conforme Cabral e Barbara (2012), quando as orações verbais apresentam Alvo, dificilmente projetam orações, isto é, não se tornam representação do conteúdo linguístico de outra. Atente-se à realização desse aspecto no *corpus*:

E18	Como o nosso corpus é formado por TD de vadiagem, a fórmula de confiança da autodesignação sofre um abalo: a declarante não pode declarar o enunciado básico testemunhal ("eu [não] estava lá") dentro do enquadramento de um tipo penal de autor, o que é exigido é que a declarante suspeita prove ser o que ela diz ser ou prove não ser o que a polícia a acusa de ser. (A20)			
O que	a polícia	a	acusa	de ser
Atributo	Dizente	Alvo	Processo verbal	Relato

O processo "acusa" tem um participante Dizente, que seria a polícia, autoridade responsável pela acusação. O processo "acusa" denota que o Dizente está alegando que a declarante é culpada de algo, possivelmente relacionado a um tipo penal. Nesse caso, o participante Alvo é realizado gramaticalmente pelo pronome pessoal oblíquo "a" e refere-se à pessoa que está sendo alvo da acusação, neste caso, a declarante. A presença do participante Alvo é essencial para compreender o contexto da acusação e a situação em que a declarante se encontra.

2.1.6 Orações existenciais

Como pode existir qualquer tipo de fenômeno interpretado como uma coisa, os processos existenciais estão localizados no limiar entre os relacionais e os materiais, uma vez que há pouca diferença entre os seus significados (Halliday; Matthiessen, 2014). As orações existenciais são classificadas por Halliday e Matthiessen (2014) como aquelas que representam algo que existe ou acontece. Apesar de serem menos frequentes que as construções com os

demais processos, a construção de significado existencial é importante para vários tipos de textos que circulam na sociedade.

Na descrição feita por Halliday e Matthiessen (2014), as orações existenciais são fáceis de identificar, pois a estrutura envolve o uso da palavra "there", como no exemplo dado pelos autores: *"There is a book on the table, and a bag on the chair"* (O livro está na cadeira, e a bolsa na cadeira.). Eggins (2004) aponta que isso se dá porque, na língua inglesa, não existe uma oração sem sujeito. Nesses casos, a palavra "there" não codifica nenhum significado representacional na estrutura da transitividade da oração: é usada como um sujeito existencial, não exprimindo uma circunstância de local. Sua função é indicar a existência e evitar a necessidade ou a possibilidade de outro participante na oração (Halliday; Matthiessen, 2014; Thompson, 2014).

Essa realização, por sua vez, não acontece na língua portuguesa porque se trata de uma língua que admite uma oração sem sujeito. Sendo assim, os processos existenciais são prototipicamente realizados pelo processo “haver” (Fuzer; Cabral, 2014). Fuzer e Cabral (2014) apresentam a seguinte adaptação de verbos em língua portuguesa que realizam os processos existenciais:

Quadro 6 - Exemplos de verbos que realizam processos existenciais em língua portuguesa

Tipos		Verbos
Neutros	existir	existir, perdurar, restar, sobreviver
	acontecer	surgir, acontecer, ocorrer, ter (lugar), suceder,
Com traços circunstanciais	tempo	sucedor, resultar, seguir-se
	lugar	situar-se, localizar-se, encontrar-se, estar (suspensão), surgir, emergir, crescer
Abstratos		irromper, florescer, vigorar

Fonte: Fuzer; Cabral, 2014, p. 80.

Nessas construções, eles expressam a existência de uma entidade – pessoa, objeto, instituição, ação ou evento – sem nenhuma predicação. Sua estrutura básica serve para introduzir ou identificar uma entidade ou fenômeno, indicando simplesmente sua existência ou

ocorrência, sem atribuir qualquer ação ou característica específica a ela. Logo, seu único participante obrigatório é o Existente.

A realização do significado existencial pode ser analisada na seguinte passagem do *corpus*:

E19	Esses dados apontam que há reconhecimento de traços de outros gêneros na constituição destes enunciados. (A4)		
que	há	reconhecimento de traços de outros gêneros	na constituição destes enunciados
Elemento textual	Processo existencial	Existente	Circunstância de localização de lugar

A construção anterior foi escolhida em razão do significado existencial estar concentrado no processo prototípico do existir: “há”. Por meio dele, tem-se como efeito a indicação da existência de algo; neste caso, o reconhecimento de traços de outros gêneros na constituição dos enunciados. O processo “há” denota a existência de uma situação ou condição específica, fornecendo uma afirmação sobre a realidade descrita. Sendo assim, o Existente desse processo é “reconhecimento de traços de outros gêneros na constituição destes enunciados”. Nessa oração, a circunstância de localização é importante porque fornece contexto e especificidade ao Existente.

Thompson (2014) aponta que, quando uma oração existencial é construída, há uma renúncia. O falante recusa a oportunidade de representar o participante, o Existente, como envolvido em qualquer acontecimento, o que é explícito pelo padrão estrutural dessa oração. Thompson (2014) garante que quaisquer detalhes sobre o Existente podem ser fornecidos por elementos circunstanciais – menos centrais para o significado existencial. Eles geralmente expressam circunstância de localização e de modo (Fuzer; Cabral, 2014). Essa pode ser considerada a maior diferença do processo existencial para os processos limítrofes.

No que diz respeito às interseções, as orações existenciais frequentemente se fundem com as materiais em função de uma categoria especial na fronteira entre esses processos. Em relação a processos relacionados a tempo meteorológico, Halliday e Matthiessen (2014) consideram que alguns são interpretados existencialmente e outros como eventos materiais quando o Ator é um elemento da natureza. Além disso, as representações desses fenômenos podem ser realizadas por meio de orações relacionais atributivas. Essas diferentes representações, no entanto, não serão tratadas nesta pesquisa.

2.2 Metafunção interpessoal

No processo de interação, os falantes da língua a utilizam para que as relações sociais sejam estabelecidas e os papéis sociais, cumpridos. Quando a linguagem é utilizada na troca de significados, a comunicação é inerentemente bidirecional (Thompson, 2014), uma vez que os interlocutores revezam seus turnos de fala e assumem papéis de fala diferentes e de maneira constante. Essa relação social evidencia que ser capaz de dialogar significa ser capaz de negociar a troca de significados de atitudes, interação e relações sociais, isto é, significados interpessoais (Eggins, 2004).

Abordando a gramática de interação sob uma perspectiva semântica, a linguagem é encarada como ação (Halliday; Matthiessen, 2014), dado que os sujeitos agem conforme suas necessidades a cada propósito comunicativo. Thompson considera que, em certo sentido, esses propósitos são claramente ilimitados, pois a intenção pode ser afirmar, solicitar, pedir, confirmar, questionar, concordar, rejeitar, avaliar, oferecer etc. À vista disso, a teoria hallidayana identifica que os propósitos mais fundamentais em qualquer troca de significados são dar e receber.

Essa troca, por sua vez, é um processo compensatório, já que dar implica receber e pedir ou solicitar implica dar, no sentido de agir, em resposta. Quando a linguagem é usada para troca de informação, o interlocutor dá o retorno mediante a linguagem. Tem-se, assim, uma proposição quando se desempenha um papel verbal. No entanto, a resposta não é necessariamente verbalizada. Ao ser utilizada para demandar bens e serviços, a linguagem tem função mais auxiliar na troca. Sendo a resposta tipicamente uma ação em vez de palavras, tem-se uma proposta (Halliday; Matthiessen, 2014).

A distinção entre proposição e proposta é de extrema importância, como defende Gouveia (2009), pois evidencia de que forma a linguagem é utilizada para agir sobre o outro. Por esse ângulo, a oração é parte da interação entre falante e ouvinte e toma diferentes formas consoante a natureza daquilo que está a ser trocado (Gouveia, 2009, p. 35). A LSF, nesse sentido, reconhece que, construindo e encenando as interações pessoais e sociais dos indivíduos, a linguagem exerce a metafunção interpessoal.

Há, para isso, um sistema que trata de aspectos gramaticais essenciais para a ocorrência do diálogo produzido e para a construção dos significados interpessoais. A metafunção interpessoal conta com o Sistema de MODO, responsável por realizar, no nível léxico-

gramatical, as proposições e propostas. Nele, apresentam-se diferentes modos oracionais, os quais processam, prototipicamente, determinadas funções da fala: interrogativo, declarativo e imperativo.

Do ponto de vista interpessoal, a oração declarativa se organiza, no sistema de MODO, em dois componentes básicos: Modo e Resíduo¹¹. A presença desses dois elementos formaliza um padrão, bem como sinaliza que a oração não é imperativa e que a ordenação deles distingue um texto declarativo de um interrogativo (Thompson, 2014). Para Cabral e Fuzer (2014), os dois têm motivação semântica, mas contribuem de maneiras diferentes na estruturação da oração.

Segundo Thompson (2014), os significados interpessoais tendem a se agrupar em torno do Modo, mas isso não significa que fique confinado à determinada parte da mensagem. Como não estão inerentemente ligados a constituintes específicos, espalham-se pela oração inteira, podendo, inclusive, ser cumulativos e expressos em vários pontos da oração. Ainda conforme o autor, a posição a qual um significado interpessoal ocupa na oração é significativa, mas o quadro de opções é extenso.

Os Adjuntos Modais demonstram, nesse sentido, importância na troca interacional, pois, operando em diversas posições na oração, manifestam os significados interpessoais. Eles permitem que se torne possível observar as maneiras pelas quais os sujeitos estruturam orações para interagir uns com os outros, uma vez que, atuando estrategicamente, dependem das motivações comunicativas do falante. Torna-se pertinente, portanto, a compreensão dos recursos interpessoais de polaridade e de modalidade.

2.2.1 Polaridade

Em associação com a oração como proposição ou proposta, a oposição positivo/negativo é bastante certa de ser gramaticalizada em todas as línguas (Halliday; Matthiessen, 2014). A polaridade diz respeito exatamente a essa escolha entre a positividade e a negatividade em

¹¹ Segundo Cabral (2008, p.6), o “Modo é constituído de Sujeito seguido de Finito; já o Resíduo abrange o verbo, os complementos verbais e o restante dos elementos da oração. Nas orações declarativas negativas, em português, o Modo é constituído pelo Sujeito seguido de negação, e o Resíduo, pelo restante da oração”. Em relação ao aspecto interpessoal, o Modo constitui a parte mais importante da oração. Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, não se teve como objetivo aprofundar as características e diferenças entre esses dois componentes.

respostas a perguntas do tipo sim/não. Em termos da interação realizada pela oração, a polaridade é uma parte básica do significado: por meio de uma estrutura gramatical específica, o sim/não, tem com função primordial justamente indagar sobre a polaridade de uma mensagem (Thompson, 2014).

Situando-se no âmbito da forma verbal, a polaridade é, no inglês, expressa no Finito pelas sentenças positivas – afirmativas – ou negativas. Essa configuração, no entanto, não acontece no português, uma vez que a polaridade negativa é distinguida pelo uso de um advérbio de negação (Gouveia, 2010). Sendo assim, a polaridade positiva é realizada na oração de forma não marcada, enquanto a polaridade negativa é expressa por meio do acréscimo do elemento responsável pela negação.

Observe o excerto de um dos artigos científicos do *corpus*:

E20	A legitimação e oficialização da língua de sinais ao redor do mundo proporcionou às pessoas surdas uma visibilidade que outrora não era concebida. (A8)
-----	--

Essa passagem corresponde ao segundo período do primeiro parágrafo de A8. A primeira oração ilustra a gramaticalização da polaridade positiva de forma não marcada. Nela, a ideia é que a legitimação e oficialização da língua de sinais proporcionaram algo positivo, que é a visibilidade das pessoas surdas. Isso implica um reconhecimento e uma valorização das pessoas surdas e de sua língua e cultura. Por outro lado, a segunda oração transmite a ideia de que no passado a visibilidade das pessoas surdas não era concebida. A negatividade está na falta de reconhecimento ou consideração das necessidades e identidades das pessoas surdas. Em resumo, o período apresenta uma polaridade positiva ao descrever os benefícios proporcionados por essa legitimação e, ao mesmo tempo, uma negativa ao descrever a situação anterior à legitimação da língua de sinais.

2.2.2 Modalidade

Quando informações são trocadas, a oração assume a forma de uma proposição. Uma proposição, como já discutido, é algo que pode ser argumentado, uma vez que a informação é algo que pode ser aceito, afirmado ou negado (Eggins, 2004). Ainda que Finito seja inerentemente positivo ou negativo em polaridade, as duas diferentes formas de gramaticalizar,

na interação, a oposição entre a positividade e a negatividade não são suficientes diante da rede de opções à disposição da escolha do falante. Halliday e Matthiessen (2014), considerando isso, declaram que, semanticamente, existem estágios intermediários entre o sim e o não.

Essa intermediação, entre os polos positivo e negativo, é realizada por um subsistema fundamental dentro da componente interpessoal da gramática: a modalidade (Gouveia, 2009). Nele, interpreta-se a região de incerteza que fica entre o sim e o não, conferindo à interação significados interpessoais relacionados ao juízo de valor do falante em diferentes graus (Halliday; Matthiessen, 2014; Cabral; Fuzer, 2014). A modalidade é compreendida, assim, como a categoria discursiva responsável pela “tradução do julgamento/opinião das probabilidades, ou das obrigações, que envolvem o que se está a dizer” (Gouveia, 2009, p. 47).

A modalidade – evidenciando a manifestação de atitudes, avaliações, intenções, sentimentos e julgamentos – revela que o espaço entre o sim e o não tem um significado diferente para as proposições e para as propostas. Se, na interação, uma informação está sendo trocada, a modalidade trata do quão válida é a informação apresentada em níveis de probabilidade e de usualidade. Por outro lado, quando há troca de bens e serviços, a modalidade exprime as escalas de obrigação e de inclinação do falante em relação às ofertas e aos comandos. Têm-se, assim, dois tipos de modalidades possíveis em uma oração: modalização e modulação, respectivamente.

Subdividindo a modalidade, Halliday e Matthiessen (2014) deixam claro que a modalização e a modulação, em uma oração, estão relacionadas aos elementos negociados. Nessa negociação, há um “conjunto de todos os elementos linguísticos ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do falante/escritor com relação ao discurso” (Schlee, 2007, p. 1007). Isso significa que, consoante Fuzer e Cabral (2014), a valoração do falante em relação ao enunciado pode resultar de diferentes escolhas linguísticas que realizam a metafunção interpessoal.

Adaptando a descrição do inglês feita pela LSF, Fuzer e Cabral (2014) apresentam uma proposta quanto à língua portuguesa e consideram que, gramaticalmente, a modalidade é realizada pelos seguintes recursos linguísticos da interpessoalidade:

- a) vocativo: invocações do locutor durante a situação comunicativa para chamar seu interlocutor à participação na troca conversacional;
- b) expletivos: palavras ou expressões pelas quais o locutor demonstra sua reação ou opinião em relação a alguém ou algo;

- c) verbos modais: formas verbais que evidenciam o grau de comprometimento do locutor em relação a seu discurso;
- d) adjuntos modais: palavras ou expressões que indicam polaridade, modalidade, temporalidade ou modo (que revela atitude ou grau de comprometimento do locutor, por meio dos paradigmas verbais);
- e) adjuntos de comentário: palavras ou expressões que revelam o ponto de vista do locutor, indicando admissão, desejo, opinião, avaliação, predição, solicitação etc.
- f) expressões modalizadoras: expressões formadas pelos verbos “ser” ou “estar” acompanhados de adjetivos.

Considere a seguinte passagem, extraída do *corpus*:

E21	Em sintonia com a Linguística Aplicada (LA), parece-nos essencial continuar problematizando a identidade ou o status que o ensino de LP vem propagando nas escolas brasileiras, especialmente numa época marcada por profundas transformações sociais e novas exigências para a produção de conhecimentos. (A12)
-----	--

Nela, há expressão e palavra destacadas por terem função interpessoal no texto. A construção "parece-nos essencial" é uma expressão modalizadora constituída pelo verbo modal "parecer", pronome pessoal "nos" e adjetivo "essencial". Por meio dela, o pesquisador compartilha sua percepção sobre a importância de continuar problematizando o ensino de LP nas escolas brasileiras. O uso do pronome pessoal de primeira pessoa "nos" reforça essa função inclusiva do recurso linguístico de modalidade, indicando que a opinião é compartilhada pelo pesquisador e, possivelmente, por outros interlocutores. Assim, a expressão estabelece uma relação interpessoal ao revelar a posição do falante em relação ao tema discutido, contribuindo para o engajamento e o diálogo com o leitor. Já o adjunto modal de comentário “especialmente” enfatiza a importância do momento atual, marcado por profundas transformações sociais e novas exigências para a produção de conhecimentos. Essa escolha linguística contribui para estabelecer uma relação interpessoal de engajamento e interesse, mostrando que o falante reconhece a relevância do contexto social e educacional.

A possibilidade de escolher e aplicar esses recursos é, como sinalizado por Thompson (2014), típica das relações interpessoais, as quais dependem diretamente dos interlocutores e de seus contextos. A fim de atender adequadamente à sua intenção comunicativa, o falante se serve de um sistema que oferece, além da escolha de um tipo frasal – ou modo oracional –, elementos gramaticais ou lexicais, explícitos e detectáveis, por meio dos quais manifesta seu juízo de valor. Essa avaliação durante o discurso é a sustentação do Sistema de MODO de Halliday

(1994), dado que a modalidade foca na maneira como os falantes/escritores assumem uma posição (Schlee, 2007).

2.2 Metafunção textual

Além de interagir com seus interlocutores e dizer algo para eles, os falantes constantemente organizam a maneira como sua mensagem é transmitida. Ao fazerem a representação do mundo real, tomando posições carregadas de noções de avaliação, os falantes, mesmo inconscientemente, ordenam e combinam os elementos linguísticos de uma oração. Essa percepção sobre a linguagem é tomada a partir do ponto de vista da metafunção textual – a terceira e última vertente de significado feito na oração (Eggins, 2004) –, incumbida de analisar como os falantes constroem suas mensagens de forma a torná-las adequadas no processo de interação que se desenrola (Thompson, 2014).

Dentre os papéis que a linguagem exerce em uma interação, a metafunção textual é descrita por Halliday (1994) como a habilitadora. Essa descrição se dá porque, em uma relação de coexistência com as demais, ela capacita a realização dos significados ideacionais e interpessoais em um todo coerente. Em outras palavras, a representação do mundo e a interação com os outros falantes só são possíveis em significado lógico porque a metafunção textual é responsável por organizar a informação, produzindo os significados textuais.

Em uma interação, são combinados três tipos diferentes de significados, cada um expressando um tipo de organização semântica. A organização dessas três estruturas distintas, para Halliday e Matthiessen (2014), é materializada no nível da oração. Os autores asseguram, à vista disso, que a oração tem o caráter de mensagem, já que, em todas as línguas, codifica-se o significado textual – mesmo que de maneiras diferenciadas. Sob essa perspectiva, compreendem que a oração apresenta uma forma de estruturação pela qual se encaixa e contribui para o fluxo da informação do discurso (Halliday; Matthiessen, 2014).

Halliday e Matthiessen (2014) concebem informação no sentido gramatical técnico. Segundo os funcionalistas, trata-se da tensão entre o que já é conhecido ou previsível e o que é novo ou imprevisível. Em outras palavras, o Novo se refere a informações que são apresentadas como novas ou desconhecidas para o interlocutor no momento da comunicação. Geralmente são o foco da mensagem e podem incluir novos eventos, ações, objetos ou conceitos que são

introduzidos no discurso. Por outro lado, o Dado é relativo a informações que já são conhecidas ou estabelecidas na interação.

A distinção entre os conceitos é importante para a estrutura do texto, já que é a partir do conhecimento compartilhado entre os interlocutores que se estabelece uma conexão coerente entre as ideias apresentadas. Essa interação entre o novo e o não novo é o que gera, do ponto de vista da LSF, informação no sentido linguístico. Nela, o Dado normalmente precede o Novo. Nesse sentido, “a unidade de informação é uma estrutura composta por duas funções, o elemento Novo e o elemento Dado” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 116, tradução nossa).

Observe o contexto da oração destacada abaixo:

E22	As distinções de Leibniz foram desenvolvidas com a intenção de chegar ao conhecimento claro-distinto-adequado, ou de revelar a natureza do conhecimento científico e filosófico. Diante disso, Coseriu argumenta que o saber linguístico é um 'saber-fazer', em outras palavras, saber falar uma língua é um saber que só se justifica de modo imediato, pois embora o falante saiba com precisão as palavras e estruturas que deve escolher para o propósito de um evento comunicativo ele raramente conhece as regras que regulam o funcionamento de uma língua ou porque funciona da forma que funciona, pois o falante não compreende uma língua como um sistema estruturado de signos com suas relações internas. (A19)
Diante disso,	Coseriu argumenta que o saber linguístico é um 'saber-fazer' (...).
Dado	Novo

“Diante disso” é o Dado, uma vez que se conecta com informações ou argumentos anteriores no texto. Isso significa que se relaciona com uma informação já conhecida pelo interlocutor na interação estabelecida e serve como uma base ou contexto para a afirmação de Coseriu. Nessa perspectiva, o Novo “Coseriu argumenta que o saber linguístico é um 'saber-fazer’” introduz uma nova informação no texto, apresentando a afirmação ou argumento de Coseriu sobre o saber linguístico como algo novo para o leitor. É, dessa forma, o foco da oração em análise. Essa estruturação do texto, com o Dado precedendo o Novo, contribui para a coerência e coesão do discurso conforme concebido pelos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional.

A distribuição da informação em termos de elementos dados e novos no discurso é feita a nível da oração. Nela, o sistema de realização léxico-gramatical que envolve a organização da mensagem em um texto é chamado de estrutura temática. É por meio dessa estrutura que a oração carrega toda a linha de significado, elevando-se ao *status* de evento comunicativo. Isso significa dizer que a estrutura temática trata da acomodação dos constituintes, isto é, da ordem que os elementos aparecem na oração, tornando-a eficaz dado o seu propósito e o seu contexto (Halliday; Matthiessen, 2014).

Do ponto de vista da metafunção textual da linguagem, toda oração tem estrutura temática e se constitui de duas partes: o Tema e o Rema, exatamente nessa ordem. Tomando como base os estudos da LSF, Picanço e Schlee (2022) explicitam que

O Tema é o elemento colocado na posição inicial, até o final do primeiro elemento experiencial, e serve como ponto de partida da mensagem, enquanto o Rema é a parte em que o Tema é desenvolvido, isto é, o restante da oração (HALLIDAY & Matthiessen, 2014, p. 89). O Tema, conforme Eggins (2004), contém normalmente informações já fornecidas em algum momento do texto, sendo, portanto, familiar; o Rema, por sua vez, carrega informações desconhecidas ou novas. De forma prática, uma vez identificado o Tema, identifica-se, também, o Rema, pois é o que sobra na oração depois do primeiro elemento experiencial. (Picanço; Schlee, 2022)

Alicerçados nessa distinção à luz da LSF, Lima-Lopes e Ventura (2002) sobreavisam:

é preciso ter em mente que Tema–Rema e Dado–Novo são duas estruturas diferentes – ou correspondem a dois níveis de análise diferentes – que acabam por coincidir em muitos casos.

A observação da organização dos Temas de um texto e da estrutura de informação desse texto revela não apenas o que o autor coloca em destaque, como também nos traz importantes pistas sobre o desenvolvimento do texto, ajudando a determinar como a informação ali flui. (Lima-Lopes; VENTURA, 2002, p. 1)

A mensagem, nesse sentido, desdobra-se partir da proeminência temática. Na estruturação oracional, o Tema é o constituinte responsável por orientar o interlocutor a desenvolver a interpretação da mensagem com base na parte que recebeu destaque (Halliday; Matthiessen, 2014). Ao escolher o ponto de partida de uma oração, os falantes selecionam o elemento que tornará mais fácil para seus interlocutores fazerem a ligação com as orações anteriores. Torna-se elementar, por isso, atentar-se ao fato de que a mudança do ponto de partida pode não ser apropriada em determinado contexto, pois pode lhe atribuir um significado diferente (Thompson, 2014).

Lima-Lopes e Ventura (2002) defendem que

A organização temática das orações é o fator mais significativo no desenvolvimento de um texto, o que dá a essas estruturas uma importante função para a construção da coesão. Analisando-se a estrutura temática de um texto oração por oração, é possível perceber a natureza de sua textura e compreender como o escritor deixou claro para o leitor sua preocupação com a organização da mensagem, bem como sua ênfase informacional. Daí a importância do Tema para a área da análise do discurso em geral e para estudos da estrutura e do fluxo de informações de textos em particular. (Lima-Lopes; VENTURA, 2002, p. 2)

Halliday e Matthiessen (2014) sustentam que o tipo de oração em que o Tema é geralmente mais fácil de identificar é uma declarativa simples. Gouveia (2009) assevera que, no português, um termo do grupo nominal que exerce a função sintática de sujeito nas declarativas é normalmente a escolha natural para Tema – assim como também ocorre no inglês.

Desse modo, quando as funções de Sujeito e de Tema coincidem e são realizadas pela mesma unidade linguística, materializa-se um Tema não marcado.

Considere, novamente, o excerto analisado quanto à estrutura da informação. Agora, será analisado quanto à estrutura temática.

E23	As distinções de Leibniz foram desenvolvidas com a intenção de chegar ao conhecimento claro-distinto-adequado, ou de revelar a natureza do conhecimento científico e filosófico. Diante disso, Coseriu argumenta que o saber linguístico é um 'saber-fazer' , em outras palavras, saber falar uma língua é um saber que só se justifica de modo imediato, pois embora o falante saiba com precisão as palavras e estruturas que deve escolher para o propósito de um evento comunicativo ele raramente conhece as regras que regulam o funcionamento de uma língua ou porque funciona da forma que funciona, pois o falante não compreende uma língua como um sistema estruturado de signos com suas relações internas. (A19)
Diante disso,	Coseriu argumenta que o saber linguístico é um 'saber-fazer' (...).
Tema marcado	Rema

Uma vez que essa análise se dá a nível da oração, foi analisada a estrutura temática apenas da primeira oração – declarativa. "Diante disso" é o elemento que estabelece o contexto ou o tópico da proposição que será desenvolvida na oração. Ele fornece o ponto de partida para a argumentação que se seguirá, propiciando a introdução da nova informação. Neste caso, "Diante disso" indica que a afirmação que se seguirá está relacionada com algo que foi previamente mencionado ou discutido no texto. Já "Coseriu argumenta que o saber linguístico é um 'saber-fazer'" é a nova informação ou a proposição que está sendo comunicada na oração. É o foco da mensagem e apresenta o conteúdo principal que o falante deseja transmitir ao interlocutor. Neste caso, o Rema é a afirmação de Coseriu sobre o saber linguístico.

Nesse contexto, não se materializa um Tema não marcado, uma vez que a escolha feita não coincide com a função de Sujeito da oração. Isso revela que há particularidades da língua portuguesa – não previstas pela LSF – as quais denunciam que essa equivalência não é uma regra. Quando se tematiza um termo do grupo adverbial ou preposicional, funcionando como Adjunto na oração, ou um verbo cujo Sujeito está posposto na oração, tem-se um Tema marcado (Lima-Lopes; VENTURA, 2002), como o que foi escolhido na oração (E23).

Além disso, devido ao sistema de inflexão verbal do português, há estruturas em que o sujeito não é expresso, mas pode ser recuperado gramaticalmente. Da mesma forma, a presença de processos em posição temática na oração pode ser algo relativamente comum. Consoante Gouveia (2009),

algumas orações são suficientemente fora do comum para chamarem a atenção sobre si próprias, ocorrendo quando razões contextuais se sobrepõem à escolha não-marcada do Sujeito como Tema. Nessas circunstâncias, e porque foi escolhida uma outra

unidade, que não a mesma que funciona como Sujeito, para funcionar como Tema, diz-se que o Tema é marcado [...]. (Gouveia, 2009, p. 39)¹²

A análise da estrutura temática, à vista disso, comprova que a ordem dos constituintes significa muito dentro de um texto. Apreendendo a língua enquanto potencial de significados, sabe-se que as escolhas por certas construções oracionais, em detrimento de outras, apresentam maior eficácia quanto ao cumprimento e à realização de seu propósito comunicativo (Eggins, 2004). Sendo assim, no movimento entre informações fornecidas e desconhecidas, o ordenamento dos elementos constituintes costura as partes do texto, criando coesão e continuidade à medida que avança, uma vez que o Tema é um elemento coesivo (Barbara; Gouveia, 2001).

Ainda que as metafunções tenham sido descritas separadamente, conforme reforça Eggins (2004), a linguagem é estruturada para produzir os três tipos principais de significados simultaneamente. Segundo a autora,

Essa complexidade semântica, que permite significados ideacionais, interpessoais e textuais ser fundidos em unidades linguísticas, é possível porque a linguagem é um sistema semiótico, um sistema de codificação convencionalizado, organizado como conjuntos de escolhas. A característica distintiva de sistemas semióticos é que cada escolha no sistema adquire seus significados contra o pano de fundo das outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Esta interpretação semiótica do sistema de linguagem nos permite considerar a adequação ou inadequação de diferentes escolhas linguísticas em relação aos seus contextos de uso, e ver a língua como um recurso que usamos ao escolher criar significados em contextos. (Eggins, 2004, p. 3)

Para a realização, portanto, da interpretação semiótica que a esta pesquisa interessa, cabe discutir, no próximo capítulo, o gênero artigo científico sob a perspectiva sistêmico-funcional. A partir dessa discussão, acredita-se ser possível, como afirma Eggins (2004), a explorar como as escolhas linguísticas são feitas dentro desse gênero específico. Em outras palavras, a abordagem descritiva baseada no uso linguístico viabilizará entender como essas escolhas são articuladas em seu contexto de uso.

¹² Seguindo os pressupostos teóricos da LSF, o Tema é simples quando há, na oração, somente um elemento com significado ideacional. Chamado de Tema tópico, pode ser, como esclarecido anteriormente, Tema não marcado – constituído por elemento do grupo nominal na função de sujeito – e Tema marcado – no caso de o primeiro elemento não exercer a função de sujeito. Nessa condição, configura-se a oração na ordem indireta e o afastamento da prototipicidade da estrutura linguística do português (PICANÇO; SCHLEE, 2022).

3 GÊNERO ACADÊMICO ARTIGO CIENTÍFICO: O VEÍCULO DO DISCURSO CIENTÍFICO

Conforme discutido no capítulo anterior, todas as atividades humanas envolvem a linguagem (Eggins, 2004). Como uma estrutura descritiva e interpretativa útil para considerar a linguagem como recurso estratégico e gerador de significado, a LSF concebe a língua como um sistema semiótico complexo. Nele, há uma rede de opções à disposição da escolha do falante. É uma teoria, dessa forma, de caráter sociosemiótico que reconhece a língua como um sistema de significações que medeia a existência humana. Em situações sociais e concretas, as atividades têm como resultado produtos autênticos de interação social, os textos, por meio das escolhas linguísticas, em determinado contexto.

O texto, nesse sentido, é considerado reflexo das práticas sociais e das convenções culturais. Ao analisá-lo sob o aporte teórico da LSF, ultrapassa-se a análise limitada da estrutura superficial de um texto. Essa abordagem permite que se explore como as escolhas linguísticas constroem e produzem significados em diferentes contextos sociais e culturais. Isso inclui, portanto, a análise das relações entre diferentes elementos textuais, como campo, relação e modo, e como esses elementos se manifestam na organização e na estrutura de um texto.

Tal compreensão, segundo Hasan (1989), ajuda a descrever a relação entre língua e contexto também nas áreas em que essa parceria não é tão óbvia, como em textos escritos fora do domínio do conhecimento do senso comum. Exemplo de texto menos acessível é o artigo científico, uma vez que sua produção e compreensão exigem um conjunto específico de habilidades, conhecimentos e convenções que não são comumente compartilhados pela maioria das pessoas. Nesse caso, tem-se um texto altamente especializado que funciona como veículo de disseminação do conhecimento e da interação entre os membros da comunidade científica.

Para analisar o gênero artigo científico, primeiramente será discutida a perspectiva de Hasan (1989) sobre os gêneros. Trata-se, segundo Motta-Roth e Herble (2005, p. 27), de uma representação esquemática do discurso que oferece interessantes possibilidades para pensar eventos de interação humana pela linguagem.

3.1 Hasan e a estrutura genérica potencial

Hasan (1989), em seu trabalho colaborativo com Halliday, foi a primeira sistemicista a realizar uma investigação sistemática do conceito de gênero (Ren, 2010). Motta-Roth e Herble (2005) – responsáveis pela difusão e popularização da perspectiva de Hasan no Brasil (Simões, 2021) – afirmam que Hasan se dedica a investigar o componente semântico e o modo como sua realização linguística varia. A autora, partindo da premissa básica de que a linguagem é um sistema de significações que medeia a existência humana, trata claramente de sua relação estreita com a vivência do falante.

Diante da necessidade e da possibilidade de se analisar a linguagem como um sistema sociosemiótico, Hasan (1989) compreende os gêneros a partir de situações cotidianas, especialmente aquelas em que a linguagem atua como instrumento de interação social. Para tanto, considera os fatores pertinentes aos contextos nos quais os seres humanos atuam e se relacionam. Em sua perspectiva, o texto vincula-se ao uso que se faz da linguagem para que certos objetivos sejam alcançados e à situação de experiência humana ao qual determinado registro de língua é associado.

Na abordagem da linguagem como prática social, o contexto é um componente dinâmico e multifacetado. Não se limitando apenas ao ambiente físico, trata-se de uma noção que engloba todos os aspectos sociais, culturais e situacionais que cercam a interação linguística. Hasan (1989), nesse sentido, concebe o contexto como essencial para a compreensão dos significados de um texto, dado que as escolhas linguísticas feitas pelos falantes são moldadas pelo contexto em que estão inseridos, bem como as orientações quanto à organização e estruturação textual.

Hasan (1989) considera que a relação entre contexto e estrutura do texto é bidirecional. Para ela, algumas características do contexto podem ser utilizadas como indicadores para prever elementos da estrutura textual. Da mesma forma, a presença desses elementos na estrutura do texto pode contribuir para a construção e interpretação de características do contexto. Isso significa que a forma como o texto é estruturado e os elementos linguísticos utilizados podem refletir as condições contextuais em que a comunicação ocorre.

Essa percepção revela as complexas interações entre linguagem, cultura e sociedade e se mostra fundamental para a compreensão dos gêneros textuais e das práticas comunicativas. Para explorar a bidirecionalidade, Hasan (1989) retoma a perspectiva das três variáveis situacionais (campo, relação, modo) da teoria hallidayana. Dado que são representadas por

valores específicos, Hasan (1989) considera que essas variáveis são realizadas pelo gênero. Uma vez que o contexto afeta a estrutura do texto, são elas que possibilitam previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto.

Sob esse viés, Hasan (1989) teoriza sobre a estrutura de um texto e apresenta o conceito Configuração Contextual, adotando a sigla CC. Esse conceito diz respeito ao conjunto específico de valores que realizam o campo, as relações e o modo do discurso (Hasan, 1989). Considerando que as três variáveis se modificam, sendo redefinidas de situação para situação, é a partir da definição dos elementos da CC de cada texto que se torna possível fazer considerações sobre a sua estrutura.

Na unidade estrutural de um texto, a configuração contextual toma um papel central. Se texto pode ser descrito como ‘linguagem realizando algum objetivo, em algum contexto’, então seria racional descrevê-lo como a expressão verbal de uma atividade social; a configuração contextual seria um conjunto de atributos significativos da atividade social. Então, não seria surpresa que as características da configuração contextual possam ser usadas para construir tipos de predicações sobre a estrutura do texto. (Hasan, 1989, p.56, tradução nossa).¹³

Nesse sentido, um gênero constitui-se na Configuração Contextual, cujas características, de acordo com Hasan (1989), são utilizadas pelos usuários para fazer previsões sobre a estrutura do texto. Em outras palavras, Motta-Roth e Herble (2005) explicam que tais predições podem ser feitas sobre “qualquer texto que possa ser considerado um exemplo “em potencial” de um gênero específico” (Motta-Roth; Heberle, 2005, p. 17). Para que um texto seja considerado exemplar, é preciso considerar conforme Motta-Roth e Herble (2005):

- 1) os elementos que devem ocorrer em cada exemplar de um determinado gênero (Elementos obrigatórios);
- 2) os elementos que podem ocorrer – embora não precisem estar presentes em cada exemplar de um determinado gênero (Elementos opcionais);
- 3) os elementos que podem ocorrer mais de uma vez ao longo do texto (Elementos iterativos);
- 4) os elementos que têm uma ordem fixa de ocorrência se comparados a outros elementos;
- 5) os elementos que têm uma ordem variável de ocorrência se comparados a outros elementos.

¹³ Texto original: In the structural unity of the text, the CC plays a central role. If text can be described as ‘language 54 doing some job in some context then it is reasonable to describe it as the verbal expression of a social activity; the CC is an account of the significant attributes of the social activity. So, it is not surprising that the features of a CC can be used for making certain kinds of predictions about text structure.

Nessa perspectiva, a CC viabiliza a previsão de elementos da estrutura textual que são obrigatórios, bem como quais são opcionais ou iterativos. Em outras palavras, as condições específicas de um contexto direcionam a seleção de certos elementos textuais. Para a compreensão de como os significados são realizados e expressos, Hasan (1989) admite que o que determina o gênero é o padrão textual recorrente de elementos que sempre aparecem em uma ordem específica. Sob esse viés, Hasan (1989) introduz o conceito de Estrutura Potencial do Gênero (doravante EPG).

A fim de apontar que todo texto apresenta uma forma previsível – uma estrutura em potencial – para ser considerado um gênero específico, esse conceito tem como objetivo

dar conta do leque de opções de estruturas esquemáticas específicas potencialmente disponíveis aos textos de um mesmo gênero, de tal forma que as propriedades cruciais de um gênero possam ser abstraídas e qualquer exemplar desse gênero possa ser representado (Motta-Roth; Heberle, 2005, p. 19).

A EPG, dessa forma, diz respeito ao conjunto de elementos obrigatórios de um texto. Esse conceito só inclui a observação dos obrigatórios porque Hasan (1989) entende que os elementos opcionais têm uma aplicabilidade mais ampla. Embora os opcionais não ocorram aleatoriamente, sua opcionalidade surge do fato de a sua ocorrência ser prevista por um atributo de um CC que não é, de fato, o definidor para o CC. Nesse caso, o conhecimento do CC é o que fornece a ideia de quais significados são relevantes para qual estágio de uma atividade em andamento.

No modelo descritivo de Hasan (1989), “cada estágio da atividade social representada na EPG é um *elemento* na *estrutura* dessa atividade, dado que cada estágio contribui para a realização e a finalização dessa atividade” (Motta-Roth; Heberle, 2005, p. 19). A representação esquemática da EPG, portanto, deve ter os limites dos elementos estruturais do texto definidos para que a sua análise não seja intuitiva e imprecisa. Assim, a determinação da Estrutura Potencial do Gênero de um texto dá a este uma determinada identidade.

Embora pareça impor rígidos padrões sequenciais para estágios do texto, a autora não prevê limites fixos e rígidos entre os diversos estágios das estruturas. Uma vez que o texto é uma unidade de significado a depender da atividade humana, os limites entre os estágios podem sofrer mobilidade. O construto teórico de Hasan (1989) considera que a EPG pode sofrer variações no que leva à caracterização de um gênero. Isso significa que os elementos ou os estágios podem ser materializados nos textos de modo diferente, o que revela o caráter flexível e dinâmico dos gêneros.

Em um sistema de possibilidades, a autora sugere que certas características do contexto podem influenciar a organização e o conteúdo do texto, ao passo que elementos da estrutura textual podem contribuir para a construção e interpretação do contexto comunicativo. Nesse sentido,

a CC, situação na qual o gênero se constitui, e a EPG, linguagem que medeia a atividade social nessa situação, são essencialmente conectadas: a CC fornece pistas para a compreensão do significado em função da EPG e vice-versa, de tal forma que traços específicos do contexto correspondem a elementos do texto de um gênero e a ordem nas quais aparecem (Motta-Roth e Heberle, 2005, p. 19).

Na “compreensão da linguagem como uma dialética entre texto, contexto situacional e contexto da cultura” (Motta-Roth; Heberle, 2005, p. 28), Hasan (1989) não define a noção de gênero textual. A partir da sua perspectiva quanto à representação esquemática da EPG, é possível afirmar que a noção de gênero para Hasan (1989) corresponde à linguagem usada em associação a contextos e funções recorrentes na experiência cultural humana. Conectando língua e cultura,

é possível perceber que o modelo oferece subsídios para a representação de gêneros, sobretudo os prototípicos, a partir dos quais emergem outros gêneros. Isso não significa que os gêneros sejam estruturas rígidas, modelos estanques, ao contrário, são entidades dinâmicas com identidades próprias reconhecíveis por algumas características estruturais mínimas ou que guardam alguma semelhança com um gênero agregado na linguagem de uma sociedade. Para além da estrutura, o gênero se circunscreve como ação social. (Dell’Isola, 2012, p. 11).

Esse modelo permite entender os gêneros, especialmente os prototípicos, como entidades dinâmicas que emergem a partir de estruturas reconhecíveis por características mínimas ou semelhanças com outros gêneros na linguagem da sociedade. Assim, os gêneros não são estruturas rígidas, mas sim entidades dinâmicas que se manifestam como ações sociais, além de suas formas estruturais. Por meio do modelo descritivo de Hasan (1989), serão tratados os elementos estruturais recorrentes que são esperados no artigo científico, como introdução, metodologia, discussão e conclusão. Isso permite compreender como a estrutura do artigo científico é moldada pelas expectativas da comunidade científica e pelas convenções do gênero.

3.2 Gênero acadêmico artigo científico

A NBR 6022 da Associação Brasileira de Normas Técnicas-ABNT¹⁴ define o artigo científico como uma “publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento” (ABNT. NBR 6022, 2003, p. 2). A norma reconhece dois tipos de artigos: de revisão ou original. Quando é de revisão, resume, analisa e discute pesquisas já publicadas, ou seja, é uma pesquisa bibliográfica. Já o original trata-se de uma publicação que apresenta temas ou abordagens próprias de um pesquisador.

Marconi e Lakatos (2003) definem o artigo científico como um pequeno e completo estudo que trata de uma questão verdadeiramente científica de alguma área do conhecimento. Como afirmam Prodanov e Freitas (2013), trata-se de um texto que consiste na apresentação não só sintética dos resultados de pesquisas realizadas, mas também de ideias e abordagens – novas ou indevidamente exploradas – que as complementam. Seu tamanho reduzido, por sua vez, é o que limita o artigo de se constituir em matéria para dissertação, tese ou livro (Prodanov; Freitas, 2013), distinguindo-se de outros trabalhos científicos.

Com circulação bastante acentuada, o artigo científico é um dos primeiros gêneros textuais apresentados aos graduandos. Da graduação aos diferentes níveis da pós-graduação, o artigo é utilizado não só como leitura indicada em diferentes disciplinas, mas também solicitado como produto para avaliação (Vian Jr., 2011) ou como capítulo de dissertação e de tese. Considerado uma forma de comunicação, em seu contexto de uso, entre os professores, os pesquisadores e os alunos, tornou-se uma exigência do meio acadêmico por proporcionar uma interação entre os membros da comunidade científica, os quais atuam e se relacionam.

Os pesquisadores vinculados a qualquer instituição precisam, segundo Aranha (2007), estar atualizados acerca dos trabalhos produzidos em sua comunidade, bem como compartilhar os resultados de seus estudos. À vista disso, a interlocução entre os pesquisadores de uma área “expande as possibilidades de partilha e discussão de pesquisas que, de outra forma, ficariam ignoradas ou restritas a pequenos grupos ou a determinadas regiões geográficas” (Aranha, 2007,

¹⁴ A ABNT é o Foro Nacional de Normalização por reconhecimento da sociedade brasileira desde a sua fundação, em 28 de setembro de 1940, e confirmado pelo governo federal por meio de diversos instrumentos legais. É uma entidade que contribui para o desenvolvimento científico e tecnológico, provendo a sociedade brasileira de conhecimento sistematizado. Disponível em: <https://www.abnt.org.br/institucional/sobre>

p. 98). Concluído um trabalho de pesquisa, faz-se necessária sua publicação para que os resultados sejam conhecidos.

O artigo científico é publicado em revistas ou em periódicos especializados e forma a seção principal deles. Segundo Prodanov e Freitas (2013),

o periódico é considerado a fonte primária mais relevante para a comunidade científica. Por intermédio do periódico científico, a pesquisa é formalizada, o conhecimento torna-se público e promovemos a comunicação entre os cientistas. Comparado ao livro, é um canal ágil, rápido na disseminação de novos conhecimentos. (Prodanov; Freitas, 2013, p. 158)

É possível compartilhar, por meio da publicação, avanços e conhecimentos os quais podem ser utilizados para aprimorar a prática profissional e desenvolver novas pesquisas. Além disso, é uma forma de legitimar e reconhecer a qualidade e a relevância do trabalho realizado, o que pode contribuir para o currículo do pesquisador e para a obtenção de financiamentos e oportunidades de trabalho. Por esses motivos, a publicação de um artigo científico é valorizada pela comunidade científica como um todo e tratada por Aranha (2007) como o cerne do avanço do conhecimento científico.

Para serem publicados,

os artigos de cientistas são avaliados por editores e especialistas da área abordada quanto ao mérito científico e à conveniência de sua publicação. Com base nessa avaliação, o artigo poderá ser recusado ou solicitada ao autor uma segunda versão, que é submetida ao mesmo processo. Se aceito para publicação, o texto passa por uma revisão de linguagem para adaptá-lo ao estilo da revista. O texto final é submetido novamente ao autor para aprovação das modificações realizadas. (Gomes, 2000, p. 48)

O artigo científico, nessa perspectiva, tem como propósito comunicativo compartilhar as pesquisas desenvolvidas em universidades e instituições e, por isso, consolidou-se como uma prática discursiva em condições de produção e de circulação restritas. É, portanto, uma prática social do contexto acadêmico. Tendo a publicação como finalidade, o pesquisador só inicia essa circulação quando submete o resumo do trabalho a um evento acadêmico ou a uma chamada para publicações em revistas científicas especializadas.

Depois de aprovado o resumo, o pesquisador recebe as normas da revista e passa à redação do seu artigo respeitando as tais normas. Em seguida, uma equipe de assessores (especialistas) da revista examina o artigo e sugere alterações na apresentação do resumo, no tratamento estatístico, na metodologia; segue-se a etapa de reformulação, levando em conta as modificações propostas. (Coracini, 1991, p. 62)

Essas exigências, para Coracini (1991), funcionam como as regras poéticas às quais era submetido o poeta clássico. Da mesma forma que, diante da necessidade de adaptação da

mensagem, o artista revelava seu talento, o cientista adapta seu artigo às normas para atestar e garantir a credibilidade e a qualidade do trabalho. A padronização rígida da organização textual e, por exemplo, o número delimitado de páginas demonstram, de acordo com a autora, que o cientista se mantém fiel às exigências da comunidade. Esse comprometimento com o aceite do trabalho, no entanto, pressupõe a ausência de liberdade formal do cientista no momento da elaboração de seu artigo.

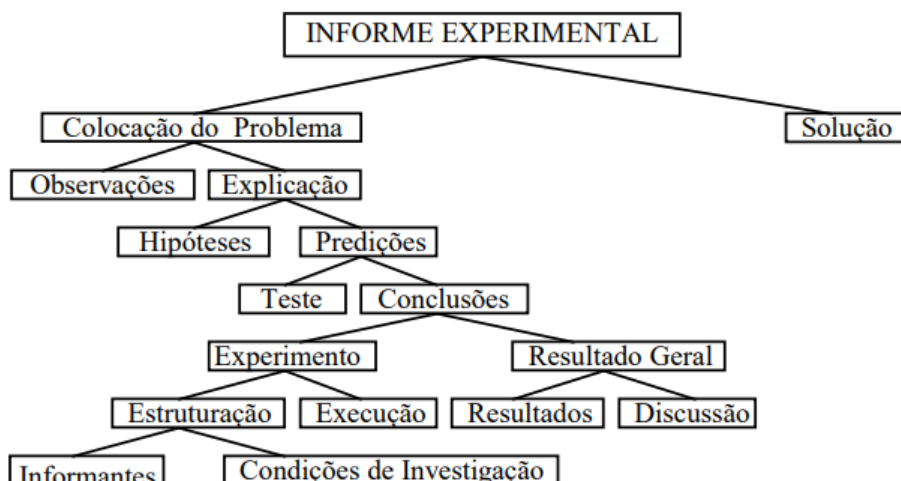
Sob a perspectiva da LSF, as escolhas linguísticas em um artigo científico são moldadas pelas três variáveis. Considerando os participantes e a relação que estabelecem nessa interação, o autor do artigo busca empregar um vocabulário técnico e terminologia especializada que seja compreensível para os membros da comunidade acadêmica, mas que também demonstre sua própria competência e familiaridade com os conceitos e debates dentro da sua área de estudo. Nesse caso, os significados construídos por suas escolhas devem refletir uma comunicação eficaz com seu público-alvo.

3.3 A estrutura do artigo científico

Van Dijk (1989), linguista neerlandês, percebe no discurso científico uma variante especial do texto argumentativo. Em função da intenção de convencer a comunidade científica, o pesquisador sempre parte de uma justificativa até chegar à conclusão da pesquisa. Nesse meio, a estrutura básica do discurso científico conta com a apresentação do problema, o qual surge a partir de uma ou mais observações, e com a busca da solução. A fim de explicá-lo, as hipóteses são levantadas e provocam expectativas, as quais podem ser comprovadas ou não pelos resultados da pesquisa ao se chegar à conclusão.

Considerando que há um ritual experimental no discurso científico, Van Dijk (1989) toma como modelo o informe experimental – artigo que publica resultados de experimentos e tem uma estrutura convencional – e apresenta o seguinte esquema da organização hierárquica do texto:

Figura 6 - Superestrutura do informe experimental



Fonte: Gomes, 2000.

Segundo Van Dijk (1989), outros textos que veiculam o discurso científico podem ser distintos, especialmente em disciplinas científicas não experimentais. Entretanto, ainda que a construção global esteja claramente modificada, a aceitabilidade da pesquisa depende de critérios que exigem métodos apropriados. Isso ocorre porque “contrariamente às argumentações cotidianas, a institucionalização da ciência requer que os pressupostos sejam explícitos, e que se definam todos os conceitos etc.” (Todorov, 1989, p. 165). Para o autor, esses critérios institucionalizados também são baseados em categorias e regras, como as refletidas no texto científico em sua estrutura geral.

A visão subjetiva e argumentativa do discurso científico foi assumida também por Coracini (1991). A autora, compreendendo a ciência como atividade humana, defende que o cientista faz uso de um sistema semântico que se presta à argumentatividade e, portanto, à persuasão. No alcance de propósitos claros e definidos, o aspecto característico que se destaca no texto científico é a padronização de sua estrutura (Coracini, 1991). Em outras palavras, parte-se de uma estrutura-base imposta pela comunidade científica.

A concepção de Coracini (1991) dialoga com a perspectiva de Hasan (1989). Ao reconhecer que a estrutura do texto científico é padronizada pela comunidade científica, Coracini (1991) corrobora com a ideia de Hasan (1989) de que todo texto apresenta uma forma previsível – uma estrutura em potencial. No caso do artigo científico, tem-se uma estrutura que reflete uma normatização imposta para alcançar propósitos claros e definidos, a qual contribui para a legitimidade e credibilidade do conhecimento científico produzido.

Há, de acordo com Coracini (1991), um esquema canônico apresentado de forma explícita pela maioria dos textos científicos. Em trabalho realizado com 16 cientistas quanto à investigação científica e à redação do artigo, a autora identificou: resumo, introdução, material e métodos, resultados, discussão e conclusão. No que diz respeito ao corpo do artigo,

Deyes (1982) defende a ideia segundo a qual a superestrutura do artigo científico de tipo primário explicita as etapas da investigação científica: introdução (apresentação do objeto, importância da pesquisa, resumo das pesquisas anteriores, preparação e introdução da pesquisa em questão — cf. Swales, 1981); material e métodos (apresentação do material e procedimentos metodológicos, que permitem a repetição eventual da experiência); resultados (consequências da metodologia empregada, dão conta da atividade de observação do experimentador); e conclusão que se apresenta frequentemente acrescida da rubrica discussão; não raro nos textos brasileiros, a discussão se junta aos resultados, constituindo um texto em três partes. (Coracini, 1991, p. 83)

As etapas apontadas por Deyes (1982) e expostas por Coracini (1991) podem ser entendidas à luz da perspectiva da EPG introduzida por Hasan (1989). O esquema canônico apresentado de forma explícita pela maioria dos textos científicos corresponde à previsão de elementos da estrutura textual – direcionados pelas condições específicas do contexto acadêmico. Na busca do alcance dos propósitos comunicativos do gênero em questão, a existência humana, por um sistema de significações, é subjacente à produção do conhecimento.

A organização do discurso acadêmico no artigo também foi tratada por Gomes (2000). Para a autora, a construção do discurso científico é alicerçada por cinco pilares básicos: contextualização; apresentação do estudo; metodologia; resultados obtidos ou prováveis; e ponto de vista. Quanto aos cinco suportes, Gomes (2000) explica:

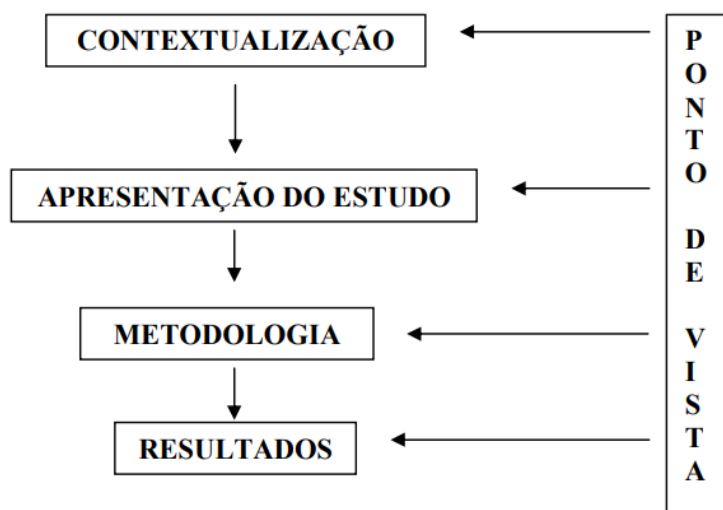
A seção de contextualização contém informações que são usadas para situar o leitor no contexto em que está inserido o tema central do texto. Na apresentação do estudo há dados sobre o(s) estudo(s) enfocado(s). Em metodologia, são apresentadas informações sobre o método de trabalho. Na seção resultados, são expostos os resultados de estudos concluídos ou resultados parciais ou previsões, no caso de as pesquisas ainda estarem em desenvolvimento. Em ponto de vista, vem expresso, explícito ou implicitamente, o ponto de vista do autor sobre o assunto tratado. Bem mais simples do que a superestrutura dos informes experimentais, esse esquema tem como característica a realização de todas as categorias, ou seções. (Gomes, 2000, p. 72-73).

O primeiro pilar é a seção de contextualização. A ela cabe a introdução do tema da pesquisa e a apresentação do contexto em que o estudo se insere, fornecendo, para isso, uma revisão bibliográfica que trate do cenário de pesquisas sobre o assunto e que justifique a relevância da pesquisa. O segundo é a seção referente à apresentação do estudo. Nela, explica-se a pergunta a que se pretende responder ou a hipótese que se pretende comprovar, destacando

a lacuna no conhecimento existente que o estudo pretende preencher. O terceiro é a seção de metodologia, a qual delinea a abordagem metodológica a ser utilizada para responder à pergunta de pesquisa. A quarta base é a seção de resultados, responsável por expor, sem interpretação ou discussão, os resultados encontrados, os quais devem ser apresentados de forma apropriada para cada tipo de dado. Após apresentar os resultados, o autor deve, de maneira implícita ou não, fazer uma interpretação à luz da pergunta de pesquisa ou hipótese. Na seção do ponto de vista, último pilar, é possível discutir as implicações teóricas e práticas dos resultados obtidos, bem como as limitações do estudo, oferecendo, inclusive, sugestões para futuras pesquisas com base nos resultados encontrados.

Por esse ponto de vista, Gomes (2000) identifica o que Hasan (1989) concebe como elementos obrigatórios. A contextualização, a apresentação do estudo, a metodologia, os resultados obtidos ou prováveis e o ponto de vista são os elementos que devem ocorrer em cada exemplar de artigo científico. Em outras palavras, há cinco movimentos retóricos da atividade social representada na EPG do artigo científico. Esquematicamente, tem-se:

Figura 7 - Esquema textual do artigo de divulgação científica



Fonte: Gomes, 2000, p. 72.

Além de permitir que os leitores identifiquem, sem entraves, as seções e sigam a progressão do estudo, desde a contextualização até os resultados e conclusões, a estrutura com base nos cinco pilares favorece a compreensão dos leitores, pois eles sabem onde encontrar as informações específicas que estão buscando. Para mais, oportuniza a reprodutibilidade da pesquisa: ao seguir uma estrutura padrão, o pesquisador fornece informações suficientes para

que outros possam replicar a pesquisa – a referida reação esperada segundo Coracini (1991). Consequentemente, facilita a revisão por pares, o que é um processo essencial para a validação da qualidade do trabalho científico.

Comparando o esquema de Deyes (1982 apud Coracini, 1991, p. 83) com o de Gomes (2000), tem-se a seguinte correspondência:

Quadro 7 - Correspondência da organização do artigo científico

Deyes (1982 apud Coracini, 1991, p. 83)	Gomes (2000)
Introdução	Contextualização
Material e métodos	Metodologia
Resultados	Resultados obtidos ou prováveis
Discussão e conclusão	Ponto de vista

Fonte: Picanço, 2024.

Na primeira correspondência, ambos os esquemas incluem uma seção inicial para contextualizar o leitor sobre o tema do artigo. A segunda se deve ao fato de os dois reservarem uma seção para descrever os métodos utilizados na pesquisa. Na terceira, o ponto em comum é a consideração de uma seção para apresentar os resultados da pesquisa. Por fim, embora haja uma diferença na denominação, a última correspondência aponta que os dois esquemas reconhecem a importância de uma seção para interpretar os resultados e fornecer uma conclusão sobre o estudo.

Coracini (1991) assume que a padronização textual, no entanto, provoca a impressão de organização linear no leitor. Na prática, tais etapas nem sempre são respeitadas. Da mesma forma, Gomes (2000), ainda que apresente uma estrutura padrão para os artigos científicos, ressalta que a sequência das seções pode variar, assim como as categorias podem ser desdobradas. Acredita-se que essa ordem variável da ocorrência dos elementos esteja relacionada diretamente à natureza do estudo, da variação de disciplinas e dos requisitos de uma revista periódica – fatores que exigem adaptações para atender às necessidades específicas de cada campo.

Embora pareça impor rígidos padrões sequenciais para estágios do texto, a autora não prevê limites fixos e rígidos entre os diversos estágios das estruturas. Uma vez que o texto é uma unidade de significado a depender da atividade humana, os limites entre os estágios podem sofrer mobilidade. O construto teórico de Hasan (1989) considera que a EPG pode sofrer variações no que leva à caracterização de um gênero. Isso significa que os elementos ou os

estágios podem ser materializados nos textos de modo diferente, o que revela o caráter flexível e dinâmico dos gêneros.

As necessidades argumentativas dos pesquisadores, nesse sentido, mostram-se diferentes diante de tantos interesses em diferentes áreas do conhecimento. Por exemplo, em ciências experimentais, é comum que a seção de metodologia seja mais detalhada, enquanto, em ciências sociais, a seção de ponto de vista pode receber maior destaque. Entretanto, independentemente do campo do saber e da segmentação em diversas partes de sua formatação, o corpo do artigo abrange três partes organicamente unidas para a realização e a finalização da atividade do pesquisador:

- a) Introdução - apresentação do assunto, objetivo, metodologia, limitações e proposição.
- b) Texto - exposição, explicação e demonstração do material; avaliação dos resultados e comparação com obras anteriores.
- c) Comentários e Conclusões - dedução lógica, baseada e fundamentada no texto, de forma resumida.

(Marconi; Lakatos, 2003, p. 259)

Essa organização já havia sido formalizada pela NBR 14724 da Associação Brasileira de Normas Técnicas-ABNT. Esse documento, que estabelece os princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos, determina que a produção científica é composta por três elementos textuais: uma parte introdutória, responsável por apresentar os objetivos do trabalho e as razões de sua elaboração; o desenvolvimento, que detalha a pesquisa ou estudo realizado; e uma parte conclusiva. São essas as seções – as quais serão abordadas a seguir – que compõem o corpo principal do trabalho e que serão consideradas como elementos obrigatórios de um artigo científico.

3.3.1 A introdução

Segundo Aranha (2007), depois do título e do resumo, a introdução é a seção responsável pela continuação ou não da leitura. Sendo a primeira seção de conteúdo substantivo que os leitores encontram, seu propósito comunicativo é fornecer o assunto a ser abordado pelo artigo como um todo (Aranha, 2007), contextualizando-o. A introdução, à vista disso, dispõe das informações essenciais sobre o estudo e deve funcionar como um convite instigante para o leitor, oferecendo-lhe esclarecimentos claros a respeito da pesquisa e despertando-lhe interesse e motivação para seguir na leitura (Picanço; Schlee, 2022).

A introdução, nesse sentido, consiste na formulação clara e simples do tema da pesquisa (Marconi; Lakatos, 2003). Nesta seção, "define-se o problema da pesquisa, apresentam-se os seus objetivos e as razões da sua realização, bem como as relações existentes com outros trabalhos" (Gil, 2008, p. 88). Ao tratar da redação acadêmica com o propósito de publicação em periódico de prestígio, Pereira (2011) salienta que a localização desses aspectos torna a introdução convincente quanto à relevância da pesquisa, à originalidade da investigação e às bases sólidas nas quais está assentada.

Picanço e Schlee (2022), em função da apresentação sintética do problema, reconhecem que a introdução é responsável por parte da interlocução entre os componentes da comunidade científica. À vista disso,

precisa ser estruturada de acordo com suas partes constitutivas. Isso significa que, apesar de ser uma seção dentro de uma totalidade, torna-se, também, um todo: é um texto autônomo dentro do artigo que não exige retomada e segue a circularidade lógica de introdução, desenvolvimento e conclusão. (Picanço; Schlee, 2022, p. 32)

Essa circularidade pode ser atribuída ao fato de a introdução englobar mais do que a formulação do tema: inclui a delimitação no tempo e no espaço, o objeto, os objetivos, a justificativa, a metodologia e a referência teórica (Marconi; Lakatos, 2003). De forma mais detalhada, Costa, Silva Filho e Ferreira (2021) apontam elementos imprescindíveis – obrigatórios – na construção da autonomia da seção. A fim de alcançar a sua finalidade discursiva, a introdução deve conter: “(a) o tema da pesquisa; (b) a revisão da literatura; (c) as justificativas; (d) metodologia empregada; (e) os objetivos da pesquisa; e (f) a apresentação sintética da estrutura proposta para pesquisa” (Costa; Silva Filho; Ferreira 2021, p.26).

Costa, Silva Filho e Ferreira (2021) consideram que cada pesquisador tem o livre-arbítrio para transmitir, como bem entender, a mensagem do que vai estudar, de como se efetivará a pesquisa e de que modo os resultados serão discutidos. Desse modo, alguns elementos podem sofrer mobilidade (Hasan, 1989). No entanto, em uma proposta estratégica, apresentam um roteiro investigativo – não uma fórmula mágica, ideia a qual eles rejeitam – de orientação para a escrita da introdução.

Segundo eles, é recomendável que, nos primeiros parágrafos da introdução, o autor deixe claro o que se sabe sobre o tema da pesquisa, o que não se sabe e o que será feito para abordá-lo para que os leitores assimilem a motivação da pesquisa. Pereira (2001), nessa mesma direção, acredita que a redação da introdução é conduzida partindo-se de informações gerais sobre o tema para se chegar ao específico.

Em termos figurativos, afunila-se o relato para apontar o tópico estudado e, em especial, o que é desconhecido e merece ser investigado. Nessa sequência, o objetivo da pesquisa – que não consta dos enunciados dos exemplos anteriores, mas viria logo a seguir – será a consequência lógica do encadeamento das ideias. O funil é uma figura apropriada para representar a redação da introdução. (Pereira, 2001, p. 108)

Supondo que o leitor tenha conhecimento do assunto nessa CC, o pesquisador deve resumir os estudos anteriores e destacar as descobertas e os conhecimentos existentes sobre o tema. Essa revisão serve para demonstrar que o pesquisador está familiarizado com cenário atual da área e que o estudo tem embasamento sólido. Ao mesmo tempo, deslindando um ponto de vista sobre o tema, o cientista precisa reconhecer que há limitações nos estudos anteriores e justificar a necessidade de se dar continuidade às pesquisas. Segundo Picanço e Schlee (2022),

estabelecer diálogo com a literatura e com fundamentações teóricas pertinentes é conveniente exatamente para apresentar as justificativas para a elaboração do trabalho. Desse modo, a relevância e a originalidade da pesquisa devem ser defendidas de modo a convencer que o artigo oferece caminhos para preencher lacunas deixadas por estudos anteriores. (Picanço Schlee, 2022, p. 33)

A partir disso, para orientar os leitores sobre como o estudo foi planejado e como irá preencher as lacunas de conhecimento identificadas, os objetivos e a metodologia devem ser expostos. Gil (2008) ressalta que os objetivos da pesquisa precisam estar claramente definidos para que a condução do processo de observação seja adequada. Da mesma forma, a metodologia é necessária nesta seção para encaminhar “o que se vai estudar, como se efetivará a pesquisa e de que modo os resultados serão discutidos” (Picanço; Schlee, 2022, p. 33). Por fim, considera-se importante, também, que o último parágrafo da seção direcione o leitor quanto à organização do corpo do artigo.

3.3.2 O desenvolvimento

O desenvolvimento é, para Gil (2008), a parte central do texto acadêmico. Prodanov e Freitas (2013) consideram que é uma seção que consiste na apresentação ordenada e pormenorizada das informações e dos argumentos da pesquisa e, por isso, agrupa os capítulos do trabalho e seus títulos. Marconi e Lakatos (2003) salientam que essas partes do trabalho não podem ter uma organização arbitrária: devem estar vinculadas, ordenadas em busca da unidade do conjunto. Em outras palavras, devem estar integradas, complementando-se, a fim de levar o leitor à construção progressiva do conhecimento significativo.

Sob essa ponderação, as autoras defendem que o desenvolvimento da pesquisa deve ser dividido em tópicos correlacionados, estruturando o tema de modo real ou lógico. A orientação quanto à relação direta, também destacada por Prodanov e Freitas (2013), salienta a importância de essa seção se apoiar na fundamentação lógica do trabalho de pesquisa, cuja função é expor e demonstrar suas principais ideias (Marconi; Lakatos, 2003). Para cumprir com seu propósito discursivo, o desenvolvimento revela três fases:

- **Explicação.** Explicar é apresentar o sentido de um tema, é analisar e compreender, procurando suprimir o ambíguo ou o obscuro.
- **Discussão.** É o exame, a argumentação e a explicação do tema: explica, discute, fundamenta e enuncia as proposições.
- **Demonstração.** É a dedução lógica do trabalho, implicando o exercício do raciocínio. (Marconi; Lakatos, 2003, p. 46-47)

Na primeira fase, a explicação permite que o leitor compreenda claramente a temática tratada, o que evita equívocos na interpretação da defesa demonstrada. Em seguida, na fase de discussão, analisa-se o tema de forma crítica e mais aprofundada por meio de argumentação que sustente as justificativas apresentadas na introdução, buscando convencer o leitor da validade da sua pesquisa. Por fim, a fase de demonstração visa estabelecer uma linha de raciocínio lógica e persuasiva que fortaleça o posicionamento do cientista.

Nesse sentido, em função desses três estágios, o corpo do trabalho pode ser organizado em seções e subseções – quantas forem necessárias – que variam em função da abordagem do tema e do método (Marconi; Lakatos, 2003). Segundo Gil (2008),

Pode-se, por exemplo, destinar seções específicas para: fundamentação teórica da pesquisa, revisão da literatura, descrição dos materiais e métodos, apresentação dos resultados e discussão dos resultados. Devem ser incluídas nessa parte todas as tabelas e figuras essenciais para a compreensão do texto. (Gil, 2008, p. 88)

A fundamentação teórica de uma pesquisa refere-se à base conceitual que sustenta e embasa a escolha do tema, a delimitação do problema e a formulação das questões a serem discutidas. É a parte do trabalho em que são apresentados os principais conceitos, teorias e conhecimentos já estabelecidos relacionados ao tema do estudo. Fornecendo uma base argumentativa para a construção da produção científica, apoia a relevância do estudo. É, desse modo, uma seção indicativa da robustez do trabalho de pesquisa ao demonstrar a capacidade de o pesquisador articular conhecimentos em sua investigação.

Incorporada à fundamentação, a revisão da literatura “consiste em uma síntese, a mais completa possível, referente ao trabalho e aos dados pertinentes ao tema, dentro de uma sequência lógica” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 248). É o que possibilita que o pesquisador compreenda o que já foi estudado, identifique lacunas de conhecimento e posicione seu trabalho

em relação ao panorama já consolidado. A revisão da literatura abrangente e de qualidade é fundamental para o rigor científico do estudo e garante que o pesquisador, familiarizado, produza ciência de forma sólida.

A proposta da seção metodológica é, conforme Costa, Silva Filho e Ferreira (2021), descrever como você obteve seus resultados. Assim, admite-se que “é o capítulo que apresenta, descreve e detalha os materiais, os métodos/procedimentos e as técnicas que foram utilizados na realização da pesquisa” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 253). No que diz respeito a isso, Marconi e Lakatos (2003) compreendem que, desde a concepção do estudo até a obtenção dos resultados, há:

- Formulação do problema enunciado de hipóteses, determinação das variáveis e indicação dos tipos de relação entre os diversos elementos.
- Explicitação dos procedimentos metodológicos, incluindo a descrição dos instrumentos de pesquisa (observação, questionário, formulário, testes, escalas etc.).
- Indicação do tratamento e inferência estatística.
- Seleção do sujeito (universo ou amostra).
- Informações sobre a coleta dos dados. (Marconi; Lakatos, 2003, p. 248)

Crucial para a transparência da pesquisa, “o método científico se sustenta à medida que se pode reproduzir a pesquisa para, assim, averiguar se os dados são fidedignos, bem como para se avançar dentro do escopo do estudo já realizado” (Costa; Silva Filho; Ferreira 2021, p. 32). Dessa maneira, a forma como os dados foram coletados, os instrumentos utilizados e os métodos de análises empregados têm impacto direto nos resultados obtidos. Observa-se, assim, que há uma relação estreita entre a seção metodológica e a de resultados: os dados encontrados são diretamente influenciados pela metodologia utilizada.

A seção de resultados é aquela em que “são demonstrados os resultados encontrados, suas representações gráficas e respectivas descrições” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 253). Nesse momento da pesquisa, deve-se relacionar os resultados ao referencial teórico apresentado nos capítulos referentes à revisão da literatura. Consoante Costa, Silva Filho e Ferreira (2021), respostas específicas ao problema indicado na introdução são apresentadas e, por isso,

a forma como apresenta os resultados de sua pesquisa implica diretamente o modo como ela vai ser recebida por seus leitores. Daí a importância de trazer recursos visuais como tabelas, quadros e gráficos. Esses elementos ajudam a reconhecer as inter-relações que o pesquisador, geralmente, faz entre os resultados obtidos e os objetivos da pesquisa. (Costa; Silva Filho; Ferreira 2021, p. 34).

3.3.3 A conclusão

Como ponto terminal da pesquisa, a conclusão é uma seção à parte (Gil, 2008). Marconi e Lakatos (2003) a concebem como um resumo completo e, ao mesmo tempo, sintetizado da argumentação, dos dados e dos exemplos da introdução e do desenvolvimento. Em outras palavras, as autoras consideram que essa seção deve abarcar "a relação existente entre as diferentes partes da argumentação e a união das ideias e, ainda, conter o fecho da introdução ou síntese de toda reflexão" (Marconi; Lakatos, 2003, p. 236). Trata-se, por isso, de uma seção para a qual convergem todos os passos desenvolvidos ao longo do processo da pesquisa (Gil, 2008).

Pereira (2001) destaca que, mesmo que uma conclusão possa tomar vários caminhos, dois aspectos são essenciais. Para o autor, essa seção deve estar suficientemente apoiada nos fatos apresentados e em sólida interpretação. Para tanto, precisa ser concisa ao sintetizar os argumentos, conceitos, fatos, hipóteses, teorias e modelos, os quais se unem e se complementam. É esperado, nesse sentido, que o pesquisador promova uma síntese abrangente de todas as seções do texto científico, ao mesmo tempo em que destaque as contribuições da pesquisa realizada.

Recapitulando as descobertas e interpretando seus significados e implicações, a conclusão resume os principais pontos e argumentos apresentados ao longo do artigo, oferecendo uma perspectiva clara sobre o que foi alcançado e discutido. Logo,

[...] não se pode citar teóricos ou estudos que não foram anteriormente explorados no desenvolvimento da pesquisa, bem como não é aconselhável apresentar dados novos que não foram abordados na seção de discussão dos resultados. Em suma, as considerações finais de um texto científico servem para encerrar a discussão aberta na introdução, desse modo, espera-se que seja um texto sucinto, coerente com os resultados obtidos e objetivo, sem rodeios ou extrapolações desnecessárias. (Costa; Silva Filho; Ferreira 2021, p. 40).

Segundo Costa, Silva Filho e Ferreira (2021), são sugeridos alguns passos para a retomada dos conteúdos:

- (1) identificar o problema científico perseguido durante a pesquisa;
- (2) demonstrar como se desenvolveu a solução e/ou os protocolos de pesquisa realizados para se aproximar dessa solução;

(3) apresentar os resultados (finais ou parciais) da pesquisa, apontando suas contribuições para a área de conhecimento.

(Costa; Silva Filho; Ferreira 2021, p. 39).

A conclusão, como produto da interpretação dos dados, tem como finalidade básica não só enfatizar o alcance e as consequências dos resultados obtidos, mas também sugerir maneiras de torná-los mais significativos (Gil, 2008). Cabe à conclusão, também, conforme recomendado por Gil (2008), a abordagem de questões que não puderam ser respondidas pela pesquisa, bem como as que surgiram durante seu desenvolvimento. A partir disso, cabe a proposta de sugestões para futuras pesquisas com potencial para tratá-las. Entende-se, assim, que o reconhecimento das limitações também é resultado das interpretações.

Finalizando a parte textual do artigo científico, a conclusão deve, portanto, estar relacionada ao objetivo assinalado na introdução do artigo (Pereira, 2001). Sob essa perspectiva, a relação entre as duas seções é de complementaridade e fechamento do ciclo do artigo científico. A introdução estabelece as bases do trabalho, situa o leitor no tema, preparando-o para o que encontrará no desenvolvimento, enquanto a conclusão recapitula o percurso percorrido, reafirma a validade do estudo e oferece uma síntese. Juntas, as duas seções fornecem um sentido completo ao artigo, permitindo que o leitor tenha uma compreensão abrangente da pesquisa realizada.

Após a exposição do propósito comunicativo do artigo científico e de suas seções, passar-se-á ao próximo capítulo. Nele serão detalhados os procedimentos passo a passo para a realização desta pesquisa.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa insere-se nos trabalhos relacionados ao sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional, especialmente no que diz respeito à análise dos processos existenciais em amostras do gênero artigo científico. Tem-se a intenção de não só de colaborar no desenvolvimento da escrita de artigos científicos em Língua Portuguesa de alunos de graduação e de pós-graduação de diversas áreas do conhecimento, como também nos avanços da Linguística Sistêmico-Funcional. Com esse propósito, foram analisadas e interpretadas, neste trabalho, as orações existenciais de acordo a estrutura genérica do gênero em questão.

Para alcançar os objetivos, esta pesquisa é caracterizada como qualiquantitativa. Em outras palavras, une a descrição, classificação e interpretação de informações de caráter empírico à análise de estatísticas e dados numéricos. É qualitativa, pois visa a uma melhor interpretação e descrição de fenômenos linguísticos que ocorrem em diferentes orações na língua portuguesa, com uma abordagem sistêmico-funcional. É também quantitativa, uma vez que tem como interesse fornecer, em números, dados sobre a ocorrência das orações existenciais em exemplos com um determinado verbo no gênero determinado; ou seja, oferece um tratamento objetivo (Lakatos; Marconi, 2003).

Neste capítulo, tratar-se-á da exposição dos métodos de abordagem e de procedimentos, assim como das técnicas utilizadas. São apresentadas as características do *corpus*, composto por artigos científicos da área de Linguística – publicados nas revistas ALFA e DELTA –, os procedimentos ligados à utilização da ferramenta computacional *WordSmith Tools* (Scott, 2024), o tratamento das ocorrências dos processos existenciais, com base na adaptação de Fuzer e Cabral (2014), e a metodologia de análise com base nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional.

4.1 *Corpus*

O *corpus* deste trabalho é composto por vinte artigos científicos publicados no período de 2022 e 2023 em periódicos de excelência internacional da área de Letras: ALFA¹⁵ e

¹⁵ <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa>

DELTA¹⁶, ambos classificados como nível A1 no sistema Qualis/CAPES. Escolhidas pelo alto impacto na comunidade científica no domínio da Linguística, considerou-se que essas revistas apresentam artigos científicos de referência em todos os aspectos, inclusive quanto à objetividade científica e ao respeito às normas impostas pela comunidade científica. Por isso, os textos foram tomados como exemplares.

A fim de facilitar a identificação dos textos no *corpus*, cada artigo científico foi etiquetado com um código. A seguir, tem-se a relação dos artigos, seu respectivo código, o periódico e o ano de publicação.

Quadro 8 - Descrição da identificação dos artigos científicos analisados

Título do artigo científico	Código	Periódico	Ano de publicação
O discurso acadêmico do professor de inglês em perspectiva dialógica	A1	DELTA	2023
Pedidos de desculpas feitos por políticos brasileiros: uma visão da pragmática linguística	A2	DELTA	2023
O funcionamento semântico-enunciativo de sumir/desaparecer e cortar no pb	A3	DELTA	2023
(Re)discutindo a emergência de gêneros na web	A4	DELTA	2023
Traços da história do gênero discursivo infográfico no jornalismo impresso do Sul e Sudeste brasileiro: entre conservação e evolução	A5	DELTA	2023
Desenvolvimento da linguagem: práticas inclusivas na interface entre educação e logopedia com crianças cubanas	A6	DELTA	2022
Educação Bilíngue para alunos surdos: notas sobre a construção da linguagem argumentativa no aprendizado de Ciências	A7	DELTA	2022
A musicalidade das pessoas surdas: um olhar a partir da teoria histórico-cultural	A8	DELTA	2022
Corpos de menor valor, sociedade de mais-valia: uma discussão sócio-histórica acerca do nascimento cultural da pessoa com deficiência	A9	DELTA	2022
Políticas afirmativas e inclusão: formação continuada e direitos	A10	DELTA	2022
A iniciação científica nos contextos da educação básica e superior: dos documentos oficiais aos aspectos formativos	A11	ALFA	2022
Representações sobre o ensino de língua portuguesa numa escola rural	A12	ALFA	2022
O tecnodiscurso de divulgação científica: relações retóricas e deslinearização em hiperligações de notícias digitais	A13	ALFA	2022

¹⁶ <https://revistas.pucsp.br/delta>

Estilos de aprendizagem e estratégias de uso de dicionários para o ensino de português	A14	ALFA	2022
Formas sonoras e sentidos na aquisição da linguagem: a escuta como ocupação de lugar enunciativo	A15	ALFA	2023
A alternância de verbos com argumento motivador no pb: um tipo de fatoração de argumento	A16	ALFA	2023
Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso	A17	ALFA	2023
Vírgulas em textos de alunos de 11 a 15 anos do ensino fundamental II: um estudo longitudinal	A18	ALFA	2023
Os níveis da linguagem: a teoria linguística de Eugenio Coseriu	A19	ALFA	2023
Declarações enquadradas de corpos “vadios”: leitura de um arquivo de repressão policial à prostituição de travestis	A20	ALFA	2023

Para compor uma amostra das escolhas linguísticas feitas nos artigos da área de Letras, os textos foram extraídos dos periódicos on-line em formato PDF. Depois, cada artigo foi salvo em arquivo individual, em formato TXT, para possibilitar a utilização do programa *WordSmith Tools* v. 9 (Scott, 2024). Por não serem objetos de pesquisa, foram excluídos títulos, resumos, palavras-chaves, exemplos, citações diretas curtas – com uma oração ou mais – e longas, figuras, gráficos, quadros, notas de rodapé e referências bibliográficas. Acredita-se que esses elementos do artigo não representam a voz do pesquisador por não se concentrarem na expressão direta das ideias e argumentos do autor do texto.

Apoiado nos instrumentos de descrição oferecidos pelo aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, o contexto de situação em que os textos se inserem foi descrito.

4.2 A utilização do programa *WordSmith Tools* v. 9

Salvos em TXT, os artigos científicos, posteriormente, foram trabalhados em um instrumento computacional desenvolvido por Mike Scott e comercializado pela Oxford University Press na década de 90: *Wordsmith Tools*. Foi utilizada a versão 9.0, de 64 bits, executada no Windows 7 e posterior.

Sardinha (2004) o qualifica como “muito útil na operacionalização da descrição linguística com *corpus*” (Sardinha, 2004, p. 83). Segundo o autor, esse *software* “consiste na verdade em uma ‘suíte’ de diferentes programas, que se destinam a várias aplicações, que compreendem o pré-processamento, a organização de dados, e a análise propriamente dita de

corpora ou textos isolados.” (Sardinha. 2006, p. 8). Em outras palavras, trata-se de um conjunto de programas integrados destinado à análise linguística.

Escrito para o Windows, ambiente operacional dominante desenvolvido pela Microsoft, esse instrumento não tende a afastar seus usuários no momento do manuseio. Eles reconhecem as operações exigidas e oferecem mais facilidade na utilização de seus recursos disponíveis. Isso, consequentemente, oportuniza um aprendizado mais rápido e intuitivo de suas várias funções (Sardinha, 2006).

Sardinha (2004) garante que o *Wordsmith Tools*

coloca à disposição do analista uma série de recursos que, bem usados, são extremamente úteis e poderosos na análise de vários aspectos da linguagem, como a composição lexical, a temática de textos selecionados e a organização retórica e composicional de gêneros discursivos. (Sardinha, 2004, p. 86)

Tal programa é composto por três ferramentas básicas: *WordList*, *KeyWords* e *Concord*. De forma breve, a primeira – como o próprio nome sugere – propicia a criação de listas de palavras do *corpus*, as quais podem ser ordenadas de acordo com a ordem de frequência ou alfabética. A segunda ajuda a encontrar palavras importantes em um texto ou em um conjunto de textos por meio da comparação de suas frequências com uma lista de referências, gerando, assim, uma lista de palavras-chave. A terceira, por fim, produz listagens das ocorrências de um item específico acompanhado do texto ao seu redor, fornecendo uma lista de colocação e de padronização lexical.

Nesta pesquisa, a ferramenta utilizada, a partir dos textos selecionados, foi a terceira. Por meio da *Concord*, foi possível mapear os processos existenciais empregados pelos pesquisadores dos artigos. A criação dessa listagem levou em conta os processos com potencial existencial em língua portuguesa, bem como as formas verbais diferentes para o mesmo processo, como as que existem nas flexões dos irregulares “ter” e “haver”.

A título de exemplo, observe como é gerada a listagem do verbo prototípico “existir”:

Figura 8 - Exemplo de listagem gerada pela ferramenta *Concord*

N	Concordance	Set	Tag	ent.	Sent.	ara.	Para.	ead.	head.	ect.	Sect.	File	Date	%
1	como um ser de possibilidades, pois, a existência da irregularidade orgânica não				0		0	n/a	n/a	0	0	ATIANE RIBEIRO.indd.txt	324/02/14 00:00	36,9%
2	seja psicológica, cognitiva ou perceptual. «A existência da propriedade estativo é			146	4	0	926	n/a	n/a	0	0	ortuguês)-e13777 (1).txt	324/02/14 00:00	42,6%
3	a visual. «Nesse sentido, observamos a existência de TD «em «ambas feições				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A5 Delta-2023-5.txt	324/02/14 00:00	73,2%
4	laptops, smartphones e tablets. «Reconheço a existência de textos que são produzidos,				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A4 Delta-2023-4.txt	324/02/14 00:00	27,8%
5	se ambos «são «sinônimos, como justificar a existência de dois verbos que supos- «				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A3 Delta-2023-3.txt	324/02/14 00:00	24,7%
6	da deslinearização, Paveau (2017a) reconhece a existência de relações retóricas entre o texto			40	103	0	985	n/a	n/a	0	0	português-14231 (1).txt	324/02/16 00:00	20,6%
7	«federal reconheceu explícita e publicamente a existência de «racismo, «o que culminou no				0		0	n/a	n/a	0	0	RISTINA MIYUKI.indd.txt	324/02/14 00:00	15,6%
8	literatura, Cançado e Amaral (2016) propõem a existência de seis propriedades semânticas			95	232	0	247	n/a	n/a	0	0	ortuguês)-e13777 (1).txt	324/02/14 00:00	32,0%
9	usada por Vigostki para «demonstrar «a existência de um aspecto/marca biológica				0		0	n/a	n/a	0	0	ATIANE RIBEIRO.indd.txt	324/02/14 00:00	33,6%
10	verbo sumir e a grana nos permite recuperar a existência do «dinheiro «em um				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A3 Delta-2023-3.txt	324/02/14 00:00	17,9%
11	das bexigas, deixando «ba dúvida sobre a existência do ar e seus reais re? exos na be-				0		0	n/a	n/a	0	0	LETICIA MUNIZ.indd.txt	324/02/14 00:00	60,3%
12	características do meio em que passaram a existir (veja os «b jingles, por exemplo,				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A4 Delta-2023-4.txt	324/02/14 00:00	29,1%
13	confusões con- «ceituais: «primeiro, o adjetivo existe para opor-se a/ diferenciar-se de «				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A4 Delta-2023-4.txt	324/02/14 00:00	30,6%
14	«b de acordo com Teixeira (2010), ainda existam protointofográficos sendo «b				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A5 Delta-2023-5.txt	324/02/14 00:00	95,1%
15	que permite verificarmos que esse algo existe . O exemplo «b (2b) Nem por isso			110	48	0		n/a	n/a	0	0	data\A3 Delta-2023-3.txt	324/02/14 00:00	57,0%
16	do argumento complexo e à relação anafórica existente entre os constituintes			89	178	0	011	n/a	n/a	0	0	ortuguês)-e13777 (1).txt	324/02/14 00:00	29,3%
17	o distanciamento se- «b mântico aqui existente , o que faz com que sumir se				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A3 Delta-2023-3.txt	324/02/14 00:00	35,8%
18	e responderam dizendo que «b sim, que o ar existia , mas que não sabiam explicar o				0		0	n/a	n/a	0	0	LETICIA MUNIZ.indd.txt	324/02/14 00:00	73,8%
19	«bexiga «não poderia ser in? ada porque o ar existente na garrafa se «comprime «e				0		0	n/a	n/a	0	0	LETICIA MUNIZ.indd.txt	324/02/14 00:00	77,3%
20	se realmente eles acredi- «b tavam que o ar existia , visto não estarem conseguindo			159	15	70	15	n/a	n/a	0	0	LETICIA MUNIZ.indd.txt	324/02/14 00:00	73,1%
21	que essa fatoração de argumento existe no PB para propiciar uma mudança do				0		0	299	n/a	n/a	0	ortuguês)-e13777 (1).txt	324/02/14 00:00	99,6%
22	e íntimos. «isto «posto, é muito comum , existir relatos de pessoas com de? ci- «b				0		0	n/a	n/a	0	0	VIVIANE NUNES.indd.txt	324/02/14 00:00	55,4%
23	incriminação de simples estados ou condições existenciais ” (BATISTA, 2007 [1990], p.91),			74	137	0	022	n/a	n/a	0	0	ortuguês)-e16714 (1).txt	324/02/14 00:00	33,0%
24	dos alunos. «A «relação de contradição existente em (30d) e a ausência dessa			274	27	0	627	n/a	n/a	0	0	ortuguês)-e13777 (1).txt	324/02/14 00:00	73,4%
25	mani- «b festações circunstanciais de algo cuja existência só pode ser percebida «b por				0		0	n/a	n/a	0	0	data\A3 Delta-2023-3.txt	324/02/14 00:00	56,5%
26	de “normais”, em detrimento «b da existência de uma irregularidade biológica				0		0	n/a	n/a	0	0	ATIANE RIBEIRO.indd.txt	324/02/14 00:00	59,9%
27	pp. «9-10). «A «falta «do conhecimento da existência de uma língua que é usa- «b da				0		0	n/a	n/a	0	0	ATIANE RIBEIRO.indd.txt	324/02/14 00:00	1,2%
28	de Seleção Argumental e é feito a partir da existência de dois eixos: o eixo das			96	111	0	501	n/a	n/a	0	0	ortuguês)-e13777 (1).txt	324/02/14 00:00	32,6%
29	diferentes. «Ou seja, mesmo «b diante da existência de um desenvolvimento padrão,				0		0	n/a	n/a	0	0	ATIANE RIBEIRO.indd.txt	324/02/14 00:00	7,5%

Fonte: Picanço, 2024.

Por ser um verbo regular, a palavra de busca foi o radical “exist*”. Assim, com base na busca de dados em todos os arquivos do *corpus*, houve a exposição de informações sobre a colocação da palavra de busca: foi gerada uma listagem com todas as palavras com o mesmo padrão estrutural. Como se observa, apareceram palavras com esse radical que não correspondem às formas verbais, como “existência”, “existenciais” e “existente”. Nesse e em outros casos, os resultados passaram por um processo de filtro para que restassem apenas as formas verbais.

Para tanto, as listagens foram extraídas para o formato XLS (planilha Excel). Essa extração viabilizou que, com o uso das linhas de concordância (contexto), cada uma das formas verbais fosse analisada quanto ao seu significado existencial.

4.3 Percurso e metodologia de análise

Feita a extração, as listagens foram agrupadas em uma só planilha, seguindo a ordem alfabética dos verbos prototípicos e dos com potencial existencial, apontados por Fuzer e Cabral (2014). Isso foi feito para que se tivesse à disposição todo o resultado da busca de determinadas

palavras em seus respectivos contextos. A partir desse agrupamento, foi utilizado o recurso de segmentação de dados no Excel, o qual facilitou a filtragem de linhas e colunas em tabela.

Criou-se, então, uma tabela única com as listagens geradas pelo *Concord* (*Concordance* e Arquivo) e com as seguintes segmentações: Identificação do processo, Processo existencial e Ocorrência por seção. Os verbos foram analisados quanto à produção do significado existencial, bem como quanto à seção em que foram empregados nos artigos científicos. Abaixo, há uma demonstração da organização feita a fim de filtrar os dados do processo “acontecer”.

Figura 9 - Demonstração de organização da listagem gerada pela ferramenta *Concord*

Concordance	Arquivo	Identificação do processo	Processo existencial	Ocorrência por seção
está inserida fora da escola, cujo aprendizado acontece brincando , observando, testando,	luguês-14214 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
alguém menciona que a compensação da pessoa cega acontece pela existência de um “tato mais	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
o uso de um item novo em uma construção, como acontece com bananas em That drives me bananas	guês)-e15041 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
leitura e produção escrita: elas aconteciam? Como aconteciam? Com que frequência? Pelo que é	luguês-14214 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
papel semântico de experienciador, como acontece numa construção verbo-nominal do tipo Maria	guês)-e15041 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
na cultura. Um dos processos compensatórios acontece quando (Vigotski, 2012a, pp. 152-153,	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
os quais, de uma perspectiva discursiva, acontecem por meio de práticas orais e letradas. Esse	guês)-e16292 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
das aulas de leitura e produção escrita: elas aconteciam? Como aconteciam? Com que frequência?	luguês-14214 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
a partir de outro raciocínio, o de que ele acontece na cultura, nos permite trazê-lo para a	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
do outro são diariamente construídas enquanto acontece a vida. É neste contexto que nossas	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
das instituições nas quais a leitura e a escrita acontecem . Pelo contrário, postula-se que o	luguês-13679 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
sequência “mais pesado” que a bexiga estourada. Acontecido isso , a reação dos alunos surdos foi	TCIA MUNIZ.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
Na função de planejamento de suas ações, a fala acontece quando se desloca para o início da	TCIA MUNIZ.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
pela angústia de sua peculiaridade. Isso acontece porque , pelo respaldo de premissas negativas,	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
quando em relação a uma ou mais barreiras, e isto acontece dentro do espaço social, na cultura.	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
surdos sinalizadores permitiu que tal movimento acontecesse; possivelmente , um colega ouvinte	TCIA MUNIZ.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
que: Como já mencionado, a experiência musical acontece antes mesmo do nascimento, a partir das	INE RIBEIRO.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
a aula pudesse ser diferente do que normalmente acontece, resultando em aprendizagem para eles.	luguês-14214 (1).bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento
lado, na garrafa com furo esse impedimento não acontece porque , no momento, do assopro da	TCIA MUNIZ.indd.bt	Acontecer	Sim	Desenvolvimento

Fonte: Picanço, 2024.

Depois de filtrar dados em um intervalo de células ou tabela, os dados foram obtidos com maior precisão. Em outras palavras, foi possível visualizar apenas as ocorrências que interessam a esta pesquisa: com valor existencial. Passou-se, então, a lidar com os seguintes resultados:

Quadro 9 - Quantificação dos processos existenciais no *corpus*

Processo	Contagem de Identificação do processo	Soma de Processo existencial
Acontecer	27	27
Crescer	2	1
Emergir	24	22
Encontrar(-se)	58	13
Estar	163	0
Existir	41	41
Haver	212	195
Irromper	1	1
Localizar(-se)	14	4
Ocorrer	63	63
Restar	3	0

Resultar	16	5
Seguir(-se)	23	2
Situar(-se)	27	4
Surgir	25	25
Ter	198	2
Total Geral	897	405

A pesquisa passou a contar, conforme o quadro acima, com 409 orações existenciais. Com base no sistema léxico-gramatical que realiza a metafunção ideacional da linguagem (Halliday; Matthiessen, 2014), investigou-se a realização dos processos existenciais em orações que constituem diferentes seções do artigo científico. Essa investigação consistiu na conferência manual dos processos empregados pelos pesquisadores, bem como do participante Existente.

Esse procedimento permitiu a verificação da relação dos processos existenciais nas etapas do *corpus* em análise. O resultado foi o descrito abaixo:

Quadro 10 - Relação de cada processo existencial nas etapas dos artigos científicos

Processo	Introdução	Desenvolvimento	Considerações finais
Acontecer	0	26	1
Crescer	0	0	0
Emergir	4	15	3
Encontrar(-se)	0	12	0
Estar	0	0	0
Existir	2	36	3
Haver	8	178	9
Irromper	0	1	0
Localizar(-se)	1	3	0
Ocorrer	9	48	6
Restar	0	0	0
Resultar	2	3	0
Seguir(-se)	0	2	0
Situar(-se)	0	3	1
Surgir	3	21	1
Ter	0	2	0
TOTAL	29	350	24

Com o suporte desses dados, identificou-se a porcentagem de ocorrências dos processos existenciais nas etapas dos artigos científicos – *corpus* em análise. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, impõem-se as seguintes questões:

- a) o reconhecimento do tipo de processo depende da ocorrência de outros componentes da oração?
- b) a forma verbal interfere na classificação do processo?
- c) o processo interfere em sua classificação quanto ao significado?
- d) recursos linguísticos de modalidade interferem na produção do significado existencial?
- e) como o pesquisador se coloca por meio das operações linguísticas?
- f) como se dá o apagamento daquele que esteve à frente do desenvolvimento da pesquisa: o pesquisador?

Os resultados obtidos e a discussão detalhada das orações existenciais, bem como seus efeitos na busca pela objetividade científica serão apresentados na seção a seguir, destinada à análise de *corpus*.

5 ANÁLISE DE *CORPUS*

Nesta seção, propõe-se a análise não só do contexto de situação dos artigos analisados, mas também dos aspectos gramaticais do sistema de transitividade. Serão analisadas as ocorrências em contexto de 20 artigos científicos.

5.1 Contexto de situação dos artigos em análise

A respeito da variável *campo*, os artigos estudados têm por objetivo apresentar à comunidade científica – nacional e internacional – pesquisas que envolvem todas as manifestações referentes ao fenômeno linguístico. Os artigos selecionados compõem os volumes das revistas acadêmicas Alfa e Delta.

À variável *relações*, pode-se associar todo o processo de produção e circulação dos artigos até a sua publicação nas revistas. Tal processo costuma seguir um ritual bastante conhecido no meio acadêmico. Nas revistas Alfa e Delta, os textos devem ser de autoria, necessariamente, de, no mínimo, um pesquisador com título de doutor. Assim, pesquisadores não doutores podem submeter trabalhos em co-autoria com um doutor. Em seguida, os trabalhos são avaliados por dois pareceristas indicados, sem o conhecimento da autoria, e encaminhados de volta para os autores com instruções para possíveis modificações. A partir disso, são disponibilizados em plataformas digitais gratuitamente a fim de divulgar o conhecimento científico aos interessados em discussões a respeito da linguagem, teóricas ou aplicadas, proporcionando maior democratização do conhecimento. A distância social entre esses potenciais leitores e os produtores é máxima, pois não há interação direta.

Estabelece-se uma hierarquia em que os autores são colocados em um patamar elevado, tendo em vista os conhecimentos que detêm e disponibilizam à audiência que busca por tais conhecimentos. Tal dinâmica, por sua vez, revela questões complexas sobre o equilíbrio de poder entre autores e pareceristas. Por um lado, os autores, ao submeterem seus trabalhos aos pareceristas, estão sujeitos à crítica e à avaliação externas. As sugestões de modificações ou críticas apontadas pelos pareceristas podem implicar revisões substanciais no texto, atingindo, assim, a originalidade e a validade das contribuições dos autores. Além disso, o anonimato dos

pareceristas pode criar um ambiente em que os autores sintam que sua autoridade é desafiada por revisores desconhecidos, gerando um sentimento de vulnerabilidade e subordinação.

Embora os pareceristas desempenhem um papel crucial na avaliação e seleção dos artigos, a autoridade dessa parte da relação pode ser percebida como superior à dos autores, especialmente considerando que são os pareceristas que determinam, em última instância, se um artigo será aceito para publicação. Isso pode gerar uma dinâmica de poder desigual, na qual os autores se veem obrigados a seguir as recomendações dos pareceristas, mesmo que discordem delas, para garantir a aceitação de seus trabalhos para publicação. À vista disso, é importante garantir que essa relação seja construída com base na transparência, respeito mútuo e compromisso com a excelência acadêmica, visando sempre ao avanço do conhecimento científico de forma justa, ética e equitativa.

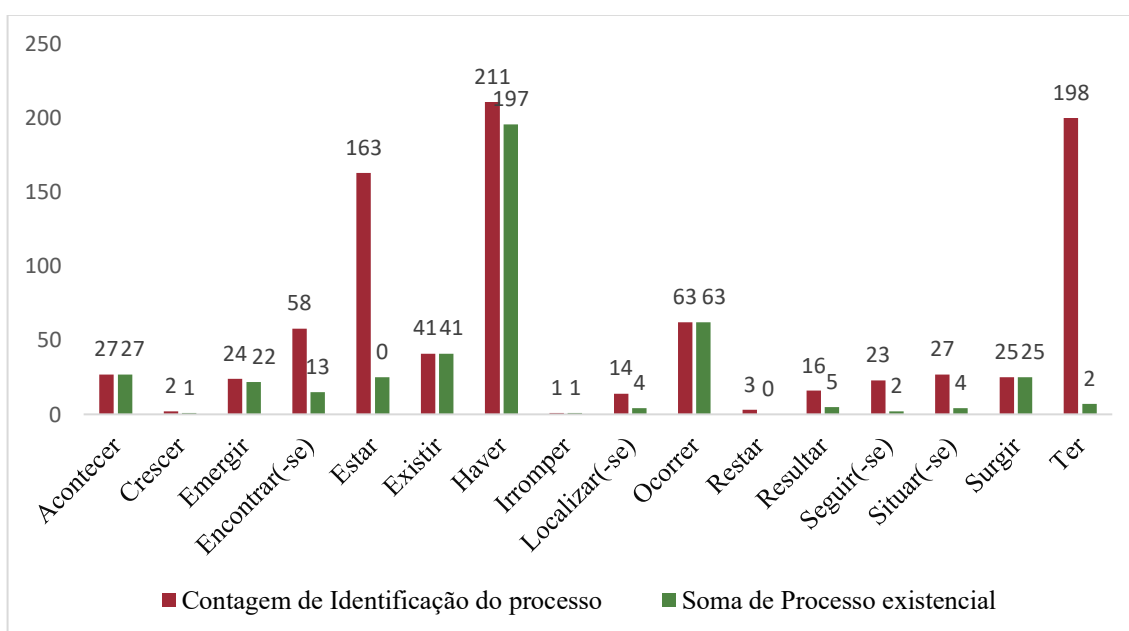
Relativamente à variável *modo*, a linguagem desempenha um papel constitutivo, pois é usada para se refletir sobre algum tema. Como a linguagem não acompanha a ação, tem-se um texto que se destina a codificar as reflexões consideradas sobre um tópico. Isso ocorre por meio de um canal gráfico e um meio escrito – sem contato presencial, auditivo ou visual com o público-alvo. Sem interação imediata com o interlocutor, os textos foram organizados de forma sinóptica (Eggins, 2004), com base na exposição e na argumentação sob o uso de vocabulário de maior prestígio.

O funcionamento da linguagem, nesse contexto, desempenha um papel crucial no processo de legitimação da ciência, pois proporciona uma forma universalmente reconhecida e aceita de comunicação científica. Ao codificar reflexões sobre um tema em um texto escrito, de canal gráfico, os textos científicos são capazes de transcender barreiras linguísticas e culturais, permitindo que o conhecimento seja compartilhado e compreendido por indivíduos de diferentes origens e contextos e que, consequentemente, seja base comum para o avanço científico. Culturas que não têm acesso a esse meio podem encontrar obstáculos na validação de seu saber científico, pois a linguagem gráfica não apenas facilita a legitimação da ciência, como também promove a inclusão e a diversidade no processo de produção e compartilhamento de conhecimento científico para todas as sociedades.

5.2 Análise léxico-gramatical dos significados existenciais e interpretações

Após a elaboração da lista das ocorrências pelo *Concord* que apresentavam potencial para a configuração de processos existenciais (Fuzer; Cabral, 2014), foram encontradas 897 ocorrências. Com base na análise dos aspectos léxico-gramaticais capazes de representar experiências por meio da linguagem, obtiveram-se 409 construções que constituem processos existenciais. Todas as outras 459 correspondem a outros processos ou configuram formas compostas de verbos ou de locuções verbais. O Gráfico 1 resume os principais resultados obtidos.

Gráfico 1 - Realizações dos processos com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Os dados obtidos e apresentados nesse gráfico apresentam particularidades importantes. Estabelecendo uma comparação entre o número de ocorrências de cada um dos processos, apenas os processos “acontecer”, “existir”, “haver”, “ocorrer” e “surgir” foram empregados majoritariamente manifestando significados existenciais. Os outros processos do gráfico estavam envolvidos em outras representações de experiências. Já os processos “perdurar”, “sobreviver”, “suceder”, “florescer” e “vigorar” não foram empregados nos artigos e, por isso, não foram contabilizados no gráfico.

Quanto aos processos com maiores ocorrências, é importante fazer uma consideração. Os processos “estar”, “haver” e “ter” destacaram-se em relação aos demais, mas “estar” e “ter” não expressaram, em maioria, significados existenciais. Isso se deve à “possibilidade de tais processos constituírem locuções verbais tanto na condição de auxiliares quanto na condição de

verbo principal” (Lima, 2013, p. 75). Além disso, é preciso pontuar que o processo “ter” só expressa significado existencial no português brasileiro, em textos de maior coloquialidade, o que não é o caso do *corpus* em análise. Já o resultado encontrado nas ocorrências com o processo “haver” é explicado pelo fato de ser prototipicamente existencial, bem como o resultado de “existir” e “ocorrer”.

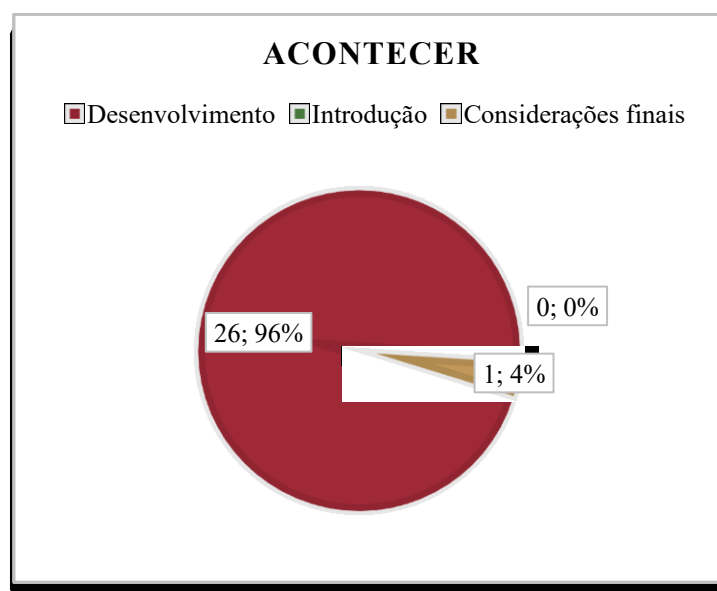
A partir de agora, apresenta-se a análise de cada um dos processos. Essa análise se dá com base em exemplos de ocorrências manifestando significados existenciais em diferentes etapas do artigo científico.

5.2.1 Acontecer

Fuzer e Cabral (2014) situam o processo “acontecer” como processo existencial neutro do tipo acontecer. Como sinônimo de “ocorrer”, esse processo indica que algo – um Existente de características prototipicamente não humanas – acontece ou simplesmente existe. No *corpus*, representa menos de 10% das ocorrências. Apesar da baixa representação, o caráter existencial é evidenciado em todos os seus empregos.

O anúncio da existência por meio desse processo ocorreu, majoritariamente, no desenvolvimento dos artigos – estágio previsto na estrutura potencial do gênero – conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Realizações do processo acontecer com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

As amostras (1) e (2) são representativas dos significados decorrentes dos processos existenciais do tipo neutro do acontecer.

1.	Fica explícito que a deficiência está presente quando em relação a uma ou mais barreiras, e isto acontece dentro do espaço social, na cultura. (A8)		
(...) e	isto	acontece	dentro do espaço social, na cultura.
Elemento textual	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

A oração analisada é iniciada pelo elemento coesivo “e”, que estabelece uma relação lógico-semântica de adição entre a oração anterior e a oração em análise. Em seguida, identifica-se o participante Existente “isto”. Esse participante – realizado gramaticalmente pelo pronome demonstrativo – retoma a informação dada na oração anterior: a deficiência, de qualquer natureza, presente em relação a uma ou mais barreiras. Trata-se de uma situação, segundo Bechara (2009), do

emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.^a pessoa ou ao tempo em que se fala. (Bechara, 2009, p. 189)

De qualquer forma, nesse movimento de retomada, esse participante antecede o componente essencial que o sucede: o processo “acontece”. Vale destacar, neste ponto, que é por meio desse processo que se constata que o Existente está no mundo, acontece, sem que haja referência a que entidade desencadeia o processo. Em seguida, tem-se o âmbito em que o processo se desdobra: “dentro do espaço social, na cultura”. Esse componente circunstancial – opcional – adiciona significado de localização ao processo.

O significado existencial produzido enfatiza a ideia de que as barreiras enfrentadas pelas pessoas surdas não são inerentes a elas, mas sim produto do ambiente social e cultural em que estão inseridas. No contexto da seção de desenvolvimento do artigo científico, essa oração contribui para a argumentação ao ressaltar que a deficiência não é uma condição isolada, mas sim uma interação complexa entre o indivíduo e o ambiente ao seu redor. Objetiva, desse modo, a discussão ao focar na dinâmica social e cultural em vez de enfatizar a opinião ou a perspectiva do autor – sobretudo pelo uso anafórico do pronome “isto”. Em outros termos, trata-se de uma forma de ênfase no conteúdo científico em detrimento de quem o produz.

A mesma realização gramatical do Existente da oração acima, a qual representa um acontecimento, pode ser observada na oração abaixo:

2.	Acrescenta-se que fala e escrita podem ser concebidos (<i>sic</i>), segundo argumenta Corrêa (2004), como modos de enunciação os quais, de uma perspectiva discursiva, acontecem por meio de práticas orais e letradas. (A18)		
(...) os quais,	de uma perspectiva discursiva,	acontecem	por meio de práticas orais e letradas.
Existente	Circunstância de ângulo	Processo existencial	Circunstância de modo

Essa oração encaixada é iniciada pelo pronome relativo “os quais”, que estabelece relação coesiva ao recuperar “modos de enunciação” da oração anterior. Nessa retomada, não é o termo recuperado, referente desse pronome, que atua para que a existência aconteça. O participante “modos de enunciação” não apresenta caráter agentivo e, por isso, é o Existente do processo existencial “acontecem”. Entre esses dois componentes categorizados como essenciais, há a circunstância de ângulo, do tipo ponto de vista, indicando sob qual perspectiva tal participante acontece. Depois do processo, tem-se uma circunstância de modo, do tipo meio, que modifica o modo do acontecimento.

Nesse contexto, a oração existencial enfatiza a natureza heterogênea da escrita e sua relação com a fala, destacando que ambas as modalidades de linguagem ocorrem por meio de práticas orais e letradas. Essa construção contribui para a discussão sobre a relação entre fala e escrita, evidenciando que ambas são influenciadas pelas práticas discursivas. A construção com processo existencial favorece a objetividade ao apresentar essa relação, sem atribuir a autoria da perspectiva a um indivíduo específico.

Outra construção interessante com o processo “acontecer” é a encontrada em:

3.	Planejamento dos experimentos e intervenções didático-pedagógicas pela equipe da Banca, com aplicação na turma de alunos surdos, o que aconteceu por meio da mediação em Libras pelos professores bilíngues; (A7)		
o que	aconteceu	por meio da mediação em Libras pelos professores bilíngues;	
Existente	Processo existencial	Circunstância de modo	

Esse fragmento diz respeito a uma das etapas de atividades realizadas para a coleta de dados do artigo em questão. Aqui, o Existente é a forma “o que”, empregada como pronome relativo. Segundo Azeredo (2014), quando essa forma dá início a uma oração de valor adjetivo à medida que apresenta uma explicação sobre o conteúdo de uma proposição geralmente precedente, tem-se um emprego típico da forma como pronome relativo. Isso se aplica à oração em questão, pois é uma forma que recupera a aplicação dos planejamentos para a turma de alunos surdos. Vale comentar que, na LSF, ao contrário do que acontece nas gramáticas tradicionais, o “o” não se separa do “que”, pois formam uma unidade, que encabeça uma oração

elaboradora hipotática. Em função disso, o Existente é encontrado na posição temática da oração.

Esse Existente é anunciado pelo processo existencial “aconteceu”, segundo componente da oração. Fuzer e Cabral (2014) enquadram o processo “acontecer” no grupo dos neutros do tipo acontecer. Sua neutralidade, no entanto, é afetada pelo componente circunstancial que o acompanha: “por meio da mediação em Libras pelos professores bilíngues”. Essa circunstância é um aspecto do processo interpretado e assume significado de meio. Em outras palavras, trata-se de um elemento que interpreta a forma como o processo é atualizado.

A construção enfatiza que a mediação em Libras foi o meio pelo qual os professores bilíngues agiram como mediadores da comunicação, o que garantiu a participação efetiva dos alunos surdos nas atividades propostas. No capítulo de procedimentos de análise na seção de desenvolvimento, essa oração oferece clareza sobre como os dados foram obtidos. Essa estratégia mantém, de forma objetiva, o foco na descrição dos procedimentos adotados durante a pesquisa, sem enfatizar a participação ou contribuição pessoal do pesquisador.

Vale, além disso, considerar uma construção relevante. Observe o seguinte trecho do artigo A17:

4.	Quando há construcionalização, toda a rede é alterada com a entrada dessa nova construção, que passa a competir com outras construções do mesmo paradigma. Foi o que aconteceu , por exemplo, com a entrada das construções <i>embora</i> e <i>mesmo</i> no período moderno da história do português, as quais passaram a constituir nós do paradigma dos conectivos concessivos. (A17)		
o que	aconteceu,	por exemplo,	com a entrada das construções <i>embora</i> e <i>mesmo</i> (...).
Existente	Processo existencial	Elemento textual	Circunstância de localização de tempo

No viés da LSF, cada escolha contribui para a construção dos significados. A estrutura em questão foi introduzida pela construção de natureza substantiva “o que”, seguida pelo processo existencial “aconteceu”. Tem-se, assim, uma oração encaixada¹⁷ que caracteriza, ao mesmo tempo que anuncia, o Existente “o que”. Realizado gramaticalmente pelo pronome demonstrativo, esse Existente tem como referente uma informação recuperável no período anterior: “a alteração na rede com a construcionalização”. Trata-se, desse modo, de um mecanismo coesivo.

O Existente “o que” é anunciado pelo processo “aconteceu”, do tipo neutro. Entende-se que, por ser anafórico, trata-se, assim, de um recurso de focalização que lhe dá destaque. Sua

¹⁷ Não se tem como objetivo nesta pesquisa fazer a classificação do complexo oracional.

existência é utilizada como exemplo, o que fica claro pelo uso da locução “por exemplo”, da situação descrita no período anterior. Da mesma forma, é circunstancializada, assim como na análise anterior, pela indicação do momento de realização do processo: “com a entrada das construções *embora* e *mesmo* (...)”.

Empregada no contexto de desenvolvimento do artigo, em uma seção de exposição teórica da concepção tratada, a oração existencial anuncia a existência de uma ocorrência específica do fenômeno da construcionalização em um capítulo que investiga como certas construções linguísticas surgiram, difundiram-se ou evoluíram ao longo do tempo. Por meio do exemplo concreto de mudança linguística, sustenta-se a ideia do capítulo de que novas formas são incorporadas ao sistema linguístico e passam a competir com outras construções existentes. Além de focalizar a descrição do evento linguístico sem atribuí-lo a algum agente, a oração existencial enfatiza a natureza geral e abstrata das mudanças linguísticas.

Ainda no desenvolvimento, cabe analisar, também, a peculiaridade de uma construção que ocorreu duas vezes no *corpus*. Considere o trecho e a referida divisão da oração existencial:

5.	Na oração em (15), o argumento sujeito de <i>testar</i> desempenha papel semântico de experienciador, como acontece numa construção verbo-nominal do tipo <i>Maria caiu doente</i> , que pode ser representada como $SN_{Exp}V_{Ação}SA_{Adj}$. (A17)		
	como	acontece	numa construção verbo-nominal do tipo <i>Maria caiu doente</i> (...).
	Elemento textual	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

Na estrutura sintática da oração em questão, o elemento “como” atua como tema textual, seguido pelo processo “acontece” e sua circunstância de localização. Sob a análise léxico-gramatical do sistema transitividade, verifica-se que, embora não haja o Existente explícito, ele pode ser recuperado pelo contexto: “o argumento sujeito de *testar* desempenha papel semântico de experienciador” como Portador na oração anterior. A estrutura em análise revela que, ao estabelecer uma relação entre a informação anterior e a que carrega, o elemento “como” introduz uma oração de valor comparativo.

O emprego do elemento “como” indica uma propriedade comum aos conteúdos comparados nas duas orações. Trata-se, segundo Azeredo (2014), de uma comparação assimilativa e pode ser expressa por meio das locuções “da mesma forma que” e “assim como”. Segundo o autor, “a oração comparativa tende a ser uma construção elíptica, uma vez que as partes do significado da frase que ela e a oração principal têm em comum só vêm explícitas na principal” (Azeredo, 2014, p. 339). Sob o ponto de vista funcional, essa parte está explícita na

oração dominante “o argumento sujeito de *testar* desempenha papel semântico de experienciador”.

Ainda de acordo com Azeredo (2014), o valor assimilativo da conjunção “como” é o que permite estabelecer uma comparação entre dois fatos, indicando que o conteúdo de uma oração é confirmado pelo conteúdo da outra. Nessa perspectiva, o “como” é sempre substituível pela conjunção “conforme” e introduz uma oração de valor conformativo. Azeredo (2014) concebe, então, a comparação conformativa como uma categoria específica de comparação que visa expressar a conformidade entre dois elementos. Com essa especificidade, o foco está na ideia de que algo é realizado ou acontece de acordo com alguma adequação. Sob esse viés, o “como” do exemplo 5 pode ser compreendido como “conforme”.

Nesse sentido, é necessário considerar o potencial de significados da língua e analisar a estrutura sintática da oração. Vale observar que, nas construções Como + processo existencial, o Existente é omitido devido ao traço comparativo impresso pela conjunção “como”, que leva à recuperação imediata do participante na oração anterior. Nessas construções chama atenção também o fato de que o preenchimento do existente na oração existencial com “como” tende a mudar o valor semântico da conjunção “como”. Em outras palavras, “como” perde o valor semântico de comparação e assume papel modal em caso de retomada do existente.

Isso pode ser comprovado com a análise do fragmento retirado de um artigo de divulgação científica da revista *Ciência Hoje*¹⁸:

6.	Existem duas hipóteses principais para a causa desses incêndios. A primeira é que o fogo poderia ter sido iniciado por relâmpagos, como acontece hoje em dia em muitas florestas. Ou esses incêndios poderiam ter sido provocados por vulcões.		
	como	acontece	hoje em dia em muitas florestas.
Elemento textual	Processo existencial	Circunstância de localização de tempo	Circunstância de localização de lugar

Aqui, o elemento textual “como” também é destacado por tematizar a oração. Ao anteceder o processo existencial “acontece”, estabelece uma comparação conformativa (Azeredo, 2014) entre a primeira oração e a que introduz. O Existente desse processo não está explícito, mas pode ser recuperado como “o início do fogo por relâmpagos”. Aos componentes essenciais – Existente e processo existencial – são acrescentadas circunstâncias referidas às noções de tempo e espaço. Elas ampliam o centro da oração ao introduzirem, respectivamente,

¹⁸ Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/incendios-no-passado-do-continente-gelado/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

significados de temporalidade e espacialidade por meio dos componentes “hoje em dia” e “em muitas florestas”.

Nos casos analisados no desenvolvimento, o Existente sempre aparece em posição anteposta ao processo. A representação dessa estratégia coesiva também foi verificada na única realização desse processo na conclusão. Observe-a no trecho de A9:

7.	E, no entanto, apesar disso, tinha-se a sensação de que ele possuía uma inteligência normal, a despeito dessas patentes limitações do funcionamento intelectual. Não é que lhe faltasse mente; o que acontecía é que ele não estava usando sua mente por completo. Ele estava sendo privado. (A9)	
	o que	acontecía
	Existente	Processo existencial

Nessa amostra, o significado existencial se dá pelo Existente “o que” e pelo processo “acontecía”, do tipo neutro. Apesar de caracterizado pela oração existencial, o Existente não é explícito. Trata-se de um componente representado por um elemento de natureza gramatical apresentado cataforicamente. Esse Existente antecipa a explicação que será fornecida na oração seguinte sobre a sensação descrita no texto. Assim, o “o que” introduz a ideia de que algo estava acontecendo para justificar essa sensação, preparando o leitor para a explicação que se seguirá.

5.2.2 Crescer

Fuzer e Cabral (2014) apontam que se trata de um verbo que pode ser classificado como um processo existencial com traços circunstanciais de lugar. Esse valor é passível de acontecer quando o processo anuncia a existência do participante Existente.

Entre os artigos científicos analisados, o processo “crescer” aparece em duas ocorrências, e, pelo seu contexto, não se julgou produtivo ilustrá-las em gráfico. Observem-se as realizações:

8.	Cada um desses campos elabora e organiza em si um repertório de gêneros, que crece e se complexifica ao sabor das necessidades enunciativas dos usuários de gêneros nesses campos. (A4)
----	--

9.	Porém, foi a partir da criação, em 1951, do que hoje é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que a iniciação científica no ensino superior passou a ser financiada. Na década de 1990, esse financiamento creceu significativamente, além de expandir-se de modo um pouco mais democrático para regiões como Norte e Nordeste. (A11)
----	--

Diante desses fragmentos, surgiu a dificuldade de classificar o processo como existencial. Isso ocorre porque, segundo Thompson (2014), os processos existenciais estão claramente associados não só a processos relacionais, mas também a processos materiais do tipo “acontecer”. Fuzer e Cabral (2014) afirmam, inclusive, que frequentemente as orações existenciais se fundem com as materiais no sistema de transitividade.

Como afirma Thompson (2014), é relevante comparar um processo existencial com uma possível reformulação a partir do uso do “existir”, mas essa estratégia enfraquece o significado “apresentativo” do original. Entre as redes de opções de significados potenciais para criar, a reformulação se mostrou viável em (8) porque “crescer” tem “existir” como pressuposto. Observe:

8.1	Que	cresce
	Existente	Processo existencial
8.2	Que	existe
	Existente	Processo existencial

Nesta oração encaixada, o pronome relativo “que” ocupa a primeira posição da estrutura temática, em um mecanismo coesivo de recuperação de seu referente: “um repertório de gêneros”. Aqui, pela semântica, na reformulação com o uso do “existir”, a construção fica semanticamente igual à ideia do sentido original: Cada um desses campos elabora e organiza em si um repertório de gêneros, que existe e se complexifica (...). Nesse caso, “um repertório de gêneros” é o Existente do processo “cresce”, o qual introduz a sua existência. Isso se deve ao fato de que “crescer” tem “existir” como pressuposto.

Vale considerar aqui uma característica relevante nesta análise: o processo “crescer” pressupõe a existência especialmente quando se trata de processos de desenvolvimento, ampliação ou complexificação de algo que já está presente. Quando se afirma que algo está crescendo, isso sugere que existe uma base inicial sobre a qual esse crescimento ocorre. No caso específico da oração (8), “crescer” implica que o repertório de gêneros já existe e está em constante expansão em relação às novas necessidades comunicativas que surgem. Essa observação é importante para entender a dinâmica da língua em uso em diferentes contextos, uma vez que pode influenciar a forma como se interpreta um significado.

Prova disso é que, por outro lado, ao fazer a reformulação em (9), percebe-se que não se anuncia a existência da situação na oração abaixo:

9.1	Na década de 1990,	esse financiamento	creceu	significativamente (...).
	Circunstância de localização	Ator	Processo material	Circunstância de modo

A análise léxico-gramatical do sistema de transitividade revela que não há função de oração existencial. De acordo com essa análise, “esse financiamento” é o Ator da oração material. Na perspectiva da LSF, trata-se de um acontecimento ou um processo intransitivo; por isso, o processo “creceu” em (9) representa um processo material transformativo intransitivo. Apesar disso, é pertinente comentar a nomeação do único participante. Ele é claramente afetado pelo processo – que se passa nele, não a partir dele. Nesse caso, tem-se uma oração em que não existe nenhum traço de agentividade¹⁹ porque não foi o participante “esse financiamento” que provocou a ação de crescer.

Sob esse viés, apenas a ocorrência (8) expressa significado existencial, o qual está intimamente relacionado ao desenvolvimento do artigo científico. Por meio dele, reforça-se a ideia de que os gêneros não são estáticos, mas sim fluidos e sujeitos a mudanças ao longo do tempo. Sem atribuir essa mudança a um agente específico, o pesquisador sugere que o desenvolvimento dos gêneros é um processo natural e orgânico, dissociado de qualquer viés pessoal ou subjetivo. Ao se apontar a necessidade de uma abordagem flexível e adaptativa para entender esses fenômenos, a oração contribui para uma compreensão mais abrangente e precisa desses gêneros.

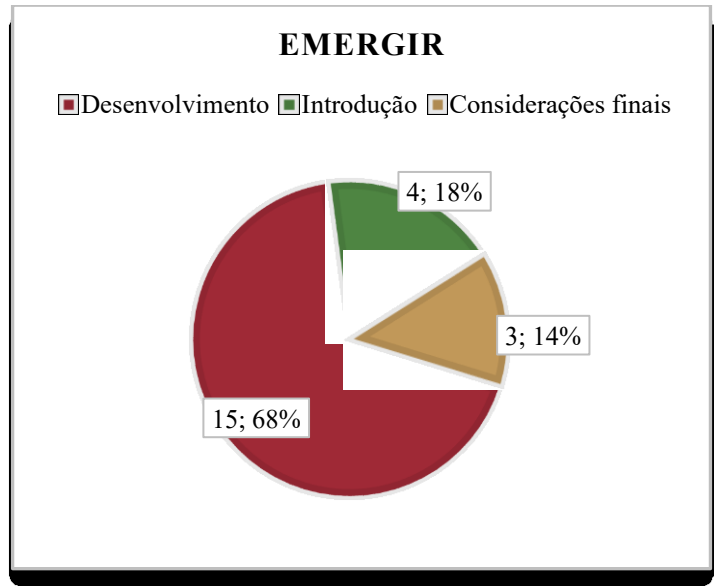
5.2.3 Emergir

Fuzer e Cabral (2014) enquadram o processo “emergir” no grupo dos processos existenciais com traços circunstanciais de lugar. Nas 24 ocorrências desse processo, 22 foram em construções com orações existenciais, isto é, significando “acontecer”, “surgir”.

¹⁹ Lima (2017) considera que, em uma oração que não apresenta noção de agentividade, o participante não deve ser categorizado nem como Ator, nem como Meta. Para o autor, trata-se um participante específico de orações materiais que ainda não foi apontado na literatura sistêmico-funcional no sistema de transitividade. Nesse caso, a construção em questão é considerada ergativa e, portanto, deve ser analisada sob o sistema de ergatividade, que apresenta as noções de Agente e Meio. Não se tem como objetivo aqui a análise de construções com base no modelo ergativo.

Em relação às etapas do gênero artigo científico, o resultado quantitativo foi este:

Gráfico 3 - Realizações do processo emergir com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

O exemplo (10) a seguir corresponde ao uso existencial do processo na seção introdutória:

10.	À época, Uruk era um centro comercial cuja sociedade encontrou uma forma muito simples de fazer transações comerciais: fazendo marcas ou desenhos dos produtos comercializados nas peças de argila ainda mole. Emergiam , então, as primeiras planilhas de controle de estoque e os primeiros contratos comerciais.		
	Emergiam,	então,	as primeiras planilhas de controle de estoque e os primeiros contratos comerciais.
	Processo existencial	Elemento textual	Existente

Aqui, o primeiro componente da oração é o próprio processo. Em outras palavras, é o processo “Emergiam” que ganha destaque na oração ao ser tematizado. Em seguida, tem-se o elemento textual de valor conclusivo que retoma o intervalo de tempo construído no período anterior (a feitura de marcas ou desenhos dos produtos de argila comercializados pela sociedade de Uruk), definindo-a como ponto de partida para o desenvolvimento do fato seguinte: a emersão, ou seja, o aparecimento das primeiras planilhas. Nesse sentido, o componente que realiza o papel de participante Existente é: “as primeiras planilhas de controle de estoque e os primeiros contratos comerciais”.

Flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, o processo "emergiam" indica uma ação que ocorria de maneira contínua, habitual. Nesse contexto, é usado para descrever a ação

de surgir ou aparecer gradualmente. Empregado na seção introdutória do artigo, esse processo existencial anuncia o surgimento das formas primordiais de escrita como uma evolução histórica, estabelecendo um contexto histórico e evolutivo para a discussão posterior sobre a emergência e a standardização dos gêneros de escrita.

Já na parte do desenvolvimento, outro exemplo que ilustra esse processo ocorre em (11):

11.	Depreende-se que há uma relação direta entre fala e escrita, de modo que se pressupõe que a vírgula conseguiria transpor, fielmente, para o texto escrito, algumas características da fala. A tendência autonomista da pontuação, em contrapartida, emerge por volta do século XIX, junto ao surgimento da Imprensa Francesa. O surgimento da Imprensa Francesa traz uma maior circulação de textos escritos na sociedade à época e, no seu bojo, a prática da leitura silenciosa. (A18)			
A tendência autonomista da pontuação,	em contrapartida,	Emerge	por volta do século XIX,	junto ao surgimento da Imprensa Francesa.
Existente	Elemento interpessoal	Processo existencial	Circunstância de localização de tempo	Circunstância de localização de lugar

Nessa construção, o Existente é inserido como primeiro elemento, ou seja, o anúncio da existência do participante se dá desde o início da oração. Depois, o elemento interpessoal “em contrapartida” apresenta uma informação compensatória ou alternativa em relação ao fato abordado na oração anterior: a transposição fiel da vírgula para o texto escrito. Marca-se, assim, uma transição entre diferentes pontos de vista. A seguir, o processo é alargado (Cabral, 2013) por duas circunstâncias de localização do espaço temporal, as quais contextualizam em que momento se deu o processo “emerge”.

Nesse momento do desenvolvimento, o pesquisador aborda duas tendências na história da pontuação, focando especificamente a vírgula. O anúncio do Existente representa a tendência responsável por compreender os sinais de pontuação como mecanismos lógico-gramaticais. Ao anunciar mais essa tendência, percebe-se que o processo existencial auxilia a contextualizar a discussão sobre a evolução da compreensão da vírgula ao longo do tempo e a destacar sua importância contínua na escrita atual.

Vale comentar que o núcleo desse Existente, “tendência”, representa uma estratégia de impessoalização: a nominalização²⁰. Característico do discurso científico, esse recurso viabiliza que a palavra, em vez de funcionar na oração como processo ou Atributo, funcione como coisa

²⁰ Halliday e Matthiessen (2014) consideram que a nominalização é a forma mais poderosa para criar metáforas gramaticais. Thompson (2014) entende como metáfora gramatical a expressão de um significado por meio de uma forma léxico-gramatical que originalmente evoluiu para expressar um tipo diferente de significado. Quando a informação de um processo ou de uma propriedade é empacotada em uma nominalização, a metáfora leva a uma expansão do potencial de significado ao criar padrões de realização estrutural. Nesse sentido, a recodificação da estrutura linguística de modo mais incrogruente e abstrato, compreendida como metáfora gramatical, é o recurso central para ampliar o potencial de significado da linguagem (THOMPSON, 2014).

no grupo nominal (Halliday; Matthiessen, 2014). Na oração em questão, a nominalização encapsula a ideia de inclinação ou direção específica na forma como a pontuação era utilizada na escrita durante o século XIX, em particular, a "tendência autonomista da pontuação". Essa expressão sugere que houve um movimento ou desenvolvimento em direção a uma prática mais independente e livre na utilização da pontuação, possivelmente marcando uma mudança na maneira como o texto escrito era estruturado e compreendido.

Outra realização na parte central do texto acadêmico em análise é a oração existencial encaixada introduzida pelo pronome relativo “que” – a qual ocorre dez vezes. Observe o fragmento retirado do artigo A13, texto em que foram encontradas quatro dessas estruturas:

12.	Em decorrência desse caráter probabilístico, outro princípio fundamental em que devem se basear as análises no escopo da RST é o da plausibilidade. A investigação das relações retóricas que emergem em um texto se dá com base no julgamento particular, porém devidamente justificado, do analista. (A13)		
	que	emergem	em um texto
	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

Essa oração encaixada é iniciada pelo pronome relativo “que”. Na configuração da oração encaixada, o pronome realiza uma estratégia coesiva ao recuperar o componente “investigação das relações retóricas” – Existente da oração “se dá²¹ com base no julgamento particular” – e especificá-lo. Nessa constituição semântica, não é o referente desse pronome que atua para que a existência aconteça. Tal componente, desse modo, é o Existente anunciado pelo processo existencial “emergem”, o qual é expandido pela circunstância de localização “em um texto”.

Em termos existenciais, o processo "emergem" destaca a presença e a importância das relações retóricas no texto, sugerindo que elas estão presentes de forma subjacente e que são fundamentais para entender a estrutura e o significado do texto. Associando-o à etapa de desenvolvimento do artigo científico, seu uso está vinculado à revisão da literatura, momento no qual o pesquisador identifica padrões, tendências e relações entre os estudos existentes. Nesse sentido, o processo "emergem" destaca o processo de descoberta e a revelação das

²¹ Não é objetivo desta pesquisa mapear outros verbos com potencial de processo existencial além do que foi apresentado por Fuzer e Cabral (2014), mas, na amostra em análise, notou-se que o processo “dar” acompanhado do pronome “se” tem o mesmo valor semântico dos verbos “ocorrer” e “acontecer”.

relações retóricas à medida que o texto é examinado criticamente nos moldes da RST, contribuindo para a compreensão mais profunda do conteúdo e da estrutura do texto analisado.

Por último, tem-se a ilustração da ocorrência desse processo na conclusão do artigo científico, o mesmo do exemplo anterior.

13.	Quanto à análise no quadro da RST, nas 12 hiperligações deste corpus de estudo, as relações retóricas que emergiram entre os textos de origem (N) e o texto de destino (S) foram, predominantemente, a de Fundo, com oito ocorrências, e a de Evidência, com três ocorrências. Isso revela que os produtores textuais, em ambas as revistas, tiveram a intenção de aumentar a capacidade do leitor de compreender o que estava sendo informado, por meio da relação de Fundo. Ademais, por vezes, os produtores textuais procuraram aumentar a crença do leitor sobre o que foi informado em uma parte de N, como uma forma de conferir credibilidade à informação por meio da relação de Evidência. (A13)		
	que	emergiram	entre os textos de origem (N) e o texto de destino (S)
	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

Da mesma forma que na amostra anterior, tem-se uma oração encaixada. Introduzida pelo elemento textual “que”, faz referência a “relações retóricas” em um movimento de retomada no texto. Esse referente é o Existente do processo existencial “emergiram”. O componente circunstancial, no que lhe concerne, situa a análise na relação entre o texto original, na qual as hiperligações estão inseridas (N), e os textos aos quais essas hiperligações direcionam o leitor, ou seja, os textos de destino (S). Essa distinção é fundamental para compreender como os produtores textuais utilizam as hiperligações para criar conexões e transmitir informações aos leitores.

O processo "emergiram", nessa realização, é usado para indicar que as relações retóricas se tornaram evidentes ou se destacaram paulatinamente durante a análise realizada. Ele denota que elas não estavam imediatamente óbvias, mas foram identificadas e ganharam importância pouco a pouco na compreensão do texto. Quanto à associação com a etapa de conclusão do artigo científico, o uso do processo está ligado à síntese das descobertas e das análises feitas ao longo do estudo, o que um pesquisador deve fazer nessa etapa do texto acadêmico.

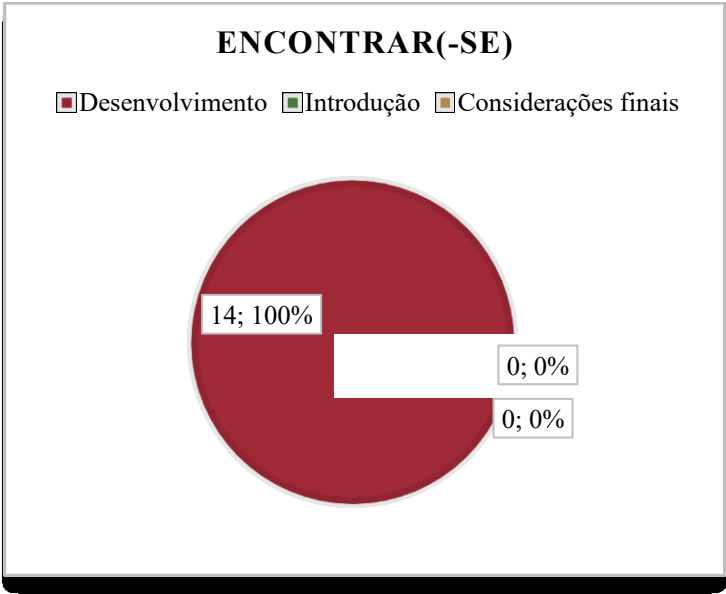
5.2.4 Encontrar(-se)

Entre os processos com potencial existencial em língua portuguesa, o processo “encontrar-se” é considerado, por Fuzer e Cabral (2014), do tipo com traços circunstanciais de

lugar. Isso significa que se trata de um processo existencial que deve produzir como significado a localização geográfica do participante que o complementa. Nesse sentido, essa circunstância “é realizada pelo processo, não ficando restrita às circunstâncias, que se realizam por meio de grupos preposicionais ou adverbiais” (Sá; Figueiredo-Gomes, 2020, p. 110).

Optou-se, aqui, por ampliar a análise do processo “encontrar” e seu valor representativo de uma entidade que existe ou acontece. Sendo assim, foram analisadas também ocorrências desse processo sem o pronome SE em estruturas que manifestaram um traço forte do valor existencial. Nesse sentido, o gráfico abaixo representa as realizações encontradas:

Gráfico 4 - Realizações do processo encontrar(-se) com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Todas as realizações existenciais desse processo foram encontradas no desenvolvimento do artigo científico. Os exemplos (14) e (15) aclaram a peculiaridade dos processos com esse traço:

14.	De acordo com Croft (2001, 2009), a representação da construção compreende duas dimensões, a da forma e a da função, interligadas por um elo de correspondência simbólica. No polo da forma, encontram-se as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. O polo da função, por sua vez, compreende propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas relacionadas a uma determinada configuração estrutural. A função inclui as particularidades da situação descrita no enunciado, as propriedades do discurso em que este ocorre e o próprio contexto de uso. (A17)		
	No polo da forma,	encontram-se	as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas.
	Circunstância de localização de lugar	Processo existencial	Existente

A circunstância de localização, do tipo lugar, “No polo da forma”, é o componente de abertura da oração, o Tema, que informa a existência de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. Apesar de ser o elemento temático da estrutura, não é o responsável, de fato, pela circunstancialização, uma vez que o componente circunstancial especifica o local ou o ponto de referência em que se encontram tais propriedades, associando-as à dimensão da forma da construção. O significado existencial é expresso pelo processo “encontram-se”, o qual anuncia o participante Existente “as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas”.

Esse significado existencial contribui para o desenvolvimento do artigo ao estabelecer uma base sólida para a discussão que se segue. Ao ressaltar a presença de determinadas propriedades dentro do conceito de construção linguística, tratada nos parágrafos anteriores, o pesquisador delinea os diferentes aspectos que serão abordados e explorados ao longo do texto. Nesse sentido, esse processo está diretamente ligado à apresentação e à explicação dessas propriedades dentro do arcabouço teórico discutido, o que ajuda o leitor a se orientar quanto ao escopo da análise a ser realizada.

15.	Na esteira dos postulados vigotskianos acerca do desenvolvimento da pessoa com deficiência, encontra-se o conceito de compensação cultural que orienta uma postura para aqueles que a assumem enquanto posicionamento teórico-metodológico, tanto na pesquisa como na atuação profissional, de superação de uma abordagem estritamente de compensação orgânica, estimulando aqueles órgãos que não foram afetados pela deficiência. (A6)	
Na esteira dos postulados vigotskianos acerca do desenvolvimento da pessoa com deficiência,	encontra-se	o conceito de compensação cultural que orienta uma postura para aqueles que a assumem enquanto posicionamento teórico-metodológico, tanto na pesquisa como na atuação profissional, de superação de uma abordagem estritamente de compensação orgânica ²² (...).
Circunstância de localização de lugar	Processo existencial	Existente

Assim como no fragmento anterior, a circunstância ocupa a primeira posição da oração e expressa localização em “Na esteira dos postulados vigotskianos acerca do desenvolvimento da pessoa com deficiência”. Esse componente introduz uma informação complementar ao significado do processo “encontra-se”, o qual, por sua vez, insere a existência do Existente “o conceito de compensação cultural (...)”. No caso específico do participante Existente em análise, identifica-se a presença de uma oração encaixada – de valor adjetivo – que expande a

²² Como as orações encaixadas compõem o grupo nominal a que se referem, elas não foram isoladas para análise.

informação do núcleo “o conceito de compensação cultural” e, por isso, não pode ser separada dele, justificando, assim, a antecipação da circunstância.

No contexto do A6, esse processo indica a existência do conceito de compensação cultural. Por meio da oração existencial, entende-se que é parte integrante da abordagem teórica discutida no artigo, ou seja, dos postulados vigotskianos. Na discussão proposta pelo pesquisador, a utilização de "encontra-se" contribui para a discussão teórica ao enfatizar a presença e a importância dos conceitos discutidos no contexto do desenvolvimento da pessoa com deficiência, destacando sua relevância prática e sua aplicabilidade tanto na teoria quanto na prática profissional.

Considerem-se, agora, os dois fragmentos subsequentes sem o pronome clítico:

16.	Do mesmo modo, também foi possível observar que o discurso acadêmico do professor de inglês se fundamenta com uma teoria de linguagem (R1, R2, R4, R6, R11, R12). Em relação às teorias de linguagem, são encontradas referências a: gêneros discursivos; interação; inglês como língua acadêmica; bilinguismo; comunicação; fonética. (A1)		
Em relação às teorias de linguagem,	são encontradas	referências a: gêneros discursivos; interação; inglês como língua acadêmica; bilinguismo; comunicação; fonética.	
Circunstância de assunto	Processo existencial	Existente	

17.	Para Coseriu, a ideia de que a langue é algo cujo poder está além da consciência individual é encontrada em vários momentos na teoria saussuriana. Assim, argumenta que o problema que envolve a concepção de Saussure é que ele confunde conhecimento inconsciente com intuitivo (...). (A19)			
Para Coseriu,	a ideia de que a langue é algo cujo poder está além da consciência	é encontrada	em vários momentos	na teoria saussuriana.
Circunstância de ângulo	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de tempo	Circunstância de localização de lugar

Tanto em (16) quanto em (17), há construções de voz receptiva²³ (Halliday; Matthiessen, 2014). Nessa estrutura, isenta-se o sujeito da responsabilidade da ação (Hawad, 2002; 2004). As formas “são encontradas” e “é encontrada”, nesse sentido, anunciam, respectivamente, a existência dos Existentes “referências a: gêneros discursivos; interação; inglês como língua acadêmica; bilinguismo; comunicação; fonética” e “a ideia de que a langue é algo cujo poder está além da consciência”. Tem-se, assim, a possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente (Hawad, 2004).

²³ Corresponde, na tradição gramatical, à voz passiva analítica.

Essa expressão é ainda mais fortalecida em (16) ao se identificar a nominalização “referências” como núcleo do Existente. Miranda e Oliveira (2020) afirmam que a nominalização é comum ao gênero acadêmico não só pelo efeito de objetividade causado, mas também pela possibilidade de omissão do participante do processo – o que ocorre na oração em análise. Nesse caso, focaliza-se apenas o objeto da ação, ou seja, as informações ou citações em si, sem explicitar quem as produziu ou de onde foram obtidas. Isso confere uma maior abstração e generalidade ao enunciado, concentrando-se apenas no conteúdo das referências sem a necessidade de especificar quem as fez.

As formas "são encontradas" e "é encontrada" destacam que os pontos mencionados são identificados nos dados analisados, evidenciando a existência desses elementos na literatura ou nos textos investigados. Além de colaborar para a discussão teórica proposta no desenvolvimento do artigo, essas construções indicam a busca pela objetividade, uma vez que demonstram que as conclusões apresentadas são baseadas na análise dos dados e na identificação de elementos textuais. Isso, como já se sabe, é uma característica da abordagem científica.

Tais formas têm correspondência com a estrutura passiva "encontram-se" neste contexto. As três expressam a ideia de que algo foi identificado ou encontrado nos dados analisados. Embora sejam formas gramaticais diferentes, são utilizadas para enfatizar a existência ou localização desses elementos de forma neutra e objetiva, sem atribuir responsabilidade a um sujeito específico. Sem focar na ação de quem realizou a análise, todas elas servem ao mesmo propósito na construção da argumentação e na busca pela objetividade do contexto científico.

A construção receptiva, no entanto, não é indício de significado existencial:

18.	Por fim, o último tipo de anáfora associativa que pode ser encontrado no fenômeno linguístico que estamos analisando é anáfora por papel temático, que ocorre quando o referente desempenha o papel de agente em relação à sua âncora textual. (A16)	
que	pode ser encontrado	no fenômeno linguístico que estamos analisando
Meta	Processo material	Circunstância de localização de lugar

19.	A questão de como o saber linguístico está estruturado é o terceiro problema que Coseriu procura demonstrar em sua descrição da competência linguística. Novamente, ele argumenta que tal compreensão pode ser encontrada em sua distinção dos três níveis de estruturação da linguagem. (A19)	
tal compreensão	pode ser encontrada	em sua distinção dos três níveis de estruturação da linguagem.
Meta	Processo material	Circunstância de localização de lugar

Considerando que os processos existenciais não podem ser receptivos comuns, porque são processos intransitivos, o valor existencial do processo “encontrar” desaparece nessas estruturas. Nos casos apresentados, os processos são classificados como materiais. As Metas “que” (“o último tipo de anáfora associativa”) e “tal compreensão” são afetadas pelo processo material “encontrar”. Esses participantes representam a quem se direciona a ação em uma oração transitiva. Vale apontar, também, que o processo é acompanhado pelo verbo modal “pode”, recurso léxico-gramatical expressa grau de comprometimento do falante com o seu dizer na proposição.

5.2.5 Estar

Fuzer e Cabral (2014) asseveram que o processo “estar” é passível de produzir significados existenciais quando significar “estar suspenso”. Trata-se de um processo com traços circunstanciais de lugar: o processo “estar” constrói um significado existencial ao associar a existência de algo a uma condição espacial específica, refletindo a maneira como a existência é contextualizada em termos de localização. No *corpus*, o processo “estar” foi empregado 163 vezes, mas a identificação dos componentes das orações em análise foi a responsável pela constatação desse processo sem valor existencial.

Seguindo a organização do artigo, considere a seguinte passagem extraída da seção de formulação clara e simples da pesquisa:

20.	Tais questões serão aprofundadas na seção de análise dos lexemas sumir/ desaparecer e cortar, em que demonstramos que o modo como as unidades constroem significação está para além de classificações como sinonímia ou sentido literal. (A3)		
	o modo como as unidades constroem significação	está	para além de classificações como sinonímia ou sentido literal
	Portador	Processo Relacional atributivo	Atributo Circunstancial

A oração acima é tematizada por “o modo como as unidades constroem significação”. Este Tema representa o Portador, a entidade a qual uma atribuição é feita. O segundo componente é o processo “está”, relacional ao atribuir uma qualificação a esse Portador, estabelecendo uma relação entre esse componente e o seu Atributo Circunstancial de modo. A construção da oração na ordem direta da língua portuguesa contribui para a clareza e fluidez da

mensagem: a construção de significado pelas unidades linguísticas não se limita às definições de sinônimos ou interpretações literais atribuídas a elas.

Assim, ressalta-se a ideia, defendida no artigo, de que a compreensão do sentido vai além dessas classificações convencionais e é influenciada pela interação dialética entre as unidades linguísticas e seu contexto de uso. Esse emprego, na introdução do artigo, destaca a abordagem teórica e metodológica adotada – elementos esperados no padrão do gênero – pelo pesquisador para analisar os lexemas "sumir/desaparecer" e "cortar". Com essa oração, ele antecipa a discussão detalhada que ocorrerá na seção de análise, na qual serão exploradas as várias camadas de significados desses lexemas.

Sob a mesma organização oracional, tem-se o trecho a seguir de A4.

21.	Os exemplos apenas mostram que os gêneros hoje estandardizados estiveram , um dia, num processo de moldagem, sendo construídos, e é esse processo o objeto de estudo deste trabalho: a emergência de gêneros, aqui entendida como um estágio mais regular dos gêneros, reconhecido psicossocialmente pelos usuários de um campo de atividade humana e/ ou pelas instituições que regulam essas práticas de linguagem. (A4)		
os gêneros hoje estandardizados	estiveram,	um dia,	num processo de moldagem
Portador	Processo Relacional atributivo	Circunstância de localização de tempo	Atributo Circunstancial

O processo de (21), empregado com significado relacional, associa o Portador tematizado “os gêneros hoje estandardizados” a ao atributo circunstancial “num processo de moldagem”. Desse modo, a oração declara, na ordem direta da língua portuguesa, que os gêneros que hoje são padronizados e amplamente reconhecidos passaram por um processo de formação e desenvolvimento, no qual foram moldados e construídos ao longo do tempo. Esse emprego, também na introdução do artigo científico, fazendo menção à referência bibliográfica, prepara o leitor para a discussão sobre a emergência e evolução dos gêneros discursivos ao longo do tempo, introduzindo o tema central do trabalho.

Outra oração relacional que vale ser analisada é a que ocorre na amostra subsequente:

22.	Como se pode observar, no recorte 1990-1995, o acabamento dos infográficos está circunscrito, na sua maioria (80%), ao acabamento de outro gênero, para fins complementares, exceto por três exemplares (20%) que são independentes. (A5)	
o acabamento dos infográficos	está	circunscrito
Portador	Processo Relacional intensivo	Atributo

O significado relacional construído nessa oração é de identificação de uma característica ou estado atribuído a um elemento específico por meio do processo “está”. O Portador é “o

acabamento dos infográficos”, que é o elemento ao qual a característica de “circunscrito” está sendo atribuída. Nesse contexto, o significado relacional indica que não é que o acabamento dos infográficos tenha mudado ou que tenha realizado alguma ação, mas que, no período analisado, ele se encontrava predominantemente dentro de um contexto específico, com uma pequena exceção. O significado relacional intensivo, assim, define e caracteriza o estado do portador sem implicar mudança ou ação.

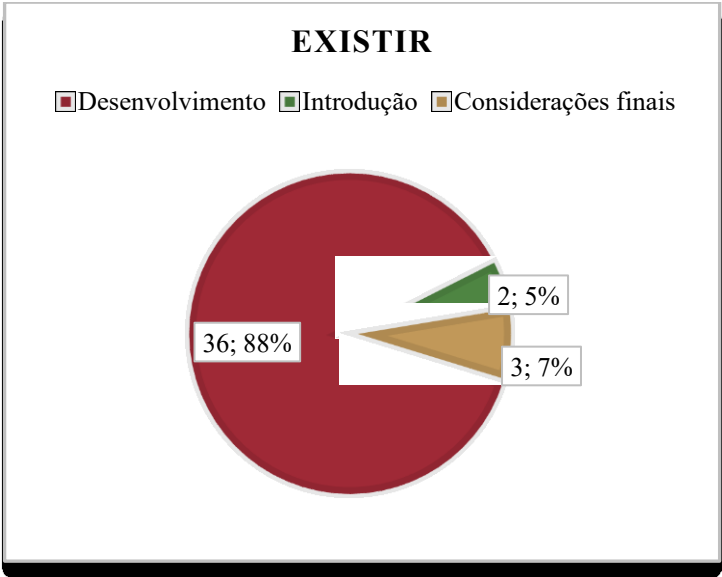
Como não se tem objetivo de tratar de outros significados expressos por processos que não sejam existenciais, as amostras acima foram expostas apenas para exemplificar ocorrências do processo “estar” que não correspondem ao sentido de “estar suspenso”. Sob a análise léxico-gramatical do sistema de transitividade dessas orações, fica claro que, neste *corpus*, o processo “estar” não desempenha valor existencial em suas realizações.

5.2.6 Existir

O processo “existir” é um dos processos que realiza, prototipicamente, orações existenciais em língua portuguesa. Fuzer e Cabral (2014) consideram que, sob essa natureza, esse processo é existencial neutro do tipo existir.

Esse processo figura no *corpus* com 41 tipos de ocorrências. Os significados existenciais expressos por essas orações existenciais em cada parte do artigo são ilustrados no gráfico adiante.

Gráfico 5 - Realizações do processo existir com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Conforme exposto no gráfico, houve uma baixíssima ocorrência do processo “existir” na seção introdutória dos artigos analisados. Apesar de ser prototípico, sugere-se como hipótese que a baixa frequência desse processo nessa seção decorre do fato de que, na introdução, a ênfase está na explicitação das etapas da investigação científica em questão, e não necessariamente na apresentação dos fenômenos que são objeto de investigação.

Os significados existenciais produzidos foram, inclusive, ocorrências no mesmo artigo científico. Observe-as:

23.	Quando trazemos para a centralidade dessa discussão a condição das pessoas com deficiência e o que medeia o seu caminho a esse universo cultural, acreditamos que existe uma identificação e classificação imediata desses sujeitos, configurando uma posição marcada por estigmas. (A9)		
	que	existe	uma identificação e classificação imediata desses sujeitos
	Elemento textual	Processo existencial	Existente

24.	Ou seja, se constrói um imaginário social, fundado no capital cultural de que é preciso “designar utilidade individual e coletiva” desses sujeitos, as quais, são determinadas historicamente a partir do viés clínico materializado pelo laudo. Assim, podemos compreender que existe um evento cultural em específico no nascimento (congénito ou não) de uma pessoa com deficiência: o da problemática individual. (A9)		
	que	existe	um evento cultural em específico
			no nascimento (congénito ou não) de uma pessoa com deficiência (...)
	Elemento textual	Processo existencial	Circunstância de localização de tempo

Aqui, nas duas amostras, tem-se uma oração projetada pela dominante configurada com a posposição do Existente ao processo “existe”. Ao ser construída na ordem indireta da língua portuguesa, a oração existencial em (23) enfatiza a existência da identificação e da classificação imediata dos sujeitos, sugerindo uma afirmação mais assertiva e direta sobre o Existente. Da mesma forma, em (24), a existência do evento cultural, em determinada circunstância de localização, é ressaltada não como situação teórica ou abstrata, mas como realidade concreta, adicionado um tom de objetividade ao texto.

Na introdução do artigo científico, essas orações são utilizadas para apresentar as premissas básicas que serão discutidas ao longo do texto. Com a primeira oração, o pesquisador introduz o tema da identificação precoce e da rotulação das pessoas com deficiência na sociedade. De modo igual, com a segunda, o cientista aponta para a experiência única que as pessoas com deficiência enfrentam desde o momento do nascimento, devido às percepções sociais e estigmas associados à deficiência. Trata-se de fatos independentes de sua perspectiva individual.

Essas orações projetantes de ideia, de certa forma, marcam certa subjetividade dos pesquisadores-autores, tanto pelo processo mental “acreditar” em (23), quanto pelo auxiliar modal “podemos” em (24), o que costuma ser evitado nos gêneros científicos. Apesar de transparecerem uma perspectiva subjetiva, é justamente a projetada com processo existencial que traz de volta à construção o caráter de objetividade, tão caro ao discurso científico. Ao ancorar as proposições subjetivas em processos existenciais, como “existe uma identificação” e “existe um evento cultural”, os pesquisadores inserem essas perspectivas em um quadro de fatos ou observações objetivas, o que ajuda a fundamentar e legitimar suas interpretações no contexto científico.

Para além destas, foram selecionadas algumas das realizações do processo existencial “existir” no desenvolvimento dos artigos. Nas amostras a seguir, por exemplo, a análise se dá a partir da posição temática do próprio processo:

25.	Vejam os outros exemplos no tocante a esta discussão: quando uma criança surda nasce no seio de uma família surda, o sentimento costuma ser de muita alegria em seu meio. Existe uma conta pública, de uma família surda, no instagram (@odiarioda? orella) que relata, em um vídeo, a alegria e a festa ao descobrirem que o novo membro também é surdo. (A8)	
	Existe	uma conta pública, de uma família surda, no instagram (@odiarioda? orella)
	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

A oração (25) tem um significado existencial por anunciar a existência de uma conta pública mencionada, pertencente a uma família surda, na plataforma de mídia social Instagram

– informação veiculada pela circunstância de localização. Trata-se de uma construção puramente estruturada pelos elementos essenciais e pelo opcional e, sobretudo, tematizada pelo processo existencial. Essa construção – sem marcas linguísticas de modalidade – direciona a atenção do leitor para a realidade tangível dessa conta e a insere como um exemplo específico no contexto discutido no desenvolvimento.

Sob a perspectiva da LSF, a posição temática de um processo ou elemento dentro de uma oração muitas vezes indica sua importância semântica e funcional na construção do significado. O destaque e a relevância conferidos pela posição temática do processo “existir” podem ser analisados, também, no trecho abaixo.

26.	Os editais mencionam, de modo geral, os mesmos elementos: objetivos, regras de participação, perfil dos participantes e atividades. Os objetivos e atividades são semelhantes, e não há, no perfil dos alunos, grandes diferenças - à exceção, obviamente, do nível de ensino. Existem na educação superior, porém, mais restrições ao perfil dos orientadores (exigindo-se deles maior titulação) e, o que se mostra mais importante, maior investimento de recursos humanos e financeiros, materializado na maior variedade de programas de iniciação científica, no maior número de participantes e bolsas por projeto e no valor da bolsa por aluno. (A11)			
	Existem	na educação superior,	porém,	mais restrições ao perfil dos orientadores
	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar	Elemento textual	Existente

Em (26), a posição temática do processo "existir" dá ênfase à existência de algo. Depois, tem-se a circunstância que marca o contexto, seguida de um elemento textual. A conjunção “porém” introduz uma ideia que contrasta com o que foi afirmado anteriormente: uma diferença significativa em relação às características dos programas de iniciação científica nos diferentes níveis de ensino. Em linhas gerais, a oração expressa a existência de restrições adicionais no contexto da educação superior em comparação com outros contextos, os quais devem apresentar uma titulação mais elevada.

No exemplo fornecido, o afastamento entre os componentes essenciais não tira a força do Existente. A oração tematizada pelo processo indica a existência de algo específico nesse contexto, estabelecendo uma base para o restante da oração. A conjunção "porém" indica uma mudança de direção ou um contraste em relação ao que foi afirmado anteriormente, criando uma expectativa para a apresentação do que diferencia a educação superior em relação aos demais contextos. Essa mudança de direção enfatiza ainda mais a importância do que está por vir, destacando as restrições adicionais impostas aos orientadores nesse contexto específico. Nesse sentido, tal afastamento cria uma expectativa para a apresentação do Existente.

É importante apontar que o Existente anunciado é composto pela nominalização “restrições”, uma proposição totalmente embalada como coisa (Thompson, 2014). Sob o ponto de vista sistêmico-funcional, ela representa uma abstração de uma ação. No contexto da educação superior, as “restrições” não são apenas ações ou processos que estão ocorrendo, mas entidades fixas e estáticas que têm um impacto significativo no funcionamento dos programas de iniciação científica. Ao nominalizar o termo, ele se torna uma entidade abstrata que representa as condições ou exigências impostas aos orientadores, tratando essas restrições como objetos concretos que influenciam o sistema educacional.

A oração existencial, no desenvolvimento, contribui para contextualizar e fundamentar as diferenças entre os contextos da educação superior e outros níveis educacionais. Por meio dela, o pesquisador estabelece uma análise comparativa que ajuda a enriquecer a compreensão do leitor sobre as práticas e políticas de pesquisa nesse ambiente acadêmico específico. Ao constatar o Existente, o leitor é conduzido ao aspecto tangível do contexto a partir da descrição objetiva de uma realidade observável.

Cabe averiguar, também, o significado existencial construído na informação em orações que apresentam o fenômeno do encaixamento:

27.	No grupo 3 - <desvinculação>, a ideia de unidade contínua é evocada por meio de um vínculo entre os termos convocados por <i>cortar</i> que não existe fora de sua incidência, de modo que cada um deles tem uma singularidade própria, como o menino que empinava uma pipa que foi cortada (menino e pipa não guardam vínculos fora do fato de empinar), ou duas pessoas cujos laços afetivos foram cortados, sendo que, fora deles, não há nada que as una. (A3)		
que	não	existe	fora de sua incidência
Existente	Elemento interpessoal	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

Na amostra, tem-se uma oração encaixada, iniciada pelo pronome relativo “que”. Esse pronome estabelece relação coesiva ao recuperar o termo “vínculo”, presente na oração anterior. Nessa retomada, não é o referente desse pronome que atua para que a existência aconteça. O participante “um vínculo entre os termos convocados” não tem caráter agentivo e, por isso, é o Existente do processo existencial “existe”. Sua existência, no entanto, é negada fora de um contexto específico por meio do elemento interpessoal de polaridade negativa.

Integrada ao desenvolvimento de A3, essa oração existencial salienta a natureza transitória e contingente da relação entre os termos analisados do estudo sobre o processo “cortar”. Acentua-se, dessa maneira, a importância do contexto específico em que o processo é empregado, uma vez que isso influencia o significado atribuído aos termos relacionados a ele. O significado existencial, nesse sentido, ajuda a manter uma abordagem neutra e centrada nos

dados linguísticos, reduzindo a influência do pesquisador na interpretação dos resultados.

Um outro exemplo de existência introduzida por pronome relativo e afetada por marca linguística de modalidade é o trecho de A4:

28.	Logo, por que usar esses sintagmas, se não temos o hábito de adjetivar aqueles que não circulam fora da web? O uso pode estabelecer algum tipo de relação de poder entre digital x não digital, que não deveria existir , uma vez que o primeiro clama por ser evidenciado nos textos em geral, como apontei na seção anterior. (A4)		
	que	não	deveria
	Existente	Elemento interpessoal	Processo existencial

Nessa oração, o pronome relativo “que”, como elemento textual, recupera “algum tipo de relação de poder entre digital x não digital”. Esse termo é o Existente do processo existencial “existir”. Entre os dois componentes essenciais, há os recursos linguísticos de interpessoalidade: “não” e “deveria”. Respectivamente, o adjunto modal de polaridade e o verbo modal, aliados à força semântica do processo existencial, manifestam, de forma contundente, a inadequação ou indesejabilidade da relação de poder entre o digital e o não digital.

A construção da oração existencial, no contexto em questão, sugere que a terminologia pode criar falsas correlações e hierarquias entre gêneros, levando a uma simplificação e a uma limitação da compreensão dos fenômenos linguísticos. Ainda que se busque frisar a descrição dos fenômenos linguísticos, o emprego dos elementos interpessoais, de alguma forma, manifesta a posição crítica do pesquisador em relação do uso do termo “digital” para categorizar gêneros. Assim, mesmo que se construa um argumento embasado nos dados linguísticos, sugere-se uma discussão mais reflexiva e cuidadosa sobre os conceitos e termos utilizados na pesquisa.

Os significados existenciais também tiveram baixa ocorrência nas conclusões: foram apenas três realizações do processo “existir”. Ainda que esse processo não costume ser uma escolha linguística recorrente na conclusão, cabe analisar como se deu esse emprego nas três ocorrências.

29.	Por fim, propusemos que essa fatoração de argumento existe no PB para propiciar uma mudança do foco informacional, de modo que a forma fatorada da sentença focaliza o constituinte sintático extraído do argumento complexo. (A16)		
	que	essa fatoração de argumento	existe
	Elemento textual	Existente	Circunstância de localização de lugar

A organização, aqui, é simples, pois há apenas os dois elementos essenciais e o componente circunstancial. A oração projetada é estruturada a partir do Existente, seguido do

processo existencial e da circunstância de localização. Por meio dessa construção, reforça-se a constatação da existência real e contínua do fenômeno de fatoração de argumento no PB (português brasileiro) – característica perceptível na língua proposta na pesquisa. A partir dela, o pesquisador reitera a contribuição e a relevância do estudo, distanciando-se da afirmação pessoal e garantindo credibilidade com base em evidências observáveis.

Ao preencher o Existente com a nominalização “fatoração”, o pesquisador empacota, sob o ponto de vista sistêmico-funcional, a ideia de que um processo ou procedimento tem o poder de alterar o foco informacional dentro do texto. A transformação da ação de “fatorar argumentos” em uma forma nominalizada atribui a essa ação o *status* de entidade, distinta e separada, capaz de influenciar a estrutura e a organização do discurso. Essa abstração permite discutir sobre a “fatoração” como um conceito ou estratégia linguística sem a necessidade de se referir diretamente à ação em si ou a quem a realizou.

Outra realização do processo existencial na conclusão pode ser observada na seguinte amostra:

30.	Embora meus objetos de análise tenham sido textos que circulam na web e só existem nela, defendo que o fenômeno da emergência não se limita à internet, mas é um estágio que perpassa a vida de todo e qualquer gênero, como os hoje conservadores contratos de compra e venda já foram, outrora, riscos numa tábua de argila e, ainda antes, muito possivelmente, gêneros da oralidade. (A4)		
e	só	existem	nela
Elemento textual	Elemento interpessoal	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

A oração acima estabelece uma relação de extensão paratática do tipo aditiva. Ela é inserida pelo elemento coesivo “e” para ser somada à oração anterior. Em seguida, identifica-se o adjunto modal de modo, do tipo intensidade, “só”. Ele acentua a ideia de limitação associada ao objeto de estudo e, conseqüentemente, tem potencial modificador do processo “existem”, o qual é flexionado na terceira pessoa do plural por recuperar o substantivo “textos” na oração anterior. Por fim, a circunstância frisa a natureza digital e a exclusividade de sua existência nesse meio, ou seja, não existe equivalência fora desse ambiente.

Na conclusão do artigo científico, o emprego da oração existencial fortalece a ideia de que o fenômeno da emergência de gêneros na web é um aspecto central abordado no estudo. Ao enfatizar que os objetos de análise existem exclusivamente na internet, o pesquisador destaca a relevância da plataforma digital como um ambiente propício para o surgimento e desenvolvimento de novos tipos de gêneros textuais. Isso contribui para consolidar a conclusão

do artigo, destacando a importância da compreensão desses processos emergentes na cultura digital.

Na situação comunicativa científica em análise, outra escolha de significado existencial é a que ocorre no trecho adiante.

31.	É esse novo aparato tecnológico que, em termos de mudança, inaugura a TD de desenho digital no período recente do infográfico circunscrito ao corpus analisado. Além dela, surgem as TD de conteúdo enciclopédico e linguagem informal, que são possíveis frutos da maturidade do desenvolvimento do infográfico e do reconhecimento do seu potencial didático. Por não estarem mais alinhadas às necessidades comunicativas da atualidade, as TD de desenho à mão e protoinfográficos são descontinuadas do lapso histórico do gênero, muito embora, de acordo com Teixeira (2010), ainda existam protoinfográficos sendo veiculados, mas que estão fora do recorte desta pesquisa. (A5)				
muito	embora,	de acordo com Teixeira (2010),	ainda	existam	protoinfográficos sendo veiculados
Elemento interpessoal	Elemento textual	Circunstância de ângulo	Elemento interpessoal	Processo existencial	Existente

Essa oração apresenta uma estrutura diferenciada no que tange aos termos que a compõem. Há, além dos componentes essenciais e opcional, dois elementos interpessoais que estabelecem a relação entre pesquisador e texto, a fonte citada e a informação sobre a existência contínua de protoinfográficos. O adjunto modal de modo “muito” modifica a concessão – expressa pelo elemento textual “embora” – em relação à afirmação anterior. A circunstância de ângulo, em seguida, fornece credibilidade à informação sobre o Existente, pois representa a citação de uma fonte externa e confiável, reforçando a argumentação do pesquisador. Nessa perspectiva, o adjunto modal de tempo “ainda” acrescenta a ideia de continuidade ou persistência do Existente mesmo diante da afirmação anterior sobre sua descontinuidade no lapso histórico do gênero.

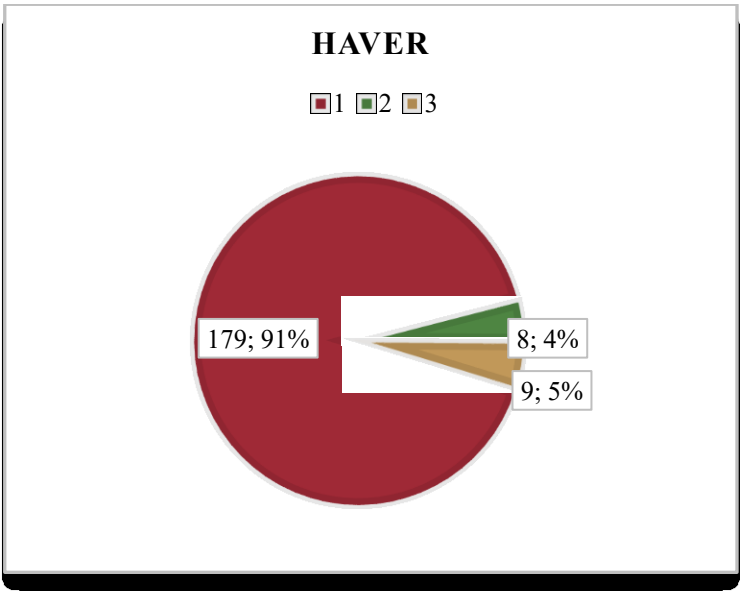
A oração existencial, na conclusão do artigo, reforça a persistência de protoinfográficos mesmo após terem sido considerados descontinuados. Declarando que eles ainda estão sendo veiculados, mesmo que estejam fora do escopo da pesquisa realizada, o pesquisador reconhece a complexidade do contexto em que o estudo foi realizado e sugere possíveis direções futuras para investigações adicionais sobre o tema. Esses aspectos contribuem para as estratégias de impessoalização do pesquisador quando se desloca o foco da pesquisa e das conclusões para uma discussão mais ampla, baseada em evidências externas, como a citação de Teixeira (2010).

5.2.7 Haver

Fuzer e Cabral (2014) asseguram que o processo típico da oração existencial em língua portuguesa é “haver”, no sentido de existir. Por ser um verbo que comumente realiza esse tipo de processo para a construção da experiência no texto, não foi incluído na adaptação dos processos existenciais equivalentes do inglês para o português feita pelas autoras. Com base na organização dessa listagem, no entanto, o processo “haver” é um processo existencial neutro do existir.

O uso prototípico desse processo foi confirmado no *corpus* desta pesquisa. Os resultados mostram que “haver” lidera a frequência dos processos que produzem significados existenciais nos artigos científicos.

Gráfico 6 - Realizações do processo haver com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Apesar de poucas ocorrências na introdução dos artigos, as amostras são ilustrativas quanto à intenção convincente dessa seção. Observe a construção abaixo:

32.	Para analisar o traço compósito da deslinearização em hiperligações - considerando-o na relação entre suas dimensões linguística e tecnológica -, valemo-nos de categorias desenvolvidas por Paveau (2017a). Segundo a linguista, há cinco formas diferentes; porém simultâneas e cumulativas, de se observar esse fenômeno do discurso digital. (A13)	
	Segundo a linguista,	há cinco formas diferentes
	Circunstância de ângulo	Processo existencial Existente

A oração da amostra acima é tematizada pela circunstância de ângulo, fonte da informação credibilizada pelo conhecimento apresentado. Enquanto Tema, trata-se de uma informação já fornecida no período anterior do texto, o que indica relação com um trabalho existente nessa etapa. A partir dele, encontra-se a informação nova: no Rema, a forma verbal “há” anuncia a existência de “cinco formas diferentes” – de deslinearização identificadas pela linguista em quem o pesquisador creditou confiança.

Na introdução, o reconhecimento desse Existente determina a relevância da pesquisa a ser desenvolvida no artigo. Ao declarar a existência das formas, o pesquisador revela o aporte teórico adotado para analisar o fenômeno da deslinearização em hiperligações, fornecendo a base sólida do seu estudo, base essa que ganha caráter de verdade ao ser veiculada por meio de uma oração existencial. Por meio do significado existencial, ele se distancia de suas motivações pessoais e demonstra que se baseia em aspectos teóricos estabelecidos pela comunidade acadêmica.

O papel do processo existencial no processo de valorização do conteúdo veiculado, em detrimento da figura do próprio pesquisador também pode ser observado em (37):

33.	Um exemplo de dado investigado é a presença da vírgula após o adjunto adverbial em: "Na próxima semana, haverá aula de Português". No exemplo, após o adjunto adverbial "Na próxima semana" deve haver uma vírgula, de acordo com normas gramaticais do português brasileiro (BECHARA, 1999), pois o adjunto está deslocado à primeira posição sintática em relação à oração principal. Caso essa vírgula não seja empregada na fronteira sintática, consideramos um dado de ausência de vírgula. (A18)				
No exemplo,	após o adjunto adverbial "Na próxima semana"	Deve	haver	uma vírgula,	de acordo com normas gramaticais do português brasileiro (BECHARA, 1999)
Circunstância de localização de lugar	Circunstância de localização de lugar	Elemento interpessoal	Processo existencial	Existente	Circunstância de ângulo

Tematizada a circunstância de localização "No exemplo", tem-se uma informação já conhecida: o exemplo. A circunstância indica o lugar específico na estrutura da oração em que o Existente – uma vírgula – deve ser colocado para separar o adjunto dos demais termos. Não se pode deixar de comentar, nessa produção de significado existencial, a presença do processo modal "deve". Como elemento interpessoal, possibilita que o pesquisador sugira que o uso da vírgula é recomendado. Seu afastamento se fortalece com a circunstância de ângulo, a qual indica sob qual ponto de vista sua afirmação foi feita: conforme as normas gramaticais. Isso

confere credibilidade à proposta do artigo, uma vez que a validade das normas estabelecidas para a análise das vírgulas é atribuída ao autor Bechara.

Nesse contexto da introdução do artigo, a oração existencial faz parte da fundamentação da importância de se ampliarem os estudos sobre o tema de sua discussão. Ao sinalizar que seu estudo busca dar continuidade a uma pesquisa realizada sobre o uso de vírgulas, o processo existencial retira do pesquisador a responsabilidade pela recomendação ou qualquer sugestão de adesão a ela. Essa isenção pode ser analisada ao se propor uma alternativa de expressão, com a substituição processo “haver” por “empregar” para que essa ideia fique mais clara: No exemplo, após o adjunto adverbial "Na próxima semana" deve empregar uma vírgula, de acordo com normas gramaticais do português brasileiro (Bechara, 1999). Com “empregar”, há obrigatoriedade de colocar o sujeito. Nesse caso, o processo existencial assenta na circunstância de ângulo a responsabilidade pelo ato enunciativo.

Na indicação do desenvolvimento do estudo, o significado existencial também tem seu papel.

34.	Há três pontos que precisam ser elucidados no tocante a isto. O primeiro diz respeito ao desenvolvimento humano atípico compreendido pela Teoria Histórico-Cultural de Vigotski ³ . O segundo diz respeito à existência da musicalidade em todas as pessoas e, o terceiro, a sua possibilidade na pessoa surda. (A8)
Há	três pontos que precisam ser elucidados no tocante a isto
Processo existencial	Existente

Essa oração apresenta o processo existencial "haver" - na forma há - como Tema, ou seja, como ponto de partida da mensagem. No Rema, há a informação nova que é o Existente "três pontos que precisam ser elucidados no tocante a isto". Com essa estrutura, os pontos a serem esclarecidos em relação ao desenvolvimento humano atípico segundo a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, bem como a relação entre pessoas surdas e a musicalidade têm a existência anunciada pelo processo.

Na introdução, a construção desempenha papel importante na transição do contexto geral para os pontos específicos que serão abordados no desenvolvimento do artigo, sem atribuir ao pesquisador a responsabilidade desse esclarecimento. No último parágrafo, o significado existencial orienta o leitor quanto à organização do texto, indicando o que o interlocutor dessa interação pode esperar da estrutura da discussão que seguirá. Essa abordagem analítica e detalhada, conseqüentemente, ajuda a criar expectativas e a manter o interesse em continuar a leitura.

Em todas as ocorrências do processo “haver” na introdução, o Existente apareceu depois

do processo existencial, o que também foi verificado nas orações existenciais realizadas no desenvolvimento dos artigos. Em (39), por exemplo, observa-se essa organização na fundamentação teórica sobre o objeto de análise.

35.	As abordagens construcionistas baseadas no uso postulam que as construções podem ser mais ou menos composicionais, mais ou menos esquemáticas e mais ou menos produtivas. Todas essas propriedades são gradientes. Memorizamos construções como <i>abandonar o barco</i> , <i>bater as botas</i> , assim como memorizamos construções com uma única palavra, como <i>desistir e morrer</i> . Com relação à aprendizagem de construções linguísticas pelas crianças há , segundo Tomasello (2003a), dois grandes grupos de habilidades cognitivas: (...). (A17)		
Com relação à aprendizagem de construções linguísticas pelas crianças	há,	segundo Tomasello (2003a),	dois grandes grupos de habilidades cognitivas
Circunstância de assunto	Processo existencial	Circunstância de ângulo	Existente

A tematização da circunstância de assunto coloca o tópico principal da discussão em destaque como forma de contextualizar a discussão sobre o conhecimento linguístico. Ela expande o processo existencial “há” ao inserir a questão anteriormente explorada: crianças e aprendizagem linguística. Em seguida, o processo existencial “há” é acompanhado da circunstância de ângulo por meio da qual o pesquisador estabelece diálogo com outro trabalho científico.

Em A17, a oração existencial indica que existe uma divisão específica ou distinção a ser feita em relação às habilidades cognitivas das crianças na aprendizagem de construções linguísticas, como delineado pela pesquisa de Tomasello. A afirmação sob um aporte teórico demonstra, assim, que o anúncio do Existente é embasado. No contexto de desenvolvimento, isso é eficiente, uma vez que se refere à base conceitual que sustenta e embasa a escolha do tema.

O significado existencial na fundamentação teórica pode ser analisado na seguinte ocorrência de A5:

36.	Nessa perspectiva, o infográfico cumpre o papel de intermediar a troca de informações entre quem o edita e quem o recebe (os leitores) (Moraes, 2013). A respeito do primeiro interlocutor (o “editor”), não há uma clareza sobre o profissional que exerce essa função, porque depende da organização da redação do jornal. (A5)		
A respeito do primeiro interlocutor (o “editor”)	Não	há	uma clareza sobre o profissional que exerce essa função
Circunstância de assunto	Elemento interpessoal	Processo existencial	Existente

A passagem está associada à parte do desenvolvimento do artigo científico que explora o contexto histórico e social do infográfico no Brasil. A oração é tematizada por uma

circunstância que recupera uma informação do período anterior, o papel do editor na produção de infográficos. Depois, o elemento de polaridade negativa "não" modifica o significado do processo existencial "há" ao constatar uma não existência. A oração existencial sinaliza que não existe uma definição precisa ou consensual sobre quem exatamente desempenha o papel de editor no contexto específico mencionado.

Vale comentar que a opção pelo processo existencial leva à nominalização “clareza” do que seria um atributo em uma alternativa de expressão. Por exemplo, “não está/ fica/ é claro qual profissional exerce essa função”. Essa segunda forma de veicular o conteúdo tem o *status* de opinião. Ao se optar pela oração existencial com a nominalização do Existente, o Existente transforma-se em objeto do discurso, ou seja, a ausência de clareza passa a ser uma constatação. Dessa forma, ela é considerada como um objeto concreto que pode ser discutido e avaliado.

No contexto do artigo, essa frase ressalta a falta de clareza na atribuição de responsabilidades dentro do processo editorial. Integrada à fundamentação teórica, o pesquisador reconhece e aponta uma lacuna dentro do ambiente jornalístico em relação ao papel do editor na criação e edição de infográficos. Em um cenário de crescimento da importância dos infográficos como ferramentas de comunicação, o pesquisador, assim, apresenta a relevância de analisar os traços de permanência e mudança na trajetória histórica do infográfico no campo do jornalismo impresso brasileiro das regiões Sul e Sudeste – objetivo do artigo.

A partir dessa análise, verifica-se que, na necessidade de se explicar a razão do tema da pesquisa, a oração existencial promove o apagamento do sujeito-pesquisador no texto. Isso também foi verificado em momentos em que o pesquisador analisa seus objetos de pesquisa. Observem-se as amostras de A3 e A18, respectivamente.

37.	Para concluirmos essa reflexão, vemos que o grupo (3) é constituído por termos que não deixam mais rastros – há a ausência do elemento a ser percebido – para dizer que antes havia algo perceptível. (A3)		
	que	Antes	havia
Elemento textual	Circunstância de localização de tempo	Processo existencial	algo perceptível Existente

A oração de valor existencial é projetada pela oração dominante "para dizer". Introduzida pela conjunção "que", é composta por uma circunstância de localização de tempo, o processo "havia" – tempo verbal pouco encontrado no *corpus* – e o Existente, mais uma vez posicionado depois do processo. O significado existencial se refere ao dizer do pesquisador quanto ao funcionamento semântico-enunciativo do processo “desaparecer”, o qual exprime a existência anterior de algo que era capaz de ser percebido, mas posteriormente deixou de sê-lo.

Nesse caso, o anúncio do Existente é relevante para a análise da variação semântica entre os processos "sumir" e "desaparecer", que é o propósito do artigo.

No desenvolvimento, seção que se propõe a analisar o objeto, a oração existencial revela o afastamento do sujeito pesquisador. Ele se concentra na descrição objetiva da construção de significação do processo “desaparecer” para além de classificações como sinonímia ou sentido literal, sem atribuir a responsabilidade da mudança semântica a um agente específico. Essa estratégia também é constatada na oração abaixo:

38.	Como a frequência percentual e a média dos tipos de dados se comportam de forma inversa e o teste de H indica haver o impacto do ano letivo na ocorrência da vírgula, investigamos, ainda, se haveria amparo estatístico para identificar quais anos letivos têm mais efeito nos usos da vírgula. (A18)		
	se	haveria	amparo estatístico para identificar quais anos letivos têm mais efeito nos usos da vírgula
	Elemento textual	Processo existencial	Existente Circunstância de finalidade

A amostra (38) é mais um exemplo de oração existencial projetada. No complexo oracional, introduzida pela conjunção "se", a construção expressa hipótese ou especulação, o que é reforçado pelo processo "haver" flexionado no futuro do pretérito do indicativo. Nesse contexto, a construção "se haveria" sugere a investigação da existência ou não de “amparo estatístico”, Existente. A circunstância de finalidade especifica a ação que seria realizada caso essa condição fosse satisfeita.

Mesmo projetada por uma oração cujo processo está na primeira pessoa do plural, a construção da oração existencial afasta o foco do pesquisador como agente da ação de investigar, colocando-o no Existente. Caso o complemento do processo “investigar” fosse a nominalização “existência” (de amparo estático), o efeito seria o de destacar o pesquisador como agente da ação. Nesse caso, a ênfase recairia sobre a ação direta do pesquisador na investigação, em vez de projetar uma hipótese ou especulação como na construção anterior. A construção transmitiria uma abordagem mais direta e objetiva da pesquisa em busca da existência de amparo estatístico.

Na escolha linguística feita pelo pesquisador, a conjunção condicional “se” e o processo “haver” permitem a formulação da questão em termos de possibilidade ou probabilidade. Nesse caso, o pesquisador se distancia de opiniões pessoais e enfatiza a relevância da análise estatística para embasar as conclusões do estudo. Ele desloca a atenção para a possibilidade objetiva da existência, demonstra uma abordagem metodológica sólida e baseada em

evidências, contribuindo para a credibilidade e rigor científico do estudo.

Tal efeito também pode ser ilustrado por outra construção existencial:

39.	O gênero é a ação que desenvolvemos para responder a determinadas situações retóricas. Como há uma tendência de termos similaridades na forma e na substância, quando as situações se repetem, temos um exemplo de tipificação. (A4)	
	Como	há uma tendência de termos similaridades na forma e na substância
	Elemento textual	Processo existencial Existente

A oração é tematizada pelo elemento "Como", que expressa uma relação de causa e efeito entre dois acontecimentos. Depois, com o processo existencial seguido do Existente, o significado existencial trata da constatação da existência de uma tendência ou padrão de semelhanças na forma e no conteúdo dos textos analisados. Em outras palavras, afirma-se que é comum encontrar características similares nos textos, tanto em sua estrutura visual quanto em seu conteúdo temático.

Na oração (39), o Existente é preenchido por uma nominalização que omite parte da informação “empacotada” pela metáfora gramatical, mas que poderia ser reformulada da seguinte maneira: “Como tendemos a ter similaridades na forma e na substância...”. No entanto, na reescrita em que se desempacotou a nominalização, perdeu-se o processo existencial. Assim, como afirmam Miranda e Oliveira (2020), pode-se perceber que “os processos existenciais, por meio da ausência de Agente associado à sua construção, contribuem para tornar o discurso mais objetivo e impessoal, focando na mensagem/fatos e não em quem os veicula” (Miranda; Oliveira, 2020, p. 182).

Nesse contexto, a oração existencial desempenha um papel importante na análise de *corpus*, pois fornece uma justificativa para as observações feitas. Ela demonstra que a presença de similaridades nos textos não é mera coincidência, mas sim um fenômeno recorrente e digno de análise mais aprofundada. Ao estabelecer a existência de padrões ou tendências nos dados analisados, ela permite que os leitores extraiam inferências válidas e fundamentadas sobre a linguagem em estudo. Além disso, ao adotar uma abordagem impessoal e objetiva, a oração existencial contribui para a credibilidade e validade dos resultados apresentados no artigo científico.

Ainda no desenvolvimento, o significado existencial cumpre seu papel na seção de resultados e discussões:

40.	É oportuno comentar que o uso da imagem não se deu numa perspectiva meramente ilustrativa ou ornamental do conteúdo, ao contrário, sua presença foi considerada como uma fonte sofisticada e esclarecedora durante toda explicação do conteúdo. Ademais, é importante
-----	---

sublinhar que não houve uma perda de espaço da palavra ou da sinalização pela imagem, mas apenas uma junção de recursos linguísticos quando na explanação conceitual. (A7)			
que	não	houve	uma perda de espaço da palavra ou da sinalização pela imagem
Elemento textual	Elemento interpessoal	Processo existencial	Existente

Tem-se, aqui, mais um caso de oração existencial projetada. Em (40), projeta-se a existência da não perda de espaço da palavra ou da sinalização pela imagem. O significado existencial realizado se refere à constatação de que a utilização da imagem não substituiu a palavra ou a sinalização em Libras, mas complementou esses recursos linguísticos na explicação do conteúdo. Isso significa que a imagem não ocupou todo o espaço de comunicação, mas sim adicionou uma dimensão visual que enriqueceu a compreensão do conteúdo.

A importância dessa oração existencial na seção de resultados da análise reside na sua capacidade de reforçar a objetividade e imparcialidade do texto científico. Ao mesmo tempo, destaca uma constatação relevante sobre a utilização de diferentes recursos de comunicação. Além disso, ao reconhecer a complementaridade entre a palavra, a sinalização em Libras e a imagem, a oração sugere uma abordagem inclusiva e sensível às necessidades dos leitores, sem atribuir a constatação diretamente ao sujeito pesquisador.

É relevante apontar, também, que a impressão de objetividade é fortalecida pelo termo que ocupa a posição de Existente: a nominalização “perda”. Como recurso primário usado pela gramática para condensar informações (Halliday, 1994), o substantivo “perda” assume *status* de entidade e, por isso, pode ser medido, classificado e generalizado. Ao optar pela nominalização, o pesquisador não só está substituindo um processo – “perder” –, mas também eliminando a sua responsabilidade da afirmação. Caso o pesquisador tivesse optado pela oração “que não se perdeu espaço da palavra ou da sinalização pela imagem”, a informação seria expandida, perdendo o efeito de síntese da nominalização, e o significado existencial seria excluído.

O ponto terminal da pesquisa, por sua vez, apresenta construções relevantes embora sejam poucas.

41.	O preenchimento de lugar enunciativo de escuta com indícios de estabelecimento de relação entre formas fônicas e o sentido envolveu dois aspectos: (i) quanto aos sentidos discursivos, há vestígios importantes de que a relação da criança com seu pai estende-se para a relação entre língua e sociedade, visto a criança manifestar uma posição de escuta ao evocar a escolha por uma canção presente em seu universo familiar também presente no universo social brasileiro, como vemos na cena enunciativa III; (...). (A15)		
	quanto aos sentidos discursivos,	há	vestígios importantes
	Circunstância de assunto	Processo existencial	Existente

A oração acima é iniciada pela circunstância de assunto. Essa tematização se dá, pois se parte de um foco discutido em outros momentos do artigo científico sobre as interações discursivas da criança. Isso significa que se trata de uma informação já conhecida. Em seguida, o processo existencial haver, na forma "há", anuncia a existência de vestígios os quais assinalam que relação entre a criança e seu pai não se limita apenas à esfera familiar, mas se expande para influenciar a relação da criança com a sociedade em geral.

Ao destacar os vestígios observados e a possível extensão da relação da criança com seu pai para a sociedade, o pesquisador se concentra nos resultados e conclusões obtidos a partir da análise dos dados. O significado existencial produzido, no contexto de conclusão de A15, auxilia na síntese dos argumentos. Ao mesmo tempo, enfatiza o alcance dos dados obtidos por análise, reafirmando, de forma objetiva, a validade do que se propôs a estudar na introdução.

O foco da oração existencial na circunstância pode ser observado, também, no trecho da conclusão de A13.

42.	Em última instância, assumimos que o hipertexto e, especificamente, a hiperligação são objeto de estudo importante para os estudos linguístico-discursivos. Cada vez mais, há textos de diversos gêneros discursivos circulando na mídia eletrônica, e essa área do conhecimento precisa se debruçar sobre a investigação de fenômenos discursivos nativos da Web, como enfatiza Paveau (2017b). (A13)		
	Cada vez mais,	há	textos de diversos gêneros discursivos
	Circunstância de extensão	Processo existencial	Existente

Aqui, a circunstância de extensão indica o aumento da circulação de textos na mídia eletrônica de forma progressiva e contínua. A tematização ocorre a partir de uma ideia que foi discutida no desenvolvimento do artigo: a tendência está em curso e se intensificando ao longo do tempo. Posteriormente a esse componente, o processo existencial em questão declara seu Existente: textos de diferentes gêneros circulando na mídia eletrônica.

A oração existencial, no contexto de A13, coloca em questão a existência de um objeto que precisa ser estudado: os textos digitais, especialmente os da divulgação científica. Nela, destaca-se o aumento da presença e diversidade de textos na era digital, acentuando a proliferação de conteúdo textual online. Essa ponderação, assim, parte de um pensamento científico construído a partir de um fenômeno constatado no desenrolar da pesquisa, transparecendo o foco nos resultados apresentados, sem viés pessoal.

43.	Muito se discute sobre a acessibilidade, sobre como deve ser a nossa prática para que as pessoas com deficiência sejam participantes das atividades propostas e quando pensamos nelas, muito		
-----	--	--	--

	além de uma discussão que poderíamos trazer, queremos apontar que há uma maneira deste fazer, alicerçado no olhar que temos para o outro. (A8)	
que	há	uma maneira deste fazer
Elemento textual	Processo existencial	Existente

No exemplo (43), a oração existencial é uma projetada, pois complementa a forma verbal "apontar", apresentada na oração dominante. Projeta-se uma proposição, a qual indica a existência de uma maneira específica de realizar determinada ação ou alcançar um objetivo. Nesse contexto, o significado existencial produzido tem como efeito de sentido a existência de uma forma de promover a inclusão e o desenvolvimento da musicalidade das pessoas surdas.

Integrada ao A8, a oração existencial está alinhada à ideia - defendida no artigo em questão - de que é crucial reconhecer e respeitar as trajetórias de vida, as experiências e vivências musicais das pessoas surdas para proporcionar uma educação musical inclusiva e eficaz. Desse modo, recapitula o percurso percorrido pelo pesquisador durante a pesquisa e estabelece relação de complementariedade entre a introdução e o desenvolvimento. No último parágrafo da conclusão, essa oração, focando em soluções práticas e mensuráveis, faz parte do fechamento do ciclo do artigo científico.

A construção que mais chama atenção é a que ocorre na oração (44):

44.	No entanto, nos últimos anos, após sua morte em 2002, tem havido um esforço crescente pela difusão de sua obra. (A19)				
No entanto,	nos últimos anos,	após sua morte em 2002,	tem havido	um esforço	pela difusão de sua obra.
Elemento textual	Circunstância de localização de tempo	Circunstância de localização de tempo	Processo existencial	Existente	Circunstância de causa

Como demonstra o exemplo acima, o processo “ter” foi empregado, no *corpus*, como verbo auxiliar do processo “haver” no sistema de transitividade. Aqui, o participante “um esforço” tem a sua existência indicada pelo tempo verbal composto²⁴. A existência, portanto, não se dá pelo auxiliar “tem”, mas sim pelo particípio do verbo principal “haver” em “tem havido”. É uma forma verbal no presente do indicativo, que expressa a existência ou ocorrência do esforço ao longo de um período até o presente.

O significado existencial dessa construção provoca um efeito importante na conclusão do artigo científico. Ao optar pelo emprego do tempo composto, o pesquisador enfatiza a continuidade e persistência de uma ação ao longo do tempo até o presente momento. Isso

²⁴ Em língua portuguesa, os tempos compostos são formados pela combinação do verbo auxiliar *ter/haver* com o particípio do verbo principal (Azeredo, 2014).

transmite a ideia de que o esforço pela difusão da obra de Coseriu não é algo passageiro ou temporário, mas sim uma atividade contínua e duradoura. Essa ênfase, na conclusão, reforça a importância e relevância do tema discutido ao longo do artigo: a difusão das teorias de Coseriu.

5.2.8 Irromper

O processo “irromper” é tipificado por Fuzer e Cabral (2014) como existencial abstrato. Sua realização semântica sugere incoação, inepção (Sá; Figueiredo-Gomes, 2020) e, por isso, tem sentido de “surgir”, “aparecer”. No *corpus*, o processo “irromper” apresenta uma única ocorrência. Sua ocorrência, então, não foi considerada estatisticamente significativa o suficiente para justificar a inclusão em um gráfico de frequência.

Na primeira seção de desenvolvimento do artigo A20, encontra-se a seguinte construção existencial:

45.	O cotidiano popular é, assim, marcado por violências e interdições diversas sobre as vidas pessoais e sobre os corpos dos habitantes das cidades. Pensando nisso em um cenário histórico e social como o brasileiro, em que as formulações institucionais irrompem , de maneira abrupta, na vida cotidiana e na esfera íntima, os arquivos policiais e judiciários têm potências enunciativas das quais poderíamos extrair chaves para interpretar a repressão e o sofrimento na formação brasileira contemporânea. (A20)				
em um cenário histórico e social como o brasileiro,	em que	as formulações institucionais	irrompem,	de maneira abrupta,	na vida cotidiana e na esfera íntima,
Circunstância de localização de lugar	Circunstância de localização de lugar	Existente	Processo existencial	Circunstância de modo	Circunstância de localização de lugar

A circunstância de localização, do tipo lugar, é o componente – opcional – de abertura em uma oração que informa a existência de formulações institucionais. Essa circunstância apresenta o contexto no qual o processo ocorre: “cenário histórico e social como o brasileiro”. Em seguida, o elemento textual retoma o cenário em que o participante do processo “irrompem” – as formulações institucionais – é posto. O traço determinante desse componente, nesse caso, é o não agentivo. Desse modo, tem-se o Existente.

Além da primeira circunstância, o processo ainda é circunstancializado por, respectivamente, valores de modo e localização. “De maneira abrupta” indica o modo como a ação do processo foi executada, assim como “na vida cotidiana e na esfera íntima” expressa o

local da ocorrência da irrupção. O que fica claro é que as circunstâncias agregam na produção de significados da transitividade, uma vez que “têm por função “alargar” o centro da oração” (Cabral, 2013, p. 20).

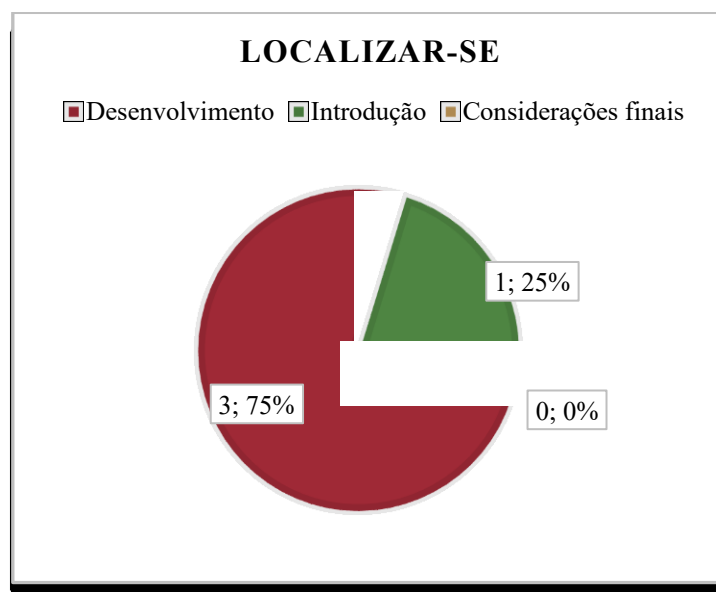
A opção pelo processo existencial "irromper" relaciona-se diretamente à circunstância “de forma abrupta”, já que irromper associa-se à ideia de aparecimento repentino. Descreve, assim, como as formulações institucionais autoritárias penetram e se manifestam na vida cotidiana de maneira abrupta. Em outras palavras, transmite a ideia de uma entrada súbita e vigorosa dessas estruturas de poder nos espaços íntimos e sociais das pessoas, causando impactos significativos em suas vidas. Nesse sentido, esse processo não apenas descreve um evento específico, mas também evoca uma sensação de urgência e impacto, destacando a importância do tema abordado no artigo e predeterminando a discussão teórica e metodológica que se segue. Vale ressaltar também o fato de a construção evocar a ideia de um acontecimento que ocorre independentemente de um agente específico.

Esse tipo de construção contribui de forma efetiva para a impessoalização do texto. No entanto, não se pode considerar que é a responsável por esse efeito, uma vez que o processo é antecedido pela nominalização “formulações”. A estratégia de condensação da informação pelo substantivo “formulações” reduz o tamanho da oração, tornando o que é dito mais complexo. No uso da forma nominal para expressar o significado do processo “formular”, o participante é expresso como atributo da coisa. Esse significado não seria produzido se o pesquisador tivesse optado pela estrutura “em que formular instituições irrompe, de maneira abrupta, na vida cotidiana e na esfera íntima”.

5.2.9 Localizar-se

Acerca dos processos existenciais tipificados no grupo “com traços circunstanciais”, o levantamento quantitativo aponta para o seguinte resultado: do processo “localizar-se” foram identificadas quatro ocorrências, das quais uma foi descartada em função do truncamento do período. Em função da baixa ocorrência, optou-se por ampliar a análise a fim de investigar se a forma verbal e suas flexões ou o verbo pronominal interferem na realização do significado existencial. Obteve-se o seguinte resultado:

Gráfico 7 - Realizações do processo localizar(-se) com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

As orações (46), (47) e (48) corroboram a realização do processo existencial “localizar-se”, como é descrito nas análises subsequentes. Observe o emprego desse processo na seção introdutória:

46.	O arqueólogo alemão Julius Jordan desenterrou em Uruk, que se localizava na antiga Babilônia, onde hoje fica o Iraque, no ano de 1929, diversas tábuas de argila com figuras que, a priori, pareciam ininteligíveis. (A4)	
	que	se localizava
	na antiga Babilônia	
	Elemento textual	Circunstância de localização de lugar

A realização do processo “localizar-se”, em A4, deu-se no primeiro período do primeiro parágrafo da seção Introdução. Nele, são apresentados exemplos concretos e históricos que ilustram emergência e evolução dos gêneros de escrita ao longo da história, desde as tábuas de argila de Uruk até as correspondências científicas do século XVII. Esses exemplos servem como ponto de partida para a discussão sobre o processo de moldagem e standardização dos gêneros de escrita, que é o tema central do texto.

Nessa referência significativa, essa seção fornece uma contextualização histórica específica para as descobertas arqueológicas mencionadas, situando o leitor no tempo e no espaço. É justamente nessa intenção que o processo existencial “localizar-se” é empregado. Esse processo tem como Existente a palavra “Uruk” da oração anterior, que é recuperado, como estratégia de coesão, pelo pronome relativo “que” – responsável por iniciar a oração encaixada.

Logo depois, tem-se a circunstância de localização responsável por posicionar o leitor no local onde a escrita começou a emergir em sociedades antigas para propósitos específicos.

Agora, observe-se o seu emprego durante o desenvolvimento do artigo científico:

47.	Em (1a), com sumir, temos uma representação na qual o termo o homem (não especificado, porém facilmente recuperado de modo genérico no enunciado) evoca um dado indivíduo que possui uma matéria que lhe é própria, uma realidade material individual enquanto um corpo que antes se localizava em um dado lugar. (A3)		
	que	antes	se localizava
	Existente	Circunstância de localização de tempo	Circunstância de localização de lugar

Na segunda amostra, tem-se uma oração existencial introduzida pelo “que”. Esse pronome relativo tem como referente o substantivo “corpo”, que o antecede. A seguir, a circunstância de localização no tempo “antes” indica o momento anterior à ação de sumir, ou seja, o estado anterior do sujeito. Esse componente expande o significado do processo “se localizava”, bem como a circunstância de localização de lugar “em um dado lugar”. Esta, por sua vez, esclarece que o sujeito estava em uma determinada localização, concreta e específica, antes da ação de sumir. O Existente, portanto, desse processo é “corpo” – do indivíduo.

No contexto de realização, o processo existencial “se localizava” enfatiza a realidade material do sujeito antes da ação de “sumir”. Ele não apenas estava em algum lugar de forma abstrata, mas tinha uma localização física concreta e definida. Essa ênfase contribui para a compreensão da diferença semântica entre “sumir” e “desaparecer”, já que “sumir” sugere uma mudança de estado ou posição mais específica do que “desaparecer”, que pode ser mais geral. Mais uma vez fica evidente a ausência de um agente nesse tipo de oração, o que contribui para a apresentação do objeto descrito de forma independente da figura do autor do texto.

O outro exemplo do emprego desse processo no desenvolvimento está em:

48.	Em (4), o termo ruga evoca as pregas que se formam na pele ao franzirmos certas partes do rosto, como a testa, a sobrancelha ou os lábios. Neste enunciado, sumir diz que a ruga se torna ausente, deixando de se localizar no rosto, por conta de um movimento voluntário exercido pelo sujeito, ao esticar todos seus os músculos. (A3)		
	(a ruga)	se localizar	no rosto
	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

A análise do sistema de transitividade desta oração aponta que o processo existencial “se localizar” trata da existência da ruga – componente Existente – e seu lugar específico por meio da circunstância de localização de lugar “no rosto”. O valor existencial desse processo reside na descrição da presença de algo, a ruga. Quando ela desaparece, significa que deixa de

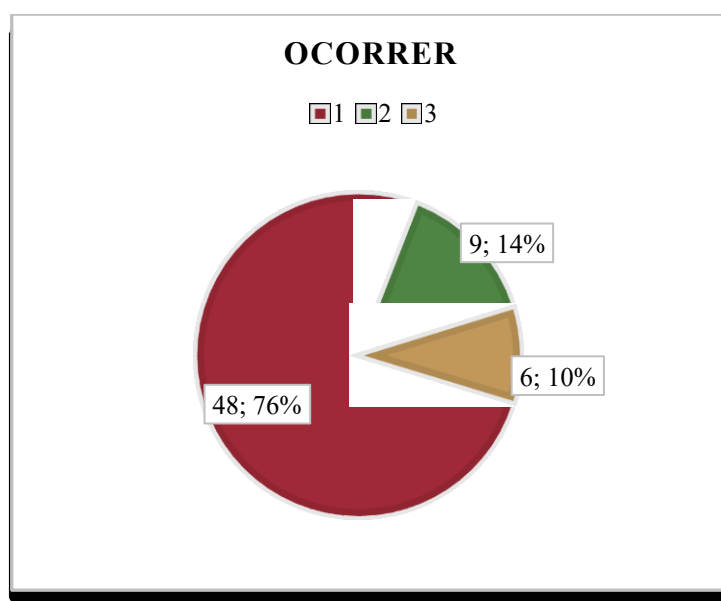
se localizar no rosto, indicando uma mudança em sua posição ou estado de existência. Ocorre, assim, a descrição do fenômeno em si. Nessa realização, “localizar-se” ajuda a destacar a mudança do elemento em questão e a entender como o processo de desaparecimento da ruga afeta a aparência física da pessoa.

5.2.10 Ocorrer

O processo “ocorrer” é processo existencial do tipo neutro do acontecer. Assim como o “existir”, também apresenta somente ocorrências como processos existenciais. Isso, segundo Lima (2013), pode ser explicado pelo fato de ser um verbo prototípico em língua portuguesa. Em outras palavras, sempre expressa a mera existência de uma entidade sem predicar mais nada dela (Thompson, 2014).

De acordo com o levantamento quantitativo feito, tem-se o seguinte resultado das realizações do processo “existir” nas etapas do artigo científico:

Gráfico 8 - Realizações do processo ocorrer com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Assim como o processo “existir”, o processo “ocorrer” tem baixa representatividade na seção introdutória do artigo científico. Das 62 ocorrências, apenas nove foram na etapa que dispõe das informações essenciais sobre o estudo. Entre elas, julga-se pertinente analisar a que

ilustra não só a prototipicidade do processo, como também da estrutura oracional da língua portuguesa, a ordem direta:

49.	Neste artigo, procuramos demonstrar que a identidade semântica de uma unidade pode ser descrita a partir da observação e análise dos contextos enunciativos em que se faz presente, os quais são responsáveis por sua estabilização semântica. Tal estabilização do sentido ocorre no seio dos diversos enunciados nos quais o pesquisador visualiza o entrelaçamento da interação dos termos linguísticos que culmina na construção do sentido de uma mensagem verbal (oral ou escrita). (A3)		
Tal estabilização do sentido		ocorre	no seio dos diversos enunciados
Existente		Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

Nesta oração, o participante Existente – componente essencial – representa o Tema da oração. O núcleo do Existente é o substantivo “estabilização” – nominalização do processo “estabilizar”. Essa forma nominalizada representa um instrumento importante de coesão textual, pois apresenta função anafórica. Ao referir-se a “sua estabilização semântica”, mencionado no período anterior, tal forma empacota o processo de estabilização do sentido de uma unidade linguística como algo concreto e identificável, contribuindo para a compreensão do fenômeno linguístico em questão.

Segundo Thompson (2014), quando se nomeia um processo, o falante pode refletir sobre o fato de que negociou e estabeleceu o significado como Existente, como uma espécie de coisa. Isso não acontece quando os significados são introduzidos em forma de orações. Uma vez que elas são negociáveis, o falante escolhe o que o seu interlocutor pode, em princípio, rejeitar. No contexto em questão, caso o pesquisador tivesse optado pela estrutura “O sentido se estabiliza no seio dos diversos enunciados (...)”, seu interlocutor – a comunidade científica – teria mais probabilidade de questionar a sua proposição.

A nominalização, o Existente, é acompanhada do processo existencial e da circunstância de localização, que marca o contexto de ocorrência do participante. A combinação desse Existente com o processo “ocorre” descreve a estabilização dentro dos enunciados, salientando a importância do contexto enunciativo na determinação do sentido das unidades linguísticas. Nesse contexto, tal estrutura ajuda a fortalecer a credibilidade do argumento apresentado pelo pesquisador, pois demonstra uma abordagem sistemática e fundamentada na análise dos dados linguísticos. Conferindo um tom objetivo característico do gênero, serve para demonstrar a base sólida na qual a argumentação do artigo será construída.

Diferentemente do trecho anterior, a oração (50) é um exemplo de oração existencial composta por quatro componentes além dos essenciais.

50.	Dessas cinco formas de deslinearização, somente a deslinearização semiótica não é levada em consideração neste trabalho, pois, no corpus selecionado, não ocorre combinação de elementos não verbais nos textos de destino. (A13)				
	pois,	no corpus selecionado,	não	ocorre	combinação de elementos não verbais nos textos de destino
	Elemento textual	Circunstância de localização de lugar	Elemento interpessoal	Processo existencial	Existente Circunstância de localização de lugar

Na amostra, a oração paratática expande a estrutura anterior ao ser introduzida pela conjunção “pois”, que estabelece relação lógico-semântica do tipo causa. Esse elemento textual é responsável por transportar a causa pela qual a deslinearização semiótica não é considerada no trabalho. A partir dele, sabe-se em que contexto se dá a não ocorrência do Existente – o que fica definido pelo elemento interpessoal de polaridade negativa. No contexto do artigo A13, a não existência de combinação de elementos não verbais nos textos de destino é uma característica do *corpus* selecionado para o estudo.

É fundamental apontar que o significado (não) existencial não é construído apenas pelo processo “ocorre”. A combinação desse processo com a forma nominalizada “combinação” estabelece uma objetificação (Schlee, 2018), já que o processo de combinar elementos é objetificado. Nesse caso, o pesquisador escolheu empacotar (Halliday; Matthiessen, 2014) a informação sobre a interação entre os elementos no lugar da alternativa de expressão “pois, no corpus selecionado, os elementos não verbais não se combinam nos textos de destino”.

Essa combinação sugere que a identificação e análise das combinações de elementos são aspectos essenciais do estudo realizado, contribuindo para o propósito comunicativo do gênero artigo científico, que é apresentar uma pesquisa rigorosa e detalhada sobre um tema específico. Nesse sentido, a estrutura provoca a delimitação do escopo da pesquisa. Consequentemente, o significado existencial produzido por ela contribui para a justificativa da escolha feita pelo pesquisador de não considerar a deslinearização semiótica no trabalho, demonstrando a relevância da decisão metodológica tomada pelo cientista.

Outra oração que vale ser analisada é a (51), que expõe um aspecto linguístico significativo descrito por Thompson (2014).

51.	A escuta pode ser percebida quando a criança se distancia da fala do outro via efeitos da diferença entre a sua fala e a do outro, fato que ocorre , a partir de mudanças de posição, em uma estrutura na qual aparecem o outro (o adulto), a língua e a criança. (A15)			
	fato	que	ocorre,	a partir de mudanças de posição, em uma estrutura na qual aparecem o outro (o adulto), a língua e a criança

Existente	Elemento textual	Processo existencial	Circunstância de localização de tempo	Circunstância de localização de lugar
-----------	------------------	----------------------	---------------------------------------	---------------------------------------

A amostra acima ilustra uma oração existencial introduzida pelo substantivo "fato", acompanhado do elemento textual "que". Trata-se, segundo Thompson (2014), de uma projeção encaixada em que nenhum participante da interação é envolvido. Isso ocorre, pois, mesmo que ninguém tenha necessariamente expresso o significado do substantivo "fato" anteriormente, a gramática o constrói, como se já tivesse sido estabelecido de alguma forma. Nesse sentido, "fatos" são fenômenos que consistem em linguagem e não têm relação com a verdade: são informações – e, por isso, pedaços de linguagem – tratadas como existentes (Thompson, 2014).

O termo que realiza gramaticalmente o participante Existente é o substantivo “fato”. Nesse caso, diz respeito à condição em que a escuta da criança ocorre a partir de mudanças de posição dentro de uma estrutura específica, na qual estão presentes três elementos: o outro (o adulto), a língua e a criança. Essa informação, a partir do significado existencial, não só contextualiza a discussão sobre a importância da escuta na interação, como também introduz a abordagem teórica adotada para investigar a relação entre a criança, a língua e o adulto durante o processo de aquisição da linguagem.

Das ocorrências extraídas do *corpus*, a representação da oração existencial de (52) também é válida.

52.	Nos últimos anos, é possível observar um grande número de pedidos de desculpas oficiais, feitos por personalidades do mundo político. Tony Blair, em 1997, por exemplo, desculpou-se oficialmente pela omissão do governo britânico no episódio de fome que marcou a Irlanda em meados do século XIX. Na aurora do século XX, o presidente americano Bill Clinton desculpou-se pela inação do ocidente frente ao genocídio de Ruanda, ocorrido em 1994. (A2)		
(o genocídio de Ruanda)		ocorrido	em 1994
Existente		Processo existencial	Circunstância de localização de tempo

Aqui, tem-se uma oração elaboradora não finita com o processo “ocorrer” no participípio. Sem o Finito na oração, cabe ao Predicador auxiliar a conduzir a negociação da troca de informações ao estabelecer a relação entre o participante Existente e o que está sendo dito sobre ele. Nesse contexto, a concordância verbal entre "ocorrido" e o substantivo "genocídio" revela a relação entre o fato ocorrido e o tempo em que ocorreu. Ao se conectar à oração anterior, a oração existencial indica a temporalidade do evento, situando-o em um período específico no passado. Nesse caso, de maneira implícita, o Existente é "genocídio de Ruanda".

Na introdução do artigo científico, exemplos representativos podem ser utilizados quando o pesquisador se propõe a defender a relevância da pesquisa. Nessa amostra, a oração

existencial, anunciando a ocorrência do genocídio, acrescenta, de forma objetiva, informação ao fato que motivou um dos pedidos de desculpas públicos por personalidades do mundo político. Contribui, desse modo, no assentamento da importância do tempo e na justificativa da investigação desses pedidos - que, segundo o pesquisador, são como recurso reparador.

No que diz respeito ao desenvolvimento do artigo, o uso mais regular do processo "ocorrer" está relacionado à expressão de significados existenciais quando o pesquisador apresenta ordenadamente as informações e os argumentos da pesquisa. Essa escolha linguística contribui significativamente para a discussão dos argumentos da pesquisa, como demonstrado em (52).

53.	“Mais de 7,6 mil casos de violência contra pessoas com deficiência foram registrados no Brasil em 2019, o que equivale a quase um por hora, de acordo com dados inéditos divulgados. A maioria dos casos (58,5%) ocorreu em casa, e as mulheres com qualquer tipo de deficiência são as principais vítimas, com destaque para as com deficiência intelectual, 56,9% das vítimas”. (A9)		
	A maioria dos casos (58,5%)	ocorreu	em casa (...).
	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

Na construção acima, o Existente aparece antes do processo, sendo, portanto, tematizado. Nesse caso, o processo “ocorreu” retrata a existência da maioria dos casos (de violência contra pessoas com deficiência no Brasil). À ideia expressa pelo processo é acrescentada uma circunstância de localização, realizada gramaticalmente pela locução adverbial de lugar “em casa”. Esse componente é responsável por codificar o pano de fundo no qual o processo ocorre: o meio físico.

Nessa oração, em A9, a ocorrência da maioria dos casos de violência contra pessoas com deficiência é destacada e situada no ambiente doméstico. Na discussão, essa estrutura indica a frequência e a gravidade do problema da violência, fornecendo uma informação estatística relevante para a sustentação dos argumentos. Por meio do componente circunstancial, sugere-se a importância de reconhecer e abordar a violência dentro do ambiente familiar, o que pode influenciar políticas públicas e estratégias de intervenção.

Outro exemplo de ordenação regular dos componentes é a oração do trecho (54), referente ao A12:

54.	Os depoimentos foram gravados com nove alunos, de um total de 25 discentes de uma turma de 7º ano de uma escola rural de tempo integral. A sequência de alunos entrevistados ocorreu conforme a disponibilidade dos participantes, durante as atividades escolares. A sequência de entrevistas foi interrompida na semana anterior ao fechamento da escola, provocado pela pandemia da Covid-19. A referida instituição, que fica na zona rural, a 70 km da capital tocantinense, atende alunos das duas etapas do ensino fundamental. (A12)
-----	---

A sequência de alunos entrevistados	ocorreu	conforme a disponibilidade dos participantes,	durante as atividades escolares.
Existente	Processo existencial	Circunstância de contingência	Circunstância de localização de tempo

Essa oração é tematizada pelo Existente “A sequência de alunos entrevistados”. Não é a sequência nem os alunos que atuam para que a existência aconteça. Já o centro experiencial da oração comporta o processo existencial “ocorreu”, o qual é expandido pela combinação de dois tipos diferentes de significado. Na oração em questão, tem-se uma sequência circunstancial, respectivamente, de qualidade e de localização de tempo.

Integrada à seção do desenvolvimento referente ao procedimento metodológico, a escolha linguística da oração existencial revela o processo pelo qual os alunos foram selecionados para as entrevistas. A ordem não foi predeterminada, mas sim definida a partir da disponibilidade dos participantes durante as atividades escolares. O significado existencial, portanto, ajuda a descrever a metodologia e fornece informações sobre como os dados foram coletados, sugerindo transparência e confiabilidade na pesquisa.

O significado existencial, além desses casos, também é realizado no momento de análise de dados. Observe a ocorrência do processo “ocorrer” na passagem a seguir:

55.	Por fim, o último tipo de anáfora associativa que pode ser encontrado no fenômeno linguístico que estamos analisando é anáfora por papel temático, que ocorre quando o referente desempenha o papel de agente em relação à sua âncora textual. (A16)		
	que	ocorre	quando o referente desempenha o papel de agente em relação à sua âncora textual.
	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de tempo

Na amostra, a oração existencial é elaboradora, introduzida pelo pronome relativo “que”. Esse pronome estabelece relação coesiva ao recuperar “anáfora por papel temático” – Existente explícito na oração anterior. Nessa retomada, anuncia-se a existência de um tipo de relação semântica que ocorre de forma delimitada. Isso é constatado, pois o processo existencial é expandido pela circunstância de localização temporal, a qual fornece uma condição específica em que ocorre o fenômeno linguístico em questão.

Nessa etapa do artigo, o anúncio da ocorrência proporciona um contexto para a compreensão desse tipo de relação semântica. A oração existencial focaliza o fenômeno linguístico em si, observado a partir da estruturação sintática da forma fatorada sob o aporte teórico da Interface Sintaxe-Semântica Lexical. Por meio dessa construção, tem-se como efeito o afastamento de qualquer perspectiva do pesquisador a fim de causar impressão de fidelidade

aos fatos. Demonstra-se, portanto, uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos linguísticos discutidos no texto, fornecendo uma base sólida para a argumentação e interpretação dos dados apresentados.

Já no ponto terminal da pesquisa, os processos existenciais expressam outros significados. Das cinco realizações de significados existenciais na conclusão, destacam-se as amostras abaixo.

56.	À segunda questão "quais estruturas sintáticas favorecem a presença da vírgula e quais favorecem a ausência da vírgula?", apresentamos a seguinte resposta: a presença convencional da vírgula ocorre em fronteiras de enumerações e coordenações de sentenças; as ausências de vírgula predominam em fronteiras de deslocamento sintático de termos ou orações e em fronteiras de elementos extraoracionais. (A18)		
A presença convencional da vírgula		ocorre	em fronteiras de enumerações e coordenações de sentenças
Existente		Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

A oração existencial indica que a vírgula comumente ocorre em determinadas estruturas sintáticas, como nas fronteiras entre itens enumerados ou entre sentenças coordenadas – circunstância que expande o processo. Objetiva-se, aqui, focalizar o fenômeno da presença ou ausência e não ato de empregar a vírgula. Nesse sentido, a opção pela oração é a alternativa de expressão que mais atende a esse propósito. Ao anunciar a ocorrência, o pesquisador destaca a validade dessa observação para o entendimento do funcionamento da pontuação na escrita dos alunos do Ensino Fundamental II. Como significado produzido na conclusão, recapitula os principais resultados encontrados – observados de forma objetiva e impessoal – no estudo sobre o uso das vírgulas.

57.	Outros aspectos, como o caráter formativo dos estudantes que vivenciam a iniciação científica, parecem estar mais sujeitos, na realidade por nós investigada, a outros elementos do que ao ambiente (universitário ou escolar) em que ela ocorre. (A11)		
	em que	ela	ocorre
	Elemento textual	Existente	Processo existencial

O significado existencial da oração encaixada "em que ela ocorre" anuncia a ocorrência da iniciação científica em um determinado ambiente – universitário ou escolar. Essa circunstância de localização de lugar, presente na oração anterior, é recuperada pela construção "em que". A oração, no contexto em questão, informa a existência de um contexto fundamental para a caracterização das práticas letradas dos estudantes. Por meio dela, o pesquisador não atribui tal ocorrência aos estudantes que vivenciam a iniciação; pelo contrário, mostra-se apoiado nos fatos apresentados sobre a prática em si e seu ambiente ao concluir a sua

investigação.

Vale destacar, nesse contexto, o caráter permansivo do processo “ocorrer”. Essa característica é atribuída a esse processo devido à sua natureza dinâmica, que implica uma ação ou evento que se desenrola gradualmente. No trecho, sugere-se que a iniciação científica é um processo contínuo e em andamento. Essa distinção é relevante no contexto da análise porque ressalta a essência contínua da iniciação científica, destacando-a como uma prática em evolução que ocorre dentro de um determinado ambiente.

Outra realização de “ocorrer” que vale ser comentada é a que ocorre em (58):

58.	Anualmente, tem ocorrido conferências em vários países como Peru, Alemanha, Itália, Espanha, Romênia, França e Uruguai para debater suas teorias e, eventualmente, posicioná-lo corretamente na história e filosofia da linguística. (A19)			
Atualmente,	tem ocorrido	conferências	em vários países como Peru, Alemanha, Itália, Espanha, Romênia, França e Uruguai	para debater suas teorias
Circunstância de localização de tempo	Processo existencial	Existente	Circunstância de localização de lugar	Circunstância de finalidade

Assim como a oração (44), o processo “ter” foi empregado como processo auxiliar do processo “ocorrer”. Aqui, o participante “conferências” tem a sua existência indicada pelo tempo verbal composto. A existência, portanto, não se dá pelo auxiliar “tem”, mas sim pelo particípio do verbo principal “ocorrer” em “tem ocorrido”. É uma forma verbal no presente do indicativo, que expressa a ocorrência de conferências ao longo de um período até o presente.

O significado existencial expresso por essa construção desempenha papel crucial na conclusão do artigo científico. Ao optar por essa escolha, o pesquisador destaca a regularidade da realização de conferências para debater as teorias de Coseriu e posicioná-lo corretamente na história e na filosofia da linguística, o que sugere que tal debate é um tema de interesse contínuo e em desenvolvimento na comunidade acadêmica. Desse modo, a construção ajuda a consolidar e reforçar a importância do tema abordado em A19.

5.2.11 Restar

Dos verbos em língua portuguesa que podem representar o valor existencial, o “restar” está no grupo dos verbos neutros do tipo existir. No entanto, como se sabe, alguns processos

podem realizar outros tipos de processos dependendo dos participantes envolvidos e do contexto de situação em que estiver inserido.

No *corpus*, o processo “restar” foi empregado apenas três vezes – no mesmo artigo científico – e no desenvolvimento, sempre indicando qual caminho o pesquisador seguiria adiante. A identificação dos componentes das orações em análise foi a responsável pela constatação de processos sem valor existencial. Considere as seguintes passagens:

59.	Para finalizar essa seção, resta-nos explicitar como ficam as propriedades semânticas na forma fatorada das sentenças. (A16)		
Para finalizar essa seção,	resta-	nos	explicitar como ficam as propriedades semânticas na forma fatorada das sentenças.
Circunstância de causa	Processo mental cognitivo	Experienciador	Fenômeno

60.	Tendo mostrado que os sintagmas o professor e pelo brilhantismo são constituintes distintos, resta-nos determinar qual a posição sintática ocupada pelo SP. (A16)		
	resta-	nos	determinar qual a posição sintática ocupada pelo SP.
	Processo mental cognitivo	Experienciador	Fenômeno

61.	Tendo mostrado as propriedades atribuídas aos sujeitos dos verbos, resta-nos analisar as atribuídas aos argumentos que ocupam a posição de objeto. (A16)		
	resta-	nos	analisar as atribuídas aos argumentos que ocupam a posição de objeto.
	Processo mental cognitivo	Experienciador	Fenômeno

Nas três orações, o processo “restar” tem valor semântico de “faltar”. Isso aponta que se trata de um processo que diz respeito à criação de ideias pela consciência. O processo mental cognitivo representa experiências cognitivas do interior da mente dos falantes e escritores, isto é, remete à cognição humana. Em razão disso, o Experienciador é o participante que detém consciência desse processo.

Em (59), (60) e (61), as experiências são realizadas no mundo da consciência. O Experienciador – o pronome oblíquo átono “nos” – representa, ao mesmo tempo, o processamento mental e consciente. Essa experiência do mundo, por sua vez, precisa ser construída, o que cabe ao participante Fenômeno. Essa construção, por sua vez, está diretamente ligada à capacidade do Experienciador.

Nas construções em questão, a complementação do que deve ser construído se dá por meio de orações projetadas. Nessas orações mentais, há a projeção de outras orações: “explicitar como ficam as propriedades semânticas na forma fatorada das sentenças”, “determinar qual a

posição sintática ocupada pelo SP” e “analisar as atribuídas aos argumentos que ocupam a posição de objeto”.

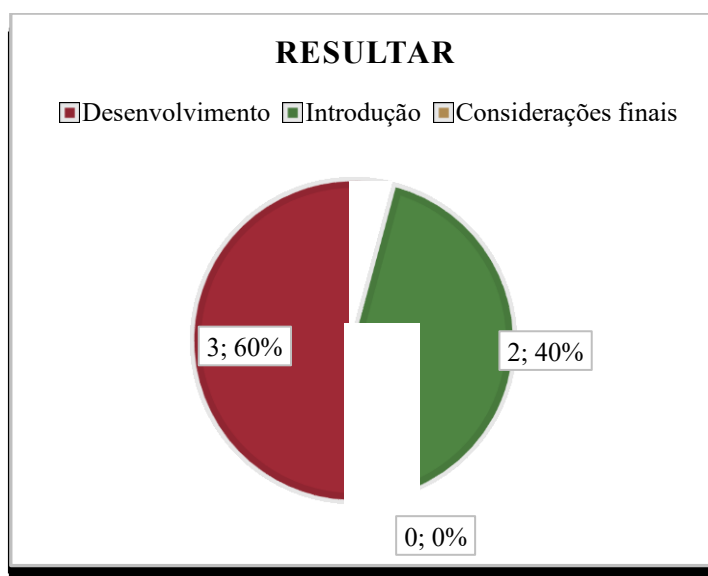
Sob a análise léxico-gramatical do sistema de transitividade dessas orações, fica claro que, neste *corpus*, o processo “restar” não desempenha valor existencial em suas realizações.

5.2.12 Resultar

“Resultar”, conforme Fuzer e Cabral (2014), é um processo passível de realizar processo existencial e é integrado ao grupo dos processos com traços circunstanciais de tempo. Entre suas acepções, o processo “resultar” assume caráter existencial quando significa “originar”, “proceder”, “provir”, “surgir como consequência”.

Com esse sentido, esse processo aparece cinco vezes nos artigos científicos analisados:

Gráfico 9 - Realizações do processo resultar com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Nas construções desse processo, há somente um participante, ou seja, não se conta com o segundo elemento para estabelecer atributos ou identidades. Uma amostra dessa ocorrência está em (64), na seção introdutória. Nela, a transitividade se realiza pelos três componentes possíveis de uma oração:

62.	Em suma, para Paveau (2017a, p. 16, tradução nossa ²), a deslinearização “consiste na intervenção de elementos clicáveis no encadeamento do discurso, que direcionam o escrileitor de um fio-fonte para um fio-alvo, estabelecendo uma relação entre dois discursos”. Mais uma vez, cumpre enfatizar que tal relação resulta da decisão do escrileitor de ativar os elementos hipertextuais por meio de um clique - ou, nas palavras da autora, de um “enunciado de gestos”. (A13)		
	que	tal relação	resulta da decisão do escrileitor (...).
	Elemento textual	Existente	Processo existencial Circunstância de causa

A oração existencial de (62) tem como núcleo o processo existencial “resulta”. Ele é responsável pela realização da entidade participante “tal relação”. Além do processo e do participante já identificados, há, na oração, a circunstância “da decisão do escrileitor (...)”, indicando a causa dessa relação. Percebe-se, mais uma vez, como a circunstância desempenha papel importante, e não apenas acessório, na composição de significados.

O processo existencial “resultar” é utilizado para anunciar a existência da relação entre dois discursos. Essa informação é empacotada – e também reduzida – pela forma nominalizada “relação” no Existente “tal relação”, que desempenha função anafórica no trecho ao retomar a relação abordada na citação da oração anterior. Sob o ponto de vista de Halliday e Matthiessen (2014), o participante, no caso o Existente, se torna mais complexo por ter seu processo reconstruído como substantivo. Em caso de reelaboração da oração, uma alternativa de expressão seria a construção “que os dois discursos se relacionarem é resultado da decisão do escrileitor”.

A combinação da nominalização com o processo existencial provoca um efeito no artigo científico. Além de o pesquisador se referir à interação de forma objetiva, sem a necessidade de descrever detalhadamente cada aspecto da conexão, introduz um conceito-chave que será explorado ao longo do artigo, ordenando a discussão teórica e metodológica que se seguirá. Portanto, essa combinação ajuda a estabelecer a relevância e o contexto teórico da pesquisa apresentada no artigo, fornecendo uma base sólida para a análise e interpretação.

A outra ocorrência desse processo na seção introdutória é organizada a partir do componente circunstancial, como comprovam as amostras:

63.	O estudo revelou a presença de três macro-operações relacionadas à aquisição em uma abordagem enunciativa benvenistiana: (1) a operação de preenchimento de lugar enunciativo pela criança, relacionada ao aspecto de intersubjetividade e caracterizada pela passagem de convocada pelo outro à convocação do outro; (2) a de referência, em que a criança faz a passagem de uma referência mostrada para uma referência constituída no discurso; e (3) a de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso, na qual a criança faz a passagem de um uso discursivo de instanciiação subjetiva por meio de formas e funções para um uso discursivo em que a enunciação constitui outra enunciação (intersubjetividade duplamente constituída com usos do discurso relatado). Desse estudo, resultaram algumas inquietações: o que revelam os
-----	--

	fatos de linguagem de uma criança antes dos onze meses? Como a criança, nessa aurora da vida na linguagem, ocupa um lugar enunciativo? Qual o papel da escuta nessa ocupação? (A15)	
	Desse estudo,	resultaram algumas inquietações.
	Circunstância de localização de lugar	Existente

64.	Lima (2013) destaca a concepção tradicional de que alguns empregos da unidade linguística aflorem de fatores externos à língua, de onde resulta a canônica dicotomia entre sentido literal e sentido conotativo (...). (A3)	
	de onde	a canônica dicotomia entre sentido literal e sentido conotativo (...).
	Circunstância de localização de lugar	Existente

No trecho referente ao A15, a circunstância “Desse estudo” é o componente introdutório do enunciado, capaz de recuperar o estudo que gerou inquietações: o que revelou a presença de três macro-operações relacionadas à aquisição em uma abordagem enunciativa benvenistiana. O segundo componente é o processo existencial “resultaram”, responsável pela inserção do participante Existente. Este, o último componente, é realizado gramaticalmente por “algumas inquietações”.

A passagem retirada de A3 também é introduzida por uma circunstância de localização: “de onde”. Esse componente contextualiza a origem do resultado do processo “resulta”, retomando-o: o que causa tal resultado são alguns empregos da unidade linguística aflorem de fatores externos à língua”. O processo da ordem do existir insere o participante Existente “a canônica dicotomia entre sentido literal e sentido conotativo”.

O processo existencial “resultar” é empregado para anunciar a dicotomia entre sentido literal e sentido conotativo, a qual está relacionada à concepção tradicional de significado linguístico. Ao se associar a variedade de usos de uma palavra a variações do seu sentido literal, a oração existencial estabelece uma relação direta com o objetivo do artigo, destacando a importância da perspectiva teórica adotada na análise das identidades semânticas dos lexemas verbais determinados em seus contextos de uso. Nesse caso, trata-se de uma realização que sustenta a justificativa presente na introdução.

Já no desenvolvimento, as construções com o processo “resulta” ocorrem com a dupla função do pronome relativo “que”. Considerem-se os seguintes fragmentos:

65.	Essa não é uma observação nova. Estudos da linguagem, como os de Piaget (1923) e Stern (1928), enfocando pelo ponto de vista de um desenvolvimento biológico e citados por Vigotski (2000), relacionam-na aos processos ou situações externas que resultam da atividade de intercâmbio sociocultural. (A6)	
	que	da atividade de intercâmbio sociocultural.
	Existente	Circunstância de causa

66.	Por exemplo, uma criança que ouça o enunciado fazer a unha vai memorizá-lo como uma só unidade, mas ao constatar que se pode dizer fazer a unha, fazer o cabelo, fazer a sobrancelha, vai apreender um padrão [fazer X], uma forma com significado que não resulta da soma dos significados de cada item presente na expressão (MACHADO VIEIRA, 2018). (A17)		
que	não	resulta	da soma dos significados de cada item (...).
Existente	Elemento interpessoal	Processo existencial	Circunstância de causa

Nas duas amostras, tem-se uma oração encaixada, iniciada pelo pronome relativo “que”. Esse pronome estabelece relação coesiva ao recuperar, respectivamente, os termos “processos ou relações externas” e “uma forma com significado”, presentes na oração anterior. Nessa retomada, atua como Existente dos processos das orações introduzidas por desempenharem função anafórica. De forma implícita, os termos “processos ou relações externas” e “uma forma com significado” são os Existentes do processo “resultar” nas duas ocorrências.

Tanto em (65) quanto em (66), a organização dos componentes é a mesma. A diferença, no entanto, é a presença do termo que designa a polaridade negativa. No trecho (65), tem-se o processo responsável pela realização do Existente “os processos ou situações externas”, circunstancializado por “da atividade de intercâmbio sociocultural”. Por outro lado, o processo “resultar”, em (66), anuncia a não existência do participante “uma forma com significado”, inclusive restrita pela circunstância apresentada: “da soma dos significados de cada item”.

No artigo A6, trecho 65, o processo “resultar”, na seção inicial do desenvolvimento, anuncia a existência concreta dos efeitos das interações sociais e da comunicação na estruturação e no funcionamento do sistema nervoso, bem como na configuração dos processos cognitivos, conforme explicado por Vigotski. Em outras palavras, o destaque a essa relação enfatiza a importância desses aspectos no desenvolvimento humano. O que se observa, nesse sentido, é que a realização desse processo ajuda a estabelecer a relevância e o contexto teórico da pesquisa apresentada no artigo, fornecendo uma base sólida para a análise e interpretação das experiências educativas e práticas de intervenção na Educação Especial que serão apresentadas posteriormente.

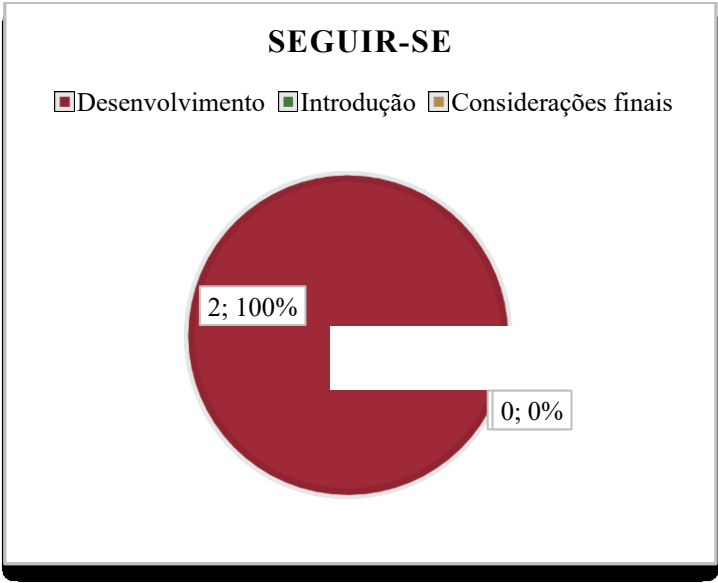
No excerto de A17, trecho 66, o processo “resultar” expressa valor existencial ao anunciar os efeitos tangíveis e observáveis das abordagens linguísticas descritas na seção de desenvolvimento do artigo. Por meio dessa realização, salienta-se que essas abordagens discutidas não são meramente teóricas, mas têm implicações reais e mensuráveis na compreensão e na prática da linguagem. Ele enfatiza a importância de considerar os efeitos concretos dessas teorias no desenvolvimento da linguagem e na compreensão do conhecimento linguístico.

5.2.13 Seguir(-se)

A categorização dos processos existenciais com traços circunstanciais inclui “seguir-se” como processo com potencial para assumir o significado existencial com valor temporal em língua portuguesa (Fuzer; Cabral, 2014). Com base no levantamento quantitativo, não há ocorrências do processo seguir acompanhado do pronome oblíquo átono “se” no *corpus*.

Nesse cenário, ampliou-se também, assim como feito com os processos “encontrar-se” e “situar-se”, o objeto de análise: passou-se a considerar a ocorrência do processo “seguir”. Sendo assim, registraram-se 23 realizações do processo, entre as quais apenas duas expressam valor existencial no desenvolvimento.

Gráfico 5 - Realizações do processo seguir(-se) com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

As amostras a seguir, desse modo, referem-se a essas ocorrências, empregadas na seção de desenvolvimento dos artigos A9 e A14. Observe:

67.	Na estrutura lógica em que o capital se ancora, a desigualdade é fonte, e dela o capacitismo bebe direta e diariamente. Destarte, seguem os significados sociais atribuídos aos corpos com deficiência, sendo compreendidos como desviantes e inferiores, os quais são excluídos da participação total em vida pública e econômica e que se conjugam em oposição a uma norma (Garland Thomson, 1997, tradução nossa). (A9)		
	Destarte,	seguem	os significados sociais atribuídos aos corpos com deficiência

Elemento textual	Processo existencial	Existente
68.	Alguns exemplos seguem para mostrar como o estudo de alguns morfemas e de processos de derivação de palavras permite abordar conceitos como "oposição", "possibilidade", entre outros (HOUAISS, 2020). (A14)	
Alguns exemplos	seguem	para mostrar como o estudo de alguns morfemas e de processos de derivação de palavras permite abordar conceitos (...).
Existente	Processo existencial	Circunstância de finalidade

Em (67), referente à ocorrência em A9, a oração é tematizada por um elemento textual, seguido do processo “seguem” e do Existente “os significados sociais atribuídos aos corpos com deficiência”. Entende-se aqui que esse processo poderia ser substituído, por exemplo, por “existem” ou “perduram” sem alteração de sentido, uma vez que a estrutura ainda indicaria a existência desses significados. Ao denotar uma continuidade lógica no argumento apresentado no desenvolvimento, sugere que novas ideias ou informações serão introduzidas após a afirmação feita anteriormente.

A amostra (68), de A14, já apresenta outra estrutura ao ser tematizada pelo Existente “alguns exemplos”. Anteposto ao processo, o Existente estabelece uma conexão com o que foi abordado anteriormente sobre prefixos e sufixos, questão discutida no artigo, e sinaliza que há algo relevante e significativo a seguir. Essa sinalização, no que lhe diz respeito, é confirmada pelo componente circunstancial de finalidade, o qual aponta a razão ou propósito pelo qual a busca por elementos mórficos é proposta.

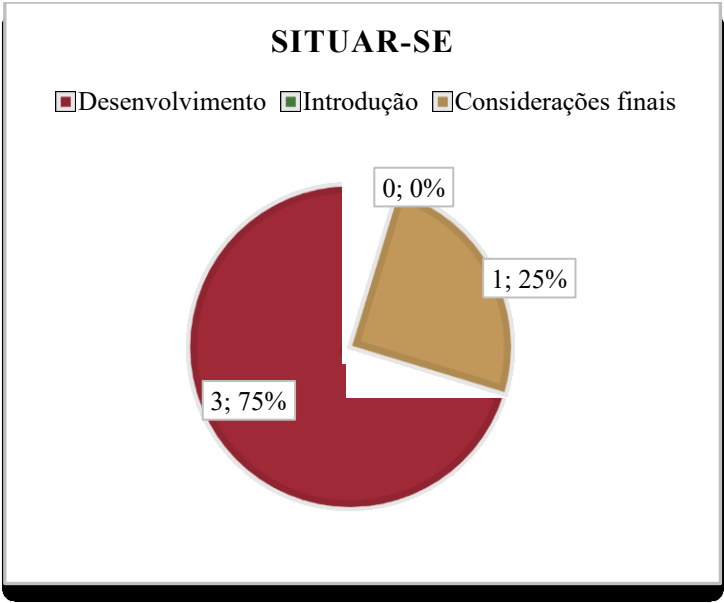
A partir dessa análise, o que se percebe é que o processo “seguir” não desvela traços circunstanciais de lugar e tempo. Afastando-se dessas características, ele se acomoda no existencial do tipo neutro nas duas realizações. Essa observação se deve ao fato de as escolhas feitas pelo pesquisador representarem, no desenvolvimento dos artigos, que algo existe ou acontece sem a expansão de detalhes sobre a localização ou o tempo.

5.2.14 Situar(-se)

No grupo dos processos com potencial existencial em língua portuguesa, o processo “situar-se” revela traços circunstanciais de lugar (Fuzer; Cabral, 2014). Com tal característica, deve produzir como significado a localização geográfica do participante que o complementa. Tendo em vista essa natureza, a listagem gerada no *Concord* expõe que, das 27 ocorrências desse processo, apenas uma apresentou o acompanhamento do pronome oblíquo átono “se”.

Em um cenário de baixa representatividade do processo “situar-se”, tomou-se como decisão ampliar – assim como feito com o processo “encontrar” – a análise do processo. O objetivo dessa ampliação é verificar o valor representativo de uma entidade que existe ou acontece por meio do processo “situar”. O resultado da ampliação foi este:

Gráfico 11 - Realizações do processo situar(-se) com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

A realização do processo existencial “situar-se” foi mapeada na seção de desenvolvimento do artigo científico:

69.	É por isso que, quando enuncia, o sujeito revela suas filiações e processos de identificação, tornando possível rastrear o que ele fala de si e do outro com quem interage. Trabalhar com essa noção oportuniza estudar a subjetividade dos falantes em vista de variados objetivos, a depender de interesses de cunho teóricos-metodológicos específicos. No âmbito da LA, no qual se situa esta investigação, interessa-nos compreender os processos de ensino-aprendizagem pelo viés das discursividades. (A12)		
	No âmbito da LA,	no qual	se situa
	Circunstância de localização de lugar	Elemento textual/ Circunstância	Processo existencial
			esta investigação
			Existente

No exemplo acima, a forma “se situa” equivale, semanticamente, ao processo existencial “ocorrer”. Nesse sentido, a oração indica a existência de um participante: “esta investigação”. O caráter existencial desta oração, por esse ângulo, deve-se ao fato de a investigação ocorrer no âmbito da Linguística Aplicada.

O emprego desse processo existencial – com traços circunstanciais de lugar – reforça a posição da pesquisa do artigo em questão dentro do contexto acadêmico e disciplinar da

Linguística Aplicada. Isso é essencial, no desenvolvimento, para estabelecer o quadro teórico e metodológico no qual o estudo se baseia, fornecendo uma estrutura sólida para a análise dos dados e discussão dos resultados. Além disso, com essa construção, o pesquisador frisa a relevância da abordagem discursiva adotada para compreender os processos de ensino-aprendizagem no contexto educacional.

Agora, considerem-se as duas construções a seguir, encontradas no A11, também no desenvolvimento:

70.	Para dar conta do estudo do letramento como uso e prática social, Street (1984) defende que o letramento não possui benefícios nem consequências intrínsecas a si mesmo e, por isso, autônomos dos participantes e das instituições nas quais a leitura e a escrita acontecem. Pelo contrário, postula-se que o letramento é situado em diferentes contextos sociais, com significados, propósitos, valores e relações de poder específicos a cada um, configurando variados letramentos. (A11)		
	O letramento	é situado	em diferentes contextos sociais (...)
	Existente	Processo existencial	Circunstância de localização de lugar

71.	Conforme Street (2000), os eventos de letramento são guiados, moldados e (re) configurados por valores, crenças, ideologias, modelos sociais, identidades e atitudes. Assim, as práticas dão conta dos sentidos construídos pelos participantes para os eventos, a partir do contexto cultural e institucional no qual estão situadas a leitura e a escrita. (A11)		
	no qual	estão situadas	a leitura e a escrita
	Elemento textual	Processo existencial	Existente

Nas duas amostras, a estrutura oracional se assemelha à construção da voz passiva analítica – assim como observado na ampliação do processo “encontrar”. Nessa estrutura, isenta-se o sujeito da responsabilidade da ação (Hawad, 2002; 2004), o que significa que o processo é expresso sem a especificação do agente (Hawad, 2004). As formas “é situado” e “estão situadas”, dessa maneira, anunciam, respectivamente, a existência dos Existentes “o letramento” e “a leitura e a escrita”.

Sob essa lógica existencial, torna-se concebível sustentar que elas carregam traços circunstanciais de localização também, dado que são circunstancializadas por componentes que indicam lugar: “em diferentes contextos sociais” e “no qual” (contexto cultural e institucional), na devida ordem. Essas estruturas, na seção de desenvolvimento, acentuam a necessidade de analisar aspectos do contexto social para uma compreensão mais precisa dos eventos de letramento, uma vez que o letramento, a leitura e a escrita não ocorrem isoladamente.

Agora, observem-se às amostras abaixo com a forma nominal do processo “situar”:

72.	Em termos formativos, a análise dos relatórios de projetos na área de Linguística e Literatura dos dois níveis de ensino nos permitiu visualizar algumas similaridades, notadamente quanto às
-----	---

	atividades e às rotinas do processo de construção e socialização do conhecimento. Essas semelhanças, acreditamos, podem relacionar-se, por um lado, às características formais do fazer científico comuns às diversas áreas, conforme Demo (2012); por outro, ao caráter situado das práticas letradas de uma mesma área do saber, o que nos faz esperar que esse processo seja, de fato, relativamente parecido, mesmo que o ambiente seja diferente. (A11)
--	---

73.	Sobre essa história dos usos da vírgula, interessa-nos destacar duas tendências formuladas por Dahlet (2006) e caracterizadas por Soncin (2014) - ao fazer a análise de textos escolares - como as tendências fonocentrista e autonomista da pontuação. Ambas apresentam pontos de vistas contrários sobre o(s) papel(is) desempenhado(s) pelos sinais de pontuação (e sobre a vírgula). A tendência fonocentrista da pontuação, historicamente situada entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média, consiste em uma resposta à necessidade de se criar recursos gráficos a fim de se registrar aspectos prosódicos da fala na escrita (ROCHA, 1997). (A18)
-----	---

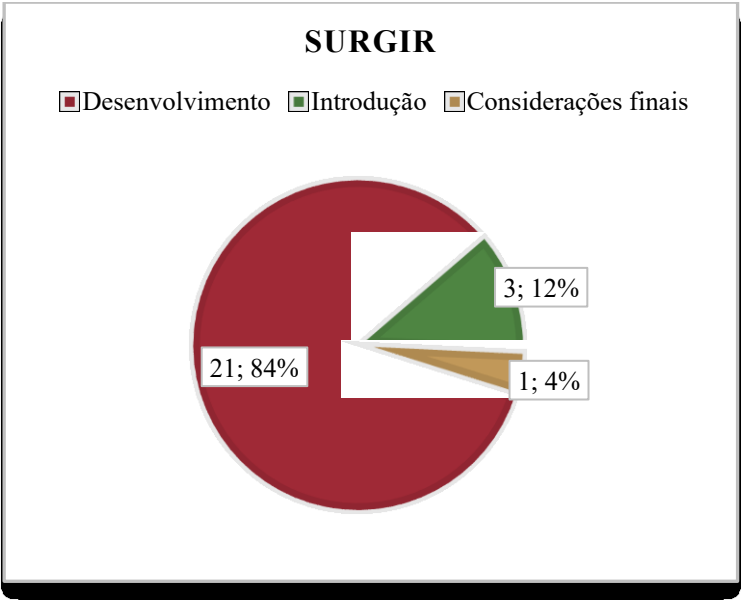
Nos trechos acima, há uma oração elaboradora não finita com o processo “situar” no participípio. Sem o Finito na oração, cabe ao Predicador auxiliar a conduzir a negociação da troca de informações ao estabelecer a relação entre o participante e o que está sendo dito sobre ele. A configuração das amostras, nesse caso, evidencia que o caráter existencial se esvai com a forma nominal, e o processo passa a expressar significado material.

5.2.15 Surgir

O processo “surgir”, segundo Lima-Lopes e Ventura (2008), pode se assumir como um processo existencial. Fuzer e Cabral (2014) consideram que, sob essa natureza, esse processo pode ser existencial neutro do tipo acontecer ou com traços circunstanciais de lugar. De fato, em todas as ocorrências desse processo no *corpus*, tem-se o sentido de “acontecer”, “ocorrer”.

As realizações foram encontradas no *corpus* com a seguinte proporção no que tange às etapas do corpo do artigo científico:

Gráfico 12 - Realizações do processo surgir com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Abaixo, as interpretações do sistema de transitividade dessas orações serão organizadas considerando os dois tipos.

4.2.15.1 “Surgir”: processo existencial com traços circunstanciais de lugar

No que diz respeito às 15 ocorrências do processo surgir como processos existenciais com traços circunstanciais, foram duas realizações na introdução e 13 no desenvolvimento. Os significados realizados e representativos do tempo ou do lugar são claros em (74):

74.	A tradição gramatical associa a variedade de usos de uma unidade linguística a variações de um sentido primeiro, ou literal, dessa unidade, de onde surgem classificações como as figuras de linguagem. Lima (2013) destaca a concepção tradicional de que alguns empregos da unidade linguística aflorem de fatores externos à língua, de onde resulta a canônica dicotomia entre sentido literal e sentido conotativo (...). (A3)		
	de onde	surgem	classificações como as figuras de linguagem
	Circunstância de localização de lugar	Processo existencial	Existente

A passagem retirada da introdução de A3 tematizada por uma circunstância de localização: “de onde”. Esse componente contextualiza a origem do resultado do processo “surgem”, retomando-o: o que causa tal resultado são alguns empregos da unidade linguística aflorem de fatores externos à língua”. O processo da ordem do existir insere o participante Existente “classificações como as figuras de linguagem”.

A circunstância "de onde" se relaciona à semântica do processo "surgir" ao esclarecer o processo de surgimento e fornecer informações adicionais sobre sua origem. Na introdução do artigo, essa construção introduz a discussão sobre o surgimento das classificações, estabelecendo o ponto inicial da análise a ser desenvolvida. Por meio da oração existencial, não se atribui o surgimento a um agente. Essa escolha linguística contribui para uma apresentação mais imparcial e focada nos fatos e acontecimentos, alinhada com a natureza objetiva e investigativa da pesquisa científica.

Nos excertos abaixo, por sua vez, é possível identificar o significado produzido pelas circunstâncias na etapa do desenvolvimento do artigo científico. Observe-os.

75.	Porém, foi a partir da criação, em 1951, do que hoje é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que a iniciação científica no ensino superior passou a ser financiada. Na década de 1990, esse financiamento cresceu significativamente, além de expandir-se de modo um pouco mais democrático para regiões como Norte e Nordeste. Alguns estudos (DEMO, 2004; MASSI, 2008; MASSI; QUEIROZ, 2015) circunscrevem a iniciação científica ao ensino superior. Entretanto, em 1986 surgiu , no Brasil, o Programa de Vocação Científica (PROVOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que é considerado uma das primeiras e mais significativas experiências de iniciação científica de estudantes da educação básica no país. (A11)			
Entretanto,	em 1986	surgiu,	no Brasil,	o Programa de Vocação Científica (PROVOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) (...).
Elemento textual	Circunstância de tempo	Processo existencial	Circunstância de local	Existente

A tematização da construção existencial acima se dá por um Tema múltiplo²⁵: tem-se um elemento textual (Tema textual) e uma circunstância de tempo (Tema marcado). O elemento lógico coesivo ‘Entretanto’ estabelece uma relação lógico-semântica de oposição entre o período anterior e a oração em análise. Depois, o componente com traços temporais, anteposta ao processo, informa o tempo de realização do processo do fazer expressa pelo processo surgir, a qual é seguida pela circunstância de localização, do tipo lugar, “no Brasil”.

Esses componentes circundam o processo existencial como estratégia de contextualização do participante Existente “o Programa de Vocação Científica (PROVOC) da

²⁵ Eggins (2004) considera que é mais comum que as orações contenham dois ou mais grupos formando um único elemento estrutural. Em outras palavras, a posição temática pode ser ocupada por uma sequência de Temas. Em tal caso, concebe-se o Tema múltiplo – normalmente formado por Temas textuais e/ou interpessoais ocorrendo antes do obrigatório Tema ideacional (Eggins, 2004). Isso, por sua vez, representa – em decorrência das escolhas do plano paradigmático – uma variante do padrão da estrutura temática, a qual passa a ser analisada pela quantidade de elementos que a compõe.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)”. O último componente da oração, o Existente, trata do surgimento de um programa importante em 1986. Esse programa, de acordo com o desdobramento do artigo, é considerado uma das primeiras e mais significativas experiências de iniciação científica de estudantes da educação básica no país. Não se tem, no entanto, como identificar o responsável pela ação expressa pelo processo, dado que esse componente não realiza a função de sujeito da ação.

76.	Já temos indícios que apontam para o fato de que muitos dos gêneros menos institucionalizados praticados em ambientes digitais têm pouca chance de chegar à standardização, por questões do tempo de vida na rede, que é curto. Todo dia, surgem novas formas, novos estilos, novas temáticas que rapidamente saturam o ambiente e logo ficam para trás, dando espaço a outras formas mais inovadoras, o que impede até mesmo de que muitos desses textos sejam registrados, como é o caso dos stories, que, se não printado, está perdido para sempre, uma vez que tem vida útil de 24h. (A4)		
	Todo dia	surgem	novas formas, novos estilos, novas temáticas
	Circunstância de localização de tempo	Processo existencial	Existente

Aqui, a oração é tematizada por “Todo dia”. A circunstância de localização no tempo ocupa a primeira posição da oração, sendo, portanto, anteposta ao processo “surgem”. Tal componente informa o tempo de realização do processo, isto é, marca a frequência do Existente “novas formas, novos estilos, novas temáticas”. Nesse sentido, o Existente é anunciado, sem que se identifique o agente da ação, pelo processo “surgem”.

As circunstâncias, nas duas amostras, fornecem informações adicionais sobre a ocorrência do processo "surgir". Ao indicar, respectivamente, o contexto em que o programa foi estabelecido e a recorrência de determinado processo, permitem, no desenvolvimento, uma compreensão mais completa sobre os Existentes. Nesse sentido, aumenta-se a validade e a credibilidade do estudo, sobretudo na etapa de desenvolvimento do artigo científico. A oração existencial, portanto, confere uma abordagem mais impessoal e se vincula a acontecimentos de forma geral.

4.2.15.2 “Surgir”: processo existencial neutro

Como processo neutro, foram, no total, dez ocorrências: uma na introdução, oito no desenvolvimento e uma na conclusão. Na introdução, seção que convida o leitor a continuar a leitura, o processo foi empregado da seguinte maneira:

77.	Diante da impossibilidade de se resgatar o contexto, uma hipótese aventada é que aquela escrita, que possibilitou a emergência de tantos gêneros, surgiu , sobretudo, para gerenciar questões administrativas, já que as tábuas eram inscritas com dados provavelmente para “apresentar a contabilidade dos produtos, movimentos de bens e medição de áreas” (Gróf, 2020, p. 33). (A4)			
e	aquela escrita (...)	surgiu,	sobretudo,	para gerenciar questões administrativas
Elemento textual	Existente	Processo existencial	Elemento interpessoal	Circunstância de finalidade

A oração existencial é iniciada pelo Existente “aquela escrita”, referindo-se à escrita nas tábuas de argila. Depois, encontra-se o elemento central da configuração que indica a ação de surgimento da escrita: o processo “surgiu”, modalizado pelo elemento interpessoal “sobretudo”, que enfatiza a razão principal para o surgimento da escrita. Depois, tem-se a circunstância de finalidade que indica o propósito da ação expressa pelo processo “surgiu”. Em outras palavras, a circunstância demonstra que, entre outras possíveis razões, a principal finalidade da escrita era gerenciar questões administrativas.

Na amostra, o processo “surgiu” é utilizado para introduzir a origem da escrita nas tábuas de argila, fornecendo um panorama histórico para o tema que será abordado. Considera-se, então, que a construção está alinhada à proposta da seção introdutória, dado que o processo “surgiu” contextualiza o tema e justifica a relevância do estudo. Sem atribuir a ação a um sujeito específico, essa construção foca no processo em si e no seu impacto histórico, o que contribui para uma apresentação mais imparcial e acadêmica do tema, como se espera de um texto científico.

Os significados existenciais associados ao tipo neutro também podem ser examinados nos trechos selecionados para ilustrar a ocorrência na seção do desenvolvimento:

78.	Pelo contrário, postula-se que o letramento é situado em diferentes contextos sociais, com significados, propósitos, valores e relações de poder específicos a cada um, configurando variados letramentos. Esses valores, intenções e significados podem ser depreendidos das situações singulares de leitura e de escrita, consideradas em seu aspecto físico. Surge , desse modo, a diferença entre dois conceitos fundamentais dos estudos sobre letramento: eventos e práticas de letramento. (A11)	
Surge,	desse modo,	a diferença entre dois conceitos fundamentais dos estudos sobre letramento: eventos e práticas de letramento.
Processo existencial	Elemento textual	Existente

79.	Conforme afirmamos, cada construção linguística está ligada a outras numa rede e é essa exatamente a concepção de gramática que os modelos construcionistas sustentam: gramática é, então, a rede de construções de uma língua. Sendo assim, os links ou elos entre as construções são de diversos tipos, podendo ser formais, semânticos ou pragmáticos. Isso pode acionar gatilhos na mente do ouvinte para alterações na forma e/ou na função de construções, de modo que novas construções podem vir a ser criadas na língua, com a difusão, por exemplo, de uma nova forma de se falar uma construção (alteração fonético-fonológica) e/ou de um novo papel semântico-pragmático a ela atribuído.
-----	--

Essa concepção de gramática surge , sobretudo, com estudos sob a perspectiva da Gramática de Construções. (A17)			
Essa concepção de gramática	surge,	sobretudo,	com estudos sob a perspectiva da Gramática de Construções.
Existente	Processo existencial	Elemento interpessoal	Circunstância de modo

Na amostra (78), a tematização da estrutura se dá pelo componente processo. A primeira posição da oração é ocupada pelo processo “Surge”, que é sucedido por um elemento textual e, enfim, pelo Existente “a diferença entre dois conceitos fundamentais dos estudos sobre letramento: eventos e práticas de letramento”. Esses componentes tratam do surgimento da diferenciação entre dois conceitos fundamentais para, conforme o artigo, tratar dos diferentes contextos sociais em que o letramento ocorre. Considerando o fato de o próprio processo ter trazido à existência um participante, que não atua diretamente sobre o processo, é classificado como existencial neutro do tipo acontecer.

A oração (79), por sua vez, é tematizada pelo Existente “Essa concepção de gramática”, que é acompanhado do processo existencial “surge”. Esse processo é modificado por dois elementos: o interpessoal “sobretudo”, posposto ao processo, que enfatiza, previamente, o meio – circunstância de modo – que favoreceu o surgimento da concepção de gramática. Tal concepção é resultado de estudos, realizados por um agente não identificado. Não é possível, assim, identificar o responsável por esse surgimento.

A forma “surge”, nas duas realizações, assinala o aparecimento ou surgimento de uma nova ideia, conceito ou concepção dentro do contexto abordado nos textos. Ele denota o momento em que essa ideia começa a se manifestar ou a ser reconhecida no campo de estudo, representando um avanço ou uma contribuição significativa para a compreensão do tema em questão. Nesse sentido, o processo “surge” introduz, no desenvolvimento do artigo, uma nova perspectiva teórica, estabelecendo base para a argumentação. Assim como na introdução, cria-se uma abordagem mais objetiva e neutra.

Já na seção de conclusão, a única ocorrência do processo “surgir” está analisada abaixo.

80.	É esse novo aparato tecnológico que, em termos de mudança, inaugura a TD de desenho digital no período recente do infográfico circunscrito ao corpus analisado. Além dela, surgem as TD de conteúdo enciclopédico e linguagem informal, que são possíveis frutos da maturidade do desenvolvimento do infográfico e do reconhecimento do seu potencial didático. (A5)		
	Além dela,	surgem	as TD de conteúdo enciclopédico e linguagem informal
	Elemento textual	Processo existencial	Existente

Na amostra acima, a oração, introduzida por um elemento textual valor aditivo, tem como núcleo o processo “surgem”. Nesse caso, esse processo anuncia a existência de “as TD de conteúdo enciclopédico e linguagem informal”, o Existente da oração. Na realização de significados neutros, o processo se relaciona semanticamente aos significados de existir ou acontecer. Pode-se, assim, reformular a oração para “Além dela, acontecem as TD de conteúdo enciclopédico e linguagem informal”.

O processo "surgem", na conclusão do artigo, parece salientar as conclusões ou resultados obtidos a partir da pesquisa realizada. Ele indica que descobertas foram identificadas durante o estudo, contribuindo para um melhor entendimento do fenômeno investigado e ampliando o conhecimento na área de estudo. Os elementos descobertos estão associados aos resultados da pesquisa em geral e não ao indivíduo que conduziu o estudo. Isso evidencia, mais uma vez, de efeito de apagamento da figura do pesquisador.

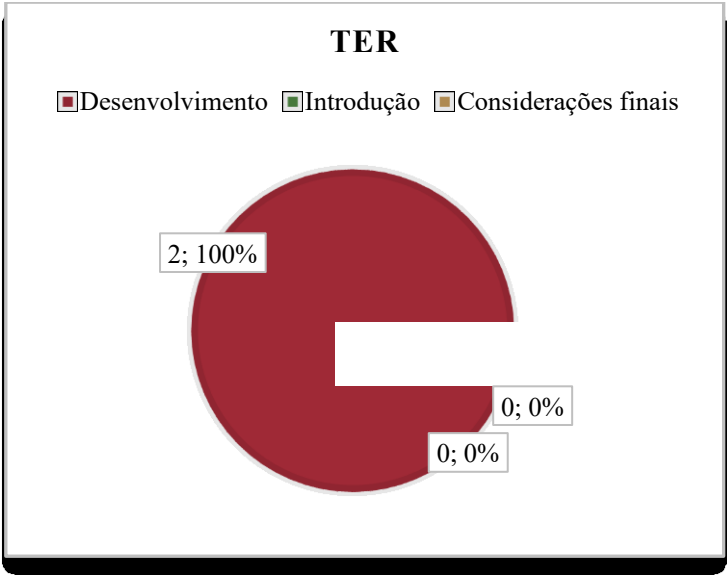
5.2.16 Ter

Fuzer e Cabral (2014) afirmam que o processo “ter” é um dos processos que realizam as orações existenciais em língua portuguesa. Esse processo é empregado na acepção de “existir”, à semelhança do “haver”, na linguagem coloquial do Brasil. Apesar de ser uma forma de impessoalizar o discurso, sob esse sentido, representa menos de 10% dos usos no *corpus*.

Considerando o contexto de circulação dos artigos, o objetivo e a escolarização dos autores, essa porcentagem revela que a norma gramatical, com base na gramática tradicional e normativa, conduz a escrita desses textos. Isso se deve, como já se sabe, à formalidade do texto científico e, consequentemente, à exigência da variante mais elaborada da linguagem.

Assim como na pesquisa de Lima (2013), o processo “ter” foi o que teve mais ocorrências descartadas nas análises por não terem sentido existencial. “Isso se deve ao fato de que esse processo pertence prototipicamente à classe dos relacionais ou também exerce o papel de auxiliar em tempos compostos no português” (Lima, 2013, p. 90). Quando relacional, ele estabelece uma relação entre duas entidades diferentes, o que não era objeto de análise desta pesquisa. As duas ocorrências existenciais foram distribuídas da seguinte forma no *corpus*:

Gráfico 13 - Realizações do processo ter com significados existenciais



Fonte: Picanço, 2024.

Segue a primeira amostra, na seção de desenvolvimento:

81.	No processo estabelecido pelo ensino, a criança, ao se apropriar das ações executivas dirigidas, também internaliza aquelas de orientação. Primeiro de forma externa, em um plano material, pela exploração do objeto, o conhecimento de suas qualidades, relações e determinações, para posteriormente, por meio da assimilação das ações de orientação, em movimento de aprendizagem, passa a interiorizá-las, ou seja, as ações se convertem em desenvolvimento psíquico. Nessa relação, nos explica Beatón (2017), tem uma parte de colaboração, outra de trabalho independente e outra de consolidação desse desenvolvimento. (A6)		
	Nessa relação,	tem	uma parte de colaboração (...).
	Circunstância de localização de lugar	Processo existencial	Existente

A ocorrência referente ao A6 é exemplo de uma oração estabelecida por extensão paratática. No contexto do desenvolvimento, essa oração existencial destaca a presença de uma parcela específica de colaboração dentro do processo de trabalho dos profissionais cubanos da Fonoaudiologia. Isso implica que a colaboração é uma parte essencial do processo descrito e crucial para o sucesso do trabalho pedagógico e terapêutico descrito no artigo. Ao atribuir a existência da colaboração a uma entidade abstrata, o pesquisador opta por não destacar a contribuição individual de um profissional.

Cabe analisar, também, uma outra estrutura de valor existencial realizada no desenvolvimento:

82.	Pensar a inclusão significa refletir sobre as emergências dos tempos atuais, incluindo no debate a rede discursiva e de constituição dos modos de agir no presente, mas sem negar o passado
-----	---

	escravocrata, colonialista e excludente (Hashizume & Dietrich, 2017). Faz-se importante ter um olhar mais complexo e crítico sobre a inclusão escolar, que deve ser problematizada e circunstanciada num cenário social desigual. (A10)
ter	um olhar mais complexo e crítico sobre a inclusão escolar
Processo existencial	Existente

Aqui, tem-se uma oração não finita no infinitivo. No contexto, trata-se de uma oração existencial encaixada não iniciada pela conjunção “que”. De maneira categórica, pode-se afirmar que é iniciada pelo processo existencial “ter”, que poderia ser substituído, sem alteração semântica, pelos processos “haver” ou “existir”. O valor existencial da oração se dá com o anúncio do Existente “um olhar mais complexo e crítico sobre a inclusão escolar”. A existência desse participante é importante, de acordo com o artigo, para a compreensão das estruturas de poder e para análise de como as diferentes formas de exclusão podem impactar a eficácia das políticas e práticas de inclusão.

Nessa construção, fica claro que a oração existencial carrega a informação relevante do período, já que anuncia o que precisa existir. O efeito do significado existencial dessa estrutura fica ainda mais claro quando se pensa na alternativa de expressão “Faz-se importante olhar de forma mais complexa e crítica (...)”. Sem o processo existencial, a construção parece evocar um Experienciador mesmo com o processo no infinitivo, gerando no leitor uma expectativa de indicação desse experienciador, o que não acontece na oração existencial.

Como encaixada, não se pode desconsiderar a oração a que se liga, uma vez que funciona na estrutura do grupo, e o grupo funciona na estrutura da oração (Halliday; Matthiessen, 2014). Em “Faz-se importante”, tem-se uma oração base de caráter modal ao manifestar a apreciação do pesquisador, por meio do uso do adjetivo “importante”, em relação ao conteúdo veiculado na outra oração. Para Thompson (2014), trata-se de um caso de modalidade explícita. Nela, sugere-se uma interpretação potencial da afirmação, assumindo a responsabilidade pela validade do que está sendo predicado, declarado de maneira subjetiva. Tal construção deixa transparecer um comprometimento pessoal do pesquisador com o tema, estabelecendo um tom de urgência para a discussão que se seguirá no desenvolvimento sobre inclusão social em um contexto desigual.

-Após a análise detalhada dos processos segundo a abordagem da linguística sistêmico-funcional, focando em exemplos que ilustram significados existenciais ao longo das diversas seções do artigo científico, o próximo capítulo se dedicará à discussão dos resultados obtidos. Nesta seção, serão examinadas as implicações dos achados, contextualizando-os dentro do quadro teórico e explorando suas contribuições para o campo em questão.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A abordagem sistêmico-funcional dos processos existenciais no discurso científico permite uma reflexão sobre como o pesquisador se coloca por meio das operações linguísticas, investigando como o apagamento desse sujeito é realizado em busca de objetividade científica. Por meio dos procedimentos metodológicos adotados, a análise revela o uso do processo existencial como uma das estratégias para minimizar a subjetividade e evidenciar uma suposta imparcialidade na apresentação dos resultados. Essa estratégia visa destacar a objetividade na comunicação científica, evidenciando a relação entre os significados existenciais no artigo científico e os propósitos comunicativos do gênero.

A percepção dessa relação foi possível por meio do modelo descritivo de Hasan (1989). O conceito de Estrutura Potencial do Gênero, ao considerar os elementos obrigatórios de um gênero, não só garantiu previsibilidade estrutural, como também auxiliou na verificação dos estágios da atividade científica e dos elementos obrigatórios do gênero artigo científico. A partir disso, reconheceu-se que diferentes artigos podem adaptar a sua estrutura para atender às necessidades específicas do estudo, o que está de acordo com o que Hasan (1989) postula sobre elementos opcionais e iterativos e sobre as características contextuais.

Na introdução dos artigos científicos, etapa cujo foco está na contextualização do tema e na apresentação do problema de pesquisa, esses processos foram utilizados 29 vezes. No *corpus*, isso representa aproximadamente 7,1% dos significados existenciais em relação às 409 estruturas. Esses significados existenciais – por se referirem à expressão de ideias relacionadas à existência, como conceitos abstratos, problemas de pesquisa, contextualização do tema e apresentação do problema – são menos proeminentes nessa parte do artigo científico, visto que, nela, prioriza-se a explicitação das etapas da investigação científica e a apresentação do arcabouço teórico e conceitual que embasa o estudo.

Se, para Hasan (1989), o contexto afeta a estrutura do texto, os significados são distribuídos de maneira que correspondam às necessidades comunicativas do gênero. Na introdução de artigos científicos, o pesquisador deve apresentar ao leitor a formulação do tema da pesquisa, a revisão da literatura, as justificativas, a metodologia, os objetivos e a estrutura da pesquisa. Nesse sentido, a presença reduzida de significados existenciais pode ser entendida como uma adequação à função dessa etapa do gênero. Ainda que orações existenciais sejam importantes para a objetividade científica, essas estruturas linguísticas não são projetadas para

oferecer as informações essenciais ao leitor.

O resultado de ocorrências é ainda menor na seção de conclusão. Com 24 realizações existenciais, tem-se aproximadamente 5,9% das ocorrências com valor existencial. Isso se deve ao fato de, nessa etapa do artigo, os pesquisadores geralmente se concentrarem em resumir os resultados alcançados, fornecendo uma visão geral das descobertas e destacando sua relevância e impacto. Nesse sentido, a menor ocorrência de significados existenciais na conclusão reflete a sua própria natureza: sintetizar todas as seções do artigo e apontar as contribuições da pesquisa, sem anunciar a existência de fenômenos ou objeto de investigação. Tal elemento estrutural recorrente é moldado, portanto, pelas expectativas da comunidade científica e pelas convenções do gênero (Hasan, 1989).

O emprego de processos existenciais é, desse modo, muito representativo na etapa de desenvolvimento dos artigos científicos. São 350 ocorrências de orações existenciais, o que representa 85,67% das orações do *corpus*. Na etapa de desenvolvimento, os pesquisadores buscam apresentar e analisar os dados de forma objetiva e imparcial, sem inserir opiniões ou juízos de valor. Os processos existenciais, que descrevem a existência ou ocorrência de fenômenos de maneira neutra e factual, são úteis para alcançar esse objetivo, uma vez que contribuem para uma apresentação clara e informativa dos resultados.

Conforme Thompson (2014), quando os pesquisadores escolhem uma construção existencial, eles recusam a oportunidade de representar o participante, o Existente, como envolvido em qualquer acontecimento. Em outras palavras, eles renunciam a essa representação para focar na mera existência do objeto, sem atribuir-lhe ação ou participação em eventos. Portanto, ao adotar os processos existenciais no desenvolvimento dos artigos científicos, os pesquisadores buscam minimizar a subjetividade e evidenciar a pretensa imparcialidade na apresentação dos resultados, concentrando-se na existência objetiva dos fenômenos estudados em vez de sua participação em eventos específicos.

É importante considerar, também, a extensão do texto referente a cada etapa do artigo científico. Bem como afirma Hasan (1989), certas características do contexto podem influenciar a organização e o conteúdo do texto. A complexidade do tema, os objetivos específicos da pesquisa e as normas da linha de pesquisa determinam os estágios da realização do desenvolvimento e, conseqüentemente, sua extensão. Esse dinamismo permite que a seção se adapte às exigências do estudo e às diretrizes dos periódicos, garantindo uma apresentação clara e completa da discussão. Isso resulta no contraste no número de significados existenciais em relação às demais seções com funções mais específicas e menos detalhadas.

Vale salientar que o efeito de imparcialidade é provocado não apenas por esses significados no desenvolvimento. O Existente preenchido por uma nominalização, como analisado em diferentes ocorrências, é materializado em 97 orações (22%), sendo 86 no desenvolvimento. Segundo Schlee (2018), o apagamento da imagem do falante – o pesquisador, nesse caso – é um efeito discursivo próprio das nominalizações justamente pelo fato de os nomes não apresentarem a marca de pessoa, característica dos processos. Pelas convenções da comunidade científica, o enunciador não deve se identificar, e a opção pela nominalização garante seu apagamento.

Outro ponto notável é função desempenhada pelo Existente “que”. Em orações encaixadas introduzidas pelo pronome relativo “que”, foi possível perceber que o pronome realiza uma estratégia coesiva ao recuperar o seu referente em outra oração e especificá-lo. Nessa constituição semântica, esse pronome não é o agente que promove a existência do referente, mas sim a representação do fenômeno em questão. Como participante no sistema de transitividade, o emprego do “que” não só estabelece relações referenciais, como também atribui uma natureza existencial ao referente na estruturação do significado no contexto analisado.

Ainda que represente 5,7% dos Existentes, essa estrutura linguística reflete uma escolha deliberada do pesquisador para indicar a existência do fenômeno de maneira objetiva e imparcial, ao mesmo tempo em que mantém a coesão e a clareza do discurso. Ao empregar um pronome relativo com função de “Existente” em uma oração encaixada, o pesquisador demonstra uma habilidade sofisticada de manipular a linguagem para alcançar seus propósitos comunicativos no do gênero acadêmico. Dessa forma, revelou-se uma estratégia que ajuda no apagamento do pesquisador ao deslocar o foco para o fenômeno a ser anunciado.

Apesar dessas considerações, não se obteve um padrão claro na materialização do Existente devido à natureza multifacetada do discurso científico e à complexidade das estratégias linguísticas empregadas pelos pesquisadores. Acredita-se que o propósito específico de cada seção do artigo científico também pode influenciar as escolhas linguísticas dos pesquisadores. Uma vez que a introdução, o desenvolvimento e a conclusão têm objetivos distintos, os pesquisadores adaptam suas estratégias linguísticas para atender aos propósitos da estrutura do gênero, resultando em uma variedade de apresentação do Existente ao longo do texto acadêmico.

Ademais, destaca-se que, embora esta pesquisa tenha se dedicado ao sistema de transitividade, a descrição das orações existenciais reforçou, sobretudo, que os sistemas

gramaticais são meios para as pessoas interagirem umas com as outras. Uma vez que os componentes gramaticais – de valores ideacional, interpessoal e textual – são organizados com base nos princípios funcionais dos falantes, não se pode desconsiderar a potencialidade de expressão desses três valores simultaneamente. Analisar, nesse sentido, os elementos interpessoais e textuais das orações existenciais promoveu, respectivamente, uma maior compreensão de como o pesquisador construiu e encenou a interação social com seus pares e de como estruturou e organizou sua mensagem para promover clareza e coesão no artigo.

Ao examinar como esses processos são construídos, foi possível identificar as escolhas léxico-gramaticais influenciadas pelos contextos situacional e cultural, evidenciando a relação entre a linguagem e os propósitos comunicativos do gênero acadêmico. Isso reforça, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, a natureza da língua, intimamente relacionada às funções a que deve servir em uma interação. No que diz respeito à troca que ocorre no meio acadêmico pelo artigo científico, o próximo capítulo, dedicado às Considerações Finais, sintetizará as conclusões da pesquisa e discutirá suas implicações para a prática acadêmica e para futuras investigações na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 Resumo do estudo

A atuação da comunidade científica é fundamental para o avanço da sociedade. Mais do que impulsionar o progresso tecnológico, os pesquisadores constroem conhecimentos para atravessar questões sociais, combatendo desigualdades e contribuindo para a melhoria das condições de vida das pessoas. Na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa, pensar sobre a linguagem científica é viabilizar uma maior participação e engajamento de diversos grupos sociais na produção e no consumo de conhecimento científico.

Ao promover uma reflexão sobre as estratégias linguísticas utilizadas para minimizar a subjetividade em busca da impessoalidade nas discussões científicas, esta tese se volta a essa viabilização por permitir uma visão crítica sobre o fazer científico. Isso, conforme explicitado ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, implica questionar as formas linguísticas de um texto científico na construção de sentido, bem como o posicionamento do pesquisador em sua comunidade científica – no caso do *corpus*, em uma comunidade direcionada aos estudos dos fenômenos linguísticos.

A discussão proposta ao longo desta tese, nesse sentido, objetiva promover uma reflexão sobre o emprego dos processos existenciais como estratégia para o apagamento do pesquisador no artigo científico. Em um contexto que sugere uma conduta linguística que transpareça a objetividade científica imposta como norma, foi possível analisar a realização dos significados existenciais sob o aporte teórico Linguística Sistêmico-Funcional. Como teoria que descreve a gramática como um conjunto de opções disponíveis no eixo paradigmático, considerou-se que as escolhas feitas não foram aleatórias, mas condicionadas pelo contexto em que estão inseridas, assim como o condicionam.

2 Conclusões

À luz da visão funcionalista de Michael Halliday, a oração é a unidade linguística responsável por representar e comunicar significados. Nesse sentido, com base na teoria de caráter sociosemiótico, compreendeu-se que a realização dos significados existenciais ocorreu dentro da oração, compreendida como representação, na qual a linguagem serve para descrever a experiência humana. Em outras palavras, foi por meio de recursos léxico-gramaticais que a gramática da oração foi observada no que diz respeito aos significados relacionados à existência

– por exemplo, de conceitos abstratos, problemas de pesquisa e contextualizações de forma objetiva e precisa.

A análise das orações confirma a hipótese, levantada na Introdução da presente tese, de que as orações existenciais contribuem para o apagamento da figura do pesquisador. Foi constatado como essas estruturas linguísticas são utilizadas para enfatizar a existência objetiva dos fenômenos estudados, em detrimento da participação ou interferência do pesquisador. Ao serem empregadas, os pesquisadores buscam apresentar os resultados, sem atribuir sua ação ou participação em eventos específicos, concentrando-se na existência dos fenômenos. Portanto, corrobora-se a ideia de que as orações existenciais são uma ferramenta linguística para minimizar a subjetividade e evidenciar a impessoalidade na apresentação dos resultados no discurso científico.

Os dados quantitativos e qualitativos dos artigos científicos que formam o *corpus*, considerando-se os limites deste trabalho, permitem chegar à seguinte conclusão: os significados existenciais no artigo científico relacionam-se aos propósitos comunicativos do gênero e a sua estrutura. Na análise da ocorrência desses significados em diferentes seções do artigo, percebeu-se que os meios linguísticos são estrategicamente utilizados para alcançar o requisito de cientificidade. Nesse caso, tem-se maior representatividade no desenvolvimento, uma vez que é o momento em que o pesquisador precisa desenvolver sua pesquisa sem se colocar no fluxo informacional do texto. Assim, as orações existenciais alcançam, como potencial de significado, a ênfase no Existente que normalmente representa o objeto em discussão e apagamento do autor da pesquisa.

Com base na análise de elementos da metafunção ideacional da linguagem, materializada por orações que expressam processos básicos (materiais, mentais e relacionais) e processos intermediários (comportamentais, verbais e existenciais), confirmou-se que o reconhecimento do tipo de processo depende da ocorrência de outros componentes da oração. Por exemplo, para identificar um processo material, é necessário que haja um processo de ação que denote uma atividade física ou um evento no mundo físico, juntamente com um participante que execute essa ação. Da mesma forma, os processos existenciais – objeto da investigação – dependem da presença de um processo que denote existência ou ocorrência, juntamente com um participante que represente a entidade existente ou evento ocorrido. Portanto, o tipo de processo é determinado não apenas pelo processo principal da oração, mas também pela presença e função de outros componentes semânticos na estrutura da oração.

O reconhecimento do sentido existencial das orações em análise revela, também, que a

forma verbal interfere na classificação do processo. Em outras palavras, as amostras evidenciaram que o caráter existencial pode ser alterado pela forma de apresentação do processo. Isso ocorre porque a forma determina a natureza do processo descrito na oração. Foi o que se observou, por exemplo, com os processos “encontrar-se” e “seguir-se”: Fuzer e Cabral (2014) apontaram que estas formas expressam significado existencial em língua portuguesa, mas a análise de *corpus* comprovou que tal significado pode ser expresso, também, sem o pronome “se” e pela forma nominal “particípio”. Consequentemente, a forma verbal interfere na classificação do processo.

Outrossim, o significado existencial pode ser impactado pelos recursos linguísticos de modalidade. As marcas de modalidade, aliadas à força semântica do processo existencial, manifestam, de forma contundente, um comprometimento pessoal do pesquisador. Em casos de orações que produzem como significado o efeito de probabilidade, por exemplo, manifesta-se uma possibilidade em vez de uma existência concreta. Tais marcas destacam a subjetividade inerente à linguagem e evidenciam que não existe discurso neutro, dado que marcam um juízo de valor por parte do enunciador.

Conclui-se, portanto, que o pesquisador se coloca por meio das operações linguísticas ao empregar recursos léxico-gramaticais para anunciar a existência dos fenômenos estudados. Ao optar pela construção de orações existenciais, o cientista se submete às normas linguísticas impostas pela comunidade científica e trata do objeto de pesquisa de forma distanciada, como se os fatos fossem agentes de seu próprio tratamento. Essa estratégia contribui para o apagamento do pesquisador, destacando a objetividade na apresentação dos resultados, como se os fenômenos estudados assumissem voz e protagonismo no artigo científico e o cientista estivesse sempre afastado do desenvolvimento da pesquisa.

3 Limitações

A LSF concebe a língua como um sistema à disposição de seus usuários para suprir as necessidades interacionais, proporcionando recursos para a construção da experiência interna e externa dos falantes. Na tentativa de moldar uma parcela da realidade, os processos materiais e mentais aparecem em maior número nos textos, ainda mais no artigo científico (Halliday, 1994). Essa afirmação fez com que a atenção se voltasse à funcionalidade dos existenciais no artigo científico. A escolha de não comparar o número absoluto de processos existenciais com outros tipos de processos e seus respectivos significados, assim, pode ser justificada pela análise do efeito da representação da realidade científica.

Além disso, a pesquisa não se ateve a estabelecer comparação entre outros gêneros. O objetivo de analisar exclusivamente os processos existenciais no artigo científico reside na compreensão mais aprofundada da funcionalidade desses processos dentro do artigo científico: a apresentação de informação clara, objetiva e precisa, isentando o pesquisador da autoria e de certa responsabilidade. Acredita-se, contudo, que, por meio da comparação, seria possível identificar padrões de uso variados e entender como essas estruturas linguísticas são adaptadas de acordo com os objetivos comunicativos específicos de cada gênero para expressar a existência, ocorrência e estado de ser de entidades e fenômenos. A comparação, nesse sentido, poderia contribuir para uma compreensão mais completa do seu papel na construção do significado e na comunicação em geral.

Há, ademais, a limitação quantitativa da pesquisa em função da escolha por uma análise detalhada das ocorrências individuais em contexto, o que restringiu a capacidade de lidar com um conjunto mais amplo de dados. Os aspectos quantitativos da pesquisa foram, portanto, restritos a contagens manuais e cálculos simples de porcentagens realizados pelo Microsoft Excel. Apesar dessa limitação, foi possível obter índices quantitativos relevantes que ajudaram a fornecer compreensão do uso dos processos existenciais – introdução ou estabelecimento da existência de conceitos, variáveis, fenômenos ou objetos de estudo relevantes para a pesquisa em questão – no discurso veiculado em artigos científicos.

4 Contribuições

Ainda que as limitações da pesquisa sejam reconhecidas, considera-se que esta pesquisa oferece contribuições relevantes para os estudos linguísticos. A contribuição mais geral diz respeito à parte teórica da pesquisa. Primeiramente, a aplicação da Linguística Sistêmico-Funcional, originalmente desenvolvida para descrever a língua inglesa, à descrição da língua portuguesa revela o princípio básico da teoria: o uso da língua é funcional. É, assim, uma teoria passível de ser aplicada a qualquer língua. Em segundo lugar, enriquece o entendimento sobre o funcionamento e estruturação da língua materna do Brasil.

No caso aqui examinado, o enfoque sistêmico-funcional – em função de seu duplo estatuto, como teoria de descrição gramatical e modelo de análise textual (Gouveia, 2009) – possibilitou uma contribuição mais específica: o efeito dos significados existenciais em artigos científicos. Para além da quantificação dos processos existenciais, a pesquisa proporcionou uma compreensão mais aprofundada de como essas estruturas linguísticas codificam o significado e são empregadas para transmitir a objetividade na apresentação de constatações científicas em

diferentes etapas do gênero artigo. Isso não apenas preenche uma questão na compreensão da linguagem científica, mas também fornece reflexões sobre como os pesquisadores constroem e comunicam conhecimento dentro do contexto científico a partir de interpretações com base em sua funcionalidade em situações de uso concretas.

Além do interesse teórico, as conclusões obtidas podem ser úteis à prática pedagógica do ensino superior. Considerando que “ensinar a produzir textos acadêmicos é a base da participação no âmbito da ciência” (Motta-Roth, 2007, p. 830), acredita-se que esta pesquisa pode somar às orientações quanto à redação acadêmica. Como importante elemento no processo de consolidação de diversas áreas do saber no Brasil, a publicação científica é, para Motta-Roth (2007, p. 830), uma ação política educacional e de desenvolvimento social por tornar público o conhecimento gerado em pesquisas. À vista dessa importância, ser um agente facilitador entre os discentes e a produção científica tende a diminuir os entraves desse processo. Partindo da necessidade do tratamento de artigo científico, esta pesquisa seria, na perspectiva de Motta-Roth (2007), uma forma de atuação política por se ater à colaboração do ensino de produção de gêneros acadêmicos.

5 Pesquisas futuras

Este trabalho, no entanto, não esgota, de modo algum, as questões referentes aos processos existenciais em artigos científicos. Diante de uma comunidade científica em constante atuação e desenvolvimento, seria impraticável pretender abarcar todos os aspectos desse fenômeno de forma exaustiva. Ao se reconhecer as limitações desta pesquisa e as oportunidades de ampliar os estudos de descrição de língua portuguesa, é possível vislumbrar novas possibilidades para aprofundar a compreensão da linguagem científica e a produção de significados existenciais na produção de conhecimento.

Um desenvolvimento importante seria o estudo da comparação entre o número de processos existenciais e outros tipos de processos e um possível resultado diferente no que diz respeito ao apagamento do pesquisador no artigo científico. Por exemplo, se os processos materiais aparecem em maior número, conforme Halliday (1994), qual o efeito que os processos do “fazer”, que envolvem uma gama de ações e de acontecimentos do mundo real, têm no posicionamento e nas estratégias de validação da pesquisa científica? Uma análise comparativa entre esses diferentes tipos de processos pode ajudar a entender como o pesquisador se posiciona no texto e a extensão de sua interferência na comunicação científica.

No que diz respeito à comparação entre diferentes gêneros, abre-se a seguinte reflexão:

se o gênero artigo científico fosse comparado ao texto de divulgação científica, haveria diferença entre o emprego de significados existenciais? Como apresentado na introdução e discutido no capítulo 3, o discurso científico, veiculado pelo artigo, dirige-se a uma comunidade específica, portadora de saberes técnicos. Targino (2007) afirma que esse discurso, em face do caráter eminentemente social e dinâmico da ciência, é aproximado da sociedade. Como se dá, então, a expressão de existência, ocorrência e estado de ser de entidades e fenômenos no discurso de divulgação científica?

Outra questão significativa seria a que ficou restrita a uma nota de rodapé: as construções ergativas. O sistema de ergatividade se faz fundamental para analisar a possibilidade de o Agente de uma ação ser interno ou externo ao próprio processo, podendo ser identificado estruturalmente ou não (Lima, 2017) em uma oração que não apresenta noção de agentividade. Assim, em um discurso cuja orientação principal é manter o afastamento do pesquisador, a análise do artigo científico sob o modelo ergativo pode revelar padrões de construção discursiva que influenciam a percepção do leitor sobre a contribuição e autoria do cientista no processo científico.

Com os avanços dos estudos linguísticos, muitas descrições já foram feitas sobre os processos existenciais serem estratégias para a impessoalização e para a objetivização do texto científico. De qualquer modo, espera-se que, por meio das análises integrais dos artigos da área de Letras, este trabalho tenha contribuído não só para as discussões sobre o ensino de gêneros acadêmicos, mas também para a ampliação dos estudos com base na Sistêmico-Funcional, que forneceu os instrumentos para a descrição desses textos e de suas respectivas escolhas linguísticas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: **informação e documentação**: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

Almeida, Janaína Rabelo Cunha; MIRANDA, Maíra Avelar Miranda. Uso de pronomes de primeira pessoa em artigos acadêmicos: uma abordagem baseada em corpus. **Revista veredas on-line** – linguística de corpus e computacional, Juiz de Fora, MG, v. 21 p. 68-83, 2 sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25152>. Acesso em: 11 ago. 2024.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ARANHA, Solange. A busca de modelos retóricos mais apropriados para o ensino da escrita Acadêmica. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 97–114, 2007. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/363>. Acesso em: 4 set. de 2021.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

BARBARA, Leila; GOUVEIA, Carlos. It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. **Direct Papers**, n. 46, 2001. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; AELSU, University of Liverpool, United Kingdom.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006a.

CABRAL, Sara Regina Scotta. As marcas de interessoalidade em uma coluna de opinião política. **Linguagens & Cidadania**, v. 1, p. 1-19, 2008.

CABRAL, Sara Regina Scotta; BARBARA, Leila. Processos verbais no discurso jornalístico: frequência e organização da mensagem. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 28, n. 3, 2012. DOI: 10.1590/delta.v28i0.19372. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19372>. Acesso em: 19 maio 2023.

CABRAL, Sara Regina Scotta; BARBARA, Leila. **Processos comportamentais na perspectiva da LSF**: uma investigação inicial. **Letras**, [S. l.], n. 50, p. 187–206, 2015. DOI:

10.5902/2176148520210. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/20210>. Acesso em: 23 maio 2024.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. 1. ed. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Pontes, 1991.

COSTA, Marcos Rogério Martins; SILVA FILHO, Demétrio Antônio; FERREIRA, Marcello. **Escrita científica**. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2021. 82p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016. 800 p.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Perspectivas teóricas subjacentes às noções de gêneros: textuais ou discursivos? *In*: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (org.). **Gêneros textuais: o que há por trás do espelho?** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012, p. 9-19.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata Coelho. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 31 maio 2024.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to systemic functional linguistics**. 2 ed.. London: Continuum, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. *In*: BRAIT, Beth. **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001.

FUZER, Cristiane.; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **A Divulgação Científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

GOUVEIA, Carlos Alberto Marques. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jun. 2009. ISSN 2446-6905. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795>. Acesso em: 15 maio 2021.

GOUVEIA, Carlos Alberto Marques. Towards a profile of the interpersonal organization of the Portuguese clause. **Delta – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 26, n. 1, p. 1-24, 2010.

GOUVEIA, Carlos A. M.; DUTRA, Vania L. R.; CABRAL, Sarah Regina Scotta. Vania Dutra e Sarah Cabral entrevistam Carlos Alberto Marques Gouveia. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 412-418, jul. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/67119>. Acesso em: 24 maio 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/matraga.2022.67119>.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Functions of language. *In*: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University press, 1989. p. 15-26.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Education, 1994.

HALLIDAY, Michael. A. K; MATHIESSEN, Christian. M. I. M. **An introduction to function grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HASAN, Ruqaiya. The structure of a text. *In*: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University press, 1989. p. 52-73.

HAWAD, Helena Feres. **Tema, sujeito e agente: a voz passiva portuguesa em perspectiva sistêmico-funcional**. 2002. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, PUC, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=3560@1>. Acesso em: 20 maio 2023.

HAWAD, Helena Feres. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/37865/25571>. Acesso em: 29 maio 2023.

JANINE RIBEIRO, Renato; SOBRAL, Fernanda Antonia da Fonseca. **A contribuição das Ciências Humanas e das Humanidades para o desenvolvimento do Brasil**. (2024). Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-contribuicao-das-ciencias-humanas-e-das-humanidades-para-o-desenvolvimento-do-brasil/#:~:text=A%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20das%20Ci%C3%A7%C3%A2ncias%20Humanas%20e%20das%20Humanidades%20para%20o%20desenvolvimento%20do%20Brasil,-26%2F03%2F2024&text=Os%20temas%20espec%C3%ADficos%20das%20ci%C3%A7%C3%A2ncias,combate%20%C3%A0s%20desigualdades%20e%20injusti%C3%A7as>. Acesso em: 22 abr. 2024.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científico. *In*: BRANDÃO, H.M. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 229-253.

Lima, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LIMA, Lauro Rafael. **Processos Existenciais Em Reportagens De Capa Da Revista Superinteressante**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

LIMA, Lauro Rafael. **Transitividade e ergatividade em processos materiais em língua portuguesa na perspectiva da linguística sistêmico-funcional**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves. On Grammar. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/31094>. Acesso em: 26 abr. 2024.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. O Tema: caracterização e realização em Português. **Direct Papers** 47, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers47.pdf>. Acesso em: 14 ago. de 2021.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. **A transitividade em Português**. **Direct Papers** 55, 2008. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers55.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIN, Jim; ROSE, David. **Working With discourse**: meaning beyond the clause. London: Continuum, 2007.

MIRANDA, Monique Vieira; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. O uso de processos existenciais no domínio acadêmico: uma análise com base em *corpus* de artigos científicos. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 189–213, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2682>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MORAIS, Anielle Aparecida Fernandes de. A influência da Etnografia na emergência da Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 35, p. 253-267, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/39312>. Acesso em: 22 abr. 2023.

MORAIS, Anielle Aparecida Fernandes de. O uso do processo existencial haver na escrita acadêmica – um estudo com base em um corpus de artigos científicos de diversas áreas do conhecimento. **D.E.L.T.A.**, v. 27, n. 1, p. 142-160, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10768>. Acesso em: 15 set. 2023.

MORAIS, Fernanda Beatriz Caricari de; BARBARA, Leila. O uso de nominalização como recurso de impessoalização em artigos científicos escritos em língua portuguesa: um estudo com base na linguística sistêmico-funcional. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 73–91, 2018. DOI: 10.26512/les.v19i1.10871. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/10871>. Acesso em: 21 abr. 2024.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, Viviane Maria. O conceito de estrutura potencial do gênero de Ruqayia Hasan. *In*: MEURER, José Luiz, BONINI, Adair, MOTTA-ROTH, Désirée. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 12-28.

MOTTA-ROTH, Désirée. Escrevendo no contexto: contribuições da Isf para o ensino de redação acadêmica. *In*: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS, 33., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, SP: LAEL/PUCSP, 2007. v. 1, p.828-860. Disponível em: <http://www.pucsp.br/isfc>. ISBN 85-283-0342-X.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 5. ed. Londrina (PR): Eduel, 2003.

MUNIZ DA SILVA, Edna Cristina; SOARES, Rosana Muniz. Processos materiais em um relato pessoal. *In*: Sara Regina Scotta Cabral e Leila Barbara. (org.). **Estudos de Transitividade em Linguística Sistêmico-Funcional**. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, PPGL, 2018. v. 1, p. 141-157.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa**, São Paulo, v.38, p.109-127, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura; GOULART, Felipe Vivian. A exclusividade desinencial e a realização do sujeito 'eu'. **Acta Scientiarum Language and Culture**, v. 39, n. 4, p. 335-344, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/228405>. Acesso em: 12 jul. 2023.

OLIVEIRA, Sandra Maria do Nascimento. **Relatos Autobiográficos à Luz da Pedagogia de Gêneros: Uma trajetória com intervenção em classes de alunos de PROEJA**. 2017. 261 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18636/TES_PPGLLETRAS_2017_OLIVEIRA_SANDRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 abr. 2023.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2011.

PERROTA, Claudia. **Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PICANÇO, Isadora de Vasconcelos. O livro didático de língua portuguesa como gênero textual: uma análise a partir da concepção dialógica bakhtiniana e da perspectiva teleológica da sistêmico-funcional. **Letras Escreve**, Macapá, v. 11, n. 1, 1. sem. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/6605>. Acesso em: 30 maio 2024.

PICANÇO, Isadora de Vasconcelos. SCHLEE, Magda Bahia. Estrutura Temática Em Introduções De Artigos Científicos De Letras: Uma Abordagem Sistêmico-Funcional. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 12, n. 30, p. 28–48, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/38069>. Acesso em: 3 jul. 2023.

PINTO, Milton José. **As marcas linguísticas da enunciação**: esboço de uma gramática enunciativa do português. Rio de Janeiro: Numen ED., 1994.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Pontes, 1991. p. 11-16.

REN, Guowei. An Overall Review of Linguistic Research on Genre. **Review of European Studies**, Canada, v. 2, n. 2, p. 232-235, Dec. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47807812_An_Overall_Review_of_Linguistic_Research_on_Genre. Acesso em: 05 abr. 2024.

SÁ, Cícera Alves Agostinho de. Orações existenciais em teses de doutorado do Português Brasileiro. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 10, p. e02103, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDI/article/view/2844>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SÁ, Cícera Alves Agostinho de; FIGUEIREDO-Gomes, João Bosco. Usos de orações existenciais em teses de doutorado. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 10, n. 9 esp, p. 101-119, ago. 2020. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1770>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri-SP: Manole, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. **Pesquisa em linguística de corpus com WordSmith Tools**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SCOTT, M. **WordSmith Tools versão 9 (versão de 64 bits)**. Stroud: Lexical Analysis Software, 2024.

SCHLEE, Magda. Bahia. O ensino de língua portuguesa na escola básica. In: COELHO, Fábio André; NASCIMENTO, Jefferson Evaristo do. (org.). **Ensino de língua portuguesa**: teorias e práticas. 1ed. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2018. v. 1, p. 155-172.

SIMÕES, A. C. Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e multimodalidade: a configuração do gênero tira cômica seriada. **Organon**, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 177–198, 2021. DOI: 10.22456/2238-8915.112116. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/112116>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SOBRAL, Fernanda Antonia da Fonseca. **El papel de la ciencias humanas y sociales en la lucha contra la pandemia. Revista De Estudios Brasileños**, v. 9, p. 77-88, 2023.

TARGINO, Maria das Graças. Divulgação científica e discurso. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 8, n. 15, p. 19-28, 2007. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/678/524. Acesso em: 23 maio 2024.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 3rd ed. London: Routledge, 2014.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989.

VIAN JR, O. Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a linguística sistêmico-funcional. *In*: BRAIT, B. (org.). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes, 2001, p. 147-161.

VIAN JR, O. O artigo na família de gêneros acadêmicos: notas sobre aspectos tipológicos, topológicos e seu papel no ensino-aprendizagem de leitura. *In*: BARBARA, L.; MOYANO, E. I. (org.). **Textos e linguagem acadêmica**: explorações sistêmico-funcionais em espanhol e português ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-86.